UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE - PPGDCI

ANTONIO ARGOLO SILVA NETO

Radiodifusão Internacional: o Desenho do mundo na sintonia das Ondas Curtas

Feira de Santana/BA
2011

ANTONIO ARGOLO SILVA NETO

Radiodifusão Internacional: o Desenho do mundo na sintonia das Ondas Curtas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade.

Orientação: Prof. Dr. Edson Dias Ferreira.

FEIRA DE SANTANA - BA
2011

ANTONIO ARGOLO SILVA NETO

Radiodifusão Internacional: o Desenho do mundo na sintonia das Ondas Curtas

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, na linha de pesquisa Linguagens Visuais e Cultura, como requisito para obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Dias Ferreira.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Edson Dias Ferreira
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Orientador

_____

Profa. Dra. Marise de Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Membra convidada

_____

Prof. Dr. Flávio Aurélio Braggion Archangelo
Universidade Metodista de São Paulo – UMESP
Membro convidado

Feira de Santana - Bahia, 29 de julho de 2011.

Dedico este trabalho a todos os Dexistas e Radioescutas que estão sempre antenados nas Ondas Curtas; e à minha esposa Jeane Argolo.

AGRADECIMENTOS RADIOGRÁFICOS

Receptor ligado na sintonia dominical da emissora holandesa, Rádio Nederlad. O radialista Carlos Lagoeiro dizia que o programa Ponto de Encontro era uma "mesa redonda", imaginária, que se estendia aos lares dos ouvintes. Uma audiência marcada pela interação emissor/receptor, de se por em pauta a atualidade, recitar poemas, fazer amizades, pedir a música preferida... E sendo assim antecedia a minha participação, desde "Jequié na Bahia", com o pedido musical do "Abba" numa "carta colorida com as cores da tulipa holandesa". Foi nesse ambiente lúdico das rádios internacionais que pude me apresentar ao mundo e conhecer muitos amigos de outros espaços e até da minha própria cidade. Esses ouvintes criaram vínculos de amizades e me motivou a continuar as pesquisas no campo radiofônico.

Sendo assim, quero inicialmente agradecer a essas pessoas que o rádio trouxe ao meu convívio: Adalberto Marques, Adonias Miranda, Aiso Nunes, Aumir Fuzzi, Caio Lopes, Carlos Erdmann, Cláudio Rótulo, Cristiano Meira, Denis Zogbi, Djacy Franklin, Ernando Gomes, Huelbe Garcia, Hugo Alves, José Moacir, Kariane Moldeski, Leonardo Bezerra, Luiz Edmundo (VOA), Manoel Dhemmis, Marcelo Pena, Marcelo Xavier, Maria Érica, Oséias Fantinelli, Osias Oliveira, Osmar Rodrigues, Paulo Araújo, Paulo Bento, Paulo César, Paulo Roberto, Pedro de Castro, Pedro Luiz, Raymundo Meira, Reginaldo Barbosa, Rene Passod, Roberto Landolpho, Ronaldo Reis, Rubéns Pedroso, Rudolf Grimm, Sarmento, Sérgio Partamian, Wilson Rodrigues.

Os meus agradecimentos seguem às demais pessoas, instituições e colegas que tiveram uma participação efetiva na estruturação e no desfecho deste trabalho: ao meu orientador, **Prof. Dr. Edson Dias Ferreira**, pela confiança e auxílio – as suas interlocuções e experiências de vida contribuíram para esboçar o meu desenho do mundo. À **Profa. Dra. Marise de Santana** e ao **Prof. Dr. Flávio Aurélio Braggion Archangelo**, por terem aceitado o convite e compartilhado comigo suas experiências, desde a banca de qualificação. Aos **Dexistas** e **Radioescutas** do **DXCB** e da **Lista Yahoo de Radioescuta**, que participaram da pesquisa com seus depoimentos expressivos e inspiradores. Ao **Prof. Antonio Wilson, Profa. Glaucia Trinchão**, aos funcionários do **Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade**, em especial à **"Branca"**, pelo acolhimento e por ter me apresentado a UEFS. Aos coordenadores do DXCB, em especial ao **Carlos Felipe** e **Paschoal Fideli**, por ter acolhido este projeto. Ao Jornalista **Célio Romais** pela veiculação desta pesquisa no seu blog e nas chamadas radiofônicas; aos radialistas **Cassiano Macedo** e **José Moura** do programa **Encontro DX** da **Rádio Aparecida**, **Jonas Bernadino** da **Voz da Rússia**; à **Rádio Internacional da China** e **Rádio Canadá Internacional** pela divulgação da pesquisa.

Ao Órgão de Educação e Relações Étnicas – **ODEERE/UESB**, onde pude me aproximar da Antropologia Visual. À **CAPES** pelo apoio institucional através de uma bolsa de incentivo científico. Ao Sindicato de Servidores Municipais – **SINSERV** na pessoa de sua Presidente a **Dra. Maria Neide Sampaio.** A ela também sou grato pela disponibilidade de uma bolsa para frequentar um curso pré-vestibular e ser aprovado em Pedagogia pela UESB. Aos colegas do Mestrado: **Fátima, Simone, Roberta, Ianê, Ricardo, Milena, Malaquias, Jaquelina** e **Maristela**, que sempre contribuíram com sugestões e incentivos. À **Jucilene** e a **Jorge**, também à**s** colegas de trabalho **Cristiane** e **Jaqueline**, cujas experiências de vida me fez acreditar que a educação é instrumento imprescindível para a elevação humana...

À **minha família** que agora se completa, à **Profa. Dra. Graça Rodrigué** e a **muitos amigos** que estão em sintonia com este trabalho. Muito obrigado pelo apoio. E por fim, a **Deus**... Isso porque **"Ele é a *Arché*"** e o **"alicerce"** da existência humana e deste universo metafísico repleto de símbolos a serem desvendados. A Ele sou grato por esse ensejo e por mais um privilégio de surfar nas ondas curtas do rádio, conhecer o mundo e a mim mesmo.

As vozes do éter

Os berros transportam a vida
Durante o corte umbilical
E apresentam a nova imagem
De um universo biocultural

Os gritos se perdem ao vento
Apelam ao saber e à utopia
Evocam o mistério do fogo
E encontra refúgio na mitologia

Nos tambores tribais criam asas
Sobrevoando outros lugares
Mas a pouca frequência sonora
Impede-nos a ganhar outros ares

Em vozes povoam o cosmo
Numa noite, véspera do Natal
Até os alto falantes se tremem
Nessa radiofonia experimental

Seria o diabo encaixotado
Ou profecia do fim do mundo?
Temores e desejos se confundem
Tecendo um sentido profundo

É o humano que se autoamputa
E se aproxima do status divino
Não há limites de tempo e espaço
Para construir seu novo destino

Assim é possível compreender
Da humanidade as suas labutas
Culturas e seus desenhos de mundo
Na sintonia das Ondas Curtas

Antonio Argolo Silva Neto

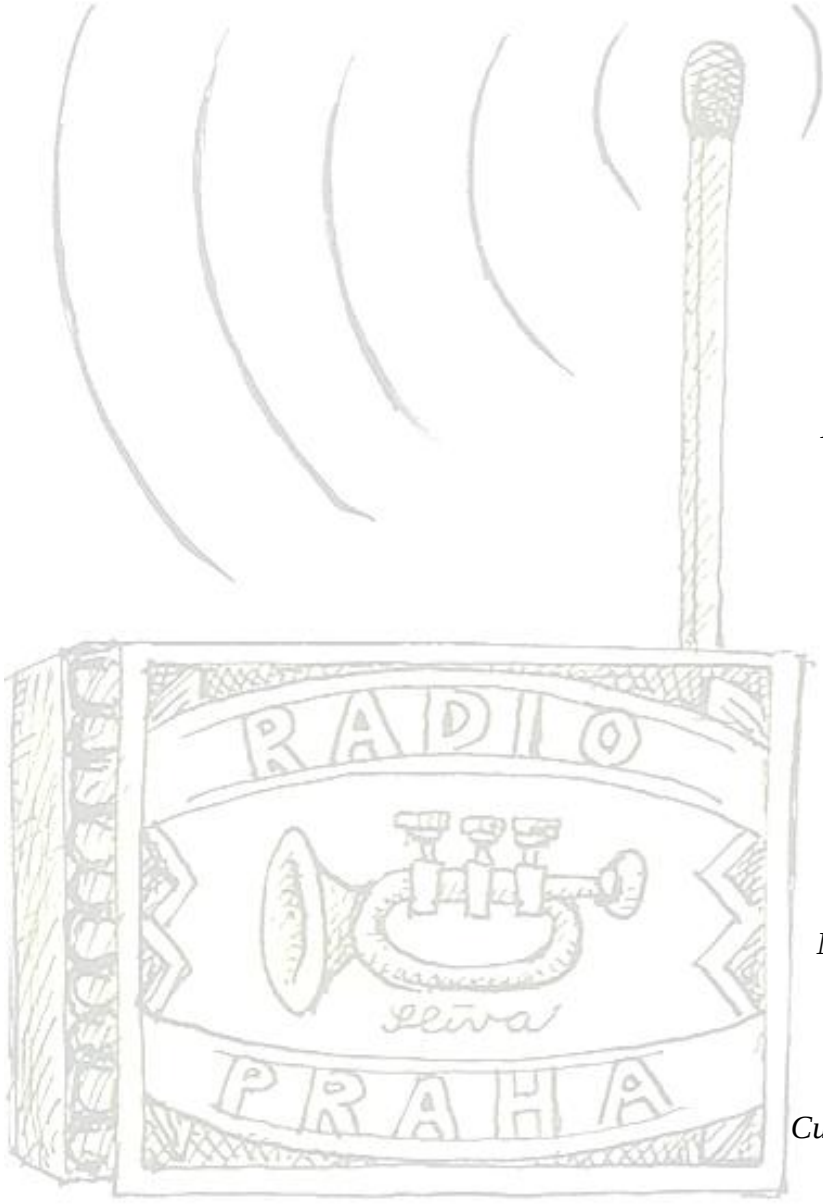


Imagem: calendário de bolso, ano 2002, da Rádio Praga – República Tcheca.
Fonte: acervo do pesquisador.

RESUMO

Nesta dissertação, procura-se investigar as concepções do imaginário e das visões de mundo formadas a partir das propostas de comunicação das rádios internacionais que transmitem programas para o Brasil na faixa das Ondas Curtas. Objetivos: identificar a finalidade dessas emissões radiofônicas; investigar os desenhos e as imagens que são veiculadas através da dimensão sonora e visual; analisar as percepções dos ouvintes brasileiros e como eles se apropriam dessas linguagens para conceber as imagens mentais e do mundo. A pesquisa está baseada em dois conceitos metodológicos: "desenho mental" (radiofonia) analisado a partir da semiótica e "desenho visual" (radiografia) pelo método iconográfico. Tem como técnica a sintonia e análise dos programas em língua portuguesa e espanhola; análise dos cartões QSLs procedentes das rádios estrangeiras; e um questionário semiestruturado enviado pelo correio postal e eletrônico aos associados do DX Clube do Brasil e da Lista Yahoo de Radioescuta. O universo é formado por 12 ouvintes que responderam ao questionário e se constituíram uma amostra por possuírem o hábito de escutar as rádios internacionais. Os dados apurados indicam que o rádio participa de uma comunicação sedimentada em imagens que contribuem para conceber o mundo e a psique. Isso é pontuado pelos ouvintes em suas experiências radiofônicas como forma de se transpor mentalmente para os países irradiados, resgatar imagens sonoras, acessar tradições culturais e inclusive informações políticas silenciadas pelos *mass media*. Na busca das relações de sentido o ouvinte se encontra com o outro e consigo mesmo, pois o rádio se constitui numa extensão do próprio homem na mediação das suas necessidades e experiências coletivas.

Palavras-chave: comunicação, cultura, imagem.

RESUMEN

En esta disertación se pretende investigar las concepciones del imaginario y de las imágenes del mundo formadas a partir de las propuestas de comunicación de las radios internacionales que irradian programas para Brasil a través de Ondas Cortas. Propósitos: identificar la finalidad de estas transmisiones radiofónicas; investigar los diseños y las imágenes vehiculadas por intermedio de las dimensiones sonora y visual; analizar las percepciones de los oyentes brasileños y como ellos se utilizan de estos lenguajes en la concepción de las imágenes mentales y del mundo. La investigación se basa en dos conceptos metodológicos: "diseño mental" (radiofonía), a partir del análisis semiótico, y "diseño visual" (radiografía), el método iconográfico. Tiene como técnica la sintonía y el análisis de los programas en lengua portuguesa y española, análisis gráfico de las tarjetas QSLs procedentes de las radios extranjeras y un cuestionario semi-estructurado enviado por correo postal y electrónico a los miembros del DX Clube del Brasil y de la Lista Yahoo de Radioescucha. El grupo estudiado es compuesto de 12 oyentes que responden el cuestionario y se constituyeron una muestra puesto que tienen el hábito de escuchar las radios internacionales. Los datos indican que la radio participa de una comunicación sedimentada en imágenes que contribuyen para la comprensión del mundo y de la psique. Esto es señalado por los oyentes en sus experiencias radiofónicas como forma de transponerse mentalmente para los países irradiados, rescatar las imágenes sonoras, acceder a las tradiciones culturales e, incluso, informaciones políticas silenciadas por los medios de comunicación. En la búsqueda de las relaciones de sentido el oyente se depara con el otro y consigo mismo, pues la radio se constituye en una extensión del proprio hombre en la mediación de sus necesidades y del imaginario colectivo.

Palabras Clave: comunicación, cultura, imagen.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the imaginary and the world's vision conceptions created from the communications' international radios proposal which transmit to the whole Brazil in shortwaves. Goals: identify the function of those radiophonic transmissions, investigate the designs and imageries which are transmitted through sound and visual dimension; analyze the Brazilian listeners' perceptions and how they apropos of these languages in order to understand the mental and world imageries. The research is divided into two methodological conceptions: "mental design" (radiophone) and "visual design" (radiography). In radiophone, the semiotic analysis has been used and, in radiography, the iconographic method has been used, which uses tune, recording and Portuguese and Spanish programs analysis as technique; besides the QSLs card analyses from foreign radios and a semi-structured questionnaire sent by mail and e-mail to the Brazil DX Club's and Listener Yahoo List partners. The universe is composed by 12 listeners which answered the questionnaire and constituted themselves in the pattern because they have the habit of listening international radios. The date collected show that the radio has a sedimented communication in imageries which contribute to understand the world and psyque. This is pointed by the listeners in their radiophonic experiences as a way to transpose mentally to the irradiate countries, emancipate the sound imageries, access the cultural traditions and the politics information silenced by *mass media*. In a search of relations of meaning, the listeners meet the other and themselves, because the radio constitutes itself in a extension of the own man in the in mediating their needs and collective experiences.

Key words: communication, culture, imaginary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: O espelho d'água numa paisagem rural japonesa - QSL da Rádio Japão 19

Figura 2: Representação do mundo nas rotas coloniais - QSL da RDPI, Rádio Portugal 29

Figura 3: A visibilidade arquetípica na mídia secundária 35

Figura 4: "Mundo dito", pintura de Gracinda Marques - QSL da RDPI 55

Figuras 5, 6 e 7: Selos de confirmação de recepção produzidos pela Ekko Company 62

Figuras 8 e 9: QSL da Rádio Moscou: verificação de sintonia e representação cultural 64

Figura 10: As relações de amizades URSS-Brasil 70

Figura 11: Aqui Moscou: em sua sintonia a Rádio Central de Moscou 72

Figura 12: A representação da cultura esportiva na Rádio Berlim Internacional 73

Figuras 13 e 14: A ótica comunista da vitória tchecoslovaca sobre o nazismo 76

Figura 15: A retratação do poder comunista na radiografia da RRI 78

Figura 16: A política socialista nas pautas da Rádio Tirana 80

Figura 17: Aqui Rádio Budapeste, Hungria 83

Figura 18: A representação islâmica na arquitetura do Monastério de Rila 86

Figura 19: Heráldica de armas das cidades e dos estados da Polônia 89

Figura 20: Linhas aéreas da Polônia: uma conexão cultural para o mundo exterior 90

Figura 21: This Is the Voice of America, Washington DC signing on/off 92

Figura 22: Parque de transmissões da "Onda Alemã" 94

Figura 23: BBC, Londres chama o mundo 97

Figura 24: A Maison Rádio centro de comunicação no coração de Paris 100

Figura 25: As imagens da Revolução Chinesa na Rádio Pequim 102

Figura 26: Os projetos espaciais de Cuba no cosmo do futuro 105

Figura 27: Nas ondas socialistas da Rádio Voz do Vietnã 108

Figura 28: O triunfo da República Democrática Popular da Coreia 110

Figura 29: A Coreia do Sul sede mundial dos Jogos Olímpicos 112

Figura 30: Imagem mitológica do zodíaco chinês 115

Figura 31: O quarto como lugar de referência arquetípica do universo radiofônico 117

Figura 32: Paisagem simbólica do Japão 130

Figura 33: Gemas preciosas da África do Sul 132

Figura 34: A tulipa, símbolo cultural da Holanda 134

Figura 35: A sintonia histórico-cultural da Rádio Portugal 136

Figura 36: As diferentes faces da Rússia 138

Figura 37: Uma voz amiga que percorre o mundo 147
Figura 38: Portal de abertura política entre as Alemanhas 149
Figura 39: Inclusão e cidadania na radiografia canadense 151
Figura 40: Religiosidade budista no mundo islâmico 154
Figura 41: A comida que alimenta o corpo e espírito 156
Figura 42: O desenho dos Jogos Olímpicos captado nas ondas do rádio 161
Figura 43: A iconografia polifônica da Rádio Praga 165
Figura 44: A musicalidade tradicional das festas equatorianas 168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABERT – Associação Brasileira de Rádio e TV

AM – Amplitude Modulada

AWR – Adventist World Radio

BBC – Bristh Broadcasting Corporation

BCC – Broadcasting Corporation of China

EUA – Estados Unidos da América

CBS – Central Broadcasting System

CD – Compact Disc

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CEI – Comunidade de Estados Independentes

CONEP – Comitê Nacional de Ética em Pesquisa

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CRI – China Radio International (Rádio Internacional da China)

CVC – Christian Vision Corporation (Rádio Voz Cristã)

DRM – Digital Radio Mundiale

Dr-TV – TV digital via faixa da radiodifusão

DSN – Doutrina da Segurança Nacional

DW – Deutsche Welle (emissora alemã, Radio Deutsche Welle)

DX – Distância Indeterminada (D = distância; X = Incógnita)

DXCB – DX Clube do Brasil

FM – Frequência Modulada

HCJB – Hoy Cristo Jesús Bendice (Emissora de Rádio do Equador)

KBS – Korea Broadcasting Systen (Emissora de Rádio da Coreia do Sul)

KHz – Kilohertz

LYR – Lista Yahoo de Radioescuta

NHK – Nippon Hoso Kyokai (NHK World - Rádio Japão)

OC – Onda Curta (SW – Short-Wave)

OEA – Organização dos Estados Americanos

ONU – Organização das Nações Unidas

QSL – Qualifield for Shortwave Listeners (Cartão de verificação de sintonia)

RADIOBRÁS – Empresa Brasileira de Radiodifusão

RB – Rádio Bulgária

RBI – Rádio Berlim Internacional

RCI – Rádio Canadá Internacional

RDA – República Democrática Alemã

RDPI – Radiodifusão Portuguesa Internacional (RDPI – Rádio Portugal)

RDF – Radiodifusión Francesa

RHC – Rádio Havana Cuba

RFA – República Federal da Alemanha

RFI – Radio France Internationale

RNW – Radio Nederland Wereldomroep

RP – Radio Praga

RRI – Radio Romenia International

RSA – The Voice of South Africa (Emissora de Rádio da África do Sul)

RSI – Radio Slovakia International

RTI – Radio Taiwan International

RTM – Rádio Trans Mundial

RV – Rádio Vaticano

SINPO – Combinação de letras que se traduz num código de descrição técnica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNB – Universidade de Brasília

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UTC – Universal Time Coordinated (Horário Universal Coordenado)

VOA – Voice of America (Rádio Voz da América)

VOIRI – Voz da República Islâmica do Irã (Emissora de Rádio Iraniana)

VOR – Voice of Russia (Rádio Voz da Rússia)

VOV – Voice of Vietnam (Emissora de Rádio do Vietnan)

WRTH – World Radio TV Handbook

WYFR – Family Radio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO I **19**
2 ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO 20
2.1 Tipo de pesquisa 20
2.2 Instrumentos de coleta 24
2.3 Universo 24
2.4 Amostra 25
2.5 Aspectos burocráticos da pesquisa 26
3 A LINGUAGEM DO DESENHO COMO COMPONENTE DA IMAGEM 27
4 A CONCEPÇÃO DAS IMAGENS NO ESPECTRO DA RADIOFONIA 33
4.1 A voz e a palavra: signos que pontuam o imaginário 44
4.2 Os efeitos da psique no meio técnico radiofônico 50

CAPÍTULO II **55**
5 O CENÁRIO POLÍTICO E AUDIOFÔNICO DAS RÁDIOS INTERNACIONAIS 56
6 A FUNÇÃO IDEOLÓGICA E ESTRUTURAL DA SINTONIA INTERNACIONAL 60
7 A COMPOSIÇÃO RADIOGRÁFICA ENTRE AS DÉCADAS DE 70 A 80 66
7.1 A propaganda radiográfica do bloco socialista 68
7.2 A radiografia dos EUA e países alinhados da Europa 91
7.3 A radiografia comunista da Guerra Fria fora do eixo Leste Europeu 101
7.4 Os embates da Guerra Fria na península e oriente asiático 109

CAPÍTULO III **117**
8 A SEMIOLOGIA CULTURAL NO ESPECTRO DAS RÁDIOS INTERNACIONAIS 118
9 AS RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE AS IMAGENS DO RÁDIO E DO MUNDO 121
9.1 A informação e comunicação como articuladoras da imagem e cultura 127
9.1.1 Atualidades 128
9.1.2 O jornalismo de opinião pública 141
9.1.2.1 Políticas governamentais 145
9.1.2.2 Políticas humanitárias e ambientais 150
9.1.2.3 Religiosidade 153
9.1.3. Entretenimento 158
9.1.3.1 Esportes e diversão 159
9.1.3.2 Interatividade, música e festa 162
10 O REDESENHO DA RADIODIFUSÃO INTERNACIONAL 169
11 CONCLUSÃO 178
12 REFERÊNCIAS 181
APÊNDICE – Instrumentos da pesquisa 190
ANEXOS A – Carta de aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética - UEFS 195
ANEXOS B – Imagens radiográficas da radiodifusão internacional 197

1 INTRODUÇÃO

No centro da sala, coberto com um lenço, um receptor de rádio ganhava notoriedade na esfera familiar. Contagiado pelas suas canções meu interesse por ele começa logo na infância. Como residia distante da cidade sua importância veio preencher não só uma necessidade cultural, mas também prática. O rádio[1] era o carteiro que trazia as mensagens, o relógio que informava a hora certa, a vitrola que tocava a música preferida, o jornal falado... Mesmo restrito a um espaço rural era possível estar em sintonia com vários centros urbanos. Por isso, entre notícias e entretenimento, uma coisa sempre me encantava no rádio: sua possibilidade de me conduzir a lugares e às percepções, antes, nunca imaginadas.

Passava-se o dia e a noite se aproximava trazendo consigo não só a retrospectiva dos últimos acontecimentos e as condições de melhor propagação, mas também as reminiscências da natureza humana. Restrito às acomodações do meu lar, então, começava uma nova viagem. Lugares, pessoas, sons, cheiros, sabores, fantasias e realidades... Os mistérios noturnos se fundiam ao imaginário, ancorados na linguagem radiofônica.

Numa dessas noites, talvez tenha limpado bem os ouvidos para ouvir melhor. Puxei a cadeira e assentei-me ao pé do rádio para desvendar duas letrinhas, que sempre me chamavam à atenção. Eram apenas duas letras "OC". Girei o botão do receptor e comecei a investigar o que havia nela. Foi então que adentrei no universo das Ondas Curtas, "OC", e esbocei meu primeiro contato com a radiodifusão internacional, isto é, as emissoras de rádio de várias partes do mundo, sobretudo, transmitindo programas para o público estrangeiro.

Das paisagens do campo às paisagens sonoras o meu mundo se ampliava à medida que começava a descortinar o espectro radiofônico. Girava a sintonia, bem devagar, para captar um novo país em alguma língua compreensível... De repente, uma voz em português desde a União Soviética deu-me as boas-vindas – era a Rádio Central de Moscou. Dias após os Estados Unidos da América (EUA), a China, Inglaterra, África do Sul, Israel, enfim, os quatro cantos do planeta chegavam ao meu lar se utilizando dos pressupostos de uma comunicação na minha própria língua. Era um novo atrativo que me convidava a conceber o desenho de um mundo a ser desvendado e interpretado a partir dessa sensibilidade auditiva.

Estas experiências radiofônicas começaram a ser ampliadas no final da década de 80. Naquele período o mundo já não era tão inacessível quanto há tempos atrás. Graças à massificação tecnológica o rádio abriu novos caminhos para o mundo e também para a

[1] Embora a palavra "rádio" produza diversas interpretações – a depender do contexto em que ela é utilizada – neste estudo ela vincula-se ao sentido de radiodifusão, com duas variáveis distintas: "o rádio" receptor e "a rádio" emissora.

inserção de outras mídias como a televisão, internet e telefonia. Esse complexo tecnológico contribuiu com outras possibilidades de comunicação e cultura. Mesmo assim, ainda hoje, em alguns recantos do território brasileiro o rádio tem uma sintonia cativa. Além do meu exemplo de apropriação do mundo nas ondas do rádio ainda há outros a serem elucidados.

De fato, a sintonia internacional no Brasil foi tão oportuna para o desenvolvimento cultural e mental da população da época, como ainda tem sido em nossos dias. Desde 1923 o Brasil inaugurou as primeiras emissoras de rádio e essa mídia trouxe consigo uma carga simbólica, que veio demarcar desde a consolidação do Estado Novo à inserção do pensamento modernista. Essas experiências não só demonstraram a importância cultural do rádio, mas criou um público de ouvintes que, mais tarde, deu visibilidade à audiência das emissões estrangeiras em português, provenientes de vários países do mundo.

Sobrecarregadas de ideologias, as rádios internacionais passaram a ocupar um papel relevante no pensamento da população brasileira, principalmente devido às lacunas existentes nas políticas públicas e no sistema de comunicação nacional. Com um vasto território, até então pouco povoado, o Brasil não conseguia estabelecer uma comunicação homogênea com sua população. Durante a Guerra Fria, que desencadeou a Ditadura Militar, muitos brasileiros sentiam-se mais acolhidos pelo noticiário das rádios estrangeiras – em muitos casos o único meio de se ter acesso às informações factuais do nosso próprio país. Através dessas programações era possível desenhar mentalmente, ou seja, conceber as diferentes faces do mundo e até driblar os esforços das superpotências na polarização de informações políticas.

Desde aquela época até a contemporaneidade o que desperta à atenção na sintonia estrangeira também é a possibilidade de acessar outras culturas, países remotos e modos de vidas desconhecidos ou pouco divulgados pela mídia convencional. No hemisfério ocidental, vivemos sob a ótica do velho mundo e também dos EUA. Essa referência tende a afetar nossa visão de mundo. Sabemos pouco acerca da esfera Oriental e das culturas tradicionais de outros pontos do planeta, que não se inserem nos *mass media* devido ao interesse comercial.

Por isso esta pesquisa se incumbe desta investigação, vindo se ancorar nas minhas experiências como ouvinte e pesquisador da radiodifusão. Durante duas décadas tive a oportunidade de acompanhar o desfecho das emissões internacionais para o Brasil nas Ondas Curtas. Nesse período participei ativamente desse processo: ouvindo as emissões em português e espanhol de vários países; escrevendo e participando dos programas de audiência; colaborando com informações técnicas na condição de radioescuta, Dexista ou monitor oficial; documentando o recebimento de materiais gráficos e iconográficos – produzidos pelas emissoras –, que evidenciam a propaganda radiofônica e do respectivo país de origem.

Mediante essas intervenções, sou detentor de uma memória que se alicerça na sintonia radiofônica. E através dos meus contatos postais e eletrônicos com essas rádios estrangeiras, consegui compor um acervo de materiais de procedência radiofônica. Esta aproximação com o rádio também motivou o desenvolvimento de duas pesquisas monográficas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) para dar conta de uma dimensão educativa no rádio (graduação em Pedagogia) e também para discutir a função do radiojornalismo na abordagem da cultura e identidade afro-brasileira (especialização em Antropologia com ênfase em Culturas Afro-Brasileiras).

Agora, nesta pesquisa do Mestrado lancei um olhar para compreensão das representações simbólicas. Meu problema consiste em investigar o seguinte: qual é a contribuição das rádios internacionais na formação mental e cultural da audiência brasileira? Minha preocupação nesta pesquisa foi motivada por vários interesses: identificar a finalidade das transmissões radiofônicas de outros países para o Brasil; investigar os desenhos e imagens que essas rádios possibilitam através da linguagem sonora e visual; analisar as percepções dos ouvintes acerca da sintonia estrangeira e como eles se apropriam dessas linguagens supracitadas para compor o desenho mental e do mundo.

Sendo assim, a linguagem radiofônica possui características muito próprias a serem elucidadas no escopo deste trabalho. É sobrecarregada de signos e estímulos mentais que permite a audiência não só conceber as imagens veiculadas na programação e estabelecer uma relação de sentido com o mundo, mas voltar às origens do homem, ser mitológico dotado da faculdade imaginária. Daí, a aproximação da radiodifusão com os postulados do "desenho" e da "imagem". O desenho, nesse sentido, é tido como uma concepção mental, simbólica, que se desdobra nas percepções imaginárias. Bem perceptíveis quando se ouve uma emissora de rádio e mesmo não conseguindo ver o radialista, nem visualizar fisicamente os objetos dos fatos que se narra, é possível desvendar os signos de suas narrativas e estabelecer possíveis construções de conhecimentos.

A partir dessa compreensão os procedimentos metodológicos que embasam esta investigação subdividem-se em duas categorias de pesquisa: **"desenho mental"** (concebido na perspectiva da sintonia radiofônica) abordado à luz da semiótica peirciana e **"desenho visual"** (materiais radiográficos[2]) analisados sob o prisma da iconografia.

[2] Sobre o emprego desta palavra, ver nota de rodapé no tópico referente ao arcabouço metodológico, página 20.

Meu universo compreende doze associados do DX Clube do Brasil e da Lista Yahoo de Radioescuta[3], que responderam a um questionário semiestruturado, enviado por e-mail e correio postal; acompanhei e contextualizei a sintonia das principais rádios citadas pelos ouvintes; analisei os cartões QSLs[4] nas galerias virtuais dos ouvintes que possuem portfólios radiofônicos das décadas de 70 e 80 e também no meu acervo pessoal, que contempla o final dos anos 80 até o momento atual.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro procuro definir o arcabouço teórico e metodológico que norteia esta pesquisa. Em seguida adentro às discussões acerca do conceito de "desenho" e da "imagem", buscando pontuar as referências nas representações simbólicas dessas linguagens e sua apropriação pelo homem, visando difundir comunicação e culturas. Essa abordagem encontra eco na nova âncora da cultura face ao advento tecnológico. O rádio se apresenta como um instrumento mediador das faculdades biológicas e mentais que ampliam o imaginário através da voz e palavra radiofonizadas, potencializando o sentido cultural. Nascido em meio ao som o ser humano não só se utiliza dos instrumentos sonoros para se apropriar do mundo, mas também dar vazão a uma complexidade de arquétipos, que encontram na sonoridade radiofônica seu lugar simbólico.

No segundo capítulo situo a dimensão informativa, cultural e ideológica das rádios internacionais via OC, suas origens e finalidades. As pontuações exaradas nesse escopo assumem uma importância na compreensão da historiografia mundial. Em particular o desfecho da Guerra Fria, época em que o rádio consistia no único meio tecnológico capaz de superar as barreiras geopolíticas para difundir informações instantâneas à população. Em especial nas décadas de 70 e 80, procuro elucidar a propaganda[5] radiofônica e radiográfica como forma de potencializar os interesses humanos a partir da concepção comunista e capitalista. É um momento em que a Guerra Fria sofre um impacto de tensão/distensão, provocando modificações na conjuntura mundial. As imagens do rádio são imprescindíveis nesse contexto, seja para evidenciar esses paradoxos e ampliar a compreensão do mundo.

O capítulo três se preocupa com as inter-relações entre as imagens do rádio e do mundo, bem como na apropriação dessas imagens pelos ouvintes visando estabelecer as relações de sentido cultural. Para isso me ancoro no conceito de cultura e da imagem e em

[3] O DX Clube do Brasil (DXCB) e a Lista Yahoo de Radioescuta (LYR) são instituições virtuais que se dedicam às atividades vinculadas à sintonia de emissões radiofônicas, sobretudo de emissoras estrangeiras.
[4] Sobre o conceito de QSL, confira nota de rodapé no tópico Arcabouço Metodológico, página 22.
[5] Situo o uso da propaganda no campo das ideias e do esforço do emissor na divulgação de imagens e pontos de vistas, visando formar o comportamento dos receptores. Não confundir propaganda com publicidade, pois está última, embora tenha os mesmos objetivos da primeira, se diferencia da anterior pelo seu interesse estritamente comercial.

seus mecanismos de representações simbólicas. O rádio é visto como um instrumento de mediação entre o homem/mundo, pois é através dele que se estabelece a difusão e apropriação do patrimônio cultural de diferentes espaços. Nesse contexto retomo a propaganda radiofônica e radiográfica em sentido amplo, na configuração do eixo cultural categorizado nos subeixos da informação: "atualidades", "opinião pública" e "entretenimento". Elas são delimitadas apenas para efeito de análise, mas que se inter-relacionam reciprocamente.

Efetivamente a radiodifusão internacional é um fenômeno ainda pouco explorado nas pesquisas acadêmicas, por isso boa parte do material bibliográfico foi buscada na internet e nos registros de radioescuta no boletim "Atividade DX" do DX Clube do Brasil. Para efeito teórico adentro à interpretação das seguintes categorias-chave baseadas em seus respectivos autores, que nos permite compreender o objeto de estudo de uma forma sistematizada:

Comunicação: Juan Bordenave, Baitello, Errol Brant, Eliana Grossmann, Flávio Archangelo, Gaston Bachelard, Jairo Grisa, João R. da Costa, Melvin de Fleur, Marshall McLuhan, Marta Scheimberg, Mônica Nunes, Sérgio Caparelli, John Thompson e Walter Benjamim; **Cultura:** Hampaté Bâ, Edson Ferreira, Jairo Grisa, Johan Huizinga, Stuart Hall, Krishnamurti, Marta Kohl de Oliveira, Ruy Cézar do E. Santo, Muniz Sodré e John Thompson; **Imagem:** Erwin Panofsky, Carl Jung, Gaston Bachelard, Peter Burke, Gilles Deleuze, Gilbert Durand, Luiz Vidal Gomes, Lúcia Santaella e Nöth, Mircea Eliade, Edson Ferreira, Martine Joly e Edgar Morin.

Nessa abordagem multidisciplinar abordo o rádio como um instrumento de mediação e extensão simbólica entre o homem e mundo. Isso ocorre desde o advento eletroeletrônico em permitir a amplitude da voz humana para outras dimensões de espaço/tempo. A superação das limitações físicas e biológicas projeta o humano na esfera de uma nova vida: seu duplo. Por isso quando ouvimos o rádio não estamos em sintonia com uma estação qualquer; mas em contato com o próprio homem representado virtualmente através das ondas hertzianas.

Portanto, creio que a radiodifusão global na faixa de OC tem sido um instrumento valioso para difusão do ser humano, suas ideologias e aproximações de povos e culturas. Nessa sintonia é possível acessar vários espaços e contextos de um mundo misterioso, que pouco se insere nos preceitos da mídia convencional. Daí resulta a importância deste trabalho, visando suscitar essas evidências e dar visibilidade ao prestígio do rádio como um instrumento de mediação simbólica, que proporciona um esboço singular dos diferentes desenhos do mundo, em estreita sintonia com o sentido cultural e a imaginação dos ouvintes.

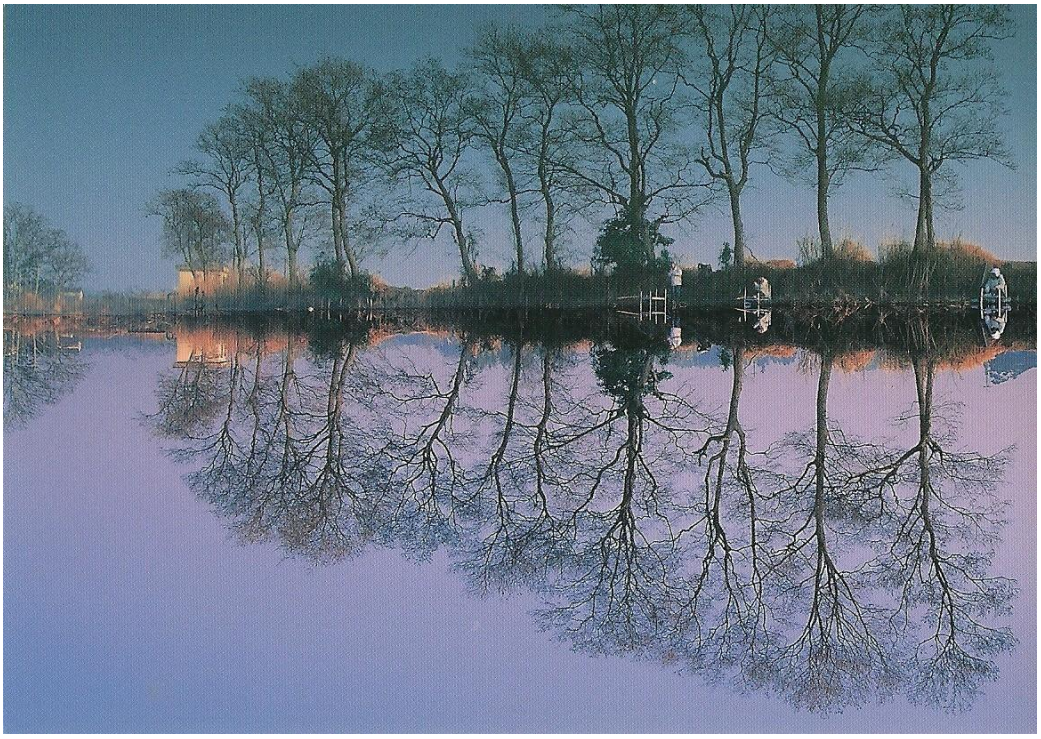


Figura 1: Espelho d'água numa paisagem rural japonesa – QSL da Rádio Japão
Fonte: acervo do pesquisador

"Chamo de imagens em primeiro lugar as sombras, depois os reflexos que vemos nas águas ou na superfície dos corpos opacos, polidos e brilhantes e todas as representações do gênero".

Platão, *apud* Joly (1996, pp.13-14)

CAPÍTULO I

2 ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1 Tipo de pesquisa

O objeto desta pesquisa ao centrar-se no desenho e suas variações – que lhe permite estar circunscrito no campo da imagem – converge para a interpretação das formas simbólicas. Por conseguinte o rádio é som e oralidade. Faculdades que embora não possam ser visualizadas fisicamente, mas são subsidiadas por signos e símbolos, que permitem a percepção mental do ouvinte. Sendo assim as imagens provenientes do rádio não são lineares, pois envolvem o ser humano e as suas relações de sentido. Thompson (1995), inclusive, admite que as condições sociais, históricas e psicológicas, presentes no contexto da audiência, são imprescindíveis nessas interpretações.

Destarte, esta investigação torna-se oportuna devido à importância histórico-cultural que a radiodifusão estrangeira assume no âmbito brasileiro. Uma contribuição que remonta desde a época da Guerra Fria, demarcando a repercussão do rádio como mediador dos interesses da população nacional, e atualmente quando se diferencia da configuração dos *mass media* na difusão da informação cultural e pontos de vistas. Permitindo ao receptor ampliar sua visão de mundo e percepções mentais. Ademais, ainda acrescenta-se o ineditismo deste trabalho, cujo foco e abordagem ainda parece remeter à uma contribuição única certamente inexplorada pela ciência.

Considerando a compreensão do desenho em seus diferentes aspectos, seja como **"imagem mental"** (que permeia o imaginário dos ouvintes a partir do ato de ouvir) e **"imagem visual"** (grafada nos objetos radiográficos[6]), a configuração desta pesquisa requer uma estratégia metodológica capaz de dar conta dessas duas categorias de análise.

A abordagem do desenho mental – A interpretação dessa categoria requer o uso da semiótica por uma série de motivos. Considerando que esta pesquisa foi realizada a partir de um universo de sujeitos que residem em espaços distintos, fora da área geográfica do pesquisador, seria impossível visitá-los pessoalmente para proceder a coleta de dados. Tampouco estabelecer uma relação afetiva para adentrar em outros contextos de suas vivências e experiências culturais com a sintonia de emissoras estrangeiras.

[6] Radiográfico é uma palavra derivada de "radiografia" – técnica de obtenção de imagem pelo emprego de raios X. Utiliza-se o termo "materiais radiográficos" como uma metáfora, visando definir os objetos gráficos e iconográficos que são utilizados ou produzidos pelas rádios internacionais e oferecidos aos ouvintes, com o objetivo de difundir uma propaganda complementar às mensagens difundidas na programação radiofônica.

Devido a essa dificuldade, recorrer à semiótica parece ser a forma mais segura para atingir os objetivos aos quais a pesquisa se propõe. Haja vista, haver nessa conjuntura teórica critérios que podem ser considerados para minimizar o contato face a face com os pesquisados, sem negligenciar os resultados da pesquisa.

Mediante a teoria dos signos e símbolos, preconizada pela semiótica, Charles Peirce *apud* Joly (1996) traz um marco a ser situado no desenvolvimento desta investigação. Segundo Peirce, o signo pode produzir um ato de comunicação a partir do momento em que ele é dado intencionalmente ou fornecer informações quando se aprende a decifrá-lo. Por isso, há no signo um propósito evidente que estabelece uma correlação entre o seu significante, o objeto referente e seu significado.

De fato, a linguagem radiofônica não se limita a um processo linear da audição. O rádio está sobrecarregado de signos que ao serem captados pelos ouvintes estimulam uma analogia entre "o que foi dito", "sua associação ao objeto referente" e a "percepção mental em se conceber significados". Portanto há nas mensagens do rádio uma intenção simbólica e comunicativa, que conduz o ouvinte na relação de coadjuvante nesse processo de percepção.

Grisa (2003) adverte que além dessa potencialidade simbólica o rádio é um fenômeno essencialmente cultural. Não se podem interpretar suas mensagens, sem antes adentrar no contexto da cultura e nas relações de sentido produzido entre emissor-receptor. A cultura está presente em todas as relações sociais e nem mesmo o rádio pode se furtar dessa condição, pois como mediador da cultura ele é, também, criação e instituição humana.

Ao se compreender que o rádio nada mais é que a extensão do próprio homem – da duplicidade de sua imagem biológica na esfera virtual –, não se pode pensar nas linguagens radiofônicas apenas como uma finalidade técnica. Elas expressam as intenções humanas e estão aptas a comunicar visões de mundo, que são amplamente reinterpretadas pelo pensamento simbólico da sua audiência. Então o rádio não fala sozinho, "as linguagens do rádio surgem das faculdades humanas" e por isso o rádio é o próprio homem representado pelo seu duplo. Mais que isso, as imagens do rádio produzem sentidos quando são apropriadas criticamente pela sua audiência na motivação dos interesses individuais e coletivos.

Sendo assim, primeiramente é necessário analisar as imagens do rádio a partir das suas pautas radiofônicas. E a partir delas estabelecer as relações de sentidos da audiência, visando a ampliação cultural e concepção do desenho de mundo. Sedimentada no eixo da cultura, a programação internacional permite sua categorização em três subeixos da informação, que se inter-relacionam mutuamente: **"atualidades", "opinião pública"** e **"entretenimento"**. Enfim, esses fatores se alicerçam na proposta radiofônica e radiográfica

indicando sua finalidade de transmissão para o Brasil, a ideologia política e o acesso aos patrimônios culturais dos seus respectivos países, bem como a sensibilidade do imaginário.

A abordagem do desenho visual – Diferente dos "serviços domésticos"[7], os "serviços internacionais" não se limitam apenas às transmissões radiofônicas, mas estão inseridos também na produção e distribuição de materiais de várias naturezas, visando complementar a compreensão do ouvinte sobre a funcionalidade da emissora, a ideologia e o patrimônio cultural dos países de emissão.

Dentre essa infinidade de materiais, que serão identificados como radiográficos, optou-se pela análise dos cartões QSLs[8]. Esses objetos gráficos, tipo postal, servem para atestar a audiência do ouvinte através das informações enviadas previamente à emissora, mediante um relatório de sintonia. Para receber um QSL o ouvinte precisa ouvir a emissora, conhecer seus procedimentos, estabelecer um contato com ela e depois receber dela a confirmação escrita (gráfica) dessa audiência.

Além dessas características os cartões QSLs são objetos de grande valor para este estudo, visto que são produzidos pelas próprias emissoras e trazem em seu escopo a proposta cultural atribuída ao pensamento da rádio e do país de onde se está transmitindo. Ao mesmo tempo, são testemunhas de uma história de vida que demarcam as relações de sentido entre emissor/país/receptor, das experiências desenvolvidas para empreender tal estratégia, as condições físicas e psicológicas, de tempo e espaço no qual a escuta foi realizada.

As imagens do QSL sempre estão relacionadas às pautas da programação radiofônica. Por isso são oportunas para complementar a percepção mental entre o que se ouviu no rádio, o que se pensou sobre tal narrativa e o que se concretizou mediante a visualização de uma imagem gráfica, recebida posteriormente pelo correio postal, possivelmente alusiva à determinada programação.

Embora a abordagem mental e visual se entrelace constantemente nesse tipo de audiência, porém a análise dos objetos radiográficos exige um tratamento distinto da metodologia do desenho mental. As imagens dos QSLs não são produzidas propriamente para servir de investigação científica, mas são produzidas para "o outro". Portanto sua análise torna-se imprescindível não só para a evidência e compreensão da propaganda radiofônica,

[7] Entende-se por serviços domésticos as transmissões radiofônicas destinadas para uma audiência interna, isto é, dentro do próprio país; diferente dos serviços internacionais, que são destinados para a audiência do exterior.

[8] QSL é uma linguagem que faz parte do código fonético internacional, iniciado pela letra "Q", e possui várias interpretações. Quando utilizado no código Morse significa "acuso de recebimento" e pode assumir formas interrogativas e afirmativas. Na radiodifusão internacional e nas emissoras que se adéquam ao pensamento Dexista, o "acuso de recebimento" deixa de ser uma sentença sonora. Passa a assumir a configuração gráfica de um cartão, tipo postal, impresso pela própria emissora para confirmar o relatório de recepção enviado pelo ouvinte.

mas também para a concepção da audiência, quando abordadas à luz da metodologia iconográfica. Na opinião de Burke (2004, p. 43):

> Como outras formas de evidência, imagens não foram criadas, pelo menos em sua grande maioria, tendo em mente os futuros historiadores. Seus criadores tinham suas próprias preocupações, suas próprias mensagens. A interpretação dessas mensagens é conhecida como 'iconografia'[...].

Conforme preconizam os iconografistas "a imagem não é apenas para ser contemplada, mas também para ser lida" (BURKE, 2004, p. 45). Foi nessa perspectiva que Erwin Panofsky teorizou a iconografia para conceber um ensaio sobre a análise crítica das imagens de arte em 1939. De acordo com Panofsky (1976) a análise iconográfica pressupõe dois níveis de interpretação: primeiro, a **"descrição pré-iconográfica"**, tema primário, voltado para a identificação do cenário e dos objetos dispostos na imagem; segundo, a **"análise iconográfica"** no sentido estrito, voltado para o significado convencional.

Panofsky (1976, pp. 53-54) reforça que a iconografia se alicerça a partir da análise descritiva:

> Ao fazer este trabalho, a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origem e, às vezes, autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha. Coleta e classifica a evidência, mas não considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação dessa evidência [...]. Resumindo, a iconografia considera apenas uma parte de todos esses elementos que constituem o conteúdo intrínseco de uma obra de arte e que precisam tornar-se explícitos se se quiser que a percepção desse conteúdo venha ser articulada e comunicável.

Não obstante às limitações de caráter descritivas apontadas pelo teórico, a escolha da iconografia consiste na maneira mais apropriada para analisar os cartões QSLs. Isso porque esses objetos de investigação foram produzidos em diferentes condições históricas e geográficas inacessíveis ao pesquisador. Entretanto, seguindo as recomendações de Panofsky (1976) a iconografia não pode privar-se da familiaridade com o mundo prático dos objetos e fatos; do sentido cultural que os envolve; da literatura especializada; e da tradição oral.

Destarte, a iconografia passa a ser o elemento norteador na análise das imagens dos QSLs. A partir de uma leitura visual, cultural, histórica e social é possível decodificar a imagem e a mensagem desses objetos. A depender da ideologia do país e das intenções de quem produz as imagens (emissoras), há sempre um vestígio a ser considerado na sua análise, permitindo detectar elementos que se vinculam às pautas e aos objetivos da radiodifusão

internacional. A familiaridade com esses objetos também decorre da proximidade do pesquisador em suas experiências e pesquisas na radiodifusão por mais de duas décadas.

Joly (1996, pp. 44-45) nos passa segurança e adverte que não se pode ter medo de interpretar as imagens a partir do enfoque iconográfico (descritivo):

> A mensagem está aí: devemos contemplá-la, examiná-la, compreender o que suscita em nós, compará-las com outras interpretações; o núcleo residual desse confronto poderá, então, ser considerado como uma interpretação razoável e plausível da mensagem, num momento X, em circunstâncias Y.

Então as imagens são portadoras de mensagens e significados para quem as observam. São produções históricas do consciente e inconsciente, por isso têm se perpetuado no tempo, mobilizando o consciente e inconsciente dos sujeitos. Sob esse prisma os QSLs retratam uma imagem imortalizada do mundo, num determinado recorte de tempo, que se torna fundamental para a concepção desse mundo e dos seus sujeitos midiatizados pelas mensagens radiofônicas e radiográficas.

2.2 Instrumentos de coleta

Os aportes técnicos utilizados nesta pesquisa baseiam-se em: 1) coleta de dados mediante a aplicação de questionários semiestruturados, enviados aos ouvintes através do correio postal e e-mail; 2) monitoração da programação internacional na faixa da OC em língua portuguesa e espanhola para o Brasil e América Latina; 3) análise dos objetos radiográficos, arquivados no acervo do pesquisador e na plataforma da Internet.

2.3 Universo

A delimitação do universo desta pesquisa decorre dos seguintes elementos: a esfera audiofônica representada pelo **contexto das rádios internacionais via OC**, emissões em português e espanhol para o Brasil e a América Latina; os **ouvintes brasileiros**, associados do DX Clube do Brasil (DCXB) e da Lista Yahoo de Radioescuta (LYR) – agremiações de amplitude nacional que desenvolvem ações culturais no hobby da radioescuta e trocas de materiais provenientes das rádios internacionais; **materiais radiográficos**, sobretudo os cartões QSLs, disponíveis no acervo do pesquisador e na internet.

O DXCB é uma instituição sem sede própria, pois é regida por um conjunto de diretores e conselheiros de vários espaços geográficos. Trata-se do mais antigo clube de

ouvintes do Brasil, em outubro próximo completará 30 anos. Dedica-se às experiências nas atividades do Dexismo e da radioescuta, tais como: boletim impresso "Atividade DX", programas radiofônicos, site na internet[9], lista de discussão, encontros de ouvintes e radialistas, exposições de receptores e materiais radiofônicos, entre outras.

Já a LYR é uma extensão do DXCB e seu funcionamento se dá numa plataforma da Internet[10] onde mantém um número específico de associados, que postam diariamente informações e experiências ligadas ao rádio e às tecnologias da Comunicação Social. Essas intervenções também são compartilhadas via e-mail entre os internautas.

O DXCB e a LYR reúnem um conjunto de informações e experiências radiofônicas, que além do seu caráter singular e confiável incorporam grande valor à sustentação deste projeto de pesquisa. Seu corpo de associados contempla, sobretudo, as experiências de ouvintes que estão em contato com o rádio desde o início da Guerra Fria. Portanto, este objeto de pesquisa também tem a intenção de resgatar essas memórias e trazer a público esse valioso patrimônio cultural que precisa, urgentemente, ser pesquisado pelas universidades brasileiras.

A participação do DXCB e da LYR neste estudo se deu após a apreciação deste projeto. Culminando também com a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) para o início da coleta de dados.

Os questionários e materiais impressos da pesquisa foram enviados para o DXCB, que se encarregou de distribuí-los pelo correio aos seus associados, em anexo ao boletim mensal "Atividade DX". Na LYR foram postadas algumas mensagens instantâneas sobre a pesquisa. Os ouvintes interessados entraram em contato com o pesquisador através de e-mail e telefone. Também participaram na divulgação da pesquisa os blogs **Radiografia DX**[11] e **As Ondas Curtas do Rádio**[12], a **Rádio Internacional da China** e o **Programa Encontro DX** da **Rádio Aparecida** (São Paulo) e os boletins radiofônicos do Jornalista **Célio Romais,** etc.

2.4 Amostra

O caráter aleatório da amostragem se deu a partir do momento em que os ouvintes leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, "espontaneamente", responderam aos questionários e devolveram ao endereço postal e eletrônico do pesquisador. De um total de setenta e cinco associados, doze deles retornaram os questionários. Portanto são esses os sujeitos que constitui a amostragem da pesquisa.

[9] Cf. *Home page* do DXCB: www.ondascurtas.com
[10] Cf. Lista Yahoo de Radioescuta: http://br.groups.yahoo.com/group/radioescutas
[11] www.radiografiadx.blogspot.com
[12] www.romais.jor.br

Antes é preciso categorizar esses sujeitos, pois no âmbito da sintonia de rádios internacionais existem dois tipos de ouvintes[13]: **radioescuta** e **dexista**. Esses ouvintes se apropriam da radiodifusão para várias finalidades, seja para captar e documentar a sintonia; seja pelo prazer de ouvir rádio; ouvir e apreciar a cultura de outros países, suas informações, músicas e pontos de vistas. A intenção inicial da pesquisa era contemplar apenas o radioescuta como objeto de estudo, pois esse sujeito possui maior proximidade com a sintonia estrangeira.

Todavia, foi possível notar que tanto o dexista quanto o radioescuta tendem a possuir as mesmas afinidades, pois lidam com as imagens mentais e visuais e têm a sintonia da OC como uma forma de obter conhecimentos ligados aos hobbies e estabelecer uma referência de sentido com o mundo exterior. Muitos dexistas foram, no passado, motivados pela radioescuta visando obter informações culturais sobre o mundo e teceram um imaginário latente a partir dessas experiências no rádio. Por isso as informações dos radioescutas e dexistas serão contempladas na análise de dados, pois atendem os objetivos da pesquisa.

Para evitar expor o nome dos participantes, optou-se por identificá-los em ordem alfabética (entre A-M). Os dados recebidos através dos questionários foram analisados dentro de uma abordagem qualitativa a partir da transcrição dos depoimentos. Entretanto, em alguns momentos foi necessário sintetizar determinadas ideias concebidas de forma repetitiva. Ressalta-se que alguns depoimentos não aparecem sequencialmente, pela ordem alfabética, no texto. Esse procedimento foi utilizado visando flexibilizar a análise do discurso no decorrer do texto, sem, contudo, comprometer sua originalidade e a qualidade da pesquisa.

2.5 Aspectos burocráticos da pesquisa

Acredita-se que todo pesquisador precisa conceber a pesquisa científica com o devido rigor ético e despretensioso, que a natureza desse trabalho requer. No entanto, por sugestão do Programa do Mestrado, foi elaborado um protocolo de pesquisa juntamente com cópias dos instrumentos de coleta e do TCLE, e submetidos à apreciação do CEP/UEFS. Ressaltando que foram respeitadas as diretrizes do Decreto 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), bem como do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que abordam questões de caráter ético e profissional em pesquisas desenvolvidas com os seres humanos. Só após a emissão do parecer do CEP a pesquisa de campo foi iniciada.

[13] Radioescuta é o ouvinte que sintoniza com assiduidade uma determinada emissora e até interage com ela; o Dexista não possui a sintonia fixa numa determinada emissora, pois seu maior objetivo é está sempre em busca de estações desconhecidas, sobretudo, para obter o cartão QSL. Esses personagens da radiodifusão e suas atividades serão definidos com maior intensidade no capítulo II.

3 A LINGUAGEM DO DESENHO COMO COMPONENTE DA IMAGEM

Desde a época primitiva, até os nossos dias, o ser humano sempre concebeu o mundo como um espaço microcosmo. No domínio do seu ambiente geográfico teceu imaginações e utopias. Às vezes restringindo o desconhecido como algo inferior, ou temido, mas ao mesmo tempo ávido por novas descobertas e compreensões. Afinal não dava mais para viver num ambiente isolado, visto que o ser humano sempre se projetou a partir de suas experiências externas, que perpassaram pela sensibilidade cognitiva, produzindo intensas atividades mentais.

Por conseguinte, para chegar a esse estágio, foi necessário um longo processo de experimentos e invenções. Segundo Vygotsky, *apud* Oliveira (2002), ao dominar os signos e associá-los ao sentido do seu referente nossos antepassados deram um passo gigantesco na revolução do saber. Então, não só se consolidando apenas como produtores de cultura, mas capazes de projetá-la através de instrumentos de comunicação mais sistematizados.

Sem dúvida o primeiro recurso que demarca essa trajetória decorreu do uso da imagem, tanto na sua forma objetiva quanto subjetiva. Em várias partes do mundo há vestígios dessas representações através das gravuras e dos desenhos rupestres, que se destinavam a comunicar mensagens e modos de vida, por fim culminando com a invenção da escrita.

Essas considerações são pertinentes para entendermos como desde os tempos antigos os primeiros representantes da nossa espécie se utilizaram do desenho como instrumento de comunicação e representação de experiências do cotidiano. Ainda hoje a apropriação do desenho tem se expandido em outras ramificações, a exemplos das imagens como atributos da imaginação humana, sua vinculação a um elemento ausente, seja do ponto de vista real ou simbólico.

A partir dessas pontuações alguns questionamentos se fazem necessários: afinal o que é desenho? Qual é o papel que ele ocupa nos planos das linguagens visuais? Quais as referências que ele exerce na mediação entre o humano e o mundo? De que forma ele se apropria das teorias da imagem para dar conta de questões tão intrínsecas à natureza humana? Enfim são pontuações pertinentes para que se possa compreender a natureza do desenho, seus desdobramentos e como ele nos remete ao um campo simbólico, propenso às reminiscências do ser humano, de registrar, representar e imortalizar sua passagem e inferências na terra.

Do ponto de vista semântico, Ferreira (1993, p. 175) define que desenho é: “1. Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas. 2. A

arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, etc., um tema real ou imaginário, expressando a forma risco, traçado. 3. Forma, feitio. 4. Traçado, projeto." Mais propriamente, ao se referir à ação de "desenhar" o mesmo autor dá a seguinte interpretação: "1. Traçar o desenho de. 2 Delinear (formas). 3. Conceber, idear. 4. Traçar desenho(os). 5. Representar na mente".

Tais definições parecem ganhar maior visibilidade na teoria de Gomes (1996). O autor fala exaustivamente sobre os aspectos etimológicos e as denotações do desenho, recorre às origens e ao sentido do uso dessa palavra e de que forma seu significado atingiu a legitimidade para os humanos. Para ele a palavra desenho é oriunda da língua latina e o verbo desenhar tem sua origem em *disegnare*, verbo italiano proveniente do latim *designare*. Significa: representar, designar, indicar, ordenar, arranjar... *Desinatio*, que equivale a desenho foi usado no ano 27 a.C.

Isso nos leva a crer que o uso do termo "desenho", em suas variações, tem sido uma recorrência antiga, antecedente à civilização moderna. Por conseguinte, o desenho ocupa um lugar privilegiado nas intervenções humanas, principalmente como um elemento simbólico, que serve para representar algo imaginado previamente. Muito antes de ser traçado numa superfície concreta é concebido e idealizado em imagens mentais, pois faz parte de um campo propenso à subjetividade. Joly (1996, pp. 16-17) também compartilha desse pensamento:

> 'Por toda parte do mundo o homem deixou vestígios de suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos, nas pedras, dos tempos mais remotos do paleolítico à época moderna'. Esses desenhos destinavam a comunicar mensagens, e muitos deles constituíram o que se chamou 'os precursores da escrita', utilizando processos de descrição-representação que só conservavam um desenvolvimento esquemático de representações de coisas reais. 'Petrogramas', se desenhadas ou pintadas, 'petroglifos', se grafadas ou talhadas – essas figuras representam os primeiros meios de comunicação humana. São consideradas imagens porque imitam, esquematizando visualmente, as pessoas e os objetos do mundo real. Acredita-se que essas primeiras imagens também se relacionavam com a magia e a religião.

Nessa perspectiva o desenho e a imagem são elementos coadjuvantes no processo de representação simbólica. Embora a imagem consiga abarcar todo o contexto das linguagens visuais, já por sua vez o desenho tem uma função mais específica nesse universo. Porém, desenho e imagem se aproximam nas suas funções como signo e símbolo, representação do ausente. Daí a sua conexão e compartilhamento de características em comum.

A recorrência à imagem e ao desenho foi tão necessária entre os povos primitivos, quanto é, atualmente, na sociedade contemporânea. Em cada período histórico o homem se

depara com diferentes necessidades que o impulsionam numa perspectiva visionária. É importante tomar como um exemplo o uso das cartas náuticas desenhadas durante a época colonial para retratar a representação visual de um espaço ausente, desconhecido, que precisava ser apropriado a partir da corrida colonial além do eixo europeu.

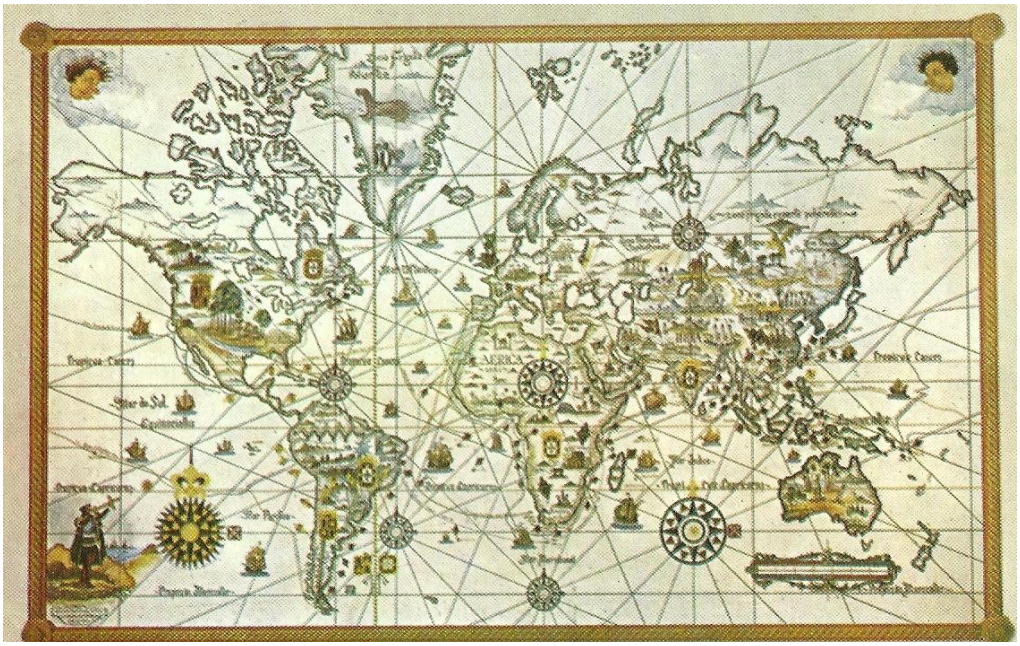


Figura 2: Representação do mundo nas rotas coloniais - QSL da RDPI, Rádio Portugal
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 30/10/01, 01h45 UTC, 11980 kHz).

No século XIV a compreensão do mundo se restringia às experiências vivenciadas na esfera continental. Ao imaginar outras formas de vida que se desenvolviam além daquele espaço geográfico, Portugal e outras nações europeias conseguiram aperfeiçoar desenhos técnicos e cartográficos. Graças a essas representações foi possível projetar grandes embarcações, transpor os limites dos oceanos e da imaginação, descortinando novos horizontes comerciais e o contato com um novo mundo até então desconhecido.

Na reprodução cartográfica ilustrada pela RDPI (figura 2) é possível perceber como os portugueses compreendiam o mundo e os possíveis trajetos a serem percorridos no período colonial. Também pode ser visualizada a representação de elementos simbólicos (figura de animais, entes espirituais, entre outros), que denotam as relações do desenho com o imaginário coletivo. Por acreditar que somos seres históricos, apesar da distância histórica e

das profundas mudanças sociais que nos separam, o ser humano nunca perdeu suas matrizes arcaicas[14] que norteiam suas inter-relações com o mundo.

Como o termo imagem assume várias conotações a depender da área de conhecimento em que ele é utilizado, conhecer sua origem também se constitui relevante nessa interpretação. Joly (1996) nos diz que imagem vem do latim *imago*, um termo que faz menção à "máscara mortuária", utilizadas nos funerais romanos.

No entanto, Morin (1973) admite que essa relação entre imagem e máscara mortuária é mais remota do que se imagina, ao contrário do que se pensava, ela se amplia dentro da própria esfera do *Homo sapiens*. Para o autor a descoberta e utilização da imagem não só marca a renascença do homem da era Neandertal, como também registra os indícios da espiritualidade na condição de elemento norteador do processo de duplicidade e superação das adversidades biosociais.

Os vestígios encontrados na configuração das sepulturas daquela época, as pinturas de ocre nos ossos, a posição como os cadáveres se encontravam, bem como os desenhos grafados nas pedras e cavernas, dão conta de que o ser humano sempre se preocupou em atingir o *status* da imortalidade. Isso se efetivou através de seus feitos ou da simbologia de um mundo invisível, imaginário, onde só se podia galgar por meio da virtude e fé.

Para Morin (1975, p. 103), ao ter consciência de que a morte era inevitável nossos antepassados desenvolveram mecanismos simbólicos para vencê-la: "Tudo nos indica, igualmente, que esse homem não só recusa essa morte, mas também que a rejeita, que a vence, que a soluciona no mito e na magia".

O que autor chama à atenção não é somente sobre o despertar do *homo religiosus* para o reconhecimento de um ser supremo, celestial: é sobre o papel que a imagem/imaginário passa a exercer como um mecanismo de mediação entre o ser humano e o mundo. Ao

[14] Os termos "arcaico", "primitivo" e suas variações serão utilizados de forma recorrente neste estudo, sem, contudo, admitir nenhuma associação ao adjetivo "ultrapassado" ou "antiquado". O uso da palavra "arcaica" assume uma condição denotativa, estritamente à sua derivação etimológica proveniente do grego "Arché" e traduzida para o português como "Arqué": "Segundo Aristóteles [...] princípio, fonte ou causa" (FERREIRA, 1986, p. 167). Sendo assim, a Arqué está vinculada às condições primordiais presentes não só no homem primitivo, mas também no contemporâneo. Até porque somos detentores de uma estrutura mental que não se modificou ao longo do tempo e sempre se manifesta de forma inconsciente através dos arquétipos. Retornar à Arqué é deixar vir à tona as nossas origens e resgatar o que de mais humano há dentro do ser humano.
Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

acreditar que as experiências sagradas o aproximavam da imortalidade foi possível se autoduplicar[15] e ganhar uma segunda vida.

Através do pensamento imaginário, sedimentado nos mitos (narrativas), foi possível expandir o nível de consciência sobre o mundo e vencer seus obstáculos. Não é a toa que a imaginação foi, e continua sendo, a matéria-prima mais notável das invenções humanas. Ao se imaginar o fogo como um atributo divino foi possível inseri-lo na praticidade cotidiana, fabricar instrumentos mais elaborados – a exemplo do tambor a partir de um tronco queimado – e ritualizar seus contatos espirituais. O tambor tribal servia de aparato sagrado e, de acordo com McLuhan (1964), que ainda o associa ao rádio, também era objeto de extensão cultural, comunicação e âncora do pensamento simbólico.

Em algumas sociedades contemporâneas ainda é possível preservar as reminiscências de um tempo mítico marcado por um profundo simbolismo arcaico. Eliade (1976) dá um exemplo sobre isso ao explicar o uso do tambor nas cerimônias *xamânicas*. Segundo ele esse instrumento é feito de parte de uma "árvore cósmica", que ao ser detentora de vida os seus galhos e folhas mitificam uma comunicação entre terra e céu.

Em referência a esse mito, Nunes (1993) comenta que a madeira da árvore sagrada e a pele do animal, utilizadas na fabricação desse órgão musical, também exercem uma importância preponderante no pensamento simbólico. Por meio do som, o tambor *xamâ* conta a história da árvore e do animal. Cada percussão, narra uma etapa dessa trajetória, relatando o nascimento da árvore e do animal, suas origens, sua função vital até o momento em que foram cortados, caçados e transformados na dimensão sonora desse instrumento musical.

Ao discutir sobre o simbolismo do Centro, Eliade (1996, p 42) nos explica que essa árvore sagrada ligada a terra e ao céu representa o "centro do mundo". Ela é dotada de um encanto que permite a comunicação entre o homem e o Ser Divino, ao que conclui:

[15] Sobre a duplicidade humana, vários autores se encarregam de explicar esse fenômeno, sobretudo, se utilizando de analogias. Morin (1975) nos fala que *Homo sapiens* ganhou uma segunda existência ao perceber que era possível recorrer ao imaginário, visto que as representações visuais ou mentais permitiram ao ser humano se autoduplicar, se fazer onipresente e ser lembrado ainda que na sua ausência. Já nas sociedades modernas a existência do duplo ganha maior visibilidade através dos meios tecnológicos e no *mass media*. Mcluhan (1964) explica este fenômeno no seu livro "Os meios de comunicação de massa como extensão do homem", no qual argumenta que os meios tecnológicos representam uma forma de "autoamputação", de permitir a onipresença humana visando solucionar as limitações do corpo físico; Já Sodré (2002) adentra ao contexto do "*ethos* mediatizado" elucidando as formas de superação do espírito humano nos meios tecnológico, mediado pelo "corpo-pós-orgânico" ou "tecnocorpo". Isto também é compartilhado com Eco (1989) que sobre os estudos das "imagens do espelho" nos faz refletir acerca da apropriação tecnológica como "próteses" de sustentação humana. Entretanto, além dessas terminologias, o elo comum entre esses pensadores é a recorrência ao homem como ser imaginário. Um ser que se desdobra em imagens para atingir outras dimensões inacessíveis e se fazer visível ainda que na sua ausência.

> A árvore xamânica não passa de uma réplica da Árvore do Mundo, que se ergue no meio do universo, em cujo o cume se encontra o Deus supremo [...]. nos seus sonhos iniciáticos, o futuro xamã deve-se aproximar da Árvore Cósmica e receber das mãos do próprio Deus três galhos dessa árvore, que servirão para seus tambores.

Enfim, a imaginação é sempre concebida de uma carga metafísica, simbólica, e de fatos essenciais ao modo de vida, que estimula o ser criante. No dizer de Araújo (2009, p. 1):

> A imaginação criante se processa desde os confins do simbólico, do mitopoético atravessando as tramas incontornáveis do imaginário humano com suas potencialidades anímicas, inspiradoras e vivificadoras. Os repertórios simbólicos do imaginário são constituídos da pregnância de imagens mitopoéticas que traduzem os sentimentos, crenças e valores mais fundos e vastos que nutrem e animam o inconsciente, o desejo, sonho e paixões.

Esses pressupostos da imagem são amplamente teorizados por Durand (2004). Ele nos diz que não obstante a motivação criativa da mente humana, desde a Idade Média as imagens e o imaginário sempre foram cercados de especulações. Às vezes tomados como "a louca da casa", suas funções e descréditos remeteram o ser humano à dicotomia entre o ser racional ou empírico, minimizando a compreensão da psique e a expansão do saber durante esse período histórico.

Ao longo dos tempos, a sociedade sempre se preocupou em criar mecanismos para atingir o *status* de desenvolvimento. No bojo dessas discussões, sobretudo no percurso do milênio passado, pensava-se num estereótipo humano capaz de vencer as sensibilidades mentais para dar vazão apenas ao comportamento racional. Supostamente, no intuito de elevar a razão como soberana na apropriação do mundo. Embora esse pensamento tenha ganhado força em vários momentos históricos seu desdobramento resultou em inúmeras implicações, que se impõe na forma de viver, pensar e existir da humanidade.

Só recentemente as contribuições da Antropologia e Psicologia, especificamente as pesquisas de Carl Jung, deram uma guinada à compreensão das imagens percebendo nelas a virtude da mediação entre o consciente e inconsciente. Nessa perspectiva a: "[...] imagem não consistia na sublimação de um recalcamento neurótico, pois o psiquismo continha uma função construtiva e poética (*poiesis*: 'criação')" (DURAND, 2004, p. 37).

Sem dúvida uma das maiores virtudes do ser humano é pertencer às espécies mais imaginativas que já existiram no planeta, o que nos distancia dos demais seres vivos, os animais. Ter imaginação significa uma das mais valiosas dádivas que possuímos, o segredo do nosso sucesso como sujeitos históricos – e como nos diz Eliade (1996), um animal não

histórico. Através das faculdades da imaginação o ser humano traça seus projetos mentais, cujos desdobramentos se remetem num ato concreto de criação e produção, refletindo nas suas inferências sociais.

Naturalmente esse fluxo mental reside na complexidade de se compreender o próprio ser humano e superar os desafios enfrentados tanto no âmbito do real quanto simbólico. Ao recorrer ao mito e à espiritualidade o homem consegue se autoduplicar nas suas ações com o mundo. Deixando sua história registrada e imortalizada, para que, na sua ausência, através de seus feitos, outros possam se lembrar dele.

É a partir desses marcadores que a ideia de imagem torna-se relevante, criando uma relação simbólica com seu referente. Através da imagem o ser humano passa a ter uma segunda existência e uma visibilidade que só é possível dentro do plano simbólico.

> Descobrimos, portanto, que imagem, mito, rito e magia são fenômenos fundamentais, ligados ao aparecimento do homem imaginário. A partir de então, mitologia e magia serão complementares e estarão associadas a todas as coisas humanas, até mesmo as mais biológicas (morte, nascimento) ou as mais técnicas (a caça, o trabalho); elas vão colonizar a morte e arrancá-la do nada. (MORIN, 1975, pp. 108-109).

A presença do duplo se satisfaz nas linguagens e convenções criadas pelo homem. Nelas é possível evocar sua representação e seu representado. Por meio desses marcadores o humano não só se apropriou do mundo como também deixou suas marcas. Daí chega-se à compreensão de que o desenho se configura como um valioso elemento no estudo da imagem. Desenho e imagem se ampliam em desdobramentos de representações humanas e de um constante retorno às nossas origens. A partir de suas referências simbólicas torna-se possível sonhar, criar, recriar, projetar, desenvolver sensibilidades e percepções que nos dão a mobilidade de se autoamputar para tornar notória uma presença, ainda que na ausência.

4 A CONCEPÇÃO DAS IMAGENS NO ESPECTRO DA RADIOFONIA

Sempre quando se ouve falar em desenho e imagem logo há uma associação imediata com alguma manifestação artística, gráfica ou até das representações visuais onde as imagens tornam-se perceptíveis ao olho. No entanto, sua complexidade como um produto da expressão humana não se limita apenas a essas prerrogativas. Muito antes de esboçar os primeiros traços geométricos o homem tentou pensar o mundo, compreendê-lo e transformá-lo a partir daquilo

que estava ao seu alcance cognitivo e empírico. Daí retoma-se a ideia de imagem e desenho como algo mental, concebida bem antes de ser traçada numa superfície visual.

Embora pareça difusa a similaridade entre desenho e imagem, essa relação torna-se convincente quando se percebe nesses elementos um forte poder de representação psíquica. Concebidas sob esse prisma desenho e imagem denotam uma maior proximidade, são símbolos que representam algo que está ausente:

> A imagem mental corresponde a impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de algum lugar, de vê-lo quase como se estivéssemos lá. Uma representação mental é elaborada de maneira quase alucinatória, e que parecem tomar emprestadas suas características de visão. Vê-se (JOLY, 1996, p. 19).

Eliade (1996) também complementa esse argumento de Martine Joly afirmando que até o homem mais realista vive de imagem e da imaginação. Tais como as imagens liberadas por uma música qualquer que evoca a nostalgia de um tempo passado, mitificado, despertando as lembranças: situações que poderiam ser aproveitadas ou renegadas, até mesmo sensações de cheiro, tristeza, alegria que se relaciona à ocasião em que aquela experiência foi vivenciada. Ou seja, percepções que estão no subconsciente e ganham visibilidade através do resgate dessas imagens.

> Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as imagens têm o poder e a missão de mostrar tudo o que permanece refratário ao conceito. Isso explica a desgraça e a ruína do homem a ‘quem falta imaginação’: ele é cortado da realidade profunda da vida e de sua própria alma (ELIADE 1996, p.16).

Entre os antepassados as práticas culturais e experimentações simbólicas ganharam vida a partir da capacidade humana de produzir imagens e transmiti-las às gerações futuras. Nesse intuito, além dos recursos da oralidade, o *Homo sapiens* se valeu da ampla possibilidade de comunicação que seu próprio organismo biológico oferecia.

Em referência às ideias de Harry Pross, Baitello (1998) menciona que o corpo humano é concebido como “mídia primária” devido à sua possibilidade de produção de linguagem simbólica e da comunicação, sem a necessidade de elementos artificiais.

Para ilustrar esse exemplo vale observar a imagem de um cartão QSL da KBS World Rádio (figura 3) lançado em 2010 em alusão ao “período de visita turística” na Coreia do Sul. A imagem retrata as tradições culturais na Coreia do Sul a partir das danças de máscaras *Byeolsin Gut*, que servem para transmitir a sátira e o humor. Diferente da linguagem corporal

as máscaras, cores e pinturas corporais, vestimentas festivas, etc., são consideradas “mídias secundárias” quando adquire a função de acrescentar informações ao corpo. Trata-se de uma representação arquetípica, pois são concebidas a partir das imagens mentais, oníricas, que surgem tanto no homem arcaico quanto no contemporâneo na concepção do seu duplo.

Figura 3 - A visibilidade arquetípica na mídia secundária
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 20/04/10, 22h00 UTC, 11965 kHz).

Muito embora todos os órgãos dos sentidos colaborem na apropriação do mundo, certamente, o desenho como uma extensão das imagens mentais parece ter ganhado maior visibilidade através da sensibilidade auditiva. Tanto que, além da influência psíquica, muitas experiências vivenciadas pelos antepassados foram apropriadas pelas novas gerações mediante o ato de “ouvir” as narrativas oralizadas. Elas estão presentes no imaginário, inferindo na forma de lidar no cotidiano.

Através dos mitos é possível remeter-se ao contexto da gênese do universo e até manter a crença em um mundo espiritual, regido por um Ser Supremo que se preocupa com o humano e participa do seu ciclo de vida e das suas inferências com o meio. São heranças comuns a todos nós, que se perpetuaram no tempo através das faculdades da comunicação e da psique. Isso acontece porque, segundo Jung (2008), tanto no ser primitivo quanto no contemporâneo há vestígios antropológicos do inconsciente coletivo, denominados de arquétipos. São faculdades mentais que não se perdem no tempo e sempre são retomados para conceber o pensamento simbólico e o comportamento humano.

Em sua obra “Os Arquétipos e o inconsciente coletivo” Jung (2000) argumenta que ele não é o único a defender tal teoria. Outros pesquisadores também tiveram experiências similares, que contribuíram para ampliar as compreensões acerca do imaginário e de pensamentos elementares a todos os seres humanos. Assim: “O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar [...]” (JUNG, 2000, p. 53).

Não resta dúvida de que as formas de manifestação do inconsciente coletivo sempre encontraram novas âncoras a partir da expansão humana. Isto se traduz na busca de instrumentos auxiliares não só para a apropriação do mundo, mas como forma de dar visibilidade ao pensamento simbólico.

> Em princípio, cores e pinturas corporais, máscaras e vestimentas festivas, adornos e outros objetos com a função de acrescentar ao corpo uma informação são um prolongamento da mídia primária e, assim, inauguram a mídia secundária, o que significa, segundo Pross, a presença de um aparato mediador entre receptor e emissor. A grande importância da mídia secundária é que ela possibilitou a ampliação de campos comunicativos [...]. O uso de materiais, ferramentas e instrumentos os mais diversos – com a intenção de criar mensagens – permitiu o surgimento das inscrições e pinturas rupestres e, finalmente, abriu as portas para a escrita e seus desenvolvimentos posteriores, o livro, o jornal, os cartazes, etc. (BAITELLO, 1998, p. 13).

No entorno desses fenômenos, se antes a comunicação se limitava à tradição oral e ao repasse de costumes face a face, pouco a pouco um novo paradigma se impõe. Ao teorizar que o “meio é a mensagem” McLuhan (1964) atribui à eletricidade um papel fundamental em gerar mecanismos eletroeletrônicos que resultaram na extensão do próprio homem, ampliando suas interações com o mundo. Diferente do que se possa pensar o surgimento da “mídia terciária”, no entendimento de Baitello (1998, p. 13), nos aproxima das condições coletivas mais elementares: “O impacto é tão forte que as velhas formas de encantamento – os mitos, rituais e as crenças – migram para a mídia terciária [...]”.

Thompson (1998) e Hall (2006), dizem que a massificação eletroeletrônica permitiu ampliar o campo de percepção da sociedade e contrair o mundo – entretanto, não cessam as atividades mentais. Thompson (1998) ainda acrescenta que nesse contexto midiático, há naturalmente uma desritualização dos mitos e a recorrência ao imaginário muda em função dos *mass media,* cada vez mais presentes e propulsores de linguagens imagéticas.

Por conseguinte, Sodré (2002, p. 34) também nos ajuda a refletir sobre as nuances da comunicação no mundo moderno, levando em consideração que a contrapartida humana e seu reconhecimento enquanto imagem é um fator a ser respeitado:

> [...] a esfera midiática é hibridizante. Não atua sozinha. Não basta, por exemplo, a visibilidade pura e simples de um indivíduo na mídia – a excessiva exposição de sua imagem na tevê ou nos jornais. É preciso que se apele para todo um arsenal de identificações entre a imagem e a audiência, a fim de se obter efeitos, não mais apenas projetivos, como no caso do entretenimento clássico, e sim de reconhecimento narcísico de si mesmo no 'espelho' tecnocultural.

Muito embora as imagens do rádio sejam por natureza unidirecionais (determinadas pelo meio que as direcionam e concebe suas finalidades), entretanto, com seu advento e sua inserção na sociedade, as representações simbólicas passaram a assumir uma nova proposta. Antes o universo era restrito ao que estava apenas ao alcance do contato face a face; a partir de então se torna possível superar espaço/tempo e dar um novo sentido para o conhecimento. O advento eletroeletrônico se estabelece como uma ponte entre o passado e presente. Através das ondas sonoras é possível se transportar mentalmente às várias dimensões humanas e geopolíticas, para conceber a grandeza de um mundo cada vez mais amplo e heterogêneo.

Interessante notar que mesmo diante de uma parafernália tecnológica que se amplia na contemporaneidade, e de acordo com Nunes (1993), expulsa o rádio para o período diurno, este meio não está fadado, nem tende a desaparecer, sobretudo, devido ao seu caráter simbólico que o diferencia dos demais meios. Desde as primeiras páginas Norval Baitello escreve a apresentação da obra de Rebecca Nunes apontando a necessidade para que o sentido da audição seja resgatado e revigorado no mundo contemporâneo:

> O culto à visualidade instaurado há cerca de três séculos terá tornado a vida de nossa civilização extremamente empobrecida, e 'o primado do olho iniciou, na história ocidental, num momento em que se desenvolvia um pensamento racionalista, mecanicista e materialista' (NUNES, 1993, p. 13)

Por sua vez Durand (2004) também já alertava sobre a repercussão do que ele define como "efeito perverso" protagonizado pela "explosão do vídeo". No bojo das suas pontuações, põe-se em evidência que os resultados das experiências técnicas-científicas possibilitaram à sociedade usufruir da comodidade proporcionada pela comunicação imagética, mas sem refletir, efetivamente, sobre seus efeitos imediatos.

Motivados pela amplitude do uso da *imago* para fins técnico-científicos, a população começa a se preparar para urdir um modelo de comportamento que Durand (2004) vem defini-lo como o processo "civilização da imagem". Movidos pela ansiedade positivista do progresso científico, a humanidade começa a experimentar o reino onipresente da propaganda informativa e visual, isto é a valorização do "meio" técnico sem levar em conta o resultado, "fins", dessas descobertas. Vários experimentos resultaram em estratégias cada vez mais pretensiosas. Segundo Durand (2004) foi preciso que parte de Hiroxima, e também de outras sociedades envolvidas nos conflitos mundiais, fosse dizimada para que se pudesse perceber o efeito perverso desse pensamento racionalista.

Tenta-se conceber a ciência em sua perspectiva sistemática, que procura compreender o mundo e transformá-lo a partir do racional. Entretanto, quando se critica suas produções não quer dizer que elas são efetivamente nocivas à sociedade; enquanto o simbólico tem a solução para todos os problemas. Em absoluto, tem-se em mente que racional e emocional precisam caminhar juntos em busca de repostas às necessidades humanas. Entretanto, essa dicotomia entre racional e simbólico, teorizado pela ciência, tem surtido um resultado que não contempla a compreensão do ser humano como um todo. Durand (2004) é oportuno em evidenciar que o domínio científico exclusivamente racionalista não trouxe sequelas apenas para o mundo moderno, mas também para a humanidade.

Ainda de acordo com Durand (2004, pp. 33-34), se por um lado o progresso científico se repercutiu na sombra das imagens para denotar tamanha complexidade, por outro o mesmo não aconteceu com a aceitação do imaginário:

> Como a imagem sempre foi desvalorizada, ela ainda não inquietava a consciência moral de um Ocidente que se acreditava vacinado pelo seu iconoclasmo endêmico. A enorme produção obsessiva de imagens encontra-se delimitada no campo do 'distrair'. Todavia, as difusoras de imagens – digamos a mídia – encontra-se onipresentes em todos os níveis de representação e da psique do homem ocidental ou ocidentalizado. A imagem mediática está presente desde o berço até o túmulo, ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos: no despertar pedagógico das crianças, nas escolhas econômicas e profissionais do adolescente, nas escolhas tipológicas (a aparência) de cada pessoa, até nos usos e costumes públicos ou privados, às vezes com 'informação', às vezes velando a ideologia de uma 'propaganda', e noutras escondendo-se atrás de uma 'publicidade' sedutora...

Isso contribui na crença de que embora a veiculação da *imago* seja efetiva e necessária no contexto da sociedade contemporânea – e influi diretamente a forma de agir e pensar da humanidade –, a maneira como somos educados repercute no nível de consciência

crítica que temos acerca dela e para lidar com ela. Naturalmente, a concepção de imagem no hemisfério ocidental sempre sofreu um desgaste dualista. As influências judaico-cristãs e greco-romanas possibilitaram à humanidade ocidentalizada, ao longo dos séculos, sublimar a amplitude simbólica para dar vazão à concepção monoteísta, culminando posteriormente com o reducionismo científico sustentado pelos iluministas.

Baseado no princípio cartesiano, em suas prerrogativas de fragmentar os objetos de estudos para investigá-los em parte, a partir do século XVI, a civilização Ocidental passa a se ocupar com um nível de desenvolvimento técnico-científico, sem levar em conta o ser humano em suas crenças, sensibilidades, sua vida mental. Suscitando então um questionamento tal como se antecipava o filósofo Krishnamurti (1955). Ele adverte que o avanço científico nos permite saber dividir a menor partícula de um átomo, mas não nos dá a condição de compreender a sensibilidade do ser humano na sua plenitude.

Sendo assim, o educador Santo (1996) já profetizava que o mundo ocidentalizado dá indícios de um nível de complexidade, que vem afetando a forma de viver em sociedade, cujas consequências marcarão a dignidade e sobrevivência humana. Marcado pelo racionalismo há todo um contexto ideológico que envolve não só a produção cultural, mas a forma como ela é apropriada e potencializada nos aparelhos ideológicos – entre eles a escola e os meios de comunicação – para serem reproduzidos em massa.

Em suas críticas o autor acredita que esses mecanismos de formação são imprescindíveis na sociedade, mas precisam ser bem direcionados. Em não apenas reproduzir um conhecimento mecânico, mas capaz de dar sentido à sensibilidade dos seres humanos e à sua forma de lidar com o mundo.

Para Baitello (1998, p. 15) as mensagens da mídia precisam produzir um sentido:

> E o sentido não é apenas mais uma construção arbitrária e auto-referente do espírito, mas um conjunto de vínculos maiores, que levem em conta o homem na sua dimensão histórica, política e social, mas também psicológica e antropológica, ou seja, em sua inteira complexidade, com suas potencialidades e suas necessidades.

Essas reflexões são importantes para que se possa conceber a função sociocultural da mídia na contemporaneidade. Principalmente quando se percebe um mundo tão conturbado, marcado por uma sociedade castrada do seu direito de sonhar e dar forma às reinvenções do espírito humano. É nessa perspectiva que o fenômeno da radiodifusão nos chama a atenção. Concebido pela sua dimensão cósmica, conforme afirmação de Bachelard (1985), por certo, o rádio, participa de um fluxo simbólico bem maior do que outras mídias.

Com o advento eletroeletrônico o realismo passa a se aproximar das linguagens visuais. A televisão, como diz McLuhan (1964), é um “meio frio” que disponibiliza uma imagem pronta, produzida dentro de um contexto de imagens “reais” ou “fictícias”, marcadas por constantes movimentos e percepções que se traduz numa experiência visual do cotidiano. Não se faz necessário estimular o imaginário para se reconstruir as cenas. Tampouco adentrar no âmbito simbólico, pois as imagens televisivas já proporcionam uma informação pronta, sem necessidade de complementação. Aliás, talvez seja por isso que nossa concepção preliminar sobre imagem sempre está vinculada à propaganda televisiva, devido à sua condição de “meio frio”.

As imagens fotográficas, embora sejam produzidas dentro de um contexto do real, permitem uma maior aproximação com o imaginário, devido à afinidade com a memória e às lembranças de um tempo passado. Todavia, não se deve esquecer que a fotografia se aprisiona num recorte de tempo e espaço. Por isso sua leitura é um tanto pragmática devido ao vínculo com um fato específico de uma experiência, que sempre vai interessar mais para quem a viveu ou está em busca de vestígios daquela época e daqueles sujeitos (BENJAMIN, 1987). De fato, as pontuações de Marcel Proust apud Brassaï (2005), acerca da fotografia, são esclarecedoras para a reflexão de um passado que interessa mais para ele do que às pessoas que o cerca, tanto reveladoras para elucidar cenas pouco perceptíveis na experiência focal do olhar.

Tanto Santaella e Nöth (2001) quanto Burke (2004) são enfáticos em afirmar que as fotografias são verdadeiras, mas os fotógrafos podem se utilizar de artifícios para emitir uma visão intencionalmente enganadora. Já no campo da informática Ferreira (2007) destaca que essa tecnologia tem sido recorrente e previsível no tratamento e produção de imagens na era pós-fotográfica. Se por um lado torna a fotografia mais sofisticada, por outro se distancia de sua captura original. Por isso a imagem tem sido uma fonte enciclopédica relativa a um fato em especial, que pode ser manipulado para satisfazer as intenções de quem a produziu. Embora se possa estabelecer nela um nível de conotação mental, seu pragmatismo reduz a contextualização, só perceptível à medida que passa a ser refletida pelo ser humano.

Recentemente a informática – e mais precisamente a internet – tem superado tecnologicamente o universo imagético, diversificando o processo da comunicação. Bastam alguns cliques para se por em contato com o vasto conhecimento humano nos ambientes virtuais dos diferentes pontos do mundo, sem que seja haja a necessidade de estar fisicamente no local onde a informação é produzida e disponibilizada. Em meio à informação, cultura, interatividade e ao divertimento a internet oferece ampla potencialidade em imagens.

Por certo, essa diversidade de opções tende a confundir o comportamento humano ao centrar-se nesse aparato tecnológico apenas como opção de divertimento, sem uma consciência crítica de saber utilizá-lo para materializar suas ações na sociedade. Isso reforça o que Durand (2004) já reiterou acerca da produção técnico-científica como faculdade de distração, sem refletir sobre o resultado dessa produção e seu impacto sociocultural.

Entre o protagonismo e o antagonismo, o certo é que as imagens estão presentes em várias instâncias da vida humana. Porém, como não poderia ser diferente, seu uso e associação, seja na mídia ou em qualquer outro contexto, sempre remete à concepção mental que temos acerca delas. As palavras de Joly (1996, p. 19), são propícias para ilustrar tal argumentação:

> Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com o que representa. Visualmente imitadora, pode enganar ou educar. Reflexo, pode levar ao conhecimento. A sobrevivência, o Sagrado, a Morte, o Saber, a Verdade, a Arte, se tivermos um mínimo de memória, são os campos ao que o simples termo 'imagem' nos vincula. Consciente ou não, essa história nos constituiu e nos convida a abordar a imagem de uma maneira complexa, a atribuir-lhe espontaneamente poderes mágicos, vinculada a todos os nossos grandes mitos.

Daí a ideia de pensar a veiculação de imagens não propriamente na religião ou nos meios visuais (onde elas podem ser visualizadas com facilidade), mas no contexto do espectro radiofônico – da invisibilidade. "O rádio está para o olho, assim como a fotografia está para a oralidade", já dizia McLuhan (1964). Parece ser um paradoxo adentrar no meio auditivo para falar acerca do ato de ver. Assim como é complexo falar sobre o rádio como um meio de comunicação de excelência na sociedade, quando se tem a acessibilidade de uma parafernália tecnológica, exercendo funções tão mais diversificadas quanto à radiofonia.

Por isso, falar sobre o rádio sempre soa como se fosse uma nostalgia de quem se descuida da potencialidade tecnológica que nos cerca e põe em contato com as diferentes linguagens visuais, para potencializar um meio de comunicação de cunho tradicional. Então, o que o rádio tem de especial que se reflete na dimensão da *imago* e que o diferencia dos eminentes veículos de massa?

Em princípio atentemos às palavras de De Fleur (1976). Ele já profetizava que os *mass media* que estão além do nosso alcance se tornarão tão pouco atrativos quanto os veículos que ora utilizamos. Não que o rádio seja superior ou inferior às demais mídias, mas não se pode negar que embora a radiofonia esteja centrada no plano auditivo ela se constitui num importante componente da imagem. E por isso assume uma condição muito particular

face às demais mídias: “sua capacidade de estimular o imaginário através do invisível, proporcionando uma comunicação que se entrelaça na complexidade da natureza humana, de suas relações com o mundo e consigo mesmo”.

McLuhan (1964) chegou a definir o rádio como um “meio quente”[16], haja vista não haver outra mídia onde as conotações mentais são tão latentes. Tomando como referência o exemplo da mídia televisiva, nota-se que suas imagens estimulam o telespectador a associá-las ao que de fato elas são. Já no rádio não há imagens visuais, sua sintonia não depende do ato de se ver para tornar-se legítima, pois é a audiência que completa seu sentido visual.

A capacidade de estimular a psique, talvez seja o grande diferencial do rádio na era contemporânea, que tende minimizar os efeitos racionalistas. Sua visibilidade se dá na dimensão audiofônica, no contexto simbólico das manifestações do arquétipo. Portanto, requer do ouvinte todo um preparo mental, que permite ritualizar a escuta:

> Não se trata de escutar este tipo de transmissão numa sala de baile, num salão. É preciso escutá-la, não digamos numa cabana, isso seria belo demais, mas num quarto, sozinho, à noite, quando se tem o direito e o dever de colocar em si mesmo a calma, o repouso. O rádio possui tudo o que é preciso para falar na solidão. Não necessita de rosto (BACHELARD, 1985, pp. 180-181).

O quarto de casa conforme complementa Bachelard (1986) é um lugar reservado ao domínio simbólico. É um lugar de referência para a manifestação dos arquétipos e da ocorrência onírica – fantasias que surgem do inconsciente. De acordo com Jung (2000, p. 46) a “casa” como referência na psique é um processo que passa a ser interpretado como arquétipos de transformação:

> Estes não são personalidades, mas sim situações típicas, lugares, meios, caminhos, etc, simbolizando cada qual um tipo de transformação [...]. São símbolos genuínos na medida em que eles são ambíguos, cheios de pressentimentos e, em última análise, inesgotáveis.

Da mesma forma que a casa se transforma em arquétipo para ampliar o campo simbólico – onde se ritualiza a audiência –, as ondas do rádio conectam o ouvinte a uma dimensão sonora do encantamento. Uma ideia que também vem calhar nos argumentos de

[16] “Meio quente” segundo McLuhan (1964) é aquele, que apesar de ser unidirecional, permite um maior fluxo de atividades mentais, imaginárias; já o “meio frio” é o contrário, multidirecional, detentor de um conteúdo bem mais detalhado e por isso permite o desenvolvimento de um pensamento de cunho racional, sem necessidade de complementações subjetivas. CF. MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como extensões do Homem.** 4ª Ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

Bertolt Brecht, *apud* Scheimberg (1997), que no seu discurso sobre o rádio, proferido em 1934, comenta sobre as limitações visuais e admite ser o rádio propulsor de uma linguagem simbólica, capaz de fornecer ao ouvinte a possibilidade de desenvolver uma amplitude de imagens. Ele diz: "Por mais que o ver fique eliminado, isso não quer dizer que não se veja nada, senão precisamente que se veja tão bem que se vê uma infinidade de coisas, 'tantas como se queira'*"* (SCHEIMBERG, 1997, p. 44).

De forma particular, essas palavras proferidas por Brecht não se constituem num discurso pretensioso a favor do rádio, mas lhe confere o *status* metafísico. É o que também pode ser observado nas teorias de Bacherlad (1996), que admite a eficiência da linguagem radiofônica não apenas à sua condição de *mass media*, informativa, mas, sobretudo, permitindo ao ouvinte o direito de sonhar e elevar o espírito humano.

Em sua pesquisa monográfica Silva Neto[17] (2005) também faz referências a esse plano simbólico. Na sua visão o rádio retoma a condição antropológica, um antigo desejo do homem em tornar sua voz e seu pensar onipresentes em vários espaços geográficos, certamente para se igualar as divindades. Isso se deu desde o surgimento do homem primitivo, ao se valer do fogo para emitir uma mensagem e posteriormente na construção de um tambor e percussões sonoras em códigos, ritualizando os mitos religiosos e a comunicação.

O advento do rádio se constituiu num fenômeno crucial na história da humanidade. De forma efetiva, por volta de 1906 quando Reginald Fassend desenvolveu um mecanismo capaz de captar sons do ambiente e por fim reproduzir a voz humana no espectro da radiofonia (DE FLEUR, 1976). O rádio que antes se valia apenas da transmissão de códigos agora passa a ganhar vida por meio da oralidade. E não se trata apenas de uma mera transmissão oral, sempre esteve explícita a sensibilidade arquetípica dos seus receptores.

Tanto que a primeira veiculação da voz humana se deu nas vésperas do Natal, nela estava incutida a condição de mensageira divina, anunciando a chegada do Messias. Certamente um artifício simbólico para acalmar a sociedade (SILVA NETO, 2005). Até em períodos mais recentes as pessoas mais idosas ainda temiam o rádio em sua associação como um ser mitológico, apocalíptico, "o diabo encaixotado". Não se podia conceber que uma simples caixa, sem nenhum contato de fios, pudesse captar e transmitir vozes humanas de espaços longínquos: são manifestações do imaginário.

[17] Cf. SILVA NETO, Antonio Argolo. **Pedagogia das Ondas Curtas:** a influência das Rádios Internacionais na educação dos ouvintes brasileiros. Monografia de conclusão da graduação. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié/BA, 2005.

Um fato similar ocorreu em 1938 nos EUA. As mensagens do rádio tiveram um efeito inesperado em seus receptores, uma experiência que se tornou um clássico da saga radiofônica. Segundo Bordenave (1995), a reprodução teatral da ficção "A guerra dos mundos" de Orson Welles ao ser veiculado pela Rádio ABC causou pânico generalizado entre os ouvintes que acompanhavam a programação. A peça teatral soou como uma reportagem verdadeira. Os ouvintes construíram uma imagem de que seu país estava sendo atacado por alienígenas e tiveram reações jamais esperadas pelos idealizadores do programa radiofônico.

Esse acontecimento mudou para sempre a maneira de se interpretar a função sociocultural do rádio. Para Bordenave (1995) isto serviu para evidenciar que a linguagem radiofônica nunca consistiu num efeito linear de transmissão e decodificação de mensagens. Embora o ato de comunicar esteja contagiado de intenções ideológicas por quem produz e veicula a programação, por outro, cada ouvinte reage de uma forma espontânea a depender do seu nível de desenvolvimento mental e sociocultural. O efeito conotativo dos signos, plasmados através do áudio radiofônico, aumenta a sensibilidade simbólica e serve para ritualizar de forma particular cada nível de sua audiência.

Na dimensão radiofônica os ouvintes não são sujeitos passivos, nem reagem a um comportamento de forma unificada. Cada qual experimenta uma reação diferente, mas em linhas gerais tendem convergir para uma ação coletiva.

O rádio funciona dentro de uma perspectiva para dar vazão à sensibilidade humana. Isso porque em cada um de nós existe um ser imaginário em potencial. Imagens e arquétipos aproximam os humanos de suas origens. Quando são estimulados tendem nos transportar a uma esfera de tempo primordial, sustentando nossas virtudes, crenças e até mesmo os desejos de criação e apropriação do mundo em que vivemos.

4.1 A voz e a palavra: signos que pontuam o imaginário

> Forma sensível à percepção humana, o espírito, a voz, a palavra são signos talhados em hierofanias, manifestações do sagrado [...] [imprescindíveis para a representação simbólica das] sociedades tradicionais, cristãs e até mesmo para o homem dessacralizado, herdeiro do *homo religiosus* [...]. Grifos meus (NUNES, 1993, p. 64).

O humano, por natureza, sempre foi um ser auditivo e dotado da faculdade de comunicação oral, isso se traduz na ideia da mídia primária. Suas inferências no mundo dão conta de que essa experiência remota desde as faculdades anomatopaícas (imitação de sons) até o empreendimento de códigos, que permitiu uma comunicação verbal propriamente dita.

McLuhan (1964) relata a história de um nativo alfabetizado em sua incansável tarefa de ler cartas para os indivíduos da tribo. A leitura em voz alta lhe causava tanto incômodo ao ponto de tapar os ouvidos com os dedos, para não ouvir o som de sua própria voz e ter consciência das intimidades que essas cartas revelavam. A voz possui um sentido simbólico muito forte e às vezes até temido pelo próprio humano. Sobre a sua importância no processo da comunicação o autor adverte:

> A palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem pôde desvincular-se de seu ambiente para retomá-lo de novo modo. As palavras são uma espécie de recuperação da informação que pode abranger, a alta velocidade, a totalidade do ambiente e da experiência. As palavras são sistemas complexos de metáforas e símbolos que traduzem a experiência para os nossos sentidos manifestos ou exteriorizados. Elas constituem uma tecnologia da explicitação. Através da tradução da experiência sensória imediata em símbolos vocais, a totalidade do mundo pode ser evocada e recuperada, a qualquer momento (MCLUHAN, 1964, pp. 76-77).

Em referência aos registros dos antepassados, na Bíblia Sagrada, que é um dos escritos mais antigos e, inclusive, uma referência na cultura ocidental, o princípio da criação está marcado pela preocupação divina com o fator fonológico, conforme se lê no livro de Gêneses, 1:18: “E disse o Senhor Deus: não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele”.

A mulher criada por Deus passa a exercer um papel importante como companheira e interlocutora nas mediações humanas. Segundo a Bíblia bem antes de ela existir, Adão já havia sido dotado de fala e recebeu a incumbência divina não só em dar nomes a todos os seres vivos existentes no Éden, mas também chamá-los pelas suas respectivas identificações. Independente das intenções teológicas acerca das concepções de gênero, ilustradas pelo texto sagrado, fica patente que a necessidade da comunicação verbal está presente desde as nossas origens.

Em inúmeras passagens da Bíblia o uso da fala tem sido uma recorrência na comunicação entre Jeová e o homem. Em Gêneses, a “voz” temida de Deus que faz recomendações a Adão e Eva e depois profere a sentença, deliberando expulsá-los do paraíso; em Êxodo, Deus dita os dez mandamentos a Moisés no Monte Sinai; I Reis, Deus conversa com o profeta Elias no Monte Horeb; são alguns exemplos das narrativas divinas plasmadas sob a perspectiva da oralidade.

Isso remete a ideia de que a voz e a palavra são atributos simbólicos, que sensibilizam o ser imaginário e dão sentido a vida sociocultural. Seja nas escrituras cristãs ou

nas sociedades tradicionais, a fala se torna emblemática para o repasse do pensamento simbólico. Essa importância se verifica principalmente nas civilizações que ainda preserva suas origens arcaicas. Diferente das sociedades modernas, que sistematizaram seus conhecimentos através da escrita, a população tradicional pautou seu pensamento na tradição oral. Cuja transmissão é repassada no seio familiar e de geração a geração em forma de concepções simbólicas, mitológicas, que expressam o pensar sobre o universo e as relações humanas. Conforme nos relata Salif apud Hampaté Bâ (1982, p. 181):

> A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem, a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial na sua semente.

À luz dessa citação Hampaté Bâ (1982) contribui para refletirmos acerca das formas de oralidade na cultura africana e, por conseguinte, também nas comunidades tradicionais. Para ele, ao longo da história os pensadores das nações modernas começaram a subjugar os povos sem escrita como um povo sem cultura. Só há pouco tempo, os resultados de inúmeras pesquisas etnológicas jogaram por terra esses enganos, reconhecendo nos legados orais um valor que se constitui num patrimônio cultural de toda a humanidade.

Seja escrito ou verbal, o foco do conhecimento sempre vai remeter a um testemunho humano. Talvez por isso em sociedades tradicionais um homem vale pela sua palavra, por aquilo que profere e sustenta mediante as ideias verbais. Ademais, a escrita sempre prima por uma linguagem específica para um nicho de leitores. Antes de escrevê-la é preciso recorrer à memória, às experiências vividas e até estabelecer um diálogo consigo mesmo – o que também se aproxima da palavra oral.

Assim é possível compreender que as escrituras sagradas – mesmo consistindo num registro escrito e mediado pelo ser humano – é a "palavra de Deus" e todos os seus atos, relativos à criação, se deram pela Sua palavra e pelo verbo, conforme se verifica nos versos bíblicos: "faça-se a terra", "faça-se a luz", "no princípio era o verbo e o verbo era Deus".

Além das heranças judaico-cristãs outras culturas monoteístas, bem como a cultura tradicional também são firmadas nos sustentáculos verbais. Não que a voz seja de fato um atributo exotérico, mas ela encerra em si toda uma carga simbólica, conotativa, e está apta a retratar as inferências humanas, seja no âmbito real ou imaginário. Ela traz consigo as narrativas, que embora não se explique à luz da razão, mas ajuda-nos a refletir sobre nossas origens e as inferências no universo.

Segundo Hampaté Bâ (1982) a crença dos habitantes da savana ao sul do Saara, acerca da criação do universo e do homem, sempre está precedida pela "origem divina da palavra". O Ser Supremo *Maa Ngala* representa a própria força da sua palavra e ao sentir a falta de um interlocutor criou o primeiro homem (*Maa*). Sendo assim, *Maa* recebeu como presente divino o dom da "mente" e da "palavra". Ao ser detentor dessa faculdade se encarregou de transmitir suas experiências à toda a humanidade através de narrativas oralizadas.

Embora o Ser Supremo comunicasse verbalmente com o homem ao entrar no plano terrestre suas palavras perdiam a força divina, preservando apenas sua sacralidade:

> Assinalemos, entretanto, que, nesse nível, os termos 'falar' e 'escutar' referem-se às realidades muito mais amplas do que as que normalmente lhes atribuímos. [...] Do mesmo modo, sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 185).

A fala assume uma condição de energia em movimento e por isso não está associada apenas ao critério da comunicação, mas, sobretudo, ao seu poder de dar origem às novas formas de criação. Assim como a árvore cósmica, citada por Eliade (1996), foi concebida pela vida e durante sua existência se alimentou das trocas energéticas com a natureza, de força biológica, sua desenvoltura se constitui num ato de fala e ao mesmo tempo numa mensageira divina entre terra e céu.

A partir do momento em que seus galhos são cortados do tronco, para tornar-se um tambor *xamã,* sua materialidade passa a ser apenas resignificada na força da fala. Ao som do tambor parece ganhar vida própria, narrando sua história, seus ciclos vitais até chegar a tal estágio. Entretanto, também preserva em sua essência a condição espiritual ao servir de instrumento sagrado, imprescindível à produção de sentido ao *homo religiosus.*

Destarte, a natureza da voz e da palavra antecede o homem muito antes de esse vir ao mundo, mediante seu nascimento. Tanto que, desde o ventre materno o liquido amniótico possibilita a propagação de frequências propícias à sensibilidade, bem como da percepção auditiva, de vozes e sons que são emitidos ou captados pela gestante e repassados para o feto. Relatos de pesquisas publicadas em Veja[18] (2009, p. 3) revelam que mesmo antes de nascer a criança já consegue identificar a voz materna e até reage aos estímulos sonoros, principalmente, quando a gestante acaricia ou coloca um fone na barriga:

[18] VEJA. **Como a voz da mamãe.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/181109/como-a-voz-de-mamae-p-109.shtml>. Acesso em 10 set. 2010.

> ‘Os sons que os bebês escutam durante a gestação tendem a acalmá-los no futuro’, explica Adolfo Liao, professor de ginecologia e obstetrícia da Universidade de São Paulo. Muitas mães, buscando tranqüilizar o bebê, ouvem música clássica. Algumas chegam a colocar fones de ouvido na barriga para potencializar o efeito calmante da música. ‘Digo para meus pacientes que melhor do que ouvir música é conversar com o bebê, uma vez que a voz da mãe remete a sensações de conforto e proteção’ [...].

Interessante notar que mesmo não sendo capaz de utilizar a potencialidade da visão o feto já possui um sistema sensorial desenvolvido ao ponto de poder captar sensações e audições, que perpassam na esfera de um ambiente ainda desconhecido. Portanto, a gestante funciona como mediadora dessas experiências externas, que são repassadas pelas extensões neurológicas e captadas no âmbito uterino.

Nunes (1993, p. 22) ainda complementa: “Nascido em meio a sons, marcados por ele durante toda a vida embrionária, fetal e durante todo o seu desenvolvimento, o ser humano é por princípio um ser musical”.

Ao nascer, a capacidade sonoro-auditiva torna-se latente. Aos berros o recém-nascido toma consciência da ruptura umbilical e do novo mundo que o cerca. Talvez esse grito/choro seja um indicativo da nova vida que se apresenta, acalentada pela recepção de um universo sonoro (BAITELLO, 1998). O barulho do ambiente, as conversas das pessoas à sua volta, a voz da mãe, e, por conseguinte do seio familiar, tornam-se uma condição particular, uma iniciação à criança para que aprenda a lidar com as futuras experiências de vida.

Sendo assim as trocas gasosas não só permitem a manutenção biológica e o desenvolvimento rítmico do corpo, mas também se constitui na atmosfera (o ar, éter) que vai forjar as condições necessárias para a propagação da sensibilidade da comunicação audiofônica. Mesmo sem ter noção do sentido das palavras Nunes (1993) reitera que bem antes de falar a criança é falada, recebe um nome com o qual se identifica e passa a se interessar com a sonoridade que perpassa à sua volta, além de se utilizar do choro, do grito e dos sons para chamar a atenção e emitir sinais comunicativos.

Silva Neto (2005), por sua vez adensa na compreensão de que, já na idade escolar, bem antes de ter acesso ao saber formal, a criança já é detentora de uma vasta experiência de mundo que é apropriada pelos meios de comunicação, inclusive o rádio. Sem ainda saber ler e escrever ela já cantarola as canções e reproduz facilmente uma série de propagandas e comportamentos que observa na mídia eletroeletrônica.

Essas faculdades fonológicas do universo infantil também são interpretadas como a “voz lúdica” seja em Zumthor *apud* Nunes (1993), bem como na obra *“Homo Ludens”* de

Huizinga (2008). Esses autores pontuam que em algumas culturas o jogo infantil é precedido pelo uso da voz, ritmos e cantos. Huizinga (2008) ainda menciona essa importância nas manifestações infantis, como a criança ainda não sabe falar ela grita para manifestar o prazer.

Ideia semelhante também é compartilhada por Vygotsky *apud* Oliveira (2002) e Ferreiro (1992), que sobre isso ressaltam a importância das brincadeiras não só para o desenvolvimento sensório-motor infantil, mas, sobretudo, de suas faculdades sensitivas. Consideram que as cantigas de rodas e as atividades musicais são detentoras de potencialidade simbólica, imaginária. Isto é, mediadores das experiências com o mundo. Possibilitando assim o desenvolvimento de um indivíduo capaz de estimular suas capacidades simbólico/criativas, para tornar-se um humano realizado em sua plenitude.

A delimitação deste objeto de estudo não requer o aprofundamento das interpretações acerca dos efeitos audiofônicos no desenvolvimento mental infantil. Todavia, a construção deste texto, permite evidenciar que a "sonoridade" ocupa um lugar preeminente na vida humana desde o nascimento até sua morte. É nessa compreensão que se adentra nos efeitos da propriedade sonora presente na faculdade da voz e palavra. Ela é detentora de uma materialidade, que se plasma nas vozes/sons que são veiculadas na sintonia radiofônica.

Naturalmente o rádio sempre remete à esfera audiofônica. Talvez seja por isso conceber nele a não veiculação da *imago*. Joly (1996) já nos alertava sobre esse fato e se preocupa em demonstrar que as vozes do rádio são povoadas de imagens sonoras, urdidas em meio ao som e as palavras. Paz (1992, p. 119) ainda acrescenta que: "[...] designamos com a palavra imagem toda a forma verbal [...]".

Efetivamente, essa forma verbal/sonora digna de "visualidade" foi tão cara ao cinema quanto ao rádio. Tanto que, quando assistimos a um filme sem áudio uma série de inquietações tornam-se constantes. Passamos a percebê-lo, meramente, como uma sequência de imagens sem nexo, pois ainda lhe falta o elo sonoro.

Esse problema ficou evidente desde o surgimento do cinema mudo. O uso de intertítulo foi introduzido com o objetivo de complementar a informação verbo/sonora que faltava. Não que o cinema mudo seja desprovido de riquezas visuais. Na compreensão de McLuhan (1964), o cinema mudo pode ser um meio tão "quente" quanto o cinema moderno. Entretanto a inserção da voz e dos sons tornou-se um elemento não só indispensável no contexto cinematográfico, mas elucidativo, enquanto componente da imagem:

> O cinema mudo efetuava uma repartição da imagem visual e da palavra legível. Mas quando a palavra se faz ouvir, dir-se-ia que ela faz ver algo novo, que a imagem visível, desnaturalizada, começa a se tornar também

> legível, *enquanto* visível ou visual. Esta, assim adquire valores problemáticos ou uma certa equivocidade que não tinha no cinema mudo. O ato da fala faz ver, a interação, pode sempre ser mal decifrado, mal lido, mal visto: daí toda uma ascensão da mentira, do engano, que se dá na imagem visual. (DELEUZE, 2005, p. 272).

É sobre essa visibilidade da voz/palavra, que se fundem os preceitos da imagem. Em proporcionar uma série de inferências, que nem mesmo as imagens visuais conseguem suplantar efetivamente. Não se tem dúvidas que a voz humana é marcada de mistérios. É através dessas vozes e palavras que o ser humano se transporta para um mundo invisível, construindo suas inferências e se aproximando da dimensão cósmica, onde somente as ondas do rádio são capazes de penetrar.

4.2 Os efeitos da psique no meio técnico radiofônico

Frequentemente, quando se aciona um aparelho de rádio, televisão ou até mesmo um computador conectado à internet, é possível ter à disposição uma infinidade de imagens das mais diversas possíveis. Esses subsídios conectam o homem com o mundo exterior. A partir deles torna-se possível confrontar opiniões e até interagir com maior número de sujeitos de outros espaços, que participam desse processo de comunicação de massa.

Em nossos dias as informações e manifestações culturais têm se tornado cada vez mais globalizadas. Já não é necessário viajar a Paris para contemplar a Torre Eiffel, nem mesmo à Antártida para apreciar as formas de vida nas paisagens geladas. Tudo isso pode ser perceptível através da mobilidade da informação possibilitada pelos meios eletroeletrônicos.

É nessa perspectiva, que o termo “comunicação de massa” tem sido utilizado nos últimos tempos para designar essa nova forma de contrair o mundo e reproduzi-lo em série, para torná-lo disponível a outros públicos mais abrangentes. No entanto, na opinião de Thompson (1998), a terminologia meios de “comunicação de massa” não expressa o verdadeiro sentido que ostenta e, portanto, precisa ser substituída pela expressão “meios técnicos” para ser, de fato, interpretada como tal.

Sobre a natureza da “comunicação” o autor argumenta que ela tem como princípio a necessidade de um processo dialógico de interlocução. Isso nem sempre se percebe nas comunicações midiatizadas, cujas mensagens são produzidas dentro de um contexto ideológico e cultural bastante distinto da interação de seus receptores: “Por isso os receptores das mensagens da mídia não são parceiros de um processo de intercâmbio comunicativo

recíproco, mas participantes de um processo estruturado de transmissão simbólica" (THOMPSON, 1998, p. 31).

O conceito de "massa" também aponta divergência e, segundo o teórico, tende evidenciar que seu uso é meramente enganoso e especulativo. Por muito tempo acreditou-se que eram os meios quem determinavam a audiência, sem se dar conta que a definição de quantidade é relativamente obscura em relação a quem recebe os produtos da mídia; mas em princípio na condição de que esses produtos estão disponíveis para uma grande quantidade de receptores, que por sua própria vontade escolhem o que lhes convêm acessar.

> Há outro aspecto em que o termo 'massa' pode enganar. Ele sugere que os destinatários dos produtos da mídia se compõem de um vasto mar de passivos [...]. Esta é uma imagem associada a algumas das primeiras críticas à 'cultura de massa' e à 'sociedade de massa', críticas que geralmente pressupunham que o desenvolvimento da comunicação de massa tinha um impacto negativo na vida social moderna, criando um tipo de cultura homogênea e branda, que diverte sem desafiar, que prende a atenção sem ocupar as faculdades críticas, que proporciona gratificação imediata sem questionar os fundamentos dessa gratificação. [...] Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico [...]. Suposições deste tipo têm muito pouco a ver com o verdadeiro caráter das atividades de recepção e com as maneiras complexas pelas quais os produtos da mídia são recebidos pelos indivíduos, interpretados por eles e incorporados em suas vidas (THOMPSON, 1998, pp. 30-31).

Essas pontuações são oportunas também para se compreender que o rádio se constitui num meio físico, pelo qual o fluxo de linguagens audiofônicas chega à sua audiência. Sendo assim, o receptor de rádio não encerra uma finalidade em si: ele é um "mediador eletroeletrônico" entre o homem e mundo – essas ideias são concebidas a partir das teorias de McLuhan (1964). No exercício das necessidades de apropriação do mundo, o ser humano se depara com inúmeros problemas que tendem limitá-lo fisicamente. Entretanto essa limitação não é pragmática, pois se constitui em novas investidas que lhe possibilita construir objetos e artefatos para superá-la. Foi assim desde o uso do fogo para construir formas de comunicação e continua ainda hoje através da expansão eletroeletrônica, que permite ao homem desfrutar de um estado de mobilidade. Esses aparatos não tendem superar o homem, mas ampliá-lo para além da sua limitação física.

Jung (2008) também reforça essa tese e argumenta que os sentidos limitam a percepção do homem sobre o mundo – somente compensado pela mediação dos instrumentos científico-tecnológicos. Ao passo que, em um dado momento, mesmo se utilizando desses recursos, seu estado de consciência não consegue suprir plenamente todas as evidências:

> Além disso, há aspectos inconscientes na nossa percepção da realidade. O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando os nossos sentidos reagem a fenômenos reais e a sensações visuais e auditivas, tudo isso, de certo modo, é transporto da esfera da realidade para a mente. Dentro da mente esses fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza radical nos é desconhecida (pois a psique não pode conhecer sua própria substância). Assim, toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, sem considerar o fato de que toda realidade concreta sempre tem alguns aspectos que ignoramos, uma vez que não conhecemos a natureza radical da matéria em si (JUNG, 2008, pp. 21-22).

Conforme já mencionado em tópicos anteriores, dentre uma variedade de meios de comunicação, o rádio sempre exerceu um maior relevo. Não que ele seja tecnologicamente mais atrativo que os demais, mas pela sua condição de centrar-se apenas na esfera auditiva, consegue remeter o ser humano a um estado mental, tipicamente propício ao desenvolvimento de outras sensibilidades simbólicas que habitam no subconsciente.

A propósito, Bacherlad (1985) sempre referenciava que o rádio nos remete não, precisamente, a uma necessidade de informação e comunicação, mas a um "problema cósmico". Um problema que exige além dos esforços técnicos do "engenheiro da antena", também o suporte de um "engenheiro psíquico". Compreender as imagens do rádio implica ir além da sua natureza tecnológica, significa compreender o próprio homem nas suas angústias, na sua cultura e sensibilidade mental. Para o teórico, a radiodifusão estabelece um paradoxo onde se devem mesclar os temas reais e as fantasias. Num mundo latente ao racional o homem tende buscar um equilíbrio na esfera subjetiva. Assim Bachelard (1985, p. 177) conclui:

> Ele o encontrará no fundo de seu inconsciente. É necessário, consequentemente, que o rádio ache o meio de fazer com que se comuniquem os 'inconscientes'. Por meio deles é que irá encontrar uma certa universalidade, e eis que isso se torna um paradoxo: o inconsciente é algo que conhecemos mal.

A partir da Psicológica, a teoria freudiana se ocupou em desvendar os efeitos do inconsciente no comportamento humano. Eliade (1996) assegura que, embora a Psicanálise tenha contribuído de forma significativa para inserir as manifestações mentais no *status* das faculdades humanas, as manifestações do inconsciente foram comprometidas. Sobretudo no que se referem às limitações dos seus significados coletivos, na sua redução em imagens pré-estabelecidas e individuais – diagnosticadas como neuroses e destinadas ao tratamento clínico. Todavia, essas imagens não devem ser solucionadas pelo crivo das sublimações e recalques, pois recorrem a outros significados para elucidar a psique com profundidade.

Sendo assim Durand (1997) cita a contribuição de Carl Jung em seu estudo sistematizado na esfera do pensamento simbólico e nas ações que permanecem refratárias no subconsciente humano. Através desses estudos foi possível notar que o ser humano sempre se utilizou de símbolos para se comunicar. E o inconsciente é formado por um acervo de linguagens simbólicas, que se manifestam na psique de uma forma involuntária, para dar visibilidade a determinados níveis de consciência, seja de cunho individual ou coletivo.

Para Jung (2008), todo ser humano vive num estado transitório atemporal. Isso decorre pela estimulação dos arquétipos: "[...] formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano" (JUNG, 2008, p. 82).

Os arquétipos remetem o homem a um estágio de tempo primordial e o transporta a um contexto que demarca o princípio da sua formação psíquica. Através das recorrências ao inconsciente torna-se possível retornar às nossas origens e despertar as heranças simbólicas que existem em cada um de nós. Por conseguinte, essa recorrência tem a importância de dialogar com a sociedade moderna e minimizar as tensões provocadas pela falta do elemento simbólico em nossas inter-relações com o mundo.

A propósito, a escuta radiofônica vem a calhar nessa prerrogativa de representação arquetípica no mundo moderno. De acordo com Bachelard (1985) a manifestação do simbólico se apresenta em ambientes marcados pela referência da psique. São espaços dotados de uma relação de sentido na mentalidade humana, pelas referências sígnicas, como um lugar propício ao estímulo do inconsciente:

> Pode-se convidá-lo a sonhar com um domicílio, com o interior de uma casa. Pode-se chamá-lo para suas recordações da infância. Mas não se trata de uma regressão, de retornar a felicidades esquecidas e sepultadas. Trata-se de mostrar, pouco a pouco, ao ouvinte, a essência do devaneio interior. Eis porque o tema da casa, que é o lugar da intimidade, convém perfeitamente. (BACHELARD, 1985, p. 178)

A casa se constitui num arquétipo que recepciona as imagens do mundo. É no interior de sua casa, um lugar de intimidade, que o ouvinte senta-se ao lado do rádio e busca uma sintonia entre o seu interior/exterior. A casa é seu lugar de descanso, planos e sonhos... É nela que se estabelecem os paradoxos entre as angústias e emoções, onde se evoca o sagrado e, como afirma Eliade (1996), aponta o "centro do mundo". É nessa casa, distante de todas as badalações, que o ouvinte viaja num universo completamente desconhecido: o interior de si mesmo e de um espaço misterioso a ser desvendado.

No seu livro “As estruturas antropológicas do imaginário” Durand (1997) postula sua tese afirmando que a manifestação dos arquétipos obedece aos ciclos de renovação periódica, que se apresentam sejam nas mudanças de estações do ano, sejam na transição entre dia e noite (claro x escuro) e nas representações sagradas e profanas presentes no cotidiano. Por sua vez Harry Pross *apud* Nunes (1993, p. 29), adensa nessa relação entre o tempo e espaço como marcadores simbólicos dos meios técnicos de informação, configurados a partir dos ritos do calendário: “O calendário, considerado como organizador do tempo, das atividades cotidianas e da vida pública, é um objeto social, mesmo que religioso, quando ligado às crenças”.

Seguir o tempo cronológico implica no desdobramento dos nossos ciclos vitais como o nascimento, a infância, adolescência, fase adulta, maturidade, o envelhecimento. A depender de cada sociedade, o homem procura se apossar de vários mecanismos para atingir esse tempo. No centro de uma tribo a busca é pelas referências da cultura tradicional; já na sociedade moderna os meios eletroeletrônicos da informação se ocupam de uma parcela significativa e simbólica da vida humana. Através deles torna-se possível atingir dimensões imaginárias e até retornar às origens primitivas (ELIADE, 1996).

A oposição entre claro x escuro protagoniza o fluxo das imagens mentais proporcionada pela mídia. Segundo Nunes (1993), o rádio se ocupa do período diurno e a televisão do noturno. Entretanto, não há uma determinação contínua para a predominância de um meio sobre o outro. Isso, geralmente, é definido pela característica da forma de transmissão, além da disponibilidade de tempo e das necessidades culturais e emocionais do público receptor.

No espectro da Amplitude Modulada (AM) e OC o período da noite traz consigo a sensibilidade da propagação eletromagnética – por isso é possível captar emissoras distantes com maior facilidade. Um espaço de tempo também propício para experimentar a captura de novas rádios e de novos países. Efetivamente, é no período noturno que a sensibilidade da psique humana está mais vulnerável aos efeitos do inconsciente.

Não é por acaso que as emissões radiofônicas internacionais para o Brasil se ancoram no primeiro período da noite e no amanhecer. Há o fator do gênero a ser considerado, visto que durante o dia os homens – principal público radiofônico – se ocupam do mundo do trabalho e à noite retornam às suas casas em busca de repouso. É nessa dimensão de espaço e tempo que a sensibilidade psíquica se concentra. Durante a noite não apenas ocorrem as melhores captações radiofônicas, mas também as sensibilidades do imaginário que reaparecem para suscitar sonhos e reflexões acerca do cotidiano.

Figura 4: "Mundo dito", pintura de Gracinda Marques – QSL da RDPI
Fonte: Acervo do pesquisador

"Marcado pela voz materna e pelo prazer da audição, aprisionado na cultura que o convida insistentemente a participar em busca da presentidade mítica e imaginária, o ouvinte ritualiza sua atitude em torno do rádio-tambor: escuta ad infinitum".

Nunes (1993, p. 141)

CAPÍTULO II

5 O CENÁRIO POLÍTICO E AUDIOFÔNICO DAS RÁDIOS INTERNACIONAIS

Ao longo da história da humanidade a concepção do mundo começa a se expandir mediante o desenvolvimento de novos meios que comportavam o registro de experiências e sua difusão para uma maior quantidade de pessoas. Efetivamente, entre fim do século XIX e início do século XX, a imprensa demandava o fluxo cultural impulsionada pela fotografia e pelo telégrafo, que permitiam gerar informações com mais autenticidade e rapidez. Contudo ainda consistia num instrumento incipiente face às complexidades do mundo moderno. Inserida numa sociedade marcada por altos índices de analfabetismo, sua funcionalidade exigia a superação de distâncias geográficas e o domínio das convenções culturais. Mesmo contando com o auxílio de outras mídias, não conseguia suprir amplamente a necessidade de informações pontuais.

Em meio à crise na comunicação gráfica surgem os primeiros experimentos na mídia eletroeletrônica propulsora da radiodifusão. Sempre é bom lembrar que o rádio não consistiu numa descoberta espontânea. Tampouco é fruto do trabalho de apenas um sujeito, mas de tantos outros que ao longo do século XIX já acumulavam experiências científicas e eletroeletrônicas necessárias ao aperfeiçoamento das condições de transmissão e recepção, capazes de impulsionar o uso prático, bem como a massificação radiofônica na sociedade.

A partir das experiências dos radioamadores em 1921 tornou-se possível as trocas de mensagens transatlânticas, surgindo assim uma nova faixa de transmissão que passa a ser utilizada amplamente pela radiodifusão convencional. Com isso, o rádio passa a se valer de uma interface de transmissão conhecida como Ondas Curtas[19] (OC) – *Short Wave* (SW) em inglês. Através dessa plataforma um sinal projetado na ionosfera fazia o caminho de volta à terra e da terra à ionosfera, num efeito ping-pong. Destarte, essas transmissões conseguiam atingir grandes distâncias, em muitas das vezes até percorrer os 360º do globo terrestre. Portanto, a OC se transformando num fenômeno tecnológico importantíssimo para potencializar a necessidade de comunicação naquela época e ainda hoje mantém um formato que a particulariza entre as demais mídias:

---

[19] As Ondas Curtas referem-se à parte do espectro eletromagnético que corresponde às frequências compreendidas entre 3 e 30 MHz. Sua principal característica é a propagação a longas distâncias, tornando possíveis comunicações tais como emissões radiofônicas internacionais, radioamadorismo e coordenação de viagens a longa distância por estações móveis marítimas.
Cf. PY2GEA. **Ondas Curtas.** Disponível em: <http://www.py2gea.com.br/diversos/curiosidadegea/ontas_curtas.html>. Acesso em 10 de maio 2011.

> As Ondas Curtas não podem ser controladas, não respeitam barreiras de qualquer tipo, nem fronteiras nacionais ou ideológicas, são democráticas, podem ser sintonizadas através de aparelhos simples e portáteis e não podem ser censuradas; não é possível rastrear quem sintoniza o rádio ao contrário de quem acessa a Internet (CAMPOS, p. 2)[20].

Nessa conjuntura, desde o início do século passado, a OC começa a desenhar a intenção político-militar de várias nações. Antes de ser absorvida pela população a OC foi utilizada após a I Guerra Mundial visando otimizar os esforços militares em código Morse entre as nações protagonistas desse conflito. A Enciclopédia Mirador Internacional (1990, p. 9582) relata que as experiências no uso tecnológico das Ondas Curtas passa a dar visibilidade a uma "prática internacional", que se inicia em 1915 nos comunicados de guerra veiculados nas emissões radiotelegráficas pela Alemanha; e em 1918 quando "[...] os sovietes usavam o rádio para pressionar os alemães durante as negociações do tratado de paz de Brest-Litovsk".

Durante o pós-guerra e início da II Guerra Mundial houve um maior campo de propagação radiofônica. Naquele momento o rádio já incorporava um dispositivo criado por Reginald A. Fessend, que além da decodificação de sinais sonoros também permitiu a inserção sons do ambiente e da voz humana. Muito embora esse recurso veio ganhar força mais tarde, inclusive impulsionando o interesse pelo rádio e resultando na sua massificação em várias instâncias da sociedade mundial (DE FLEUR, 1976).

O dexista Sarmento Campos[21] informa que essas transmissões via OC, codificadas em telegrafia, serviam de interesse apenas no âmbito militar. No entanto, na Rússia Vladimir Lenin vinha idealizando a importância da radiodifusão internacional[22] sob a função de difundir ideias revolucionárias. Para Lenin o rádio permitia a veiculação de propaganda política capaz de persuadir também a população iletrada, inclusive fora da área de abrangência russa. Por conseguinte, sugeriu ao seu sucessor Joseph Stalin a investir nas pesquisas sobre o rádio.

Então começa a ganhar ênfase a prática da radiopropaganda ou da "guerra psicológica". Isto é, o uso da oralidade, palavra persuasiva para abalar a moral do inimigo, enganá-lo ou até mesmo evitar conflitos. Essa, inclusive, foi uma estratégia muito utilizada durante a expansão nazista:

---

[20] CAMPOS, Sarmento. **Breve histórico do rádio de Ondas Curtas.** In: Radioescuta DX. Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/Radio_Central_de_Moscou.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

[21] Id. **As origens da Rádio Difusão internacional.** In: Radioescuta DX. Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/Guerra_Fria.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

[22] "Serviços internacionais" é a designação das transmissões radiofônicas de um país para outro país; inversamente, os "Serviços domésticos" se limitam à área de abrangência interna.

> Quando Adolf Hitler se tornou Chanceler do Governo Nacional Socialista da Alemanha, ele abraçou o uso da rádio difusão como o instrumento chefe de propaganda política e reorganizou a estrutura de emissões até então domésticas para incluir emissões internacionais. Nos fins de 1935, a Alemanha havia transmitido programas regulares para a Ásia, África, América do Sul e América do Norte, em alemão, inglês, espanhol, português e holandês (CAMPOS, p. 2)[23].

Entretanto, a primeira transmissão internacional em OC ocorreu na noite de ano novo de 1923 pela estação americana KDKA com uma programação festiva destinada ao Reino Unido. Em 1929 os Países Baixos, Londres, França e Bélgica inauguram emissões internacionais para suas colônias; enquanto em 1932 a Suíça e Tchecoslováquia também começam a irradiar para a diáspora (ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1990). Tendo a política e cultura como imagens latentes esses serviços de rádios ganharam amplitude além da projeção colonial. Passaram a se transformar em armas dotadas de grande poder em influenciar a audiência de outros países.

Segundo a Enciclopédia Mirador Internacional (1990) a expansão dos "serviços internacionais", em suas emissões para o exterior marcaram a quarta fase de interesse no rádio, ampliando as emissões via OC de vários países, dirigidas aos cidadãos de outros países, em dezenas de línguas e milhares de horas diárias na extensão mundial.

Com esse objetivo em 1930 foi criada a estação soviética "Rádio Central de Moscou" – emitindo em cinquenta idiomas, incluindo o português para o Brasil. Já no percurso da II Guerra Mundial os EUA entram definitivamente no espectro radiofônico, inaugurando assim a *Radio Voice of America* (VOA) – "Voz da América" – mantida pelo governo. A Voz da América surgiu durante os anos 40 transmitindo em vários idiomas, em seguida ampliando sua programação em língua portuguesa para o nosso país.

A princípio sua preocupação era veicular a opinião oficial dos EUA visando coibir as propagandas psicológicas da Alemanha e do Japão. Em 1947 a Voz da América inaugura suas transmissões para a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Essa iniciativa decorreu face às tensões militares entre ambos os países. Marcando um campo de batalha decisivo do desfecho da chamada "Guerra Fria", que não se constituiu necessariamente num confronto bélico, mas em preceitos econômicos, políticos, militares, tecnológicos e ideológicos, que se propagavam sutilmente através das ondas do rádio.

Evidentemente, as experiências da II Guerra deixaram o mundo desolado. As nações inteiramente destruídas, a economia em falência, alto número de mortos, o exército ocupando

[23] Op. Cit.

os centros urbanos, assim como as ameaças de um possível conflito nuclear tornava-se iminente. Surgia urgentemente, a necessidade de construção de uma cultura de paz e resgate dos valores humanos, antes que o mundo entrasse em novo colapso. Nesse campo político-ideológico tanto as nações alinhadas aos interesses das superpotências mundiais quanto as não alinhadas passaram a investir nos serviços internacionais, seja para defender seus pontos de vistas políticos ou alertar a população sobre o futuro do mundo e da humanidade.

A partir dessa investida, emissoras de outros países passam a transmitir para o exterior. Além dos subsídios públicos e governamentais que financiavam a radiodifusão internacional elas também passam a ser fomentadas pelas instituições políticas, humanitárias e religiosas. Tendo o rádio como âncora surge então outros projetos complementares, em paralelo às emissões via OC, como é o exemplo dos Serviços de Transcrição[24], destinados a fornecer em formato de áudio programas gravados com documentários, músicas e novelas radiofônicas para serem retransmitidas pelas emissoras locais de vários países, incluindo as rádios brasileiras (SILVA NETO, 2005).

Nessa conjuntura, além da veiculação ideológica, os serviços para o exterior adquirem outra configuração. Suas imagens deixam de ser necessariamente doutrinárias para assumir um novo desenho cultural, tendo o homem, suas crenças, criações e necessidades como motes das pautas radiofônicas. Baseada em informações, opinião e entretenimento a partir do rádio era possível saber o que se passava em vários pontos do planeta.

Segundo pesquisas desenvolvidas por Silva Neto (2005), as emissões das rádios estrangeiras em português para o Brasil chegam num momento oportuno marcado pelo movimento cultural modernista e o advento do Estado Novo. O interesse pela difusão cultural, o uso do rádio para fins educacionais e ganho político no governo Vargas, entre a década de 30 e 40, preparou o campo da audiência também para a recepção de países que passavam a transmitir para o Brasil via OC, apontando novos desdobramentos.

Caparelli (1980) comenta que entre 1948 já existia cerca de três milhões de aparelhos de rádio em funcionamento no Brasil. Porém, no período militar as emissoras brasileiras foram seriamente afetadas pela censura. Mesmo sendo concebida pela conotação de espionagem e violação da soberania nacional, a sintonia estrangeira passou a exercer um vínculo importante na apropriação cultural e nas imagens do mundo concebidas pela

[24] Serviços de Transcrição são produções em áudio que consiste na adaptação de um material produzido por uma determinada emissora, que precisa ser traduzido e adequado para outro idioma visando se adaptar as necessidades culturais do público receptor.

população brasileira. Em muitas das vezes se configurando como uma fonte alternativa para acessar as informações censuradas e saber o que acontecia em nosso próprio país.

Marcada por uma diversidade de nações, culturas e opiniões não se pode imaginar a repercussão que a sintonia da OC favoreceu à sua audiência. Girando sob um campo cultural político-ideológico os serviços internacionais traziam o mundo aos lares de milhares de ouvintes. Até mesmo em lugares isolados e distantes das metrópoles, o rádio conseguia agregar esses sujeitos aos preceitos da informação, do entretenimento e da ampliação cultural.

6 A FUNÇÃO IDEOLÓGICA E ESTRUTURAL DA SINTONIA INTERNACIONAL

Com o advento da Guerra Fria os serviços radiofônicos para o exterior cumpriram um papel importantíssimo na propagação de notícias, opiniões, ideologias e entretenimento. Nesse período a cultura como produto artístico, espiritual e de valorização do ser humano – especialmente pelas nações que se declaravam neutras no conflito –, também começa a ganhar maior visibilidade na sintonia internacional.

No entanto, não há como negar que as investidas na ampliação radiofônica sempre estiveram associadas a uma guerra sutil, ideológica. Dividido em dois blocos, o mundo caminhava numa direção bipolar marcado pelo bloqueio econômico e político-cultural imposto pelo Ocidente ao bloco soviético e o isolamento de várias nações sob o regime socialista. Isso desencadeava uma crescente ampliação do arsenal bélico, incluindo o desenvolvimento das armas nucleares.

Embora a Guerra Fria tenha uma trajetória marcada por tensões e distensões sua propaganda sempre prevalecia para divulgar os avanços científicos e tecnológicos. Também assumia relevo os indicadores socioculturais, visando ampliar a hegemonia de seus protagonistas e convencer a opinião pública quanto ao melhor modelo político a ser seguido. Daí a importância da comunicação nesse processo. No âmbito simbólico, o campo de batalha se convergia para as emissões via OC, até porque a inserção de outros meios tecnológicos ainda era incipiente para atender a demanda de informações mundiais.

Na sua condição o rádio era efetivamente viável política, cultural e economicamente para atingir grandes áreas geográficas e pessoas – inclusive aquelas que se encontravam na condição de exiladas –, apenas munidas de um receptor. Face à dificuldade na panfletagem gráfica e até no uso dos recursos audiovisuais, como o cinema e a televisão, para viabilizar a divulgação de informações, apenas as ondas radiofônicas podiam ter maior êxito em

ultrapassar os controles militares e fazer chegar sua mensagem. Praticamente sem nenhuma intromissão das forças repressivas.

Uma teoria já pensada por Bertolt Brecht, que havia alertado sobre a potencialidade da linguagem radiofônica desde 1928, quando chegou a Berlim. Segundo Frederico (2007), a utilização do cinema e teatro apresentava deficiências típicas de penetração em todas as camadas da sociedade comunista. O uso do rádio surge com Brecht para sanar tal dificuldade, dar vazão à dramaturgia do cotidiano e a interação entre governantes e governados – esta última ideia passou a ser desconsiderada pelos mantenedores das estações.

Nesse primeiro momento de ampla cobertura da radiodifusão global nem sempre era possível estabelecer uma estimativa específica da sua audiência. Ainda havia um controle severo nas regiões das fronteiras o que dificultava as trocas de correspondências entre ouvintes e emissoras. Todavia, em épocas anteriores algumas emissoras já possuíam experiências concretas nessa área e conseguiam otimizá-las durante a nova fase de emissão. Segundo Campos[25], entre a década de 30, em sua ampla cobertura da guerra civil espanhola, a Rádio Moscou chegou a receber cerca de 600 cartas diárias. Durante o nazismo suas informações se espalhavam nas salas de reuniões entre os ouvintes, assim como nas agências de notícias, que se encarregavam de retransmiti-las nas rádios e nos jornais.

Essas atitudes acorriam na clandestinidade, pois não havia legítima aprovação das autoridades locais, tampouco respaldo jurídico que regulamentava esse tipo de audiência. Contudo já havia uma preocupação das instituições humanitárias, entre elas a Organizações das Nações Unidas (ONU) que em 1948 criou a Declaração Universal dos Direitos Humanos regulamentando a legitimidade do direito à informação, facultando a livre escuta dos serviços internacionais (ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1990). Essa abertura fez surgir dois personagens clássicos da audiência internacional: o **“radioescuta”** e **“dexista”**.

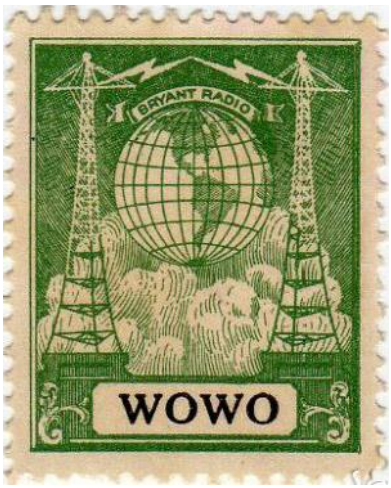
Em sua pesquisa sobre a sintonia das emissoras estrangeiras no Brasil, Silva Neto (2005) se refere ao “radioescuta” como um ouvinte que tem como hobby sintonizar emissões radiofônicas com relativa assiduidade, participa da programação, troca correspondências e materiais com elas; já o “dexista” é de fato um radioescuta, porém possui uma motivação em particular que é a sintonia de emissoras desconhecidas visando trocar correspondências com elas para obter a verificação escrita dessa sintonia. Portanto se o radioescuta é aquele ouvinte que se interessa em ouvir rádio e prestigiar uma determinada programação, o dexista não possui uma sintonia cativa, mas está sempre interessado por algo novo, desconhecido.

---

[25] Op. Cit. Radio Central de Moscou: ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. **Radioescuta DX.** Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/Radio_Central_de_Moscou.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

De acordo com a Radio Nederland Wereldomroep (2001, p. 2)[26]: Dexista é o praticante do "Dexismo", derivado do termo técnico "DX", tendo "[...] D (por distância) e X (por incógnita) [...]". Por sua vez a Radio Exterior de España[27] conceitua o Dexismo como uma atividade que: "[...] Consiste na exploração das ondas eletromagnéticas portadoras de alguma mensagem, palavra, música ou sinais telegráficos procedentes de qualquer 'distância desconhecida', denominada DX [...]".

A presença desses ouvintes além de potencializar a amplitude radiofônica internacional também favoreceu a circulação de imagens gráficas produzidas no âmbito da radiodifusão. Esse material visava premiar o contato de sua audiência e divulgar pontos de vistas ideológicos e culturais dos respectivos países de emissão. Tem-se um primeiro momento os "selos de confirmação de recepção" e em um segundo sua substituição através da utilização do "cartão QSL".



Figuras 5, 6 e 7: Selos de confirmação de recepção produzidos pela Ekko Company
Fonte: RADIOWEST. **Radio Tribute.** Disponível em: <http://www.radiowest.ca/ekko/nopics.html>. Acesso em 10 de maio 2011.

Os "selos de confirmação de recepção" (figuras 5, 6 e 7) surgiram em 1924 e logo se transformaram no principal interesse dos ouvintes. A ideia partiu da companhia americana Ekko. Visando lucrar com os serviços domésticos de rádio dos EUA, Cuba, Canadá e México a Ekko lançou um álbum para coleção de selos postais com a identificação de emissoras desses respectivos países. Grossmann (2007, pp. 76-77) ainda complementa:

[26] Cf. RADIO NEDERLAND WERELDOMROEP (2001, P. 2): "[…] D (por distancia) y X (por incógnita) […]" (texto original em espanhol).
[27] Cf. RADIO EXTERIOR DE ESPAÑA. **Dxismo.** REE. Disponível em <http//: www.rtve.es/rne/ree/dxismo.htm>. Acesso em 11 de nov. 2003.

> Este álbum tinha a capa feita com duas cores, tinha 96 páginas e custava $1.75. Também tinha uma lista de códigos das emissoras de rádio, seu comprimento de ondas e um mapa mostrando a localização destas estações. O álbum vinha com cartões que comprovavam a recepção, que deveriam ser preenchidos e enviados para as emissoras. No álbum cabiam 650 selos, ordenados em ordem alfabética por estado e nome da estação. Estes selos seriam feitos pela Casa da Moeda americana (American Bank Note Company), sob encomenda da EKKO, e seriam vendidos para as estações de rádio, para serem enviados aos ouvintes que provassem que sintonizaram a rádio, descrevendo a programação e citando a hora que sintonizaram o programa.

A ideia dos selos de verificação teve vida curta, atingindo seu auge até a década de 30. Da mesma forma não teve uma amplitude de uso pelos serviços internacionais. Tudo indica que sua funcionalidade se aplicou apenas à audiência das emissoras da América Central e do Norte. Bem diferente do "QSL" que tem sido mundialmente utilizado até os dias de hoje.

Para o dexista Adalberto de Azevedo (2004, p. 9)[28] "[...] QSL, faz parte do Código Fonético Internacional, que foi aprovado [...] em Genebra a 21 de dezembro de 1959". QSL, portanto, é a combinação de três letras iniciada pelo "Q" – utilizado na comunicação telegráfica –, significa "acuso de recebimento" e pode assumir as condições interrogativas ou afirmativas. Não se sabe quando o QSL começou a ser empregado graficamente nas comunicações radiofônicas. Entretanto, trata-se de uma imagem gráfica que é produzida por uma determinada emissora para confirmar as informações de sintonia dos ouvintes e ao mesmo tempo empreender a propaganda cultural e ideológica da emissora ou do país.

Sendo uma imagem que surge a partir do rádio e se ancora nas pautas de sua programação, o conceito do QSL nesse estudo assume sua caracterização como material "radiográfico". "Gráfico" porque é produzido a partir das teorias gráficas; o radical "radio" vem de suas origens no próprio rádio e porque atende a uma especificidade do rádio de suas imagens radiofônicas por fim visualmente materializadas numa linguagem gráfica.

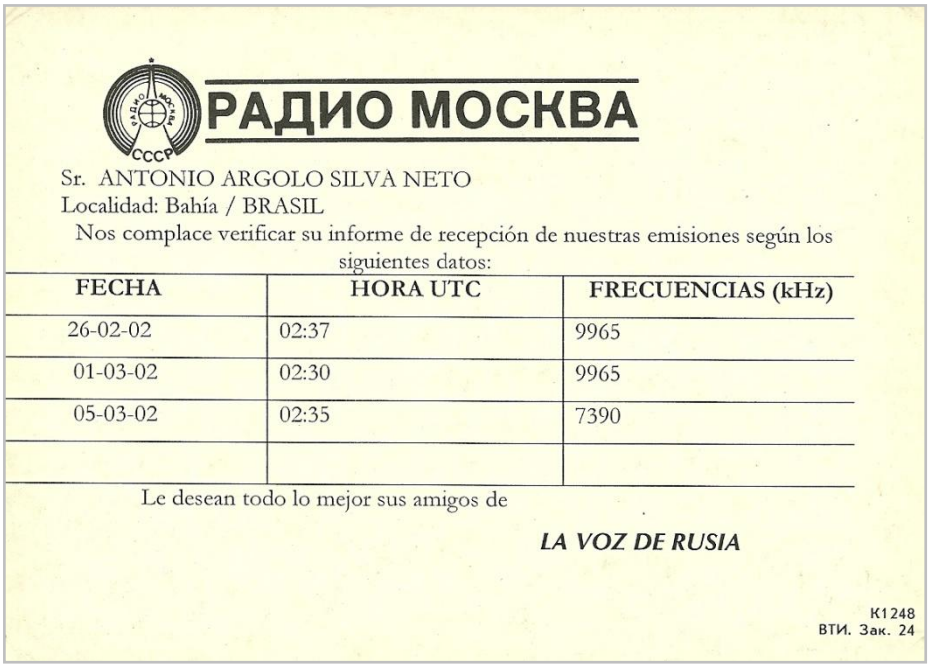
Cada emissora desenvolve uma configuração gráfica, estética e temática na produção de seus cartões, tal como se observa na imagem de um QSL da Rádio Central de Moscou[29] (figura 6 e 7). Em geral os QSLs possuem um formato tipo cartão postal. Na sua face de frente consta um desenho gráfico e o verso é destinado às informações do emissor e receptor:

---

[28] AZEVEDO, Adalberto Marques de. O que é QSL. **Atividade DX.** DXCB: São Carlos São Paulo. Ano 22, n. 241, out. 2004.

[29] Figuras 8 e 9: QSL (frente e verso) da Rádio Central de Moscou, atual Rádio Voz da Rússia. O cartão retrata o requinte das porcelanas russas, decoradas com motivos florais. No verso a impressão de um logotipo da Rádio Central de Moscou com caracteres cirílicos. As informações abaixo contestam a sintonia das emissões em espanhol captadas por Antonio Argolo nos dias 26/02; 01 e 05/03/02, a partir das 02:30 UTC, 9965 e 7390 kHz, respectivamente em 31 e 49 metros da faixa de Ondas Curtas.

nome da emissora que o produziu, as informações nominais do radioescuta que ouviu a programação, a data, hora e frequência em que ele empreendeu a escuta, bem como a assinatura do diretor da emissora ou agradecimentos pela sintonia do ouvinte.



РАДИО МОСКВА

Sr. ANTONIO ARGOLO SILVA NETO
Localidad: Bahía / BRASIL

Nos complace verificar su informe de recepción de nuestras emisiones según los siguientes datos:

FECHA	HORA UTC	FRECUENCIAS (kHz)
26-02-02	02:37	9965
01-03-02	02:30	9965
05-03-02	02:35	7390

Le desean todo lo mejor sus amigos de

LA VOZ DE RUSIA

K1248
ВТИ. Зак. 24

Figuras 8 e 9: QSL da Rádio Moscou: verificação de sintonia e representação cultural
Fonte: acervo do pesquisador.

Outra propriedade do QSL é que ele não pode ser comprado, presenteado, trocado, como geralmente ocorre com os objetos de colecionadores. Ele é fruto do empenho dos

ouvintes e de suas experiências técnicas, culturais e afetivas no âmbito da radiodifusão. Os ouvintes que colecionam QSLs dedicam o tempo livre para sintonizar emissoras distantes, construir antenas, aperfeiçoar as técnicas de sintonia, além de escrever para elas reportando sua audiência e participando dos programas.

A Rádio Nederland Wereldomroep (2001) assegura que a obtenção de um QSL antecede todo um processo de coleta de dados, em ouvir uma determinada emissora, fazer sua identificação, anotar dia, hora, frequência, detalhes da recepção em código SINPO[30], relatar mínimo de 20 minutos da programação e enviar essas informações através de um "informe de recepção" convencional à estação emissora.

De posse desse informe de recepção a emissora verifica sua veracidade e encaminha os dados para ser utilizado pela equipe técnica, visando solucionar possíveis problemas verificados no ato da escuta. Como recompensa pelo seu trabalho um QSL é emitido ao ouvinte "acusando o recebimento" de sua mensagem e confirmando que naquela determinada data, hora e frequência a programação daquela emissora foi captada por aquele ouvinte.

Essa dinâmica entre emissor-receptor se constitui num ponto fundamental no processo de representação e significação. Além de ser uma prova concreta que realmente houve trocas simbólicas entre o ouvinte e a rádio, também é possível estabelecer uma teia de significados que essa comunicação possibilitou. Têm-se então três fatores a serem considerados: a comunicação estabelecida entre o que foi transmitido e recepcionado (através do rádio); suas possíveis significações (decorrentes das percepções e imaginações da audiência); e as âncoras que se estabelecem a partir da visualização de um material gráfico (QSL) – antes apenas concebido através da linguagem radiofônica, isto é daquilo que foi "narrado" via rádio acerca do tema abordado na imagem do cartão QSL.

Sob o ponto de vista das linguagens visuais, o que de fato pode ser observado nessas estampas radiográficas, há uma série de indicadores a serem evidenciados através das representações gráficas dessas imagens. Utiliza-se como técnica a iconografia como principal referência científica em análise simbólica desses objetos. A iconografia se constitui numa técnica de pesquisa utilizada por Erwin Panofsky no início do século passado e se configura num importante recurso em leitura de imagens.

---

[30] SINPO é uma combinação de letras que se traduz num código internacional utilizado para descrever de forma padrão 5 elementos chaves que afetam a recepção. Assim temos para S (Signal Strenght); I (interference); N (Noise); P (Propagation); O (Overall Merit). Numa tabela onde a sigla SINPO aparece na horizontal, entre I a P temos na linha vertical (1 = extrema; 2 = forte; 3 = moderada(o); 4 = pequena(o); 5 = inexistente ou nulo), enquanto S "intensidade do sinal" e O "avaliação geral da recepção" têm-se vertical (1 = muito fraca ou péssima; 2 = fraca; 3 = razoável; 4 = bom; 5 = excelente). Cf. CAMPOS, Sarmento. O código SINPO. **Atividade DX.** São Carlos – SP: DXCB. Ano 25, n. 252, jan. 2007, pp. 24-25.

Embora a iconografia se restrinja apenas à análise visual e simbólica – observado os elementos que estão disponíveis no plano da imagem e em segunda instância ao que é possível visualizar como indicadores históricos e socioculturais – ela se constitui num importante instrumento nessa compreensão. Por conseguinte, um elo que permite entender a conjuntura ideológica da emissora e os assuntos que foram difundidos na sua programação. Atualmente muitas rádios internacionais já foram desativadas, seja pelo desinteresse político pelas transmissões na OC ou porque alguns países já não existem como uma nação independente. Por isso a iconografia dos cartões QSLs tem muito a revelar, pois são imagens imortais que vão além da memória auditiva e testemunham com precisão as propostas veiculadas no espectro radiofônico, ainda que a emissora não esteja mais em funcionamento.

7 A COMPOSIÇÃO RADIOGRÁFICA ENTRE AS DÉCADAS DE 70 A 80

Como já mencionado, desde os primeiros experimentos da radiodifusão para o exterior via OC os entraves políticos conspiraram a principal dificuldade de interação entre emissor e receptor. Limitados à sintonia radiofônica os ouvintes raramente conseguiam estabelecer um contato postal com a emissora escutada. Devido a essas limitações atualmente apenas poucas pessoas dispõem de imagens de QSLs que retratam a propaganda radiofônica anterior às décadas em que se propõe investigar.

Pesquisando algumas galerias na internet os bancos de dados dos radioescutas e dexistas europeus – na sua maioria dos italianos –, parecem reunir um material digno de ser aproveitado numa investigação iconográfica. Sobretudo porque permite evidenciar a proposta da radiodifusão estrangeira a partir das imagens visuais dos cartões QSLs, que atestam a audiência desses ouvintes no percurso dos anos 70 até final da década de 80. Esse recorte de tempo nos interessa, pois compreende um período emblemático da atuação do rádio no desfecho da Guerra Fria.

A escolha de fontes radiográficas de outros países não exclui a existência de uma audiência formada em território brasileiro. Em absoluto, o Brasil sempre possuiu um público fiel ouvindo rádios internacionais, seja no anonimato e até trocando correspondências com elas. Como prova disso, cita-se um trecho do relato do ouvinte brasileiro Emerson Monteiro[31] que participou ativamente dessa captura radiofônica durante a Guerra Fria. Ele menciona os

[31] MONTEIRO, Emerson. As emissoras internacionais. **Chapada do Araripe.** Disponível em: <http://www.crato.org/chapadadoararipe/2011/02/23/as-emissoras-internacionais-por-emerson-monteiro/>. Acesso em: 15 de mar. 2011.

materiais recebidos e acrescenta a aura simbólica desses objetos, que o impulsionava a continuar na sintonia, instigar o imaginário e acessar outros pontos de vista:

> Remetia cartas aos endereços dessas emissoras, que as respondiam com regularidade e juntavam às respostas publicações dos países; livros, revistas, jornais, postais, selos, broches, flâmulas e outros brindes. Cada recebimento dessas respostas era um dia de festa. Abria o envelope e examinava com cuidado seu conteúdo, estimando o valor em face da distância que percorrera. Nisso, espécie de fetichismo logo invadia a alma de mistério.

Essas experiências atestam não só a importância dos serviços internacionais no âmbito sonoro, mas também através de suas intervenções gráficas materializadas como forma de aproximar os brasileiros a outras culturas e visões de mundo. No entanto, diferente da audiência europeia, muitos desses materiais adquiridos pelos dexistas e radioescutas brasileiros ainda não foram amplamente disponibilizados no domínio público. Evidentemente, as poucas informações tendem limitar as pesquisas dos QSLs e outros materiais radiográficos em nosso país nesse recorte histórico que se propõe investigar.

Se atentarmos para a história, as décadas supracitadas marcam uma profunda mudança na conjuntura política, econômica e sociocultural do planeta: **isso se repercute efetivamente na configuração do desenho de mundo a ser concebido pela sociedade brasileira**. Tendo o rádio como o meio de comunicação por excelência, era através dele que as pessoas ficavam sabendo o que se passava fora do seu espaço geográfico. O rádio formava, informava, divertia, construía heróis e vilões. Por isso, suas emissões se refletiam na formação de opinião e no imaginário da audiência.

Visando legitimar a ideologia capitalista, por volta dos anos 70 os EUA assumem sua hegemonia entre várias regiões mundiais, incluindo boa parte da Europa, Ásia e América Latina. Sob o domínio americano a Guatemala (1954), o Brasil (1964) e o Chile (1973) sofrem golpe de Estado (ALMANAQUE ABRIL, 2011). Esse conjunto convergiu para a legitimação política dos EUA, bem como do controle cultural e de opinião em nossa região.

Já o bloco soviético liderado pela URSS lutava para garantir sua posição entre os países alinhados no Leste Europeu, sobretudo a Hungria e Tchecoslováquia que desde 1950 ameaçavam um desgaste político. Por outro lado recebia de bom grado a adesão de Cuba como ponto estratégico socialista no continente americano e a vitória esmagadora do Vietnã sobre os EUA e a França, ampliando sua expansão pela Ásia.

Ao mesmo tempo, segundo a Wikipédia[32] as crises diplomáticas entre a URSS e China se constituíram em ganho para o capitalismo:

> Estas mudanças ocorridas na década de 1970, pioraram ainda mais a situação da URSS, pois Mao Tsé-tung, secretario-geral da China socialista, ampliou o processo de aproximação com os EUA. Além de isolar a URSS, a aproximação com os EUA trouxe vantagens para a China, como o fim da Guerra do Vietnã, o reconhecimento diplomático pelos americanos, a adesão da China à ONU e a substituição de Taiwan (China nacionalista) pela China no Conselho de Segurança da ONU.

Outras intensões de favorecimento da hegemonia americana nesse período estão relacionadas aos avancos tecnológicos, em decorrência da crecente corrida espacial. Muito embora as experiências da URSS nesse setor, incluindo centenas de horas em vôos e a projeção do primeiro homem em órbita da terra, tornavam-se mais convincentes. No entanto, em 1969 os americanos anunciam o pouso tripulado por humanos na lua. A imagem desse feito se repercutiu mundo afora possibilitando novas investidas tecnológicas da: "[...] denominada Iniciativa Estratégica de Defesa e conhecida como *guerra nas estrelas*, poderia defender o território americano dos mísseis russos e acabar com a lógica da Destruição Mútua Assegurada" (WIKIPÉDIA)[33].

Sob o foco da Guerra Fria entre as décadas citadas é possível identificar as mensagens presentes nos QSLs e na programação das principais emissoras internacionais, "apenas nas emissões em português e espanhol" dirigidas para o Brasil e a adjacência. Para tal elucidação vale-se de três recortes geopolíticos que se utilizaram dos serviços para o exterior para difundir seus pontos de vistas ideológicos e culturais: 1 - Países do Leste Europeu, que compunham o bloco comunista encabeçado pela URSS; 2 - Países alinhados ao bloco capitalista liderado pelos EUA; 3 - Países que se reformularam politicamente em decorrência dos conflitos gerados pela Guerra Fria (incluindo a China, que manifesta seu desligamento político posterior, pró-EUA).

7.1 A propaganda radiográfica do bloco socialista

URSS (atual Federação Russa ou Rússia) - A partir do século XX a história do país começa a ser marcada pela derrota na guerra com o Japão, o que desencadeia a Revolução Russa em 1905 (ALMANAQUE ABRIL, 2011). Durante a I Guerra Mundial a

[32] WIKIPÉDIA. **Guerra Fria.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria>. Acesso em: 13 de abr. 2011.
[33] Ibid.

monarquia é substituída pela república parlamentar e em 1917 Lênin cria um governo revolucionário e o partido comunista. A Revista Veja[34] menciona que durante quatro anos o país enfrentou a guerra civil com a ajuda do Exército Vermelho. A vitória culmina com a criação da URSS em 1922, reunindo: "[...] os territórios que antes pertenciam ao Império Russo", 15 no total, empreendendo o regime comunista.

A URSS surge como potência durante a II Guerra Mundial, quando amplia o seu domínio no Leste Europeu e passa a influenciar outros países. E, logo se estende à Ásia em 1949 com a Revolução Chinesa de Mao Tsé-tung. Temendo essa expansão soviética no resto do mundo os EUA decidem impedir o comunismo com a ajuda ocidental, instaurando a Guerra Fria.

Essa composição política teve vários desdobramentos ao longo dos anos até seu capítulo final a partir de 1989. A URSS já desgastada começa a enfrentar as manifestações em outros países do bloco soviético, que pediam o fim do regime. Por conseguinte, os embates políticos no Leste Europeu aqueceram as manifestações populares. A articulação de um golpe de estado liderado por Boris Yeltsin culminou definitivamente com a dissolução da URSS, já no início da década de 90 (ALMANAQUE ABRIL)[35].

No âmbito da Guerra Fria o espectro radiofônico é preenchido tanto pelo conteúdo cultural como pela imagem comunista, que se ampliava nas transmissões russas e dos países alinhados. Muito embora a URSS irradiasse uma programação em português pela "Rádio Paz e Progresso", o "centro" de referência na comunicação comunista era de fato a "Rádio Central de Moscou", conhecida hoje como "Rádio Voz da Rússia". A partir dos microfones da Rádio Central de Moscou se projetava o maior fluxo da propaganda cultural e ideológica. Pioneira no campo da radiodifusão, a história da Rádio Moscou se confunde com as origens da URSS e do comunismo. Segundo nos informa Santos (2010, p. 22):

> Em 1922, era em Moscou que estava a mais potente estação transmissora de rádio do mundo, a RV-1; e em 1925, a URSS já estava operando em ondas curtas. Isso culminou na fundação oficial da Rádio Moscou em 1929 e na consolidação de seu serviço internacional na década seguinte - o que, sem sombra de dúvida, aproximou essa tecnologia do aparato estatal e permitiu um maior controle sobre a radiodifusão, além de concentrar os esforços visando à eficiência.

---

[34] VEJA. **Conheça o país:** Rússia. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/conheca_pais/russia/cronologia.html>. Acesso em: 20 de mar. 2011.

[35] ALMANAQUE ABRIL. **O fim da URSS:** adeus, Kremlin**.** Disponível em: <http://historia.abril.com.br/politica/fim-urss-adeus-kremlin-435616.shtml>. Acesso em: 12 de abr. 2011.

Com essa proposta a Rádio Central de Moscou passa a emitir em diversos idiomas para todo o mundo. Essas transmissões se ampliam no início da Guerra Fria, quando também se iniciam as transmissões em português para o Brasil – as cores azuis e vermelhas ilustram um adesivo produzido pela emissora já na década de 80 reforçando a importância de sua programação para estabelecer vínculos de amizade entre Brasil e URSS a partir da sintonia radiofônica (figura 10).

Figura 10: As relações de amizades URSS-Brasil
Fonte: Acervo do pesquisador.

Durante a fase de transição entre guerra e pós-guerra a emissora soviética também reflete uma diversidade de objetivos. Ao investir no combate à Alemanha, a Rádio Central de Moscou se apropria de uma linguagem característica da guerra psicológica (o que era comum entre países envolvidos), visando inculcar na população o repúdio ao nazismo (BRANT, 1967). Porém, segundo Santos (2010, p. 11), durante a Guerra Fria essa linguagem torna-se mais flexível e menos agressiva: "[...] a Rádio vai assumir um caráter ameno – na maioria das vezes –, lhe sendo confiada, sobretudo, uma missão de diálogo, de exaltação e divulgação das qualidades soviéticas, de tentativa de sedução mais sutil [...]". Até porque o que lhe interessava naquele momento não era a investida na luta armada, mas formar indivíduos a partir de uma propaganda capaz de convencê-los através de um discurso indireto.

Tendo a **Rádio Central de Moscou** como **"centro"** da comunicação comunista sua mensagem ideológica não se limitava apenas ao espectro radiofônico, mas também nas propostas dos QSLs. Sua radiografia se incube de passar uma imagem de Moscou como uma

metrópole projetada para atender a demanda sociocultural, militar e estratégica socialista para o resto do mundo. Certamente o nome Rádio Central de Moscou se reflete tanto na propaganda oficial do comunismo "centralizado" em Moscou, quanto pode se referir a Moscou como "centro" da URSS ou "centro do mundo".

Em referência aos símbolos do "centro" nas sociedades arcaicas e modernas Mircea Eliade nos faz refletir sobre a participação arquetípica na configuração dessa referência. Para Eliade (1996, p. 42): "[...] cidades, templos ou palácios considerados como Centros do Mundo, não são mais do que réplicas infinitamente multiplicadas de uma imagem arcaica: a Montanha Cósmica, a Árvore do Mundo ou o Pilar central que sustém os níveis cósmicos". Essa compreensão torna-se importante para evidenciar que mesmo sob o foco de uma cultura materialista, o comunismo não conseguiu suplantar definitivamente as condições arcaicas que participam do imaginário humano.

Efetivamente, o fundamento da ideologia comunista perpassa pelo contexto de uma sociedade ideal, justa para todos. Trata-se de uma imagem inconsciente de um "paraíso" destinado ao futuro da humanidade – comum na concepção religiosa de várias culturas. Para acessá-lo é preciso esforço e até sacrifício. São comunicações arquetípicas que a Rádio Central de Moscou se preocupa em veicular nas ondas sonoras e na sua radiografia.

No seu amplo acervo de QSLs os prédios públicos, estádios, quartéis generais, estátuas de vultos históricos e heróis da guerra, monumentos, a Praça Vermelha e a sede do governo, assim como os desenhos alusivos ao poder de comunicação radiofônica são amplamente retratadas nas imagens dos QSLs grafados no percurso histórico da emissora.

Um QSL datado de 1982, (figura 11), evidencia as características do imaginário que nutre as propostas do comunismo e se fortalece na programação da emissora oficial soviética. A imagem faz referência às honras militares aos heróis de guerra na Praça Vermelha junto à sede do governo, Kremlin. Num ambiente pomposamente ornamentado serão precedidas as cerimônias oficiais em homenagem a um soldado desconhecido, cuja tumba é marcada com uma estrela simbólica do comunismo em alto relevo.

A imagem também serve para retratar o sentimento patriota pregado pelo regime comunista. Mesmo tendo se restringido à participação ideológica no âmbito da Guerra Fria a URSS se manteve firme na luta armada para garantir a implantação do regime entre os países aliados, o que resultou em inúmeras mortes de soldados soviéticos. O tratamento com honras oficiais aos tombados durante os combates faz jus a garantia do sacrifício por uma causa coletiva, que vale a pena doar sua vida para lutar pelo futuro da pátria.

Figura 11: Aqui Moscou. Em sua sintonia a Rádio Central de Moscou

Fonte: MCLINK. Disponível em: <http://web.mclink.it/MJ0350/libera/mosca/mosca.htm>. Acesso em 10 de jan. 2011. QSL da Rádio Central de Moscou confirmando a sintonia do ouvinte Antonio Acudi em 08/08/82.

O simbolismo da morte tem sido comum desde as sociedades arcaicas para conceber a natureza de um tempo cíclico: "Para o 'primitivo', por conseguinte, o Tempo é cíclico, o mundo é periodicamente criado e destruído, e o simbolismo lunar de 'nascimento-morte-renascimento' é manifesto num grande número de mitos e de ritos" (ELIADE, 1996, p. 71). Assim como a lua morre durante todo o amanhecer para dar à luz a um novo dia, nas batalhas ideológicas é necessário o sacrifício, inclusive de vida para dar luz a um novo mundo.

Na Bíblia Sagrada tem sido recorrente a realização de sacrifícios humanos para a concepção de uma sociedade ideal. Desde os sacrifícios coletivos sob forma de punição – o dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra, etc –, até o martírio voluntário como são os exemplos do apedrejamento de Estevão e a crucificação de Jesus Cristo. Na sociedade comunista esse mesmo preceito da morte/vida passa a ser concebido. O sacrifício dos saldados soviéticos é digno de todo um processo ritual que se traduz numa ascensão para a vida eterna e sobrevivência do próprio regime comunista.

República Democrática Alemã - Derrotada durante a II Guerra Mundial e submetida às intervenções dos EUA, Inglaterra, França e URSS, a Alemanha sofre mais uma divisão política. A República Democrática Alemã (RDA), com sede em Berlim, passa a ser governada pelo bloco soviético. Para fazer oposição ao regime capitalista da República Federal da Alemanha (RFA), a RDA cria a Rádio Berlim Internacional (RBI) em 1959 e

inicia sua programação para o exterior. A RBI, que também transmitiu em língua portuguesa para Brasil e encerrou suas transmissões em todos os idiomas no dia 02/10/90, após a reunificação dos dois países, se tornou o carro-chefe para divulgação das imagens comunistas através do rádio e dos materiais radiográficos, QSLs.

Transmitindo para o mundo, sua voz tinha a intenção de contrapor as informações que a Rádio Voz da Alemanha, da vizinha RFA, veiculava sobre a política econômica e sociocultural da RDA. Através de uma programação voltada para os aspectos culturais do país a RBI procurava enfatizar as habilidades do seu povo, os vultos históricos, o esporte, patrimônios arquitetônicos, as canções populares, entre outros assuntos. Mas nas entrelinhas tudo convergia para a apologia do domínio comunista como modelo político a ser seguido.

Baseadas nessas temáticas as imagens dos QSLs da RBI se constituem numa radiografia fiel de sua propaganda ideológica. Refletindo o que se concebia a partir da perspectiva de quem produzia e distribuía as imagens para os ouvintes, confirmando seus relatórios de sintonia.

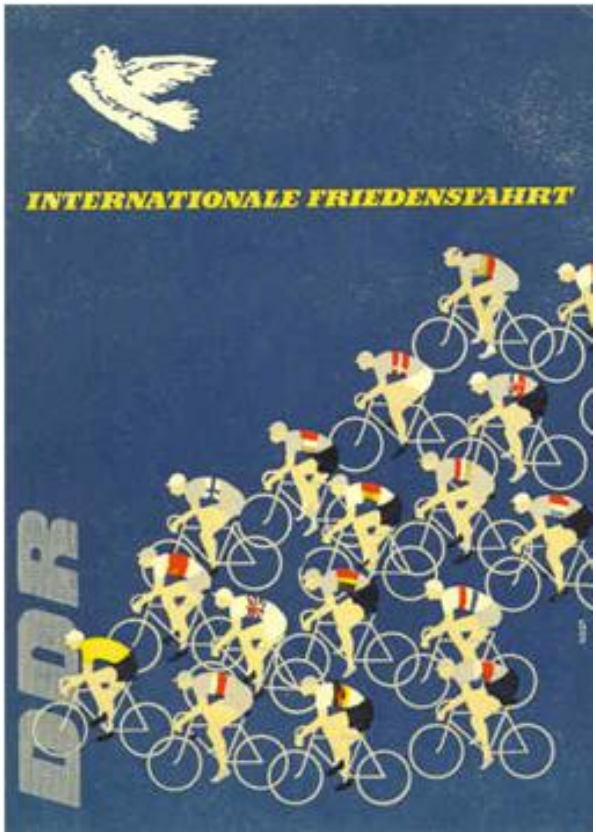


Figura 12: A representação da cultura esportiva na Rádio Berlim Internacional

Fonte: MCLINK. Disponível em: <http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/berlino/berlin.htm>. Acesso em: 13 de jan. 2011. QSL da RBI alusivo ao Campeonato Internacional de Ciclismo na RDA, confirmando o informe de Antonio Arcudi em 29/06/76.

Sob o voo de uma pomba branca simbolizando "a paz" o QSL número 12 demonstra a desenvoltura da RDA no campo do esporte e da cultura, ressaltando as relações amistosas com outras nações. O ciclismo ganhou grande popularidade na RDA na época comunista. É importante observar que nesta imagem os ciclistas, representados pelas respectivas bandeiras de seus países, seguem em direção à sigla "DDR", abreviatura do país escrito em alemão.

A disseminação de imagens de cunho cultural esportivo reforça a propaganda dos investimentos do país no potencial humano, tendo em vista sua utilização como instrumento ideológico para motivar e empreender a política socialista. Segundo Vaz (2007, p. 2)[36], no ápice dos conflitos capitalistas e comunistas, os investimentos nas áreas esportivas não ficou de fora das estratégias político-militares:

> Ao contrário, foi uma das mais fortes expressões da Guerra Fria travada entre as duas superpotências de então, tanto de forma direta entre si, quanto indireta pelos países que compunham seus blocos de força. Muito em função dessa disputa, o treinamento desportivo desenvolveu-se de forma espantosa, levando os resultados a patamares não imaginados e também a um incremento maciço dos procedimentos de *doping*. Correspondente a esta tecnologização da performance foi a reprodução e disseminação das imagens esportivas, que possibilitaram às décadas posteriores o crescente investimento na transmissão em tempo real dos espetáculos esportivos.

Nessa perspectiva, a RBI também não fica de fora dos investimentos em programação e veiculação de imagens atreladas aos esportes. Tanto que a emissora possui várias estampas dedicadas à temática. No seu acervo de QSLs, produzidos aleatoriamente ou em séries, a RBI evidencia os principais trunfos esportivos alcançados pelo país como a patinação no gelo, esportes de inverno, esqui e canoagem.

Essas imagens retratam a força física dos alemães e como eles poderiam ser úteis para resistir às investidas de ataques ocidentais e até despertar o sentimento de patriotismo. As práticas esportivas entre profissionais e amadores também serviram para gerar rivalidades entre as duas alemanhas, estabelecendo uma relação de poder (DEUTSCHE WELLE)[37].

Para McLuhan (1964, p. 264): "Como as instituições, os jogos são extensões do homem social e do corpo político, como as tecnologias são extensões do organismo animal". O autor ainda concebe o jogo como uma referência cultural coletiva, que emana diretamente das concepções arcaicas. O jogo participa de um nível de tensão e distensão do humano tanto

---

[36] VAZ, Alexandre Fernandez. Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Revista Esporte e Sociedade.** Ano 3, n. 7 - Nov. 2007/Fev.2008. Universidade Estadual de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/html/es102.html>. Acesso em: 10 de mar. 2011.

[37] DEUTSCHE WELLE. **O esporte.** Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,974908,00.html>. Acesso em: 21 de abr. 2011.

do ambiente exterior como do universo cósmico, conforme foi utilizado na Grécia Antiga, em referência à luta do deus-sol. Certamente, as vitórias obtidas no campo do esporte protagonizadas pela RDA e pelos países socialistas se repercutiam no imaginário popular. Passando a influir nas atitudes dos cidadãos em relação à força física e do próprio país, estimuladas pelas imagens mentais.

República Socialista Tchecoslováquia - O nome deriva de sua formação por dois grupos étnicos denominados de "tcheco" e "eslovaco". Desde Praga capital do país a Rádio Praga, inaugurada em 31/08/36, passa a transmitir em português e mais seis idiomas o ponto de vista socialista na época da Guerra Fria. A Wikipédia[38] informa que em 1945 a emissora serviu de alvo militar quando foi invadida por mais de 90 soldados alemães. Embora servindo de intrumento político-militar a Rádio Praga também deu ampla visibilidade aos esportes (incluindo o futebol), sua música pop e erudita, o cotidiano da população tcheca, turismo, arquitetura, produção industrial, artística e científica.

São essas as principais imagens difundidas nas ondas do rádio e através de cartões QSLs. Entretanto, a ideologia política parece direcionar as ações de quem financiava a radiodifusão e também em apresentar ao mundo uma imagem ufanista da Tchecoeslováquia na conjuntura da Guerra Fria. Nos períodos em que se propõe pesquisar a Rádio Praga tem duas imagens emblemáticas que parecem elucidar a participação militar e socialista na história do país, como forma de sufocar a tensão popular e inculcar os interesses do governo.

As imagens são alusivas ao ano de 1944, época em que o ex-presidente Edvard Barnes volta do exílio e retoma o poder, expulsando os nazistas com a ajuda da URSS representada pelo Exército Vermelho. Sendo assim a "derrocada do nazismo" se traduz num acontecimento simbólico para a sociedade tchecoeslovaca, pois marca o resgate de sua soberania política. No entanto essa soberania torna-se ilusória, pois quatro anos depois o poder é tomado pela URSS que instaura o golpe comunista na Tchecoeslováquia. Mesmo sob um regime "totalitário", o governo vigente se apropria desse acontecimento de 1944 e passa a utilizá-lo em seu favor, visando legitimar o regime comunista como coadjuvante da "liberdade" nacional.

O interesse comunista pelo domínio da Tchecoeslováquia – e os demais países do Leste Europeu – tinha sua pretensão já definida, só precisava de um argumento forte para convencer a população. De acordo com o Almanque Abril[39], a participação soviética no

[38] Op. Cit. **Battle for Czech Radio.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_for_Czech_Radio>. Acesso em 10 de maio 2011.
[39] Op. Cit.

combate ao nazismo precisava manter a retaguarda para garantir a segurança nos países por onde passava, assim o socialismo foi associado a causa da "libertação nacional":

> Como a maioria desses países estava com a economia e o sistema político em frangalhos, os soviéticos usaram uma estratégia simples: fortaleciam as lideranças comunistas locais e levavam-nas ao poder desde que, é claro, elas se lembrassem de que não deveriam contrariar as diretrizes do Partido Comunista soviético.

Nessa perspectiva a colaboração soviética na expulsão dos nazistas na Tchecoslováquia serviu como argumento para minimizar uma possível resistência comunista entre a população. Também evidencia um escopo político pautado no imaginário da guerra, capaz de reunir esforços visando fortalecer pensamento comunista fora da abrangência tchecoslovaca.

Figura 13 e 14: A ótica comunista da vitória tchecoslovaca sobre o nazismo
Fontes: MCLINK. Disponíveis em: <http://www.mclink.it/personal/MI2273/libera/praga/praga.htm>. Acesso em: 10 de nov. 2010.

Esse feito é repetido nas imagens dos cartões QSLs da Rádio Praga que retratam o fato supracitado em duas ocasiões. O QSL datado de 1974, (figura 13), foi grafado em homenagem às comemorações dos "30 anos da revolta nacional tchecoeslovaca". Em pleno

regime comunista a propaganda bélica (retratada no lança míssivel do Exército Vermelho) enfatiza a participação militar para resguardar a integridade do país; noutro QSL (figura 14), lançado cinco anos depois, as memórias da data da "libertação" são retomadas. Esteticamente o numeral 36 forma um desenho com efeitos de sombras. Neles as cores da bandeira fortalece os símbolos e sentimentos patrióticos.

Segundo Santaella e Nöth (2001) o campo da *imago* é concebido a partir das intenções de que produz e recebe as informações. Por isso as imagens não mentem, mas seus idealizadores podem se utilizar de artifícios pretenciosos visando modificar o comportamento de que as recebem. As mensagens dos QSLs da Rádio Praga proporcionam esse tipo de compreensão. Quando os soviéticos se apropriam dessa imagem de "liberdade", que é repassada nas estapas comemorativas desses QSLs, ela pode ser interpretada como uma inversão de valores a favor do regime. Resultando na inculcação da sociedade tchecoeslovaca em legitimar a opressão comunista como o verdadeiro defensor da sua soberania política. Para outras partes do mundo, a imagem remetem a ideia de triunfo comunista no Leste Europeu.

Romênia - O Estado da Romênia surge por volta de 1877. Sua parceira com a URSS começa desde a I Guerra Mundial e se amplia durante a II Guerra, quando passa a assumir o comunismo como ideologia político-militar até 1958. Em 1989 a Revolução Romena derruba o ditador Nicolae Ceauşescu, que ocupou o cargo durante duas décadas, estabelecendo um novo governo democrático eleito pelo povo (WIKIPÉDIA)[40].

Desde 1927 em sua capital Bucareste a Rádio Romênia Internacional (RRI) – antes identificada como Radio Bucarest – passou a irradiar em vários idiomas para o mundo. A programação em português funcionou até 28/03/04[41], porém continua sendo ouvida no Brasil em língua espanhola. Na programação da emissora iam ao ar noticiários, resenhas política, reportagens turísticas, músicas típicas e tradições populares. Nas sextas-feiras funcionava o Estúdio do Ouvinte com a leitura das cartas, apresentado pelo radialista Lucian Popescu.

Sob a influência do comunismo a RRI se preocupou com as imagens da geometria urbana, destacando a arquitetura e os prédios públicos que abrigavam a estrutura do governo. O comunismo também produziu seus vultos históricos. Por isso, acrescenta-se a essas imagens as estátuas e os monumentos que homenageiam seus heróis. Num QSL da RRI (figura 15), essa cena é visivelmente retratada na composição de um cenário urbano onde aparece a estátua de figura humana esculpida na Praça Mihail Kogalniceanu em Bucareste.

---

[40] WIKIPÉDIA. **Roménia.** Disponível em*:* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rom%C3%A9nia>. Acesso em: 10 de abr. 2011.
[41] ATIVIDADE DX. **Rádio Romania International**. São Carlos – SP: DXCB. Ano 22, nº 234, mar. 2004.

Figura 15: A retratação do poder comunista na radiografia da RRI
Fonte: MCLINK. Disponível em:
<http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/romania/roman.htm>. Acesso em: 11 de fev. 2011.
QSL da RRI datado dos anos 70, confirmando a sintonia de Giancarlo Spagnoli.

Burke (2004, p. 83) nos faz reconhecer que em países marcados pela influência política a produção artística e o imaginário são afetados pelo contexto histórico-cultural, por isso "imagens de governantes são freqüentemente em estilo triunfante". O autor cita como exemplo a arte clássica do Império Romano onde a simbologia do triunfo político aparecia em rituais, nos artefatos, nas esculturas e estátuas – sempre construídas em tamanho colossal visando representar a relação de poder.

Destarte, a composição do desenho visual da praça romena também nos permite adentrar nessa compreensão. O QSL retrata em segundo plano a funcionalidade da estrutura urbana, o fluxo de veículos e a arquitetura moderna da Romênia comunista. Entretanto, mesmo sendo localizada no "lado esquerdo" a imagem da estátua ocupa a principal atenção. Sua altura parece se aproximar ao tamanho dos prédios e sua posição estratégica tende estabelecer uma referência de *status* e padrão de comportamento social.

Joly (1996) e Jung (2000) teorizam que algumas imagens são concebidas a partir do inconsciente humano, impulsionada pela referência coletiva. Independente disso, Ferreira (2005, p. 3) argumenta que também é preciso levar em conta a influência do contexto histórico e sociocultural em que esse sujeito se encontra:

> [...] em princípio, não se situa na criação ou representação do desenho, mas sim na percepção de sua existência e na análise que dele pode fazer a partir da referência cultural que sobre ele atua, resultante da relação estabelecida entre o homem, o grupo ao qual se sente pertencer e/ou onde convive e o seu espaço-temporal.

Certamente, é previsível inferir que o contexto cultural do comunismo tenha inspirado o autor do QSL a determinar essa composição. Isso torna-se importante para que se possa perceber que a referência cultural é um fator relevante na produção de sentido entre homem-mundo. Benjamim (1987) já afirmava que a guerra mundial se projetou não apenas pelo esforço militar, mas também pelo fluxo mental e pela busca de respostas às tensões humanas.

Muito embora o doutrinamento político-militar tenha sido determinante para influir no comportamento social e estabelecer uma nova concepção cultural, por outro lado a sociedade sempre procurou refúgio nas práticas simbólicas para minimizar esse impacto. E nesse sentido o ser humano volta-se às crenças e tradições, reatando o pertencimento aos seus respectivos grupos que compõem a identidade cultural dos espaços onde estão inseridos.

Por isso, além da propaganda comunista a RRI investe nas pautas culturais como forma de entreter a audiência, minimizar as tensões do conflito político-militar e construir a imagem do país no espectro mundial. Essa proposta vai além da sintonia e se amplia também nas estampas dos QSLs, sobretudo durante a década de 70, com o lançamento de algumas temáticas tradicionais tais como uma série dedicada às "danças populares", "vestes típicas de Suceava" (cf. anexo QSL 11) e "instrumentos tradicionais" da Romênia (cf. anexo QSL 23).

No âmbito da Guerra Fria a inserção cultural nos *mass media* tende refletir a ideologia dos grupos dominantes e até assumir formas de protesto. Ao que se parece a tônica da cultura popular na Romênia reflete as necessidades simbólicas que a caracteriza enquanto manifestação do povo e dos grupos de origem. Mesmo sob o controle comunista, a proposta da RRI se diferencia da abordagem ocidental. Em suas imagens é possível perceber uma cultura que não se molda nas configurações da mídia capitalista (cultura de massa), mas na valorização dos símbolos tradicionais. Muito embora a repercussão dessa cultura no meio do povo tenha servido de instrumento para a legitimação do próprio domínio comunista.

Albânia - Em 1944 a Albânia integra o bloco soviético e durante a Guerra Fria passa a fazer parte do comunismo "linha-dura", que prevaleceu até 1961, quando rompeu relações com a URSS. Mesmo assim continuou os vínculos socialistas com a China até a década de 70, face à aproximação do governo chinês com os EUA, impondo um embargo econômico à

Albânia. Isolada, a nação albanesa começa a se integrar ao Ocidente depois da queda do Muro de Berlim, já no início da década de 90 (ALMANAQUE ABRIL, 2011).

Desde a Albânia a Rádio Tirana (nome da capital) tornou-se a sua porta-voz para o mundo. A emissora chegou a emitir em língua portuguesa e ter grande audiência entre os intelectuais brasileiros durante a Ditadura Militar. O dexista Wilson Rodrigues[42] lembra que entre os anos 70 e 80: "Os programas da Rádio Tirana, e a Central de Moscou, eram temas para os comunistas apaixonados que diariamente se sentavam na porta da oficina ao entardecer. Às vezes eu parava o meu serviço para trocar umas ideias com eles [...]". Através da programação da Rádio Tirana iam ao ar as notícias política e sobre a repercussão da Ditadura Militar no Brasil, já que essas informações eram vetadas na imprensa brasileira.

Figura 16: A política socialista nas pautas da Rádio Tirana
Fonte: MCLINK. **Galleria delle QSL di Radio Tirana.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MJ0350/libera/tirana/tiran.htm>. Acesso em: 10 de mar. 2011. QSL da Rádio Tirana confirmando a escuta de um ouvinte italiano não identificado em 31/07/75.

A cartofilia radiográfica da Rádio Tirana é circunscrita no forte apelo socialista, enfatizando imagens e frases de efeitos que evidenciam o doutrinamento político na Albânia em oposição ao capitalismo. A emissora também possui um amplo acervo de imagens que retrata as paisagens urbanas, hotelaria, o cotidiano, cenários históricos e, sobretudo, a cultura popular representada pelas danças tradicionais, instrumentos musicais e indumentárias típicas.

[42] RODRIGUES, Wilson. Minhas atualizações tecnológicas dentro do hobby. **Atividade DX.** Coluna Matutando. São Carlos – SP: DXCB. Ano 22, n. 238, jul. 2004.

O cartão QSL da década de 70 (figura 16) é um exemplo do recorte político-militar. Nele há uma simbologia comunista (a cor vermelha, estrela, o fuzil e uma picareta), representando a luta da classe operária e a luta armada para ostentar a bandeira político-militar no país. Nessa imagem a composição da bandeira albanesa apresenta uma modificação do seu desenho original. Além da águia com duas cabeças – simbolizando a segurança e união do país –, é acrescentada uma estrela de cinco pontas, símbolo do comunismo. Segundo a Wikipédia[43] essa mudança prevaleceu de 1946 a 1992, para marcar a política comunista, quando o país passou a ser chamado de República Popular Socialista da Albânia.

A sociedade albanesa é formada por várias minorias étnicas, uma diversidade que enriquece culturalmente o país. Cada grupo gosta de se vestir com os trajes típicos da sua etnia, durante os dias de festas, e apresentam uma diversidade de danças e cânticos tradicionais à capela ou acompanhados por instrumentos musicais típicos. Nessas canções são retratadas os mitos e histórias épicas (PORTAL SÃO FRANCISCO)[44].

É essa diversidade cultural que a Rádio Tirana se encarregou de mostrar ao mundo, seja através da OC ou na sua propaganda gráfica dos QSLs. A emissora disponibilizou várias imagens radiográficas com esses atrativos culturais. Depois da propaganda política as manifestações tradicionais se constituem na pauta da emissora, inclusive grafadas em vários cartões QSLs. Mesmo em meio aos conflitos do comunismo a população albanesa não perdeu efetivamente seu vínculo arcaico. Jung (2008) diz que as imagens arquetípicas estão presentes em todos os humanos e se manifestam em qualquer condição de tempo e espaço. Elas têm a preeminência de remetê-los às suas origens e neutralizar as ações de conflitos com o meio e o cosmo. São condições humanas, que o materialismo não conseguiu suplantar.

Dentre o acervo radiográfico toma-se como exemplo uma particularidade da cultura exótica albanesa representada pelos costumes tradicionais na cidade de Kruja (cf. anexo QSL 22). Em dois cenários distintos a participação do povo cigano é marcada pelas vestimentas, danças e pelo repique dos tambores. A imagem reforça a importância dessas tradições na inserção das gerações mais jovens, que dão continuidade aos costumes de seus antepassados. Mesmo sob o olhar cultural a Rádio Tirana também não se descuida em levar adiante a propaganda comunista, pois logo acima do cartão analisado aparece a imagem da bandeira e o iconotexto identificando seu respectivo país.

---

[43] WIKIPÉDIA. **Bandeira da Albânia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Alb%C3%A2nia> Acesso em: 22 de abr. 2011.

[44] PORTAL SÃO FRANCISCO. **A cultura da Albânia.** Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/albania/cultura-da-albania.php> Acesso em: 22 de abr. 2011.

República da Hungria - Essa nação existiu como reino por quase um milênio. Sucedeu ao reinado o regime comunista em 1946 até 1989. Já em 1956, durante doze dias, os húngaros promoveram uma revolta na tentativa de promover a independência do país. Porém foram reprimidos pelos soviéticos e pela polícia local, instaurando um governo pró-soviético ainda mais opressor e ditatorial (ALMANAQUE ABRIL, 2011).

Desde a República da Hungria a "Rádio Budapeste" passou a transmitir via OC para o mundo. Sua melhor fase de transmissão se deu durante a Guerra Fria, com a divulgação da cultura do país e da ideologia comunista. Por decisão do governo em 27/06/07 a Rádio Budapeste encerreou suas emissões em vários idiomas, incluindo o espanhol que era muito sintonizado pelos ouvintes brasileiros neste período recente (SILVA NETO, 2005).

Sua propaganda radiofônica e radiográfica, até final de 1970, privilegiou uma série de imagens que retratam as repercussões da cultura comunista, os modos de vida, os artesanatos, a musicalidade, as arquiteturas e tradições populares do país. Na década de 80 a Rádio Budapeste mantém a veiculação da cultura tradicional e contempla as imagens representadas pelos desenhos gráficos (séries de QSLs dos clubes de monitores), voltados para a promoção da audiência entre o público estrangeiro. Também aparecem imagens destacando a economia, os intercâmbios culturais, científicos e tecnológicos entre a Hungria e o bloco soviético.

Nem tão diferente das emissoras do Leste Europeu, a Rádio Budapeste sempre se aproximou de sua audiência a partir dos aspectos culturais e exóticos. Em 1963 a emissora faz uma propaganda ocupando uma página inteira do *World Rádio and TV Handbook* (WRTH), onde apresenta aos ouvintes italianos os principais atrativos que é possível acessar através da sua sintonia: **"Rádio Budapeste te faz conhecer a Hungria, a sua história, a sua tradição, e seu folclore, entre os diversos aspectos da vida de seu povo que estão construindo a nova sociedade socialista"**[45] (tradução e grifos nossos).

Esta proposta reitera os argumentos sobre a importância do imaginário coletivo no contexto ideológico comunista. Mesmo legitimando um conflito evidente, o próprio regime não conseguia extirpar a liberdade de espírito do povo húngaro, que ganhava o mundo também através da sintonia radiofônica e se traduzia num chamativo cultural, visando conquistar a audiência de outros países.

De acordo com Eliade (1996, p. 15):

[45] "Radio Budapest vi fa conoscere I'Ungheria, la sua storia, la sue tradizione, il suo folclore, i più diversi aspetti della vita del suo popolo che sta construendo La nuova società socialista". Cf. MCLINK. **Galleria delle QSL di Radio Budapest.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MI2273/libera/budapest/budap.htm>. Acesso em: 10 de mar. 2010.

> A mais terrível crise histórica do mundo moderno – a segunda guerra mundial e tudo o que ela desencadeou com e após ela – demonstrou suficientemente que a extirpação dos mitos e dos símbolos é ilusória. [...] Toda essa porção, essencial e imprescritível do homem que se chama *imaginação* voga em pleno simbolismo e continua a viver de mitos e de teologias arcaicas (grifos do autor).

Sendo assim, os vestígios simbólicos que alicerçam a cultura tradicional tornam-se cada vez mais visíveis a partir das imagens radiofônicas e radiográficas difundidas pela Rádio Budapeste. Na figura 17 a atividade laboral aparece grafada na estampa de um QSL datado de 1989. Além de retratar uma particularidade da economia vigente, há toda uma conjuntura cultural que se descortina e não pode passar despercebida pela leitura iconográfica.

Burke (2004, p. 94) menciona que nos países de regime socialista, na idealização de imagens de trabalhadores: "[...] algumas vezes um indivíduo modelar pode ser escolhido". De fato a imagem de uma jovem artesã praticando sua tecelagem, possivelmente em seu próprio quarto, ornamentado, traz todo um referencial simbólico que evidenciam os modos de vida da época, a participação da mulher na sociedade húngara e também sua identidade cultural.

Figura 17: Aqui Rádio Budapeste, Hungria
Fonte: MCLINK. **Galleria delle QSL di Radio Budapest.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MI2273/libera/budapest/budap.htm>. Acesso em: 10 de mar. 2010.
QSL da Rádio Budapeste em confirmação da escuta de Filippo Baragona em 26/04/89.

Para Huizinga a produção de objetos da arte plástica satisfaz uma ação operacional, às vezes, quase sempre desprovida de um significado simbólico. Entretanto, sua exibição e funcionalidade tendem fazer: "[...] parte de um ritual, de uma festividade ou de um acontecimento social" (HUZINGA, 2008, p. 186). Evidentemente, a cultura é formada por um conjunto de códigos e convenções que sempre estão relacionados ao pertencimento dos sujeitos e às heranças coletivas, que se manifestam em determinados espaços e em ocasiões especiais. O sentido dos artesanatos nas culturas arcaicas está estritamente ligado à praticidade do cotidiano e sua função ritual, como objeto sagrado, sígnico.

Não se sabe se estes objetos artesanais produzidos na Hungria possuem essa mesma denotação do sagrado. Todavia, a imagem do QSL revela o desenvolvimento de um modo de produção artesanal que, pela sua funcionalidade, se aproxima de uma prática alicerçada na cultura primitiva e em tradições populares. As vestes e os adornos utilizados pela personagem em questão possuem uma carga simbólica, que se traduz como uma referência das práticas coletivas do seu respectivo país. Embora essa imagem satisfaça a propaganda ideológica socialista, também se constitui num importante elemento para se pensar a arte como manifestação do imaginário e como ela se manifesta nesse campo de conflito.

República da Bulgária - Localizada na região dos Balcãs, costa do Mar Negro, no Sudeste da Europa, a Bulgária combateu ao lado das nações que foram derrotadas nos conflitos, ficando sob o domínio da URSS. Em 1946 torna-se uma República Popular sob os moldes do governo comunista. O regime só acaba em 1990 quando o país realiza as eleições para escolha dos governantes (ALMANAQUE ABRIL, 2011).

Em tempos passados a Bulgária foi habitada por diversas tribos, povos e nações. Todos deixaram uma herança rica em arquiteturas e manifestações culturais. Dentre esse vasto patrimônio a musicalidade tradicional se constitui numa riqueza a ser apreciada e preservada.

> As músicas retratam os acontecimentos históricos e urbanos, o que tem ajudado a 'descobrir' e a estudar a história e os costumes do povo búlgaro, de há muitos anos e séculos atrás. As canções não têm autores, visto que são passadas de 'boca-a-boca', de geração em geração, e foram inventadas ao longo dos acontecimentos. Os textos das músicas, em si são como histórias, narrando problemas, 'festas', guerras, sentimentos (WIKIPÉDIA)[46].

Presenteada com essa riqueza mítica/criativa a Bulgária possui uma cultura particular e exótica. Essas manifestações de cunho tradicional não se limitam apenas aos cânticos, mas se ampliam nos costumes, nas vestes, danças, artes, religiosidade e no modo de vida búlgaro.

[46] WIKIPÉDIA. **Bulgária.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bulg%C3%A1ria> Acesso em: 22 de abr. 2011.

Por volta de 30/03/30 vão ao ar as transmissões internacionais, incluindo uma programação em português, da "Rádio Sofia". Durante a Guerra Fria a emissora serviu para divulgar o ponto de vista comunista, retratar os problemas do Leste Europeu e dos Bálcãs, onde a Bulgária se localiza. Embora estando a serviço do comunismo a Rádio Sofia – atualmente com o nome de "Rádio Bulgária" – também teve um papel importantíssimo para disseminar a história e cultura tradicional do seu país para o resto do mundo. Grande parte desses temas também ilustrou a composição radiográfica dos QSLs, tais como paisagens litorâneas, turismo, praças públicas, montanhas nevadas e arquiteturas.

No campo arquitetônico a Bulgária foi influenciada pelas culturas orientais e ocidentais das diferentes civilizações que ocuparam o país em vários períodos. Nesse estágio transitório, o desenho do país vai incorporando uma variedade de estilos que vão atender desde a representação do poder, influência cultural, necessidade prática/espiritual e a funcionalidade dessas construções na estrutura urbana.

Esse patrimônio contempla desde as ruínas medievais, estilo renascentista, bizantino entre outros. Durante o comunismo foram projetadas construções para atender às exigências do novo regime. Essas arquiteturas totalitárias são representadas pela combinação de estilos clássicos, o que denota maior imponência. Também são imponentes as arquiteturas religiosas, a depender de cada cultura dominante possui uma finalidade em particular (FREEWEY)[47].

Para divulgar esse patrimônio a Rádio Sofia produziu séries de QSLs onde são retratados os estilos e influências arquitetônicas da Bulgária em diferentes períodos. Esses QSLs foram produzidos a partir dos anos 70. Como são destinados aos ouvintes aspirantes ao "clube de monitores" eles também foram distribuídos em outros momentos, a depender do fluxo da audiência, período de sintonia e da interatividade entre emissor-receptor.

O QSL com o logotipo da "Rádio Sofia" (figura 18) demarca um recorte de tempo no qual a Bulgária estava sob o domínio turco, entre o século XIV a XVIII. O país com formação cristã sofreu alterações na sua arquitetura, pois os templos religiosos precisaram ser adaptados aos desígnios islâmicos. Os turcos optaram em construir santuários nas montanhas, distante da cidade. O "Mosteiro de Rila", que aparece na imagem citada, representa essa influência cultural. Considerado o maior e mais admirável da Bulgária, atualmente foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como patrimônio da humanidade (FREEWEY)[48].

---

[47]FREEWAY. **Bulgarian Architecture.** Disponível em: <http://www.freeway.org/issue25/Articles/Bulgaria/Architekture.htm>. Acesso em: 23 de abr. 2011.

[48] Op. Cit.

Figura 18: A representação islâmica na arquitetura do Monastério de Rila
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 22/03/03, 02:00 UTC, 11600 kHz).

A compreensão sobre as imagens arquitetônicos da Bulgária emitido nos cartões QSLs trazem em seu escopo um argumento muito próprio. Segundo Bachelard (1985) os espaços construídos pelo homem, seja como referência de moradia ou institucional, são considerados lugares simbólicos, receptáculos da psique. A casa não é apenas um lugar de habitação do corpo, mas também da alma – os templos búlgaros são exemplos disso. A casa como lugar arquétipo acompanha o humano desde a sua origem e também se manifesta simbolicamente naquilo que Gaston Bachelard denomina de “casa onírica”, a “casa de nossos sonhos".

De acordo com McLuhan (1964, p. 145), a casa e as construções funcionam como extensões humanas no âmbito individual e coletivo: “Para o homem tribal e para as sociedades não-letradas, a moradia era uma imagem tanto do corpo quanto do Universo”. O autor ainda acrescenta que na sociedade moderna a ciência se preocupou em dar funcionalidade às habitações e arquiteturas. A compreensão desse comportamento só tende a ser superada quando se dá sentido específico a esses ambientes:

> [...] quando estes espaços são compreendidos, eles fornecem a chave para muitos e importantes enigmas passados e presentes. Explicam a mudança da arquitetura de cúpula circular para as formas góticas, mudança esta ocasionada pela alteração da ratio ou proporção na vida sensória dos membros da comunidade. Este deslocamento ocorre com a extensão do corpo em novas invenções e tecnologias sociais. Uma nova extensão

> estabelece um novo equilíbrio entre todos os sentidos e faculdades de modo a conduzir a uma "nova visão" – novas atitudes e preferências em muitas áreas (MCLUHAN, 1964, pp. 146-147).

Portanto, a radiografia da Rádio Sofia não apenas incentiva sua audiência a conhecer esses espaços arquitetônicos, mas também descobrir a simbologia humana. Fica incutida nessa representação as faces históricas, as memórias das guerras e a contribuição cultural das pessoas que se empreenderam no desenvolvimento da identidade e soberania do país. É um convite para conhecer a sua cultura e história através das diversas influências dos estilos arquitetônicos. São marcas culturais que o regime comunista não conseguiu suplantar. No entanto esse aparato cultural é apropriado durante a Guerra Fria visando instaurar a sensibilidade patriota dos búlgaros, uma relação de empatia com a identidade nacional, como forma de viabilizar o próprio designo comunista.

República da Polônia - A nação polonesa está situada no centro Norte da Europa. Tem sua origem desde o século I, com os eslavos. Governada pela monarquia a Polônia participa de várias investidas militares vitoriosas, mas no final do século XVIII cai no domínio da Prússia, Áustria e Rússia. Em 1918, no período histórico definido como "segunda república", a Polônia trava novas guerras conseguindo resgatar a posse territorial e estabelecer sua independência. Logo em 1939 é atacada pelos nazistas e depois pela URSS, que expulsa os alemães e instaura o regime comunista já no fim da II Guerra Mundial (WIKIPÉDIA)[49].

A Polônia possui grande importância no desfecho da Guerra Fria devido à influência cultural do catolicismo, que apesar das repressões militares se fortalece como o símbolo da identidade polonesa. Por volta de 1978 o polonês Karol Wojtyla é eleito Pontífice da igreja católica romana e esse fato passa a ter ampla repercussão na conjuntura política da Polônia e em todo o Leste Europeu. Um ano depois Wojtyla – que passa a assumir o título de Papa João Paulo II – retorna pela primeira vez ao seu país de origem: a Polônia comunista. Influenciado pelo ideal democrático dos EUA a visita do Papa passa a desencadear o fortalecimento das massas populares e o enfraquecimento do regime político vigente.

Segundo Russo (2005, p. 1)[50] a empatia religiosa do Papa João Paulo II com a população polonesa acabou fortalecendo o movimento sindical "Solidariedade", que ampliou a vitória do candidato opositor Lech Valesa:

---

[49] WIKIPÉDIA. **A história da Polônia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Pol%C3%B3nia>. Acesso em: 02 de maio 2011.

[50] RUSSO, Denis. O Papa e a história. **Revista Superinteressante.** Edição 211, mar. 2005. Disponível em: <http://super.abril.com.br/religiao/papa-historia-445556.shtml>. Acesso em: 02 de maio 2011.

> No dia 4 de junho de 1989, houve eleições para o senado na Polônia. Não era uma eleição qualquer: pela primeira vez os poloneses tinham alguma chance de escolher depois de quase meio século de ditadura comunista. O resultado das urnas foi devastador. Das 262 cadeiras do senado, 261 ficaram para o partido de oposição, o Solidariedade.

Esse fato histórico se amplia e repercute na derrocada comunista no Leste Europeu e também da Guerra Fria. Por conseguinte, resgata o prestígio da igreja católica no cenário mundial não apenas se estabelecendo como articuladora na transição política, mas também de um processo simbólico alicerçado no imaginário coletivo da população.

A radiodifusão internacional na Polônia, conforme informa a Wikipédia[51], começa desde a invasão soviética em 1936 quando foram criados programas em inglês e polonês que iam ao ar pela "Rádio Polônia".

No fim da II Guerra Mundial essas emissões são ampliadas em várias línguas – incluindo o português para o Brasil – visando atingir outras regiões do globo. O serviço para o exterior passa a ser financiado pelo governo comunista. Por isso sua programação se ocupou em transmitir a notícia, análise da notícia, política polaca, economia, a posição do país face aos assuntos externos, informações culturais e o cotidiano.

Sua produção radiográfica não se difere das demais emissoras do Leste Europeu, cujos QSLs retratam desde os aspectos visuais e militares do país até sua estrutura cultural arquitetônica, aérea, portuária, agrícola e turística, que indica a imponência do comunismo entre as décadas de 70 a 80. Alguns QSLs são desenhados sob formato cartográfico simbolizando a dimensão territorial do país, seus indicadores turísticos e naturais. No entanto, as imagens que mais chamam à atenção compõem uma série de QSLs que emissora lançou nos anos 70. A cartofilia é alusiva aos brasões das armas de guerra das cidades e dos estados que fazem parte da nação.

Os brasões se constituem em valiosas fontes histórico-culturais, pois são artefatos produzidos dentro de um determinado contexto que simbolizam o poder político de grupos sociais. São imagens portadoras de um significado cultural que visualiza a trajetória histórica da Polônia: a religiosidade, as origens monárquicas, a resistência e constante vigilância militar de um país dividido entre a fé e a razão.

---

[51] WIKIPÉDIA. **Polish Radio External Service.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Polish_Radio_External_Service>. Acesso em: 02 de maio 2011.

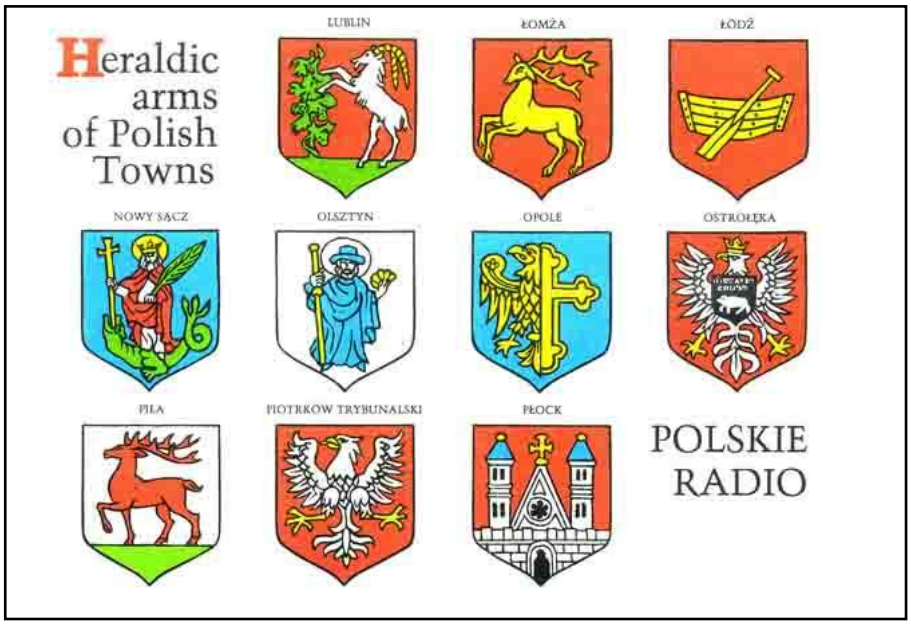


Figura 19: Heráldica de armas das cidades e dos estados da Polônia
Fonte: MCLINK. **Galleria delle QSL della ex Radio Polônia.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MI2273/libera/polonia/polon.htm>. Acesso em: 5 de maio 2011.
QSL da Rádio Polônia confirmando Fiorenzo Repetto em 10/06/77, 7145 kHz, 20:30 UTC.

Embora a cor vermelha prevaleça sobre as demais ela não é análoga ao comunismo. No entanto, a imagem da águia branca que é o principal símbolo da Polônia aparece no QSL (figura 19) com duas distinções: num dos brasões a águia tem uma coroa na cabeça; já em outro brasão ela aparece sem a coroa. O uso da águia como símbolo na identidade da Polônia surge em 1177 no escudo do monarca Kazimierz. Com a proclamação da República Popular da Polônia a heráldica comunista passa a utilizar a imagem da águia, porém sem a coroa para dar ideia de que o país já não vive sob o regime monárquico[52].

Muito embora esses símbolos tenham uma origem remota, seu uso e desuso parece estabelecer uma aproximação com a política vigente. A heráldica polonesa se circunscreve na dinâmica sociocultural do país, representando as famílias tradicionais e o poder militar. Esse ideal ainda se destaca nas imagens de outros QSLs onde são retratados estátuas e monumentos dando visibilidade aos escudos, brasões, espadas e artefatos que designam o poder.

Entretanto, o grande embate da Guerra Fria foi a rivalidade entre os blocos soviéticos e estadunidenses e cada potência se preocupava em demonstrar sua superioridade, seja através das estratégias ideológicas, culturais ou tecnológicas. Na polônia esse pressuposto vem a

[52] JAROSINSKI. **A saga dos polacos.** Disponível em: <http://www.ui.jor.br/brasoes2.htm>. Acesso em: 02 de maio 2011.

calhar na estampa de um QSL (figura 20) onde aparece a propaganda do uso das tecnologias de aviação, que se ampliam durante a Guerra Fria como uma finalidade política. Desde a década de 30 a Polônia já possuía uma companhia aérea em funcionamento. A *LOT Polish Airlines*, criada e administrada pelo governo, passou a servir de comunicação entre a Polônia e o resto do mundo através de linhas internacionais (WIKIPÉDIA)[53].

Figura 20: Linhas aéreas da Polônia: uma conexão cultural para o mundo exterior

Fonte: MCLINK. Disponível em: <http://web.mclink.it/MI2273/libera/polonia/polon.htm>. Acesso em: 05 de maio 2011. QSL da Rádio Polônia confirmando a sintonia de Ezio Ossidi 12/01/87, 7145 kHz, 20:30 UTC.

Nos anos 80 a Polônia amplia a frota e os vôos internacionais, tornando-se referência em aviação na Europa e Leste Europeu. Nessa ocasião a Rádio Polônia produziu vários QSLs alusivos à *LOT Polish Airlines* no desenvolvimento tecnológico e turístico polonês. Embora o foco da mensagem seja a aviação, nota-se que a cultura tradicional do país também está representada numa imagem ilustrando uma figura feminina com trajes típicos coloridos, simulando um vôo. Isso evidencia a notoriedade da cultura tradicional e sua sobreposição aos interesses do governo em mantê-la como imagem de identidade do país no exterior.

As intervenções da cultura tradicional como ícone da nação polonesa revelam um paradoxo nos esforços político-militares do comunismo. Ao que se parece o vínculo da população com as práticas simbólicas tenha sido uma forte referência para o fortalecimento da

[53] WIKIPÉDIA. **LOT Polish Airlines.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/LOT_Polish_Airlines>. Acesso em: 02 de maio 2011.

identidade cultural no país. Por conseguinte, um instrumento poderoso que contribuiu para o desgaste do regime político vigente.

7. 2. A radiografia dos EUA e países alinhados da Europa

Estados Unidos da América - Embora os EUA possuam uma estrutura radiofônica destinada ao público exterior a Rádio Voz da América – VOA é a que mais nos interessa nessa análise, pela sua projeção à audiência brasileira e latino-americana. Durante o fim da II Guerra Mundial a VOA iniciou emissões em várias línguas para todo o mundo. É considerada a emissora que mais contribuiu para a derrocada do comunismo e da Guerra Fria, pois foi essa sua finalidade. Através de uma programação mesclada entre jornalismo, documentários, entretenimento e opinião, a emissora demandava a proposta política dos EUA e se intitulava também porta-voz de todo o continente americano, "Voz da América".

Segundo Brant (1967) o exército nunca apoiou a difusão da guerra psicológica nas rádios oficiais americanas. A propaganda política surgiu num momento de crise, visando neutralizar as ações do inimigo através de um noticiário de opinião, que refletia os interesses do governo:

> Foi necessária uma guerra global com o seu alto preço em sangue e lágrimas para despertar a consciência propagandista dos Estados Unidos, indispensável para que este país pudesse se projetar com a devida eficiência pelo mundo afora como autêntico campeão defensor dos ideais de liberdade e democracia. Eis a razão pela qual colhidos de surpresa diante da urgência de criar, em plena guerra, um organismo governamental dedicado à divulgação de seus pontos de vista, os Estados Unidos se viram confrontados por uma ausência quase total de equipes radiofônicas poliglotas (BRANT, 1967, p. 24).

Brant (1967) ainda menciona a dificuldade de recrutar radialistas civis para suprir a radiodifusão em vários idiomas, devido a carência de profissionais em consequência do serviço militar obrigatório, bem como o controle de segurança para coibir a infiltração espiões. É nesse embate que surge emissora internacional Voz da América.

Antes de iniciar sua transmissão vai ao ar um sinal de intervalo com alguns segundos de duração, acompanhado pelo som do hino nacional americano e a identificação *"This Is the Voice of America, Washington DC signing on/off...*".

No Serviço Brasileiro da VOA o foco sempre foi o noticiário de opinião. Mesmo assim também se preocupou com as notícias pontuais, o entretenimento e em manter vínculos

de amizades entre emissor-receptor, bem como entre os próprios ouvintes. Ricardo André, Dácio Arruda e Luiz Edmundo eram os principais apresentadores dos programas "Ondas Curtas", "clube dos ouvintes" e "super clubinho", destinado a responder as cartas e emitir os QSLs a partir dos informes de recepção.

Nesse campo radiofônico e radiográfico, a emissora americana possui um amplo acervo de imagens visuais que eram enviadas para seus ouvintes. Ricos em detalhes, os QSLs da VOA estão em constante sintonia com a simbologia do poder americano. Durante sua história de transmissão a radiografia da VOA estampa desenhos cartográficos, imagens espaciais, esportivas, paisagens naturais, monumentos e, sobretudo, os prédios do governo em vários ângulos. Isso testemunha a produção cultural imagética para dar visibilidade ao pensamento ideológico da política americana sobre o mundo.

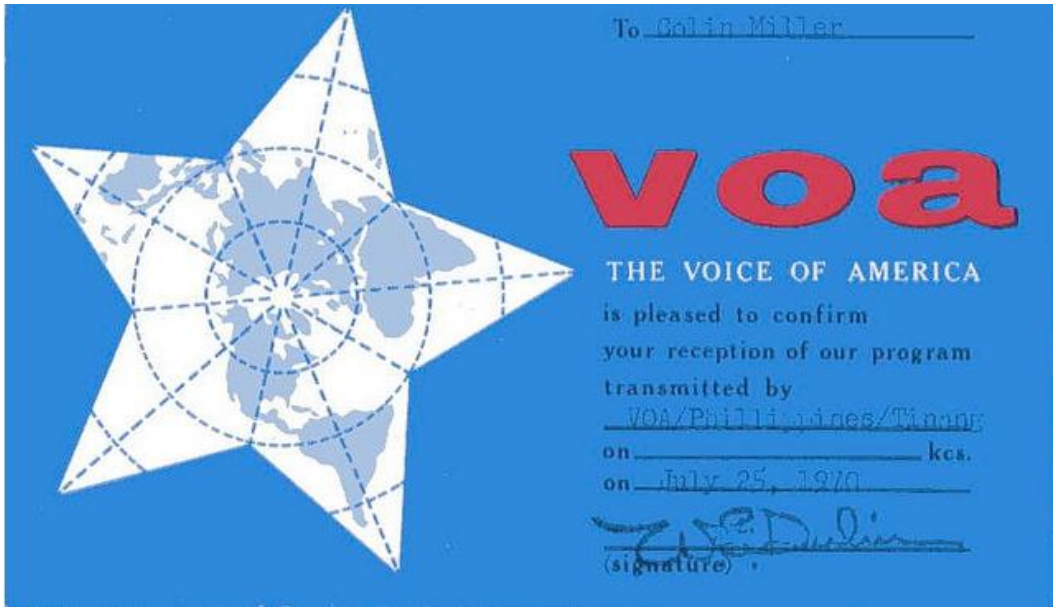


Figura 21: This Is the Voice of America, Washington DC signing on/off
Fonte: VOA TINANG. **Flickr.** Disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/colindx/5422041313/in/photostream>. Acesso em: 23 de mar. 2011.
Cartão QSL da VOA datado de 25/07/70.

A composição cartográfica de um QSL, datado dos anos 70 (figura 21), representa a dimensão do domínio americano como o "centro do mundo" – uma imagem diferente daquelas que aparecem nos mapas desenhados durante o colonialismo, onde a Europa ocupava um lugar estratégico. A estrela de cinco pontas possui uma simbologia característica nas estruturas políticas, assim como é previsível que o homem se aproprie de símbolos para construir as imagens da psique visando estreitar a comunicação com o mundo (JUNG, 2000;

2008). Embora a estrela de cor vermelha seja um símbolo amplamente utilizado pelos comunistas, nessa imagem formada por um "pentágono" pode ser feita várias leituras.

A "estrela branca" pode ser interpretada a partir da mesma simbologia, conforme é empregada na bandeira americana – formada por cinquenta estrelas, representando cada Estado que compõe os EUA. No campo simbólico, a estrela de cinco pontas também é utilizada para conceber *status.* Assim ela surge nas "forças militares" visando representar destaque e poder (WIKIPÉDIA)[54]. Talvez seja essa a tônica do QSL em representar o poder americano sobre o mundo nas emissões da Voz da América.

Essa simbologia alusiva ao poder também diz respeito às estratégias de expansão americana arquitetadas pelo "Pentágono". Construído em 1943, sob forma de uma estrela invertida, o Pentágono se constitui na Central das Forças Armadas dos EUA controlada pelo próprio Presidente da República. O Pentágono teve uma grande participação como agência de defesa e inteligência dos EUA durante os conflitos mundiais, ainda hoje é o símbolo do comando e das investidas militares americanas em países que enfrentam problemas políticos.

República Federal da Alemanha - Conhecida pela sigla RFA, surgiu da ruptura do país no fim da II Guerra Mundial. Ficando o lado oriental denominado de RDA sob domínio do bloco socialista e o ocidental, com sede em Bonh, sob comando da França, Inglaterra e EUA. A rivalidade entre as duas alemanhas teve ampla repercussão na história mundial, sobretudo depois das intervenções estrangeiras na RFA e a invasão do espaço aéreo da RDA. Resultando no isolamento político, econômico e sociocultural possibilitado pela construção do Muro de Berlim – principal símbolo da Guerra Fria.

Na radiodifusão para o exterior a Rádio Deustche Welle (DW) – mais conhecida no Brasil por "Voz da Alemanha", começa a funcionar desde 03/05/53. Segundo Grossmann (2007) a emissora se consolidou como um meio de comunicação autônomo, pois mesmo sendo financiada pelo governo possui independência editorial. A autora ressalta que a Voz da Alemanha surgiu a partir das reflexões acerca do uso da propaganda psicológica radiofônica durante o nazismo. Por isso, a princípio, passou a enfrentar grande desconfiança, mas logo atinge sua credibilidade na sintonia mundial.

Entretanto, a Voz da Alemanha se apresentava à audiência mundial como "porta-voz" do povo alemão na extensão de suas imagens culturais, retratadas pelo desenvolvimento

---

[54] WIKIPÉDIA. **Bandeira dos Estados Unidos.** Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_dos_Estados_Unidos>. Acesso em: 16 de abr. 2011.

do país, os seus aspectos turísticos, arquitetônicos, artísticos e econômicos. Enfim, uma imagem circunscrita no fortalecimento interno a partir das intervenções capitalistas.

Segundo as pesquisas de Silva Neto (2005), no Brasil, durante a década de 80, além dos programas de rádio existiam dezenas de "clubes de ouvintes" da Voz da Alemanha em funcionamento. As relações entre o Brasil e o bloco ocidental fortaleceram as propostas culturais desses clubes: ouvir a rádio em grupo, receber materiais culturais e cursos de alemão, bem como participar enviando relatório dessas atividades no programa "Clube dos ouvintes" apresentado pela emissora.

Figura 22: Parque de transmissões da "Onda Alemã"
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 22/02/92, 10:00 UTC, 25 m).

Na esfera radiográfica a Voz da Alemanha parece não se preocupar efetivamente com a difusão da ideologia capitalista, muito embora durante a Guerra Fria a RFA tenha recebido vultosos investimentos dos EUA para competir com a vizinha RDA (ALMANAQUE ABRIL)[55]. Até a década de 80 a emissora possuía poucos cartões QSLs e sempre utilizava um tema convencional para contestar a sintonia dos ouvintes. Em sua

[55] Op. Cit.

proposta, fica evidente o interesse pela sua audiência e os investimentos tecnológicos visando melhorar a recepção.

Para aperfeiçoar seu campo radiofônico construiu e alugou transmissores no interior do próprio país e em várias partes do mundo. No Brasil a recepção chegava com sinal local, possibilitado por um potente retransmissor localizado na América Central. Na figura 22, o QSL indica a localização de centros de transmissores e retransmissores localizados no próprio território, visando atingir a África, Mediterrâneo e regiões adjacentes à Alemanha.

As estratégias de audiência da Voz da Alemanha, e maioria das emissoras globais do eixo ocidental, refletem a necessidade de um aparato radiofônico para servir de instrumento político visando neutralizar a expansão comunista. Brant (1967) comenta que desde a II Guerra Mundial o rádio exerceu uma profunda influência no resultado da guerra, muito mais que a luta armada. Durante a Guerra Fria o uso de armas de destruição foi substituído mediante a dialética da palavra radiofonizada. Os países pró-EUA, a exemplo da RFA, passaram a investir em tecnologia para a ampliação do campo radiofônico, em sua inserção cultural e informativa. Essa amplitude radiofônica, de certa forma, também contribuiu para melhorar a imagem do mundo e acalmar as tensões dos conflitos.

Através desses pressupostos a Voz da Alemanha demonstra que está bem equipada, com capacidade tecnológica de comunicação de massa. A propaganda política também não passa despercebida nas imagens projetadas pela emissora. Tal como se observa na ilustração do seu cartão QSL (figura 22): as cores da bandeira, o desenho do mapa e o logotipo da emissora não deixam dúvidas quanto a esse objetivo. Muito embora se constituam em indicadores físicos do local de produção e transmissão, associados à identidade alemã.

Inglaterra - A comunicação inglesa se amplia por volta de 1922 com a Corporação Britânica de Radiodifusão, conhecida pela sigla BBC, que logo após assume a condição de emissora pública de rádio e televisão. A "BBC de Londres", como sempre foi chamada, se tornou um meio de referência em noticiar as informações da guerra para o mundo inteiro através das Onda Curtas (SERVIÇO BRASILEIRO DA BBC, 1998).

Sendo assim, conquistou uma boa imagem pelo seu jornalismo imparcial. Muito embora a natureza da comunicação humana, assim como os recursos com que se utiliza para produzir e transmitir informações, não a caracteriza como uma linguagem dotada de imparcialidade. No exemplo da BBC o que conspirou em seu favor foi seu regimento administrativo de domínio público, financiado pelo contribuinte e não pelo governo. Experiências em coberturas de acontecimentos como a guerra das Malvinas – entre a

Inglaterra e Argentina –, a emissora britânica procurou transmitir informações com fidelidade, mesmo que a noticiário não favorecesse aos interesses da Coroa inglêsa.

Por esse motivo a BBC de Londres ganhou notoriedade, sobretudo, durante a fase da Guerra Fria. Scheimberg (1997) afirma que as palavras de identificação "esta é a BBC de Londres", ainda hoje soa no imaginário da população europeia e de outras partes do mundo. Expressamente, o noticiário radiofônico da BBC se repercutia nas ações da sociedade como um informação digna de crédito. De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional (1990) isso também se deve ao fato de a emissora possuir uma série de critérios, fontes confiáveis e despretensiosas para contestar a notícias antes de serem veiculadas.

O Serviço Brasileiro da BBC foi criado em 1950. Porém, suas transmissoes na faixa das Ondas Curtas duraram até março de 2005 quando foi anunciado o desativamento desse serviço, que passou a ser substituido por uma demanda de multimídia na plataforma da internet (SILVA NETO, 2005).

No âmbito radiográfico a BBC de Londres possui poucas referências em imagens visuais. Aparentemente parece que seu maior intuito era atingir a população a partir do rádio. Como dependia da audiência para qualificar a recepção, a BBC juntou-se às outras emissoras na emissão de cartões de QSL. Inclusive propôs um código internacional SFL[56], que foi utilizado por pouco tempo, para avaliar a qualidade da recepção reportada pelos ouvintes. Todavia, nos anos 90 a BBC deixou de emitir cartões QSLs, incumbindo a tarefa da análise da recepção aos seus próprios técnicos, responsáveis em monitorar suas transmissões.

A recente radiografia produzida pela BBC de Londres está nos QSLs que funcionam como imagem de cartão postal. A figura 23 é uma imagem impressa no final da década de 50, mas que serve para ilustrar sua proposta ideológica por vários motivos: esse QSL confirmou relatórios de recepção em anos seguintes; trata-se de uma imagem emblemática, de profunda simbologia com a Inglaterra e que acompanha a trajetória BBC até os dias atuais.

A ênfase dessa imagem é o Big Bem. A torre foi construída na metade do século XIX, onde fica localizado no Palácio *Westminster* sede do Parlamento. De forma recorrente, a BBC utiliza o símbolo do Big Bem como referência espacial e chamativo cultural, tal como aparece no iconotexto "Londres chama o mundo".

[56] S = intensidade do sinal; F = fading; L = legibilidade.
Cf. PATERSON, Adrian. Como chegamos ao código SINPO. Coluna DX Marcelo Toniolo. **Navegue nas Ondas Curtas do Rádio**. Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/MarceloToniolo09.htm >. Acesso em: 20 de jun. 2011.

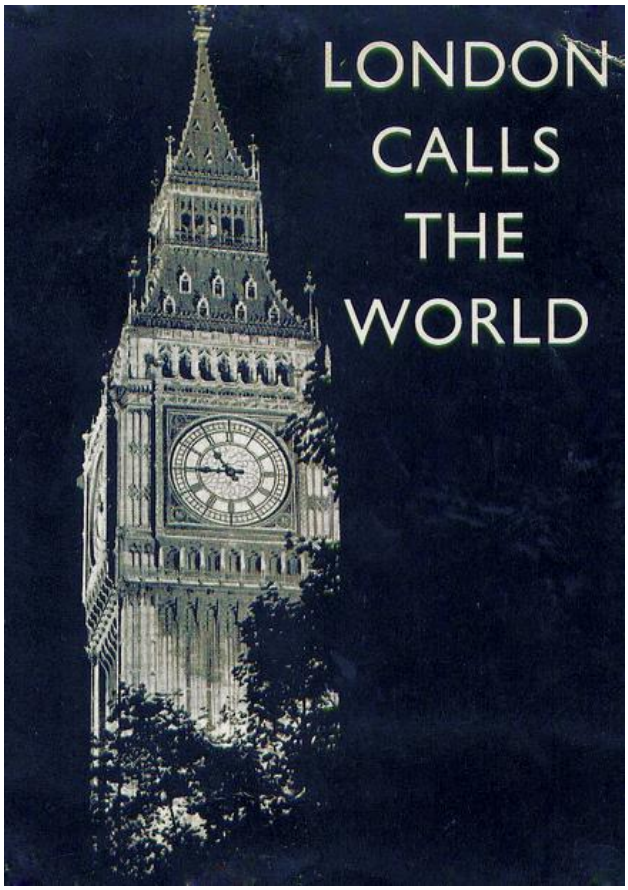


Figura 23: BBC, Londres chama o mundo
Fonte: QSL ilustrando um Calendário de parede, janeiro 2006,
do Rhein-Main-Radio-Clube (RMRC). Frankfurt - Alemanha.

Dentre os principais fatores que mais marcam a história da BBC e a aproxima da difusão da cultura inglesa certamente o som do Big Bem seja o mais característico. Um minuto antes de entrar no ar a emissora emite um sinal de intervalo com as badaladas do relógio inglês. Em seguida anuncia a hora oficial inglesa, seguido da frase "Esta é a BBC de Londres...". Esse ritual radiofonizado projetou o Big Bem como uma referência pontual da imagem da Inglaterra para todo o mundo.

Nas recordações de quem apresentava a emissão em português o radialista Jader de Oliveira, falecido em abril passado, reporta suas experiências ao chegar a Londres em 1968 para trabalhar na BBC. Diz que naquela época a Inglaterra parecia inofensiva aos desfechos da Guerra Fria no declínio da potência soviética, enquanto os *Beatles* ditavam a irreverência da juventude mundial. Segundo Jader[57], o noticiário da BBC acompanhava atentamente esses

[57] OLIVEIRA, Jader. Jader de Oliveira lembra "Estação de Londres". **Atividade DX.** São Carlos – São Paulo: DXCB. Ano 26, n. 261, set. 2008.

desdobramentos e "[...] não existia melhor fonte para quem quisesse saber dos acontecimentos no país [Brasil] governado por generais-ditadores". Sobre o som do Big Bem, Jader comenta:

> Os novatos, como eu, já ao final de uma semana, sabiam de cor a abertura imutável, que se seguiam às badaladas do Big Bem: a estação de Londres da BBC. Estamos iniciando mais uma transmissão para o Brasil nas faixas de 19, 25, 31 e 49 metros. Boa noite ouvintes. Com vocês Jader, ou Ivan, ou Carré – quem quer que estivesse escalado.

As referências ao Big Bem[58] nos põem em sintonia com a estação radiofônica de Londres e as concepções imaginárias do homem arcaico. Durand (1997) já pontuava que os antepassados ritualizavam o tempo a partir das estações do ano, nos períodos das colheitas, na transposição do claro/escuro. Ao citar as ideias Mircea Eliade sobre o assunto, McLuhan (1964, p. 180) diz que: "[...] antes da era do relógio e da cidade-horário, havia para o homem tribal um relógio cósmico e um tempo sagrado da própria cosmogonia". Para o autor o homem moderno vive numa relação mais agradável quanto o homem primitivo, pois os recursos tecnológicos que se dispõem na atualidade atuam como interface de ampliação do próprio ser humano.

Ao se basear nas teorias de Pross, Nunes (1993, p. 29) assegura que o relógio atende uma necessidade básica do homem calendarizado e conclui: "O calendário, considerado como organizador do tempo, das atividades cotidianas e da vida pública, é um objeto social, mesmo que religioso, quando ligado às crenças".

Destarte, o vínculo simbólico da BBC de Londres com as badaladas do relógio inglês pontua um encontro com hora e local marcado. A hora de se ouvir as notícias pontuais, o "diário" do mundo, o que se passa no interior do próprio território brasileiro, a hora da diversão ao som dos *Beatles* e as tendências da moda que ditam o comportamento da juventude mundial. Enfim, a proposta da BBC de Londres parece preencher esse tempo social e simbólico com os indicadores históricos, turísticos e espaciais: o lugar de onde se estar transmitindo, suas referências culturais representadas pelos marcos históricos.

França - A radiodifusão francesa para o exterior tem início em 06/05/31. A Wikipédia[59] menciona que a emissora se chamava "Poste Colonial" e emitia para a "África, América e Oriente Médio". A Poste Colonial mudou de nome várias vezes: "Paris Mundial" durante a invasão da Alemanha em 1940, culminando com seu fechamento; cinco anos depois

[58] O som do Big Bem, pontuado no sinal de identificação também nutre um vinculo imaginário entre a BBC de Londres e a audiência brasileira, conforme se observa nos depoimentos dos ouvintes no capítulo três.

[59] WIKIPÉDIA. **Rádio França Internacional.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Fran%C3%A7a_Internacional>. Acesso em: 16 de abr. 2011.

as emissões são retomadas com o nome de "Radiodifusión Francesa" (RDF); e finalmente "Rádio França Internacional" (RFI), que surge por volta de 1975 (WIKIPÉDIA)[60].

Nesse percurso a RFI acompanhou a história da França e se tornou uma porta-voz da sociedade francesa nas suas várias itinerâncias. Suas emissões para o Brasil, inaugurada em 1935, tinha um cunho cultural erudito. Além das notícias, resenhas, reportagens com personalidades dos seguimentos culturais do Brasil, a RFI também promovia concursos em parceria com entidades acadêmicas e literárias franco-brasileiras.

Nos domingos dos anos 80 ia ao ar o programa "Cartas de Paris" apresentado na voz carismática de Adriana de Freitas e outros radialistas, que contestavam as correspondências e remetiam os QSLs para os ouvintes. A propaganda radiográfica da RFI nesse período sempre se preocupou em mostrar ao mundo a elegância da capital francesa. São várias imagens que retratam o Arco do Triunfo, as praças de Paris, os espaços culturais noturnos, a arquitetura francesa, sendo que a Torre Eiffel ilustra a maioria desses QSLs em diferentes ângulos.

Sendo assim, dentre a radiografia visual da RFI, o QSL (figura 24) torna-se emblemático para os períodos em investigação. Tendo a Torre Eiffel e o Rio Siena como fundo a imagem destaca a *"Maison Radio"*, um prédio concluído em 1963 para atender a funcionalidade dos estúdios de produção e emissão da RFI. Projetada sob forma de arco a "Maison Radio" passa a compor o estrutura histórico-cultural francesa pela sua engenhosidade arquitetônica. A imponência da construção evidencia as transmissões da RFI para o exterior e sua visibilidade na difusão dos pontos de vistas políticos, históricos e sócioculturais da França para todo o mundo.

Sob esse olhar, a proposta radiofônica e radiográfica da RFI ainda se amplia na veiculação de imagens que espelham a experiência da França no bloco capitalista. Enquanto muitos países pró-socialistas enfrentavam dificuldades para gerir os aparatos públicos, as nações apoiadas pelos EUA se projetavam pelo rítimo acelerado de desenvolvimento. O desenho urbano e as arquiteturas desenhadas durante a Guerra Fria (a exemplo da *Maison Radio*) também é uma forma de evidenciar a superioridade do capitalismo como um processo de poder monetário e simbólico.

60 Ibid.

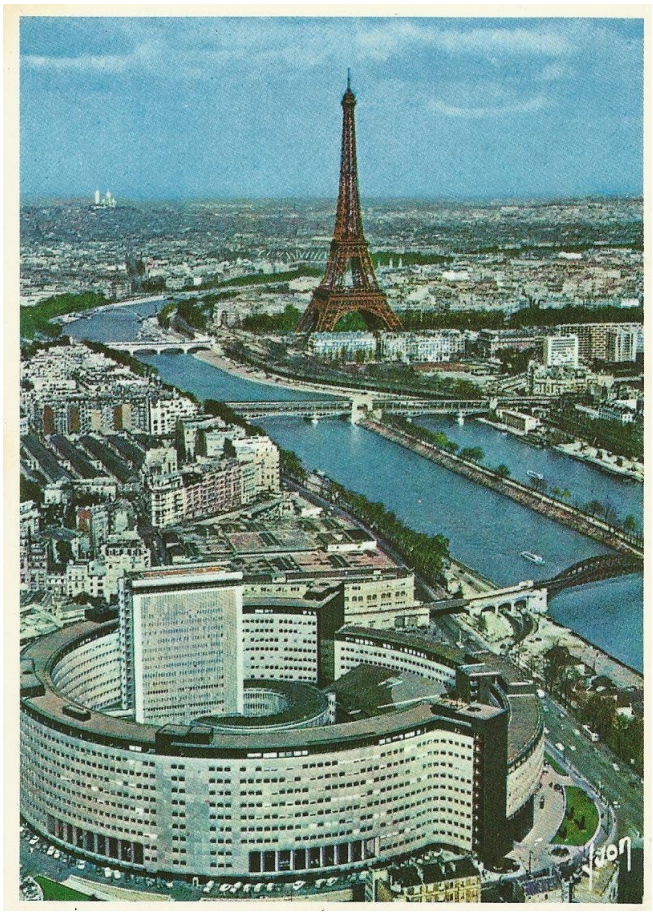


Figura 24: A Maison Radio centro da comunicação no coração de Paris
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 20/04/92, 22:00 UTC, 11965 kHz).

Efetivamente a tônica capitalista parece suscitar no dinheiro, moeda corrente, um sentido que vai além do poder de consumo. McLuhan (1964, p. 155), comenta que: "Como qualquer outro meio, o dinheiro é [...] um produto natural. Como forma exterior e visível da necessidade de trocar e intercambiar, ele é uma imagem corporada ou corporativa que depende da sociedade para ganhar *status* institucional".

Na instituição socialista as riquezas não eram mensuradas como um valor convencional, mas na potencialidade da produção e na sua divisibilidade igualitária na esfera social. Esse modelo de organização acabou restringindo o bloco comunista da efetiva potencialidade de riqueza que possuía. Tal como afirma McLuhan (1964), o uso de moeda remota às origens dos antepassados e se constituiu numa condição imprescindível para a expansão do ser humano. O dinheiro permite a especialização e redistribuição de energias humanas e transforma um tipo de trabalho em outro. Possivelmente, a incompreensão desse valor simbólico nessas relações acabou atrofiando a amplitude da ideologia soviética.

7.3 A radiografia comunista da Guerra Fria fora do eixo Leste Europeu

República Popular da China - A nação possui uma importância política e histórica milenar no contexto da civilização oriental e atualmente uma potência mundial em ascensão. Em 1949 Mao Tsé-tung proclama a República Popular da China e se alinha ao bloco soviético, servindo-se como estratégia político-militar durante a guerra do Japão e na península coreana. Devido à sua posição socialista, no início da Guerra Fria, o país perde seu reconhecimento pela ONU e em alguns organismos internacionais[61].

Contudo, durante a década de 70 a China enfrenta vários entraves: morre Mao Tsé-tung; seu sucessor Deng Xiaoping desenvolve um plano político-econômico denominado "reforma e abertura" o qual vai resultar em profundas mudanças na estrutura política; o país rompe definitivamente suas relações com a URSS e se alinha aos EUA; e volta a resgatar sua posição política e ocupar um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU.

No âmbito das comunicações, em 04/12/41, a China cria um serviço internacional conhecido como "Rádio Pequim". Com isso consegue dar voz à Revolução Chinesa em dezenas de línguas para todo o mundo. O Departamento de Língua Portuguesa surge por volta de 1960 com programas de três blocos diários de meia hora. Entre os sotaques de português e mandarim, após um sinal de intervalo, a locutora anunciava o início da transmissão: **"Aqui, Rádio Pequim".** Uma frase que ainda hoje permanece na lembrança dos ouvintes que sintonizavam a Rádio Pequim até o início dos anos 90, quando ela passou a se identificar como "Rádio Internacional" da China (CRI).

A China em sua amplitude étnico-cultural, histórica, artística, religiosa, econômica e geopolítica estava disponível na sintonia das Ondas Curtas. Muito embora a Rádio Pequim se especializasse na construção de uma imagem sedimentada nas teorias socialistas, nota-se uma maior referência com a visibilidade das culturas coletivas. Elas estão presentes nas concepções mitológicas, nos enredos musicais e na repercussão de tradições que atuam no modo de vida da população em suas referências com os símbolos da China Milenar.

Ancorada entre o passado e presente, a emissora produziu imagens mentais e visuais que retratam a história chinesa e a revolução política Maoísta, em sua repercussão na economia e realidade sociocultural do país. Burke (2004) comenta que o estudo das imagens produzidas em países socialistas tende revelar as formas de representação cultural do modelo vigente. Sendo assim, os QSLs da Rádio Pequim trazem em seu escopo as imagens que

[61] WIKIPÉDIA. **Revolução Chinesa.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Chinesa> Acesso em: 22 de abr. 2011.

retratam a China nesses contextos histórico-culturais. No QSL (figura 25), emitido em 1974, as características dessa leitura recaem nas atividades das classes operárias, se constituindo numa imagem rica em signos e símbolos que permitem uma compreensão histórica e a elucidação dos objetivos pelo qual esse desenho foi produzido.

Seguindo a análise pré-iconográfica preconizada por Panofsky (1976) é possível identificar o cenário e os principais elementos que o compõe. O primeiro plano dessa imagem se configura a partir das tarefas artesanais desenvolvidas pelas mulheres de várias idades, no interior de uma casa, possivelmente numa aldeia litorânea. O artefato produzido por elas é "uma maca" para transportar os feridos em batalhas, que outras mulheres se encarregam de transportá-la nos barcos. Os demais objetos que estão no cenário são profundamente enigmáticos: é possível ver um rádio com antena levantada, armas de fogo, caixa de primeiro socorro e um exército feminino armado, marchando em fila. Então, tem-se uma cena espontânea que não apenas retrata a história da China Comunista, mas também a participação das mulheres nas atividades laborais e empreendimento político-militar.

Figura 25: As imagens da Revolução Chinesa na Rádio Pequim
Fonte: QSL ilustrando um Calendário de parede, outubro 2006, do Rhein-Main-Radio-Clube (RMRC). Frankfurt - Alemanha. QSL da Rádio Pequim, datado de 1974.

A partir do olhar iconográfico as concepções secundárias se ampliam. Embora a década de 70 comece a desenhar um plano de paz e aproximação da China no eixo ocidental, o país se mantém cauteloso face à instabilidade mundial e preparado para um iminente embate

militar. Nesse desenho do cotidiano, o imaginário e as experiências da guerra parecem ganhar visibilidade em todas as instâncias da sociedade. Sem dúvida, as experiências históricas da China nos conflitos mundiais ampliaram estratégias, visando preparar também o público feminino para assumir ações de segurança e sobrevivência em situações de emergência.

O "rádio com a antena levantada" denota a ideia de "rádio ligado". Reforça a importância da mídia radiofônica na consolidação do Estado chinês e no seu contato com o mundo. Durante o período da Guerra Fria o rádio de OC teve um papel imprescindível para informar e formar mentalidades. Na sintonia chinesa o rádio serviu para noticiar e dar visibilidade à imagem de China no âmbito mundial, bem como na integração da população nacional à desenvoltura dos seus projetos políticos.

Outra evidência nessa imagem do QSL consiste na representação dos meios de produção baseados nos trabalhos artesanais. Bem diferente dos países capitalistas, que naquela época já contavam como um nível de desenvolvimento tecnológico capaz de atender a demanda de produção cultural a partir da mecanização industrial. Essas reflexões impulsionaram a China a se aproximar do Ocidente através das estratégias políticas denominadas "reforma e abertura", que se intensificou a partir dos anos 80.

São essas as imagens que a Rádio Pequim se encarregou de veicular na mídia radiofônica e radiográfica durante as décadas de 70 e 80. Suas informações sempre primaram para a sutileza na divulgação desses acontecimentos e em noticiar a amplitude político-econômica do país durante sua fase de transição. Também se manifesta a preocupação com a esfera cultural: uma China Milenar que adentra a história contemporânea sem perder de vista a importância das suas tradições e de apresentar ao exterior as riquezas que a constitui em patrimônio cultural de toda a humanidade.

República de Cuba - Em 1959 o país instaura a Revolução Cubana e adere ao regime socialista apoiado pela URSS. Durante a Guerra Fria, os EUA passaram a reunir esforços visando destituir Fidel Castro e implantar um novo governo em Cuba. Resultando em entraves militares, que causaram grande impacto à hegemomia americana na ilha cubana, em países da América e de outras partes do mundo. A partir de então a ilha de Cuba torna-se uma forte resistência socialista no continente americano e ainda hoje resiste aos embargos econômicos dos EUA (ALMANAQUE FOLHA)[62].

No dia primeiro de maio de 1961, há cinquenta anos atrás, nasce o serviço internacional da "Rádio Havana Cuba" (RHC). Naquela época Cuba enfrentava um desgaste

[62] ALMANAQUE FOLHA. **Mundo:** cronologia. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo60.htm> Acesso em: 22 de abr. 2011.

político, considerada como uma nação indigente, isolada do resto do mundo pela ações deliberadas pelos EUA. Vigiada e controlada, a ilha encontra na radiodifusão via OC a possibilidade de ter direito à voz e emitir seus pontos de vistas ao público exterior. Isso é possível observar no discursso de Fidel Castro durante a transmissão histórica da RHC, após a tentativa frustrada de um golpe militar liderado pelos EUA na baía dos Porcos:

> Cuba já tem uma imprensa de rádio, que já está transmitindo a toda América Latina... Já estão nos ouvindo inúmeros irmãos de América Latina e de todo o mundo... Bom, que sorte que não estamos na época da indigência. Estamos na época do rádio! E as verdades de um país podem chegar a lugares longínquos. (informação verbal)[63]

Devido às dificuldades de recursos e também de estabelecer contato postal com sua audiência – pois muitas correspondências eram extraviadas antes de chegar ao destinatário –, a RHC preferiu centrar sua propaganda política através da radiodifusão. Mesmo assim, durante os anos 70, alguns ouvintes ainda tinha a sorte de receber algum envelope da emissora contendo QSLs e materiais alusivo à Revolução Cubana.

Os QSLs impressos num material de natureza muito simples trazia apenas as mensagens da RHC traçadas pelos desenhos geométricos, que mais se assemelham a arte tribal. Tudo indica que seja uma referência da identidade cultural dos ameríndios. Essa população nativa residia nas antilhas da América Central e foi identificada desde à chegada de Cristovão Colombo naquela região (ALMANAQUE ABRIL, 2011).

Entretanto, nas ondas do rádio há um interesse na veiculação das imagem recentes: o cotidiano da ilha, os entraves políticos e econômicos com os EUA, os vultos históricos – sobretudo os nomes que se destacaram no processo revolucionário –, as políticas militares, econômicas, tecnológicas, culturais e sociais. Como é de praxe dos países socialistas Cuba também dá ênfase aos esportes, a educação e medicina, principais pilares do seu desenvolvimento. Já no âmbito da musicalidade é possível ouvir a salsa cubana e outros gêneros típicos da música caribenha.

Na esfera da comunicação gráfica a RHC ainda é incipiente. Seus QSLs são impressos com pouca regularidade, geralmente em ocasiões especiais ou para enfatizar a política independente da ilha. Entretanto, na sua programação para o exterior em português e espanhol a RHC encontrou uma forma de suprir a proposta dos QSLs através da criação do programa "Mundo da Filatelia".

---

[63] Discurso de Fidel Castro durante a inauguração do Serviço Internacional da Rádio Havana Cuba.
Cf. RADIO HAVANA CUBA. **Chamada dos 50 anos da RHC.** 11 de set. de 2010. Informação verbal, gravada e partir das Ondas Curtas na frequência de 15360 kHz, 19 m., às 11:27 UTC, SINPO: 44434.

Figura 26: Os projetos espaciais de Cuba no cosmo do futuro

Fonte: Acervo do pesquisador. Envelope com carimbo postal de primeiro dia de circulação (12/04/75) alusivo à emissão filatélica cubana "cosmo do futuro", enviado em resposta à contestação de uma pergunta veiculada no "Mundo da Filatelia" da Rádio Havana Cuba.

O Mundo da Filatelia veicula, em vinte minutos, fatos da historiografia cubana que foram exarados na linguagem gráfica dos selos postais. No final do programa ainda lança um pergunta ancorada nas reportagens que foram ao ar. Ao respodê-la corretamente o ouvinte recebe pelo correio vários selos temáticos e envelopes datados, com carimbos de primeiro dia de circulação. Esses materiais divulgados pela RHC no programa Mundo da Filatelia, retratam a história cubana, sobretudo, em selos dos anos 70, sendo um confidente fiel dos reflexos socialistas na ilha durante o período da Guerra Fria.

A figura 26 traz em seu escopo a representação da série temática o "cosmo do futuro", composto de três envelopes, com carimbos emitidos em 12/04/75. As imagens dão conta das investigações espaciais desenvolvidas por Cuba em parceria com a URSS a partir do final dos anos 60. Segundo a Revista Veja[64], a inserção da ilha nos projetos espaciais se deu pela parceria com o bloco socialista através do programa soviético "Intercosmos". A partir dessas experiências Cuba conseguiu desenvolver tecnologias e se aperfeiçoar no campo da aviação.

[64] VEJA. **Hotel nas estrelas.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/090501/p_104.html>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

Por outro lado, a concepção do cosmo do futuro remete às mesmas preocupações do homem arcaico em se aproximar da dimensão cósmica. São imagens arquetípicas, que segundo Jung (2008) estão no inconsciente sob forma de figuras oníricas, aladas, e divindades míticas a exemplo de Hermes que adquire a condição de "homem voador". Através das tecnologias o ser humano consegue transpor as barreiras físicas e adquire uma condição de transcendência, poder e liberdade. As ideias de libertação política de Cuba através das investidas espaciais parecem perpassar por essa interpretação:

> [...] hoje poderíamos, do mesmo modo, falar em aviões a jato ou em foguetes espaciais, pois são encarnações físicas do mesmo princípio de transcendência quando nos libertam, ao menos temporariamente, da gravidade. Do mesmo modo, os antigos símbolos de contenção que traziam estabilidade e proteção aparecem agora na busca de bem-estar econômico e social do homem moderno (JUNG, 2008, p. 152).

Nessa perspectiva, a inserção no espaço sideral concedeu a Cuba uma imagem de *status* político, liberdade e poder. Essas experiências resultaram no aperfeiçoamento de tecnologias e estratégias militares. Apesar de ser um país pequeno, Cuba tornou-se imponente ao ponto de desafiar a potência americana e se posicionar no domínio da soberania política.

Além da imagem cubana na esfera político-militar, outros aspectos culturais também são grafados nas estampas filatélicas: a arquitetura colonial, os espaços culturais dedicados aos acervos de artes, a flora, faúna, paisagens litorãneas, as homenagens aos artístas cubanos – incluindo pintores, escultores, músicos e desportistas. Por conseguinte, são informações amplamente veiculadas também na sintonia radiofônica.

É possível afirmar que os materiais filatélicos da RHC funcionam, praticamente, dentro da mesma proposta dos cartões QSLs[65]. O QSL atende, especificamente, a uma demanda estabelecida entre emissor/receptor a partir da confirmação dos "informes de recepção" enviados pelos ouvintes. Entretanto, mesmo não possuindo essa mesma característica, os selos postais volta-se à uma nessecidade cultural estabelecida na resposta do ouvinte, confirmando que ele ouviu o programa e atendeu a proposta formulada pela RHC.

Por isso, as fontes filatélicas também servem de referência para a análise iconográfica da radiodifusão cubana. É uma forma convencional que a RHC se utiliza para compensar a incipência estética dos seus QSLs. Ao mesmo tempo inteirar o público mundial sobre a imagem cubana durante a Guerra Fria registrada nos selos postais.

---

[65] Confira a abordagem no início deste capítulo que trata de uma proposta desenvolvida pela *Ekkos*, na década de 20, com a criação dos selos de verificação para a confirmação da sintonia rdiofônica.

República Socialista do Vietnã - A Guerra do Vietnã (influenciada pela França, Inglaterra e EUA) se extendeu em 20 anos e passou a ser o conflito político-militar mais longo da Guerra Fria[66]. Os embates giraram em torno das disputas internas entre as frentes comunistas e nacionalistas, que se caracterizaram pelo interesse direto das superpotências mundiais (EXAME, 2011)[67].

No âmbito da comunicação radiofônica o Vietnã viveu uma dualidade evidente durante os conflitos. Segundo a Wikipédia[68], em 1945 o líder comunista Ho Chi Minh inaugura a "Rádio Voz do Vietnã" (VOV) para comemorar a criação da República Democrática do Vietnã – ampliando a programação em vários idiomas e em espanhol para a América Latina. Enquanto no Vietnã do Sul o governo proibia a população de possuir receptores de rádio e sintonizar outros países.

Através das suas emissões pela OC a VOV noticiou ao mundo os preceitos da guerra sob o crivo comunista do Vietnã do Norte. Posteriormente compôs uma tríade ideológica com a Rádio Moscou e Rádio Havana Cuba. Parcerias que se tornaram imprescindíveis na produção, transmissão e retransmissão radiofônica vinculadas à imagem comunista durante e após a Guerra do Vietnã. Mesmo a serviço do governo, a VOV tornou-se importantíssima na veiculação das informações diretamente do espaço do conflito; também serviu de subsídio, que comparados às outras fontes, ampliou a sensibilidade mundial.

De fato, a cobertura dos *mass media* tornou pública a Guerra do Vietnã na extensão mundial. Na opinião de Thompson (1998) essa intervenção foi oportuna para permitir a comparação de informações e fortalecer os movimentos pacifistas. Por isso o controle da mídia pelas autoridades não surtiu o efeito esperado, pois o desfecho dos conflitos resulta da apreciação de dois prismas: o esforço militar e a análise da sociedade, que recebe as informações em casa. Assim Thompson (1998, p. 104) conclui: "[...] imagens e informações mediadas têm o poder de estimular formas de ação responsiva, crítica e dissenso que podem enfraquecer o esforço da guerra".

Durante o período de guerra a sintonia da VOV se constituiu numa comunicação unidirecional entre emissor-receptor. Por conseguinte, a emissora não se aperfeiçoou na produção de cartões QSL mais chamativos para difundir a imagem visual do Vietnã no

---

[66] EDUCATERRA. **A guerra do Vietnã.** Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/guerra_vietna2.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

[67] EXAME. **Guerras e tumulto político marcam história do Vietnã.** Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0819/noticias/span-guerras-e-tumulto-politico-marcam-historia-do-vietna-span-m0051764>. Acesso em: 24 de abr. 2011.

[68] WIKIPÉDIA. **Media of Vietnan.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Media_of_Vietnam>. Acesso em: 24 de abr. 2011.

exterior. Entre os anos 70 a 80 a VOV se limitou a poucas imagens de QSLs – na sua maioria apenas um papel com o carimbo da emissora e a confirmação da sintonia.

Figura 27: Nas ondas socialistas da Rádio Voz do Vietnã
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 26/08/01, 03:12 UTC, 9650 kHz).

Por certo, o desenho de um QSL da figura 27 seja o que representa uma composição ideológica mais atrativa para esta investigação. Trata-se de uma imagem de uso recorrente na história da VOV que é retomada a partir de um novo desenho grafado nesse cartão no início dos anos 90. O mapa do país unificado é o assunto principal da imagem, representado por uma silhueta de cor vermelha: a marca da vitória comunista. A partir desse mapa surgem várias ondas que se propagam em forma de círculo e preenche toda a extensão do cartão QSL.

A imagem que mais se aproxima dessa interpretação remete ao contexto ideológico da propaganda política via Ondas Curtas. A propagação em forma de ondas demonstra o poder de comunicação das emissões para o exterior da VOV, cuja importância foi fundamental para difundir o triunfo comunista para o mundo. Tanto que o mapa do país tem a cor vermelha, a estrela comunista aparece logo acima representando os esforços militares do Vietnã do Norte. É dele que emana a onda radiofônica. O iconotexto *"verification card"* complementa a informação de uso restrito à confirmação da sintonia da VOV.

Face às limitações radiográficas, a programação da VOV pode ser a mais adequada para retratar as imagens concebidas sobre o país e sua ideologia. Além das notícias e reportagens sobre política, nas pautas da emissora também são abordadas outros pontos

culturais: costumes, tradições, canções típicas do país, cotidiano, religiosidade, arquitetura, economia, as paisagens naturais e urbanas, os sítios arqueológicos, entre outras. São informações que se traduzem nas imagens de um país rico em diversidades culturais. Suas histórias povoadas de mistérios instigam a audiência a descobrir um Vietnã simbólico, bem diferente daquele que a mídia convencional menciona pelas suas marcas da guerra.

7.4 Os embates da Guerra Fria na Península e Oriente Asiático

A guerra entre as duas Coreias - A Coreia se constitui numa civilização milenar, localizada na península coreana, que ao longo dos anos foi governada por várias dinastias imperiais. Sua posição histórica no século XX foi legitimada por dois marcadores: primeiro, sob o jugo da colonização japonesa e sua expulsão pelas superpotências mundiais; segundo, pela ruptura política já no início da Guerra Fria, tendo os EUA e a URSS como articuladores. Assim a península coreana foi dividida em duas nações: a "República Democrática Popular da Coreia" (Coreia do Norte) e "República da Coreia" (Coreia do Sul) (COLÉGIO WEB)[69].

De acordo com o Almanaque Abril (2011), durante o início dos anos 50, americanos e soviéticos envolveram a China no curso da Guerra Fria. A partir desses embates os países continuaram divididos, contabilizando milhões de mortos. Sob a intervenção da ONU foi definida uma área de fronteira entre as duas nações. Porém a eminência de um possível conflito ainda continuou latente, sobretudo, mediante as conspirações e especulações militares, visando a reunificação do país ao domínio de um só governo.

Coreia do Norte **-** No campo da comunicação, conforme nos informa a Wikipédia[70], a Coreia do Norte é rigidamente controlada tanto no acesso às informações externas quanto internas. Foi com esse pressuposto que o país criou em 15/10/45 um serviço radiofônico internacional, em vários idiomas, via OC através da "Rádio Pyongyang" (A Voz da Coreia). Desde à época da Guerra Fria a Rádio Voz da Coreia tem sido a fonte oficial de cultura e informações sobre a Coreia do Norte no exterior.

A programação em espanhol, captada pela audiência brasileira e latino-americana naquele período, trazia os principais destaques da política, sociedade e a cobertura dos acontecimentos norte-coreanos sob o crivo do governo. Muito embora a Voz da Coreia ocupe maior parte do seu tempo de transmissão às notícias de opinião, a música, as artes, poesias,

---

[69] COLÉGIO WEB. **Guerras das Coreias.** Disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/historia/guerra-das-coreias.html>. Acesso em: 24 de abr. 2011.
[70] WIKIPÉDIA. **Coreia do Norte.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Coreia_do_Norte>. Acesso em: 03 de maio 2011.

entre outros, também faziam parte de sua pauta radiofônica. Porém sempre ressaltando o regime socialista como um modelo circunscrito na valorização da identidade nacional.

Figura 28: O triunfo da República Democrática Popular da Coreia
Fonte: DXARCHIVE. Disponível em: <http://dxarchive.com/sw_international_broadcasters_nth_korea_pyongyang.html>. Acesso em: 08 de maio 2011. QSL da Rádio Pyongyang – A Voz da Coreia, confirmando a recepção de um ouvinte não identificado em 06/07/76, 6576 kHz, às 20:17 UTC.

Na sua radiografia a Voz da Coreia possui um acervo ainda pequeno para ser estudado com profundidade, sobretudo, porque a maioria desses QSLs não possui legenda de identificação, o que dificulta a análise. Mesmo assim é possível conceber uma iconografia que retrata o país na sua particularidade arquitetônica, paisagens naturais e ideológicas.

O desenho estampado num cartão QSL dos anos 70 (figura 28) desperta a atenção pela natureza de sua estética e mensagem. A imagem em formato de pintura não possui legenda e identificação. Entretanto, é possível perceber que ela retrata uma cena idealizada da vitória norte-coreana, possivelmente nas suas investidas durante a "Guerra das Coreias", década de 50. O cenário do fundo põe em perspectiva a comemoração dos soldados, que levantam as mãos e balançam ao alto uma bandeira comunista de "cor vermelha".

Esta imagem sobrecarregada de pontuações ideológicas também dá ênfase a três sujeitos no primeiro plano. Os trajes de dois deles possuem referências militares, porém o personagem ao centro parece se destacar dos demais pela sua informalidade ou posição central. Uma figura que parece se espelhar nas fisionomias do "eterno presidente" Kim II-

Sung, responsável pelos destinos que a Coreia do Norte passou a assumir a partir da sua liderança política.

Tal interpretação se reforça ao se levar em conta a natureza da imagem grafada sob forma de desenho. Diferente da fotografia a linguagem do desenho permite maior fluxo de subjetividade. O desenhista pode se expressar com maior acuidade e se concentrar na representação de elementos simbólicos que, certamente, não seriam possíveis numa captura fotográfica.

Burke (2004, p. 176) também compartilha opinião semelhante quando se refere a temas artísticos relacionadas à ideologia de países envolvidos na arte da guerra: "Imagens de combates são uma forma clara de propaganda que oferece a oportunidade de retratar o comandante de uma maneira mais heróica". Citando o exemplo das cenas de guerras nas pinturas Renascentistas, diz que elas mostram os próprios líderes engajados ou "[...] olhando o campo de batalha após a vitória" (BURKE, 2004, p. 176).

Na opinião da mídia ocidental, a imagem de um país vitorioso e conservador se constitui no principal *marketing* do governo norte-coreano. Taís Oyama[71] da Revista Veja destaca que a Coreia do Norte é alicerçada na memória da guerra e no culto do seu vulto histórico Kim II-Sung.

Em sua proposta radiofônica e radiográfica nas décadas de 70 e 80 a Voz da Coreia parece se constituir na voz dos seus governantes e na maneira como se deseja que a imagem do país seja projetada na abrangência mundial. Essas imagens esculpem um desenho que serve de referência para se compreender os desígnios socialistas no período da Guerra Fria. Sendo assim, se por um lado a Voz da Coreia se preocupou com a visibilidade ideológica, por outro também serviu para retratar, no espectro radiofônico, a diversidade cultural e os pontos de vistas de seu país, totalmente desconhecidos pelo resto do mundo.

Coreia do Sul **-** O conflito na península coreana insere a Coreia do Sul na sintonia internacional através da "Voz da Coreia Livre" criada em 15/08/53. A emissora passou a transmitir para o exterior em vários idiomas, incluindo o português. Até a década de 80 possuía clubes de ouvintes funcionando no Brasil e chegou até alugar uma caixa postal para facilitar o contato com os ouvintes.

[71] OYAMA. Taís. O país mais fechado (e estranho) do mundo. **Veja.** Edição 2127, 26 de ago. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/260809/pais-mais-fechado-estranho-mundo-p-104.shtml>. Acesso em: 03 de maio 2011.

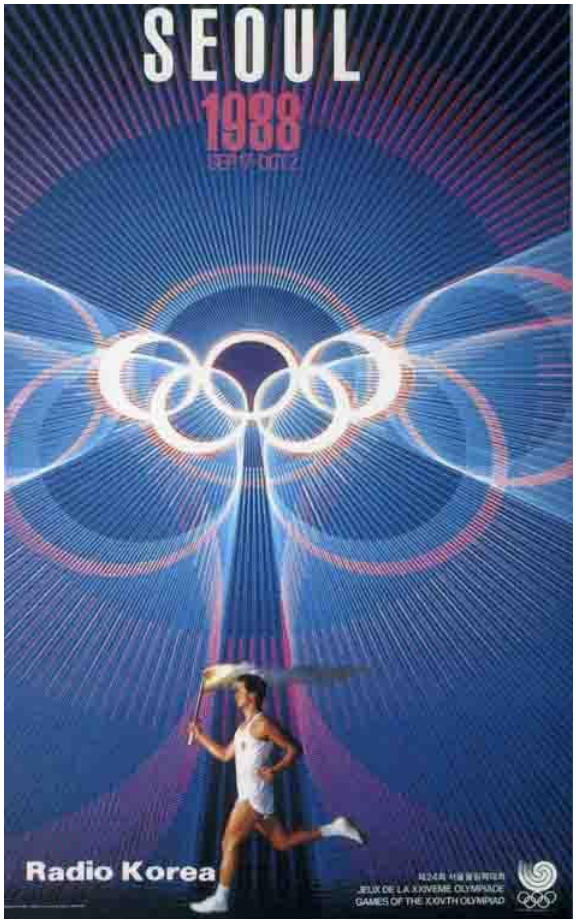


Figura 29: A Coreia do Sul sede mundial dos Jogos Olímpicos

Fonte: MCLINK. **QSL del radioascolto in italiano.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MJ0350/libera/corea/corea.htm>. Acesso em 10 de maio 2011. QSL da Rádio Coreia alusivo à escolha de Seul como sede das Olimpíadas de 1988. O QSL confirma a sintonia do ouvinte Fiorenzo Repetto em 08/01/88, 7550 kHz.

Em 1973 a emissora passou a se chamar Rádio Coreia e mais recentemente assumiu a identificação de KBS World Radio, tornando-se uma peça chave para antagonizar a política socialista do seu vizinho norte-coreano. A emissora oferecia ao público mundial uma visão acerca dos conflitos entre ambos os países e o progresso da Coreia do Sul após sua adesão ao capitalismo. Principalmente nas décadas de 70 e 80 a Rádio Coreia produziu uma programação centrada na formação de opinião, atualidade e entretenimento, sendo testemunha de uma importante fase de crescimento econômico no país.

O amplo leque cultural da Coreia possibilitou à emissora projetar imagens sonoras e visuais sobre as diferentes faces do país. Em seu acervo de QSLs existem temáticas dedicadas à literatura, paisagens naturais e urbanas, canções tradicionais, aos modos de vida e os patrimônios artísticos, arquitetônicos e religiosos. Entretanto, a associação dos esportes com a imagem da nação sul-coreana parece ser a mais evidente nas composições dos cartões QSLs.

Durante a década de 80 a Coreia do Sul sediou dois importantes eventos esportivos: os Jogos Asiáticos (1986) e os Jogos Olímpicos de Verão em 1988 (figura 29). A partir do desenvolvimento econômico no país os atletas sul-coreanos começam despertar a atenção mundial pela performance e qualidade de vida. Nas Olimpíadas o país ocupou o quarto lugar em número de medalhas (WIKIPÉDIA)[72].

Esses acontecimentos vieram conceber a estrutura de um país que, embora tenha sido afetado recentemente por uma guerra interna, conseguiu recompor sua imagem e ser escolhido para comportar eventos mundiais dessa magnitude. Por outro lado ao utilizar o tema esporte como principal *marketing,* também consegue resgatar alguns elementos emblemáticos da cultura arcaica. Neles encontram-se representados desde a própria concepção do jogo, enquanto intencionalidade cultural humana, até o uso da "tocha olímpica" (figura 29). O fogo é um elemento que vai muito além de seu uso figurativo nos eventos esportivos, pois demarca um recurso simbólico que nos acompanha desde as origens do homem primitivo (HUIZINGA, 2008).

Portanto são essas as imagens da Coreia do Sul, que a Rádio Coreia disseminou durante os anos 70 e 80. Sua propaganda visava oferecer ao público estrangeiro as notícias sobre os embates político-militares, a cultura tradicional e as estratégias que o país utilizou para ganhar notoriedade a partir das intervenções da economia capitalista.

República da China - Localizada numa ilha na Ásia oriental a República da China, também conhecida por Formosa e "Taiwan", surgiu como Estado independente durante a Guerra Fria. O governo da situação Nacionalista foi derrotado pelo Partido Comunista liderado por Mao Tsé-tung. Essa vitória obrigou o então presidente da China a se refugiar na colônia de Taiwan, estabelecendo um governo provisório que foi reconhecido em seguida pela ONU e pelos EUA. Temendo a expansão comunista no Oriente asiático os americanos ofereceram apoio militar a Taiwan. Já no início dos anos 70 a República Popular da China se aproxima do Ocidente, retoma sua legitimidade política e ameaça o retorno de Taiwan à condição de colônia chinesa (ALMANAQUE ABRIL, 2011).

É nesse contexto político-militar que a República da China reinaugura o serviço radiofônico via OC em 1949 durante a chegada o presidente exilado a Taiwan. Muito embora a emissora já funcionasse na China continental desde 1928, sob a responsabilidade da *Broadcasting Corporation of China* (BCC). Na nova fase administrativa passou a se chamar

[72] WIKIPÉDIA. **Coreia do Sul**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Coreia_do_Norte>. Acesso em: 03 de maio 2011.

"Voz da China Livre", principal vetor do fortalecimento político de Taiwan. De acordo com a Wikipédia[73], sendo assim a emissora desempenhou:

> [...] um importante esforço entre a disputa que livrou o mundo livre do socialismo real maoísta durante a Guerra Fria. Se bem que o Koumingtang representou uma ditadura, a Voz da China Livre manteve o princípio de uma China unida em um sistema político republicano (tradução nossa).

A Voz da China Livre propõe retratar a imagem do novo país na conjuntura mundial, por isso sempre esteve sintonizada com os desfechos da política vigente. Tanto que mudou de nome por duas vezes. Nos anos 90 a China continental cogitou a possibilidade de incorporar Taiwan ao território chinês e a emissora passou a se chamar "Rádio Taipei"; mas logo assume a identificação de "Rádio Taiwan Internacional" (RTI), mediante a pressão das autoridades em transformar a ilha num país independente.

A Voz da China Livre transmitiu programas em mais de doze idiomas. Durante a fase inicial de funcionamento parece mais interessada com a política, estrutura urbana, o funcionamento dos serviços sociais e o crescimento econômico. Isso reforça o uso de uma imagem mais voltada ao *marketing* governamental, visando reivindicar a soberania do país. O acervo de QSLs das décadas de 70 a 80 parece ser incipiente para retratar a cultura chinesa a partir da linguagem gráfica. Mesmo assim é possível encontrar imagens simbólicas circunscritas na história, tradições culturais, aspectos naturais, artísticos e até a memória das dinastias chinesas que possuem vínculos genealógicos com a sociedade taiwanesa.

Na década de 80 a Voz da China Livre produz uma série de QSLs alusivos ao horóscopo chinês, tal como se vê na figura 30. Não é possível identificar o nome do artista, nem do animal representado – apenas caracteres em mandarim. No verso consta um texto em inglês onde são mencionadas as comemorações do "ano lunar", que ocorrem no segundo mês do calendário ocidental. Segundo o texto a representação de animais no zodíaco está ligada às concepções míticas da China Milenar, que até hoje é festejada na maioria dos países orientais.

Na cultura chinesa – e também nos países que são berços das civilizações – os animais do zodíaco possuem um significado que é incorporado nas práticas socioculturais. Essas tradições diferenciam o hemisfério oriental do resto do mundo, pois o imaginário ocidental filtrou o uso dos símbolos arcaicos no final da Idade Média, impulsionados pela

[73] [...] un importante esfuerzo entre la disputa que libró el mundo libre en contra del socialismo real maoista durante la guerra fría. Si bien el Koumingtang [Partido Nacionalista Chinês] representó una dictadura, la Voz de la China Libre mantuvo el postulado de una china unida en un sistema republicano" (Texto original). Cf. WIKIPÉDIA. **Radio Taiwán Internacional.** Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Radio_Taiw%C3%A1n_Internacional>. Acesso em: 09 de maio 2011.

cultura cristã e pelo pensamento racional (DURAND, 2004). Todavia, Jung (2008) dá a entender que a composição do zodíaco está alicerçada no inconsciente coletivo. Acrescenta que o uso de animais como símbolos aparece nas religiões e artes religiosas de quase todas as civilizações: "Os antigos babilônios projetavam seus deuses nos céus, sob a forma dos signos do Zodíaco: o Leão, o Escorpião, o Touro, o Peixe etc." (JUNG, 2008, p. 232).

Figura 30: Imagem mitológica do zodíaco chinês
Fonte: KC0BRO. **Amateu Radio Station.** Disponível em: <http://kc0bro.yolasite.com/resources/qsl%209.jpg>. Acesso em: 14 de maio 2011. QSL da Voz da China Livre, datado de 1986.

Essa herança das civilizações antigas permanece preservada nas práticas orientais. Embora alguns animais mudem de nome, mas a ideia de representação arquetípica prevalece na sua funcionalidade simbólica do tempo calendarizado. A configuração do zodíaco oriental está associada ao mito budista. Diz a lenda que Buda fez uma festa de Ano Novo e convidou os animais para participar, mas apenas doze compareceram. A esses animais foi designada a incumbência de reger o cosmo durante o período de um ano[74]. Esse mito antecede os ritos de passagem do ano lunar e se constitui na principal tradição festiva do povo chinês.

Com o advento da Guerra Fria ficou latente uma preocupação, tanto do socialismo quanto do capitalismo, em minimizar os símbolos culturais para forjar um *homo novus*. Segundo Thompson (1998, p. 161) essa concepção se remetia às teorias iluministas: "A tradição era não somente inimiga do pensamento iluminista, uma herança do passado para ser

[74] RADIO INTERNACIONAL DA CHINA. **Zodíaco chinês.** Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/801/2011/01/17/1s130967.htm>. Acesso em: 20 de maio 2011.

criticada e dissipada em nome da razão, mas era também fadada à destruição pela própria dinâmica posta em movimento pela emergência das sociedades modernas".

Embora esse pensamento tenha sido pontual no percurso histórico é possível notar que as sociedades modernas não abandonaram efetivamente a herança do passado para conceber o novo mundo. A mitologia do ano novo lunar, bem como as tradições culturais do Leste Europeu, sobreviveu ao novo modelo de sociedade. Como fenômenos do inconsciente coletivo, já alicerçados na psique, tornaram-se indispensáveis para atender as exigências das instituições políticas. São imagens arquetípicas ancoradas no tempo e espaço que ganharam visibilidade nas Ondas Curtas do rádio, devido ao fluxo cósmico desse instrumento de comunicação social.

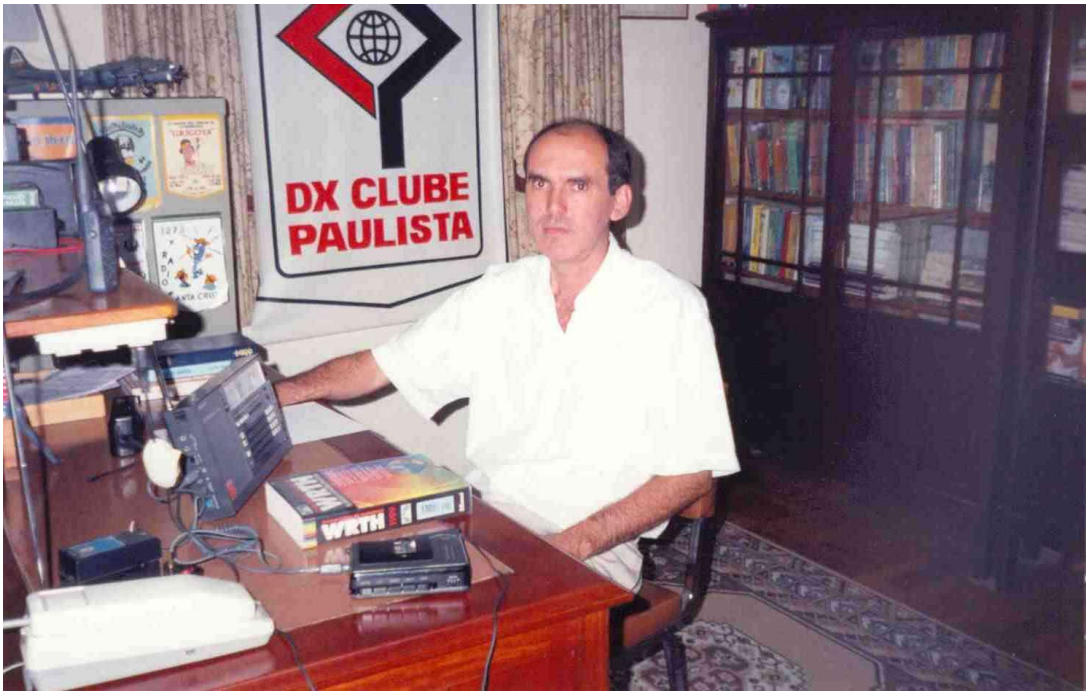


Figura 31: O quarto como lugar de referência arquetípica do universo radiofônico
Fonte: http://dxways-br.blogspot.com/2010_09_01_archive.html

"Não se trata de escutar esse tipo de transmissão numa sala de baile, num salão. É preciso escutá-la, não digamos numa cabana, isso seria belo demais, mas num quarto, à noite, quando se tem o direito e o dever de colocar em si mesmo a calma, o repouso. O rádio possui tudo o que é preciso para falar na solidão. Não necessita de rosto"

Bachelard (1985, pp. 180-181)

CAPÍTULO III

8 A SEMIOLOGIA CULTURAL NO ESPECTRO DAS RÁDIOS INTERNACIONAIS

> A impressão de que o mundo tinha se tornado muito pequeno ficava mais forte [...] analisando a percepção do mundo que o rádio me ajudava a construir. Não só que lê viaja, com o rádio também se viaja, como não? Eu havia conhecido o mundo sem sair de casa; conhecia pessoas e entendia idiomas sem sair do solo do meu país; passei de uma nação a inúmeras outras em uma só noite; nunca a Rússia e a Antártida estiveram tão próximas, nem poderia 'navegar' do Mediterrâneo ao Índico tão rapidamente, com um só toque no dial. Que mundo tão pequeno era aquele com menos de 30.000 kHz de comprimento?!
>
> **Marcelo Xavier Vieira (ouvinte das rádios internacionais)**[75]

A radiodifusão é um fenômeno cultural estritamente ligado às experiências humanas e suas relações de sentido intrínsecas e extrínsecas. Longe de ser interpretado apenas como um artefato da comunicação eletroeletrônica, o rádio admite uma compreensão mais ampla: ele é a imagem do próprio homem em seu duplo. Portanto o rádio não tem vida própria, mas se constitui num instrumento dotado da potencialidade de representação simbólica.

> Por isso, não se pode analisá-lo sem antes compreendê-lo como um mediador do ser humano em potencial. Não se pode falar em rádio sem se lembrar do homem, sua linguagem e cultura... seus mitos, sonhos, desilusões e, sobretudo, o aperfeiçoamento de novas técnicas de comunicação que permitiram concretizar esses desejos (SILVA NETO 2005, p. 15).

A análise do rádio nessa perspectiva implica compreendê-lo como um mediador em sua instância cultural. Faz-se menção às concepções de Vygotsky *apud* Oliveira (2002), quando diz que o as relações do homem com o mundo é essencialmente mediada. Os balizadores desse contexto se constituíram a partir do desenvolvimento dos "signos" e "instrumentos". Graças a isso foi possível estabelecer as inferências com o mundo e apossá-lo de tal forma ao ponto de vencer seus obstáculos naturais e geográficos, também produzir conhecimentos que serviram de interfaces para as gerações futuras.

São essas linguagens e esses artefatos que auxiliam não apenas a sobrevivência, mas diferenciam os seres humanos dos outros animais pela sua capacidade de produzir, sistematizar e socializar cultura. Mediante essa aptidão chega-se a instrumentos tecnológicos tão elaborados, que se elevam ao *status* de "tecnocorpo" (SODRÉ, 2002). Na modernidade nem só o rádio, mas uma infinidade de aparelhos eletroeletrônicos se transformou em próteses

---

[75] VIEIRA, Marcelo Xavier. Quando o mundo se torna muito pequeno. **Atividade DX.** Coluna Rádio Contato. São Carlos – SP: DXCB, ano 22, n. 233, fev. de 2004, p. 7.

que auxiliam o homem em seu estado de mobilidade. Permitindo transitar pelas várias dimensões de espaços/tempos e difundir sua expressão cultural.

Em seu livro "História de Ouvinte" Jairo Grisa aponta uma série de indicadores teóricos que servem de base para o estudo do rádio em suas relações emissor-receptor. Para Grisa (2003) esse instrumento exige uma compreensão em estreita sintonia com a extensão teórico-prática, por isso ocupa uma complexidade que não pode ser estudada de forma isolada sem a inserção da abordagem cultural.

Evidentemente, a cultura está plasmada na vida social e não apenas se apresenta nos objetos e fatos que se configuram como fenômenos do mundo físico. Thompson (1995, p. 165) ainda acrescenta:

> [...] ela é, também, uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos, e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem.

Diante dessa complexidade adentra-se ao rádio e à sua propaganda como fenômeno cultural. A cultura gira em torno de um constructo teórico que no percurso histórico do Ocidente se valeu de várias interpretações. Sempre foi comum associá-la ao ato de cultivar, preservar os bons costumes, a habilidade técnica, educação letrada, distinção social, valores espirituais. Concorda-se com Muniz Sodré que o surgimento da Antropologia deu uma guinada no conceito de cultura em sua ampla aplicabilidade. Então passando a ser compreendida não apenas num preceito de transmissão de comportamentos: "[...] mas num complexo diferenciado de relações de sentido, explícitas e implícitas, concretizadas em modo de pensar, agir e sentir" (SODRÉ, 2005, p. 12).

Ao se valer das teorias de Cáceres e González, Grisa (2003) também admite que a cultura está presente em todas as relações sociais e estabelece uma interdisciplinaridade com as demais áreas do saber. Nas transmissões radiofônicas – permeadas pela invisibilidade do ato físico de ver – seus sons são signos e símbolos que servem de interface para veiculação da cultura em sua complexidade. O rádio ainda se amplia nessa circunstância cultural, pois ele é uma criação e instituição humana. Grisa (2003, p. 39) ainda complementa: "E quando se pergunta pelo sentido, existe uma oposição a uma simples busca pelo significado semiótico do fenômeno (rádio como prática significante), ao estudo da mensagem ou ao feito que ela possa causar ao indivíduo [...]".

No foco dos serviços radiofônicos globais via OC essa interpretação de cultura está circunscrita na sua funcionalidade. Cristina Mata, *apud* Grisa (2003) nos ajuda a compreendê-la efetivamente através de um estudo sistemático acerca do rádio. Para a autora a radiodifusão atende especificamente três concepções: **"como meio de difusão"**; **"como prática significante"** e **"como experiência cultural"** (GRISA, 2003, pp. 35-36).

O rádio **"como meio de difusão"** parece se enquadrar nos pressupostos dos serviços internacionais, em sua fase inaugural durante as guerras mundiais ou entre os protagonistas da Guerra Fria. Nessa circunstância o meio radiofônico se portava como instrumento de difusão de mensagens, adotando, inicialmente, um modelo ideológico do tipo estímulo x resposta e posteriormente uma propaganda amena, sem se servir do artifício psicológico, mas do discurso persuasivo; O rádio **"como prática significante"** se amplia desde a abertura concedida pela Declaração dos Direitos Humanos da ONU em 1948, sobre a legitimidade de se captar a sintonia estrangeira, até então proibida em muitos países. A partir desse marcador os ouvintes começam a interagir assiduamente com as emissoras escutadas. Por outro lado, o emissor passa a se preocupar com a inserção dessa audiência nas suas pautas, seja através da criação de programas de leitura de cartas, entretenimento e até a distribuição de brindes para motivar os ouvintes; A **"experiência cultural"** abrange um motivo mais técnico e lúdico. Nela está o prazer em "ouvir rádio", seja como hobby, para colecionar QSLs ou se inteirar sobre os acontecimentos mundiais e fenômenos relacionados à tecnologia e comunicação.

No entanto essa concepção nem sempre pode ser tão pontual. Até porque, em alguns momentos, tanto o receptor quanto o emissor sofreu mutação a depender do campo de interesse e dos preceitos históricos e socioculturais em vigência.

O Brasil sempre foi receptivo à sintonia radiofônica de outros países. Primeiro porque durante a Guerra Fria o país sofreu um processo político marcado pela censura, violação dos direitos humanos, consistindo num campo ideológico de profundo interesse das superpotências. Segundo porque havia a necessidade de uma proposta de comunicação capaz de atingir a amplitude territorial brasileira – um campo apenas penetrado pelas emissões via Ondas Curtas. Terceiro pelo interesse das emissoras internacionais em motivar essa audiência e inseri-la nos "DXs Clubes" e "Clubes de Ouvintes", agremiações patrocinadas pelas próprias emissoras – a exemplo da Rádio Coreia e Voz da Alemanha. Quarto, pela urgência em se produzir programas voltados à cidadania, ao comportamento e à construção de uma cultura de paz, para minimizar os efeitos causados pela repercussão dos conflitos mundiais.

Todo projeto de produção e difusão em *mass media* envolve interesses econômicos. Sodré (2005) menciona que a cultura tem sofrido mutações em sua originalidade para se

tornar um produto midiatizado em “cultura industrial” ou “cultura de massa”. Pelo menos essa tem sido a tônica da mídia moderna: adaptar a cultura aos nichos de consumidores para tornar-se mais acessível e comercial.

A tônica das rádios internacionais parece seguir um caminho inverso nessa demanda. Até porque não se ancoram nos moldes comerciais, tampouco fazem publicidade visando obter lucro da audiência. As suas fontes de financiamento estão centralizadas nos seguimentos políticos, religiosos, institucionais e na contribuição da sociedade de seus respectivos países. Em âmbito administrativo pode-se delimitá-las em “governamentais” ou de “direito público”.

Grosso modo é possível definir como serviço radiofônico governamental aquele que é financiado diretamente pelo governo, cuja finalidade é expressar a opinião do Estado – a Voz da América, Rádio Central de Moscou, etc., são alguns exemplos. Diferente do Brasil que possui emissoras públicas financiadas pelo governo, no espectro internacional esse serviço se limita às emissões que são mantidas pela contribuição da sociedade. Em países como a Alemanha, Inglaterra, entre outros, ao comprar um aparelho de rádio a população está sujeita a pagar um imposto que será revertido no funcionamento da radiodifusão do país (GROSSMANN, 2007). Acrescenta-se a esse regimento administrativo as emissoras institucionais, religiosas e aquelas pertencentes às instituições culturais e humanitárias.

No bojo dessa superestrutura paira um campo ideológico norteador do pensamento humano enquanto intencionalidade, significação. No regimento governamental o Estado prevalece com suas prioridades que se espera serem assimiladas pelo receptor. Enquanto o regimento público pode ser detentor de um pensamento de cunho cultural e ideológico, representativo de um grupo social ou de uma sociedade heterogênea. Não obstante, essa diversidade de interesses participa de uma dialética no processo da comunicação, possibilitando a audiência um confronto de ideias e dos sentidos.

É nesse campo simbólico que se procura analisar a inserção da cultura do rádio em sua complexidade. Para tanto, é possível valer-se de três elementos facilitadores desta análise: a sintonia radiofônica em língua portuguesa e espanhola via OC; as informações coletadas entre os ouvintes associados do DXCB e da LYR; a vinculação desses dados aos objetos radiográficos representados pela iconografia dos cartões QSLs.

9 AS RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE AS IMAGENS DO RÁDIO E DO MUNDO

No capítulo anterior foi conceituado a radiodifusão internacional e seus programas em língua portuguesa e espanhola, em estreita relação com sua propaganda cultural

iconográfica delimitada no recorte da década de 70 a 80. Neste momento a análise se concentra no macro contexto da radiodifusão, conforme ela se apresenta em sua intensidade cultural e informativa. A análise recai nas pautas radiofônicas e radiográficas, plasmadas sob o foco interpretativo do desenho visual e mental. Agora se tem o ensejo de elencar esses fatores para que se possa compreender a proposta do rádio em sua materialidade além do contexto da Guerra Fria.

Mediante esses marcadores metodológicos foi possível identificar o mote da radiodifusão internacional associada à ideologia do emissor e do país onde sua programação é irradiada. Nessa perspectiva o rádio passa a exercer um papel importante na formação mental e visual da audiência, permitindo ampliar a percepção entre o que se ouve nesses programas (e imagina) e o que se vê (e materializa) através do contato visual com as imagens gráficas retratadas nos QSLs. Essa dialética estabelecida entre os ouvintes e as imagens que o rádio possibilita é constantemente evidenciada nos depoimentos que se seguem:

> *[...] quando a emissora comenta sobre esses locais retratados [nos QSLs] eu associo o comentário à imagem (Ouvinte F).*

Então, a linguagem sonora e gráfica torna-se coadjuvante para fortalecer as compreensões visuais que se têm acerca de um determinado país, objeto ou fenômeno. Na opinião de um ouvinte a imagem do QSL parece não esgotar seu próprio significado, pois se amplia e adquire um novo sentido a partir das histórias e narrativas veiculadas pelo rádio. São elementos articuladores entre o real e imaginário, que passam a ser incorporado como valor.

> *Muitas vezes existem comentários a respeito do país e do lugar [de onde se está transmitindo]. Assim podemos ver se o que a gente havia imaginado corresponde à realidade (Ouvinte H).*

A imagem visual é uma forma alternativa que o rádio encontrou para atender a uma demanda específica da radiodifusão e também dar visibilidade a uma série de atrativos que se relacionam à identidade simbólica de um determinado país. Por certo, sem um contato efetivo com essas emissoras estrangeiras seria impossível conhecer a diversidade de riqueza que o mundo oferece, tampouco conceber as nações em sua particularidade:

> *Alguns [QSLs] que tenho visto sim, acrescentando imagens da flora e da fauna daquele país (Ouvinte L).*

Por conseguinte também permitem descortinar novos horizontes, que estão além do plano visual e necessitam de uma provocação para tornarem-se inteligíveis.

> *Às vezes sim, ou provocaram uma pergunta para os programas que respondiam nossas cartas (Ouvinte M).*

No cerne dessas pontuações é possível perceber que as relações entre emissor-receptor se estabelecem em constante interação. A partir das composições sonoro/visuais os ouvintes passam a acessar uma infinidade de aspectos que se identificam com a história, cultura, o cotidiano e os patrimônios da humanidade.

Algumas emissoras escolhem um tema do QSL a ser desenvolvido no percurso do calendário anual. Essas temáticas se evoluem a partir do interesse de quem financia a programação – governo, sociedade ou instituições – e até por iniciativa da própria emissora. Independente dessa articulação, os assuntos geradores das imagens gráficas participam das pautas da programação. E sendo assim as imagens do rádio se ampliam em outras dimensões da linguagem sonora para fornecer novas âncoras aos receptores.

Ao receber um QSL pelo correio o ouvinte se depara com uma informação não-arbitrária, que já teve acesso ou ouvir aquele assunto ser tratado nos programas de rádio. As relações de sentido com esse material gráfico vão muito além do caráter afetivo, em se ter um registro nominal de suas experiências técnicas, mas pela reconstrução de imagens geradas no âmbito sonoro/visual que se estabelece a partir de sua materialização através do QSL.

Sob a ótica da iconografia, Panofsky (1976) sugere dois níveis de interpretação: **"a descrição pré-iconográfica"**, através da identificação de objetos dispostos na imagem; por último, a análise do **"significado convencional"**. Nessa conjuntura a leitura de imagens antecede uma série de fatores que não podem ser estudados separadamente. Além do viés técnico/estético na análise dos QSLs há uma complexidade cultural e simbólica a ser desnudada. É o que se observa nas pontuações das linguagens "visuais" e "não visuais" concebidas pelos ouvintes a partir das propostas dos cartões de verificação:

> *A beleza de cada país, pois normalmente são postais muitos bonitos (Ouvinte B).*

> *Algumas emissoras colocavam imagens que remetiam a ideologia do sistema político vigente, outros a pontos turísticos (Ouvinte E).*

Em primeiro momento nota-se que alguns ouvintes conseguem perceber as imagens além dos aspectos primários. Isto é visível desde os depoimentos anteriores onde são mencionadas as características que dão conta dos assuntos "inteligíveis", "ideológicos", identificados nos QSLs. Panofsky (1976) assegura que esse nível de percepção só é possível

quando há o domínio dos códigos culturais, então as mensagens do objeto passam a estabelecer uma relação de sentido para os sujeitos que as recebem. Essa compreensão vai além da simples identificação dos elementos presente na composição visual: "[...] por ser inteligível, ao invés de sensível e, em segundo, por ter sido conscientemente conferido à ação prática pela qual é veiculado" (PANOFSKY, 1976, p. 49).

Joly (1996, p. 55) também assegura que as imagens adquirem forma de expressão e comunicação a partir do momento em que se constituem numa "mensagem para o outro". Por isso, há na linguagem do QSL uma comunicação que se estabelece entre emissor/receptor, seja pela confirmação dos informes de sintonia ou pela possibilidade de se construir novos desenhos do mundo:

> *A mensagem é que cada país tem uma cultura diferente, locais pitorescos que valem a pena conhecermos, ainda que só pelas fotos e desenhos (Ouvinte F).*

A mensagem captada pelo ouvinte evidencia a perspectiva de um mundo plasmado por uma singularidade cultural a ser desvendada. Não se trata apenas de perceber essas diferenças, mas de se interessar em conhecê-las mesmo que sejam pela sua representação simbólica.

O QSL possui um sentido próprio nas transmissões de mensagens até mesmo para os Dexistas. Isto é, ouvintes que se preocupam, inicialmente, apenas em receber o QSL como recompensa pelas informações técnicas enviadas à emissora. Entretanto, ao se ter acesso às imagens visuais a confirmação da escuta tende ampliar outros sentidos além daquilo que lhe é preconizado. Tornam-se próprias em estabelecer significados, interesses e ampliação cultural:

> *O QSL é a porta de entrada para a emissora e geralmente o QSL ilustra detalhes da emissora e mesmo do país. Então o QSL não é importante somente para a confirmação da escuta, mas também para a nossa culturização (Ouvinte G).*

As impressões dos ouvintes se traduzem na acuidade de quem observa os QSLs no seu desdobramento em imagens e conhecimentos sobre o mundo. Burke (2004) antecipa que as imagens são "testemunhas mudas", mas servem para serem lidas e nortear as noções do comportamento humano e da realidade – isso leva em conta a participação dos sujeitos nessa interpretação. A partir da sintonia estrangeira as imagens do rádio ganham relevância, pois são produzidas no contexto de vários países e explicam os fenômenos desses países.

Embora não tenha a intenção de serem objetos de pesquisa esses símbolos nos põe em acesso com a amplitude de informações e conhecimentos. Parece que é sobre essa forma de lidar com a diversidade e ampliar saberes que o depoente, acima citado, se utiliza do termo "culturização". Mesmo não sendo uma palavra apropriada para esse argumento, mas a forma como ela aparece nesse contexto sugere uma interpretação diferente do seu sentido pejorativo.

Já os depoimentos abaixo fortalecem as compreensões acerca da amplitude cultural e evoca a participação do rádio nessa conjuntura. Ao se conceber a linguagem imagética do QSL como uma "testemunha muda", ela "ganha voz" a partir da sonoridade e da voz dos radialistas. Acredita-se que é essa a grande sacada da radiodifusão internacional, produzir uma imagem gráfica a partir da comunicação oral. O próprio rádio se encarrega de ritualizar a escuta através de provocações oral-visuais, que evocam os ouvintes a perceber essas imagens como uma ancoragem do imaginário:

> *Imagino uma emissora que valoriza seu país, sua cultura, seu povo e sua história. Num mundo tão capitalista como vivemos atualmente é ótimo perceber a emissora valorizando seus ouvintes, como os QSLs, mostrando o que de melhor existe na sua cidade/país (Ouvinte H).*

Naturalmente a funcionalidade dos serviços internacionais é disseminar a imagem humana e do país fora da abrangência territorial. Isso se torna oportuno para dar visibilidade a valorização das tradições, manifestações artísticas e modos de vida que não se plasmam na cultura de massa. Nesse sentido torna-se um espetáculo que nos põe em sintonia com os mais diversos símbolos e nos faz imaginar um amplo contexto iconográfico.

> *As mais diversas [imagens] e isso que é o legal do QSL. Proporcionar conhecer aspectos não só culturais, mas da história, natureza, povo dos diversos países (Ouvinte M).*

Os QSLs contam as histórias, o dia-a-dia das pessoas, suas culturas, as paisagens, os interesses dos países... Enfim, a radiografia do mundo nas imagens radiofonizadas:

> *Ilustram o cotidiano, a vida, a geografia e a história daqueles países (Ouvinte J).*

Destarte, os materiais e códigos culturais que os ouvintes se apropriam a partir da âncora radiofônica e radiográfica não se constituem apenas como uma referência do mundo. Eles são a extensão simbólica do próprio mundo que começa a estabelecer um sentido profundo com a sua audiência graças às intervenções do imaginário. O relato do ouvinte

Marcelo Vieira[76] torna-se valioso para esta compreensão:

> [...] eu via ao perceber meu próprio quarto como uma *representação* do mundo; lá estava minha coleção de adesivos (exemplares de emissoras de vários lugares do mundo colados, cuidadosamente, em placas de isopor fixadas na parede do *shack*, de maneira a permitir que aqueles que passassem pelo lado de fora do quarto parassem só pra olhá-los); lá estava aquele mapa na parede; a caixa com cartas de amigos de todas as partes do planeta, e, é claro, o rádio de ondas curtas – a música do mundo ressoando no interior do meu quarto. Tudo isso aí estava ao meu redor como que para que não restassem dúvidas de que o mundo estava ali, representado na pequenez daquele quartinho. Aquele microcosmo tinha sido construído, inconscientemente, por mim naqueles últimos anos (grifos do autor).

Parafraseando Bachelard (1985) o "quarto da casa" – *shack* do ouvinte – situa o mundo quando se traduz num lugar de referência arquetípica, "espaço microcosmo construído de forma inconsciente", para ritualizar as escutas de um mundo sensível a partir do "rádio de ondas curtas". No interior do quarto é possível não apenas ouvir o mundo na sua intimidade, mas materializá-lo nos objetos que são recebidos através do contato com emissoras internacionais de várias partes do planeta. São materiais que possui uma característica sígnica, pois vão além da materialidade física de um receptor de rádio, dos adesivos, das cartas ou dos mapas na parede.

Aliás, todo ouvinte de emissões internacionais tem um espaço específico para ouvir rádio, disponibilizar os materiais que recebe e guardar os QSLs. Alguns chegam até inserir alfinetes em determinados pontos de um mapa, fixado na parede do quarto, para simbolizar os países do mundo que conseguiram sintonizar (SILVA NETO, 2005). Enfim, a configuração do *shack* vai muito além da denominação de uma casa ou de um cômodo em particular, mas se constitui num lugar simbólico pontuado de representações. Tratam-se de elementos que encerram uma relação de sentido à medida que estabelecem uma comunicação incorporada pelo ouvinte para estabelecer suas mediações simbólicas com o mundo.

A radiodifusão permite uma aproximação dos ouvintes com as experiências externas, sendo possível conceber o mundo, pontuado cotidianamente, em seus diferentes aspectos. De acordo com Grossmann (2007, pp. 24-25) as emissões globais na faixa de OC têm as seguintes finalidades:

> [...] ser a porta voz de políticas externas, divulgar a cultura e educação, estimular as relações comerciais, melhorar o prestígio interno, divulgar a

[76] Op. Cit. p. 7.

> perspectiva nacional sobre notícias e acontecimentos mundiais, fazer propaganda ou até mesmo fazer pregação religiosa.

As rádios internacionais sempre se adéquam à realidade das regiões para as quais transmitem – mas sem perder de vista a identidade e os interesses dos países de emissão. Os programas para o Brasil, às vezes, têm um formato brasileiro e até *flash*es de correspondentes no país de recepção. É possível ouvir desde boletins de notícias, cursos de idiomas, estudos religiosos, política, economia, educação, ciência, história, turismo, ecologia, esportes, músicas variadas, entrevistas, literatura, temas sociais, modos de vidas, entretenimento, programas de cartas, entre outros (SILVA NETO, 2005).

A partir dessas pautas a programação cultural se potencializa em complexidades e ramificações que estão sedimentadas nos subeixos **"atualidades"**, **"opinião"** e **"entretenimento".** Serão elucidados sob o olhar semiótico e iconográfico a partir das imagens sonoro/visuais que o rádio possibilita. Entretanto, vale ressaltar que esses subeixos culturais estão sempre entrelaçados pela estrutura sígnica da informação e comunicação. Eles foram isolados apenas para efeito de análise, mas em síntese se complementam mutuamente.

9.1 A informação e comunicação como articuladoras da imagem e cultura

A informação e comunicação são campos distintos, que se complementam, permitindo a difusão e socialização do conhecimento. Sem eles as imagens ou mensagens, como se queira dizer, não fazem sentido para a constituição dos agentes humanos. É sempre comum estabelecer a dicotomia errônea entre informação e comunicação, por entender que primeiro é preciso dar forma à criação das imagens para depois transmiti-las – ato da comunicação.

A partir dessa celeuma, muito teóricos teceram suas interpretações. De acordo com Xifra-Heras[77], "informação" e "comunicação" participam de dois momentos históricos sucessivos e resultantes de outros desdobramentos. Baseado em Karl Jaspers, primeiramente o autor menciona a comunicação simples que se estabelece para auxiliar a subsistência e sobrevivência física do indivíduo; ao surgir os pontos de vistas e opiniões nasce a "informação intencional", persuasiva; por último há uma colaboração entre os sujeitos "[...] que participam de uma *comunicação* consciente, orientada para a consecução do bem comum" (grifo do autor).

[77] XIFRA-HERAS, Jorge. **Teorias e conceitos:** a informação cotidiana. Disponível em: <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/teoriaseconceitos/0014.htm>. Acesso em: 22 de maio 2011.

Adensado nessas ideias Xifra-Heras[78] conclui:

> Em nosso juízo, a raiz etimológica da informação, que equivale a *dar forma, por em forma, formar, configurar* e, por extensão, *representar, apresentar* ou *criar* uma ideia ou uma noção, é valioso ponto de partida. Sem dúvida, informar é dar uma forma ou um suporte material a uma vivência pessoal ou a uma imagem mental do emissor; mas não é só isso. O suporte ou forma necessita de associar-se a uma série de signos ou símbolos convencionais que objetivam tal forma, de modo a torná-la transmissível. O sujeito ativo transforma a imagem mental formalizada (mensagem) numa série de signos (codificação) que se transmitem para serem decifrados e interpretados pelo sujeito receptor.
>
> Finalmente, o binômio *forma-semântica*, para constituir verdadeira informação [...] é a transmissão de mensagens que difundem o patrimônio de conhecimentos que a humanidade vai acumulando e que *in-formam* o nosso mundo com uma projeção de futuro. Concebemos a informação como *comunicação social difusora de cultura* (Grifos do autor).

Baseado nessas premissas e nas inter-relações que elas estabelecem é possível conceber informação e comunicação como articuladoras do pensamento humano. É nesse ato de produção, veiculação, codificação, decodificação e recepção que se estabelecem as teias de relações culturais entre emissor/receptor. A comunicação social se amplia nos *mass media*, pois é através desse processo que a informação pode superar barreiras de espaço e tempo, tornando-se acessível para um maior contingente de sujeitos.

A informação é um direito universal. Todo o ser humano tem direito a ela desde a sua perspectiva de emitir, expressar e receber. Essa conquista foi oportuna para situar o ser humano nessa complexidade de participação e produção cultural, pois a informação contribui na propagação de conhecimentos e também na formação dos indivíduos.

Embora a informação exerça uma função mais abrangente na esfera da comunicação radiofônica, foi preciso categorizá-la a partir dos três subeixos mencionados anteriormente. Isso foi necessário para que se possam compreender as diferentes propostas que o rádio oferece, buscando as evidências das suas imagens sonoro/visuais como um todo.

9.1.1 Atualidades

A informação cotidiana tem sido um dos interesses frequentes dos meios de comunicação de massa. Para os leitores de jornais e materiais gráficos, sempre é comum acessar as informações no momento em que se passam. Assim, um jornal de ontem pode não

[78] Op. Cit.

ter a mesma importância de uma publicação que acaba de ser impressa. São essas informações recentes que podem ser caracterizadas como "atualidades", devido ao domínio dos acontecimentos de impacto imediato. Mesmo que sejam ancorados em fatos históricos, essas informações de atualidades possuem uma importância pontual do momento presente.

Clausse, *apud* Xifra-Heras[79] define esse tipo de informação como: "[...] 'a relação pura e simples, mais ou menos circunstanciada, de um fato – situação, ação, pensamento, opinião – que pertence ao presente mais imediato'". As notícias do cotidiano se reportam aos acontecimentos recentes, de repercussão imediata, mas possuem referências no passado e se desloca para o futuro com o objetivo de formar comportamentos e opiniões que servirão de âncoras para uma melhor compreensão do mundo.

Nesse sentido a "atualidade" assume seu desenho na radiodifusão global, no conjunto das circunstâncias relativas ao cotidiano na sua praticidade e à divulgação do país de emissão – à imagem que se pretende difundir além do seu espaço de abrangência. Sob esse olhar, as informações se constituem no ato de informar a audiência uma gama de aspectos culturais, econômicos, geográficos, biodiversidades, educação, turismo etc. Isto perpassa pelo conjunto de símbolos que atuam na configuração da estrutura e da personalidade dos países que as emissoras se encarregam de transmitir ao público estrangeiro.

De uma forma geral, os serviços internacionais se preocupam em retratar o cotidiano dos seus países através de um bloco de notícias que vai ao ar no início das transmissões. No decorrer da programação jornalística também surgem temas da atualidade, resenhas e reportagens que contemplam essas discussões.

As notícias sobre a biodiversidade são recorrentes, precedidas pela repercussão das políticas ambientais face ao aquecimento global, à industrialização e preservação das formas de vida, sobretudo, de espécies em extinção. Nesse quesito a NHK World – Rádio Japão possui uma proposta sonora e visual muito particular. No seu amplo acervo de QSLs a paisagem natural japonesa é retratada com assiduidade. São cenários que refletem a liberdade e a diversidade de ecossistemas, que compõem a geografia rural do país.

Conforme a opinião de Burke (2004), a iconografia das paisagens naturais sempre converge para a interpretação dos seus aspectos típicos e simbólicos, tal como se oberva no desenho da figura 33. O QSL exterioriza uma paisagem rural marcada pela prática agrícola, tendo o "Monte Fuji" como fundo. A sociedade japonesa possui uma profunda simbologia com o Fuji em sua referência cósmica, ecológica, turística e contemplativa. O Fuji é uma

[79] Id., op. Cit.

figura que mais aparece nos QSLs da emissora japonesa e representa uma imagem que tende passar despercebida pela maioria da população mundial.

O Japão veiculado na mídia sempre é caracterizado como uma metrópole circundada de arranha-céus e polos industriais. Como é um país de pequena extensão territorial e marcado por uma densa população, essa imagem parece impregnada como uma referência. Na Rádio Japão esses fatores se contrastam na sua diversidade geográfica, mineral, flora e fauna. Ao mesmo tempo se traduz num convite a conhecê-lo com profundidade e desfrutar de um ambiente propício às práticas esportivas, culturais e ampliação da qualidade de vida.

Figura 32: Paisagem simbólica do Japão
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 02/05/05, 10:30 UTC, 9530 kHz).

Essa proposta ambiental também contribui para a percepção de novas imagens, que se ampliam na leitura dos aspectos geográficos. O mais interessante é que as Ondas Curtas permitem formar imagens até de países pequenos com pouca visibilidade na mídia convencional. É o que observa um dos participantes da pesquisa:

> *O rádio me deu condições de criar uma imagem mental do mundo, como localizações geográficas e conhecimentos básicos sobre as nações, mesmo as menores e menos conhecidas [...] (Ouvinte A).*

Este é o exemplo do Equador, um país quase vizinho do Brasil e desconhecido de muitos brasileiros. Nas ondas da Rádio HCJB Global as notícias ambientais, sobretudo, voltadas para as formas de vida e dos fenômenos da natureza sempre estão em pautas. Em 1999 a erupção do vulcão *Guaqua Pichincha* deixou a cidade de Quito em estado de alerta. Na ocasião a HCJB divulgou essas informações. Até produziu postais com imagens do vulcão para enviar aos ouvintes e ao mesmo tempo tranquilizá-los, pois a incidência de vulcões no país tem se transformado em atrativos turísticos que fascinam visitantes de todo o mundo.

Mesmo sendo uma emissora religiosa a HCJB dá ênfase ao resgate cultural e pontua as informações da atualidade para divulgar as imagens do Equador no âmbito radiográfico e nas suas emissões mundiais. Possui séries de QSLs dedicados à biodiversidade representando desde as costas equatorianas, a paisagem andina, quedas d'águas, espécies endêmicas até as paisagens e aspectos de vida da Ilhas Galápagos.

A biodiversidade ilustra as imagens veiculadas por várias rádios internacionais. Encanta a audiência por se tratar de um assunto universal que interessa a humanidade; porque particulariza as ações ambientais e a diversidade de vida nesses respectivos países.

Na África do Sul as referências com a natureza se instituem na sua autoimagem. Foi desde esse país que durante 26 anos (1966-1992) a Rádio RSA – Voz da África do Sul – transmitiu programas em português para o Brasil e em outros idiomas para o mundo. Mantida pelo Departamento de Informação, a tarefa da Rádio RSA era promover a imagem da África do Sul a nível internacional e reduzir as críticas ao *Apartheid* (WIKPÉDIA)[80].

Embora o foco da Rádio RSA tenha sido o jornalismo de opinião suas imagens radiográficas – retratando as riquezas naturais do país – parecem trilhar um caminho inverso. Certamente a emissora tenha se utilizado desse artifício por dois motivos: minimizar a visibilidade sociocultural africana, pois o *Apartheid* se configurou a partir da segregação racial e cultural, moldada sob a ótica do branqueamento europeu; e para neutralizar a repercussão de suas ações políticas.

A África do Sul possui a maior reserva de minerais do mundo, cuja principal economia gira em torno da extração de pedras preciosas, sobretudo, durante o *Apartheid*. Essa atividade econômica, amplamente veiculada nas notícias de atualidades, também é retratada na estampa de um QSL impresso pela Rádio RSA em 1977, conforme se observa na figura 33.

A imagem da África do Sul sempre foi estereotipada pelo Ocidente desde o período colonial. Sendo assim o uso de cartões QSLs retratando sua fauna, flora e suas riquezas

[80] WIKIPÉDIA. **Radio RSA.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Radio_RSA>. Acesso em: 09 de maio de 2011.

minerais foi uma estratégia utilizada pela Rádio RSA para camuflar os conflitos políticos e socioculturais. Também visava inserir a África do Sul nas rotas turísticas, econômicas, bem como minimizar os impactos da política de segregação racial imposta pelo *Apartheid*.

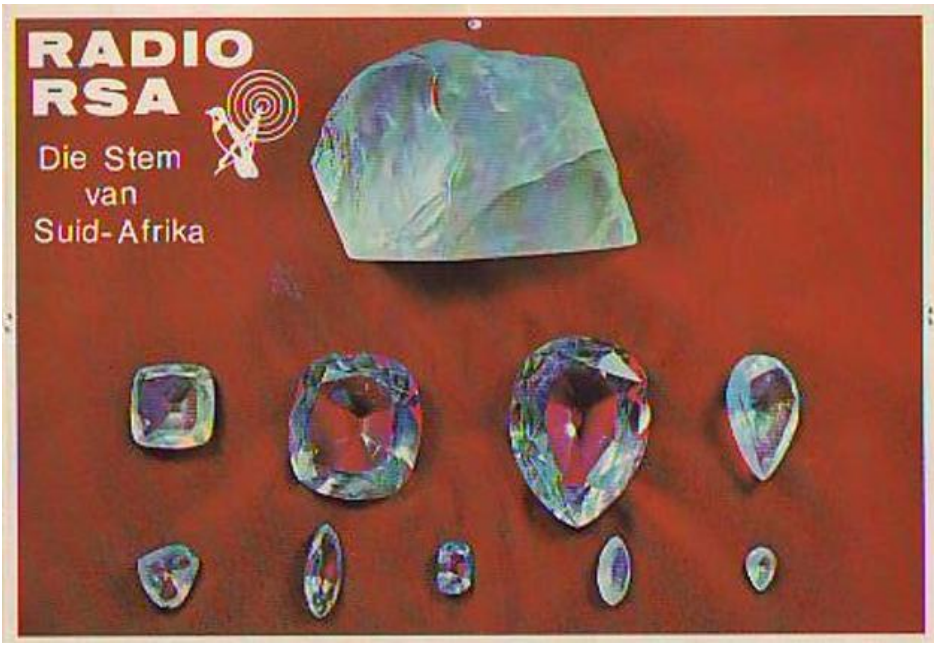


Figura 33: Gemas preciosas da África do Sul
Fonte: HB9GCE. **Galleria QSL BC.** Disponível em: <http://www.hb9gce.ch/R_rsa_3.JPG>. Acesso em: 10 de mar. 2011. QSL da RSA, datado de 1977.

O continente africano sempre foi incipiente na sua visibilidade imagética através dos *mass media*. Ainda hoje é possível compreender os problemas da África a partir das visões radiofônicas e fontes de informações externas, sobretudo europeias. Por isso a programação produzida em Johanesburgo através da RSA "Voz da África do Sul" se tornou não só a voz de seu país, mas também a "voz dos países africanos" no dial das Ondas Curtas.

Ainda hoje muitos ouvintes se referem à Rádio RSA a partir dessa perspectiva. Mesmo sob o jugo do *Apartheid* sua sintonia sempre foi apreciada pelos brasileiros, que acompanhava atentamente os desfechos da atualidade sul-africana.

Outro aspecto biológico representado pela Rádio RSA está no seu sinal de identificação. Antes de iniciar sua transmissão definitiva era emitido um sinal sonoro intercalado pelo canto de um pássaro e dos acordes de violão. A imagem desse pássaro, conhecido como "*bokmakierie*" também aparece como ícone da África do Sul no logotipo e nos QSLs da Rádio RSA (figura 33).

Embora a Rádio RSA tenha desativado suas emissões em 1992 ainda hoje o canto do *bokmakierie* se constitui numa imagem viva, símbolo da emissora e da África do Sul. São essas imagens sonoras que empurram os ouvintes ao campo do imaginário, lhes possibilitam voltar ao passado e estabelecer uma relação de sentido com suas experiências de vida:

> *A que marcou, a do passarinho da extinta Voz da África do Sul (Ouvinte B).*

> *O sinal de identificação da Rádio RSA - A Voz da África do Sul, com o cantar de um pássaro típico da região sul africana. Esta emissora tinha tantas frequências de transmissões, que o sinal com o pássaro cantando era facilmente identificado (Ouvinte C).*

Os sinais de identificação são sons característicos que servem para situar uma determinada estação em meio a um fluxo radiofônico na faixa das Ondas Curtas. Quando são sintonizados de forma habitual esses sinais sonoros criam vínculos e relações de sentido afetivo na trilogia emissor/país/receptor.

> *Sinal de intervalo da Rádio Suécia (acordes da rapsódia sueca) e IS da Rádio RSA (canto de pássaro e violão). O primeiro me faz recordar minha adolescência, o segundo a primeira emissora africana que ouvir nos anos 80, em transmissão para Angola e Moçambique (Ouvinte E)*

O depoimento do ouvinte retoma as pontuações de Eliade acerca das imagens mentais que norteiam as inferências do homem moderno. Para o teórico, os símbolos mudam de aspectos na modernidade e até pode se manifestar numa música qualquer. Nela está alicerçada a nostalgia dos bons tempos, das lembranças da infância, adolescência: "[...] esse passado contém, além da saudade de um tempo desaparecido, mil outros sentidos: ele exprime tudo aquilo que poderia ter sido e não foi [...] o desgosto de não viver na paisagem e no tempo evocados [...] sejam quais forem as cores, locais ou histórias [...]" (ELIADE,1996, pp. 17-18).

Os bons tempos do rádio resgatam as lembranças e potencializa o imaginário. Isso é marcado pelas badaladas do Big Bem, pois o som demarca o tempo, relembra a BBC e a imagem da capital inglesa. Essa referência de Londres com o Big Bem se potencializou a partir da sonoridade do relógio, veiculada nas emissões mundiais da emissora. Da mesma forma o sinal de abertura da Voz da América reporta o imaginário da guerra, aos sons das fanfarras militares entoando o hino dos EUA. Quando essas emissoras se apropriam dessas referências sonoras como sua identificação não se faz por um acaso. São polifonias sobrecarregadas de símbolos, que detêm o poder de despertar o inconsciente coletivo.

> *O canto da ave típica sul-africana (bokmakierie), que abria as emissões da RSA, o Big bem (BBC), o sinal de abertura da Voz da América. São recordações, fontes de um período não muito distante, onde as transmissões em OC eram valorizadas pelos governos nacionais (Ouvinte I).*

Esses depoimentos se covertem em imagens latentes que se ampliam a partir do espectro sonoro. É uma forma de referência mental que, mesmo na ausência de uma emissora já extinta, está preservada no imaginário dos ouvintes. Ao se lembrar do sinal sonoro logo vem à tona um conjunto de imagens que se vinculam ao país emissor, às pautas culturais veiculadas na programação e ao sentido que elas proporcionaram. São as lembranças de um tempo passado, mitificado, que plasmam a história de vida desses ouvintes com a trajetória histórica do emissor e país de recepção. Indicadores de acontecimentos que marcaram a história mundial, mas que estavam acessíveis apenas na sintonia radiofônica.

As pautas das atualidades também permitem exteriorizar um imaginário que se estabelece na representação da identidade nacional. Desde o pós-guerra – e como maior intensidade após a Guerra Fria – houve uma maior abertura no mundo para se pensar a cultura e humanidade. Nessa perspectiva, as imagens do rádio ampliam a visibilidade das referências coletivas, que se repercutem, especificamente, na intencionalidade cultural de cada país.

Figura 34: A tulipa, símbolo cultural da Holanda
Fonte: QSL ilustrando um Calendário de parede, dezembro 2006, do Rhein-Main-Radio-Clube (RMRC). Frankfurt - Alemanha.

Na sintonia em português da Rádio Nederland foi possível conhecer as imagens simbólicas da Holanda – pertencente aos Países Baixos. Localizada numa condição geográfica

abaixo do nível do mar, a Holanda reúne condições climáticas e agrícolas para uma economia baseada no comércio de flores. O "moinho" e a "tulipa" são os principais ícones culturais desse país. Os moinhos de vento são instrumentos utilizados para drenar o excesso de água na plantação. Já a "tulipa" se constitui numa espécie floral endêmica cultivada estritamente em solo holandês, simbolizando o país por essa particularidade.

No desenho de um QSL (figura 34) a imagem personificada do país e da emissora se confunde. Uma tulipa é alçada como uma antena de transmissão sobre o mapa da Holanda, cuja flor exala o perfume em forma de ondas. Essa representação simbólica, antecedida pelo iconotexto "Radio Nederland" (Rádio Holanda), é uma alusão às emissões internacionais na difusão da essência cultural holandesa para todo o planeta.

A Rádio Nederland – que em 2011 sofreu um corte de orçamento e reduzirá suas emissões nas OC – teve uma importância cultural muito presente na recepção brasileira, sobretudo pelo seu jornalismo de atualidades. Por isso aparece nas citações dos participantes desta pesquisa pela sua referência informativa e variedade de temas abordados. A sua sintonia parece assumir grande visibilidade, seja em português ou espanhol, até o encerramento das transmissões para o Brasil no início da década de 90.

É o que observa um depoente, a partir da sua preferência pela programação holandesa, devido à sua profundidade informativa:

> *Rádio Nederland, pois tanto a programação em português, e depois do fim das transmissões nessa língua, em espanhol era a mais completa em termos de abordar com profundidade os assuntos da atualidade. Os programas verdadeiramente nos levavam pensar e formar opinião (Ouvinte M).*

Funcionando sob o regime administrativo a radiodifusão pública, além das notícias de interesse geral sempre difundiu amplamente a imagem da Holanda. Também desenvolveu outros projetos da informação educativa visando incentivar ações de cidadania no Brasil e na América Latina. No entanto, os seus programas mais citados pelos ouvintes se configuram nos seguimentos de comunicação e musicais. Entre eles: *"Radio Enlace", "Euroimpactos Musicales"* e *"O mundo das comunicações".*

Ainda na Europa, sob o foco das imagens radiográficas que representam a estrutura e a personalidade dos países de emissão, Portugal é um país que possui fortes laços culturais com o Brasil desde a época colonial. A RDP Internacional – Rádio Portugal, surgiu na perspectiva de ampliação e fortalecimento político da língua na faixa das Ondas Curtas.

Desde 1935 passa a ser uma referência cultural para a diáspora e suas ex-colônias, mas logo se amplia exclusivamente na língua de Camões para o Brasil e mundo.

A RDPI[81] está inserida numa programação de atualidades local e mundial no trato das questões culturais e humanitárias. No âmbito radiográfico seus QSLs não privam a personalidade cultural do país. Durante a corrida colonial, Portugal se tornou uma referência no campo das navegações. Tendo o *mare magnum* como cenário de fundo a figura 35 mostra um fato cotidiano, que Burke (2004) conceitua como a imagem do "instantâneo". O QSL datado de 1977 retrata, a partir de uma pintura de Abílio Leal, as mulheres portuguesas nos seus afazeres de pescaria e abastecimento de água numa aldeia de pescadores em Nazaré.

Figura 35: A sintonia histórico-cultural da Rádio Portugal
Fonte: MCLINK. **Galleria delle QSL della ex RDP - Radio Portugal International.** Disponível em: <http:/web.mclink.it/MJ0350/libera/portogallo/porto.htm>. Acesso em 10 de jul. 2010. QSL da RDP Internacional – Rádio Portugal, datado de 1977.

[81] Em 2007 a RDPI investiu trezentos milhões de euros numa antena de transmissão visando melhorar sua sintonia principalmente no Brasil. No entanto, em maio passado a emissora reduziu sua programação e anunciou que possivelmente deixará de emitir na faixa de OC até o fim de 2011. Cf. ROMAIS, Célio. RDP deixa as ondas curtas. **As Ondas Curtas do Rádio.** Disponível em: <http://blog.romais.jor.br/ >. Acesso em: 03 de jun. 2011.

O domínio de Portugal sobre os oceanos se traduz num símbolo recorrente desde o período das navegações. Ainda hoje está presente no imaginário social, nas manifestações artísticas e em outras faces radiográficas da emissora portuguesa. O que chama a atenção nas imagens dos QSLs da RDPI e também da Rádio Nederland é a maneira como essas emissoras se apropriam do cotidiano, dos modos de vida e do seu pertencimento cultural para retratar a identidade dos seus respectivos países.

Ao teorizar sobre a influência da cultura na produção de imagens, Ferreira (2005) comenta que a identidade humana é formada a partir das suas relações históricas e sociais. Isso se traduz no vínculo desses sujeitos aos grupos socioculturais que os particularizam, mas ao mesmo tempo se ampliam na dimensão coletiva da etnicidade.

Ao citar Barth, Ferreira (2005, p. 7) diz que:

> [...] etnicidade é, portanto, uma área de estudo em cujo foco de abordagem se situa não apenas a identificação das culturas, suas diferenças e seus vínculos históricos, mas a constituição dos grupos étnicos e a natureza de suas fronteiras. [...] Ela evidencia um movimento cuja evocação identifica, amplia e desloca fronteiras no contexto dos grupos étnicos constituídos.

Efetivamente, a natureza da etnicidade se traduz num elemento muito próprio para a configuração do imaginário de um povo. Tomando a Europa como referência, é possível notar que ela foi formada a partir de vários grupos étnicos que deram origem aos diferentes países, povos e culturas. Essa diversidade étnica particulariza as texturas socioculturais de cada nação. Os limites dessas fronteiras tornam-se imprescindíveis para nortear as ações conscientes e inconscientes de fenômenos que se associam a esses sujeitos e ao grupo social que fazem parte.

A diversidade étnica, em seus símbolos e policromias, também tende revelar a identidade cultural dos países nas propostas radiográficas. Esse pensamento é citado por um dos depoentes que faz uma referência bem pertinente às imagens dos QSLs. Para ele:

> *Os cartões QSLs nos passam um pouco da cultura de cada nação. As cores e as figuras que os compõem chegam a nos transmitir a personalidade geral do país (Ouvinte A).*

Firmado nessa ideia é possível elucidar a identidade cultural e o imaginário estampado em um cartão QSL da "Rádio Voz da Rússia" (figura 36). Nas cores de fundo, em tons de azul-escuro, aparece um campo espacial com vários corpos celestes; e no primeiro plano uma montagem de imagens compõe o assunto principal. Está visualizado um rosto

humano formado por vários recortes étnico-culturais, a imagem de um globo terrestre visto de cima, um fone de ouvido e as cores da bandeira russa.

Desde a época da Guerra Fria a antiga URSS disputou o espaço sideral com os EUA. Através do desenvolvimento tecnológico e das experiências em vôos tripulados, os soviéticos avançaram em descobertas espaciais e conquistaram um feito histórico com o astronauta Iuri Gagarin – o primeiro homem a atingir a órbita da terra.

São essas experiências que a Voz da Rússia retoma no desenho do QSL mencionado. Um rosto humano formado por recortes e cores evidencia a participação de várias etnias (orientais e ocidentais) na composição da sociedade russa. O globo simboliza a Rússia ainda como o centro do mundo e espaço. As cores da bandeira numa espécie de arco dão formas a um capacete de astronauta envolto na dimensão celeste. Já o fone de ouvido é uma referência à comunicação de um país em sintonia com as atualidades e com o mundo através do rádio. O iconotexto em letras garrafais conclui sua mensagem: "Nós falamos para o mundo inteiro".

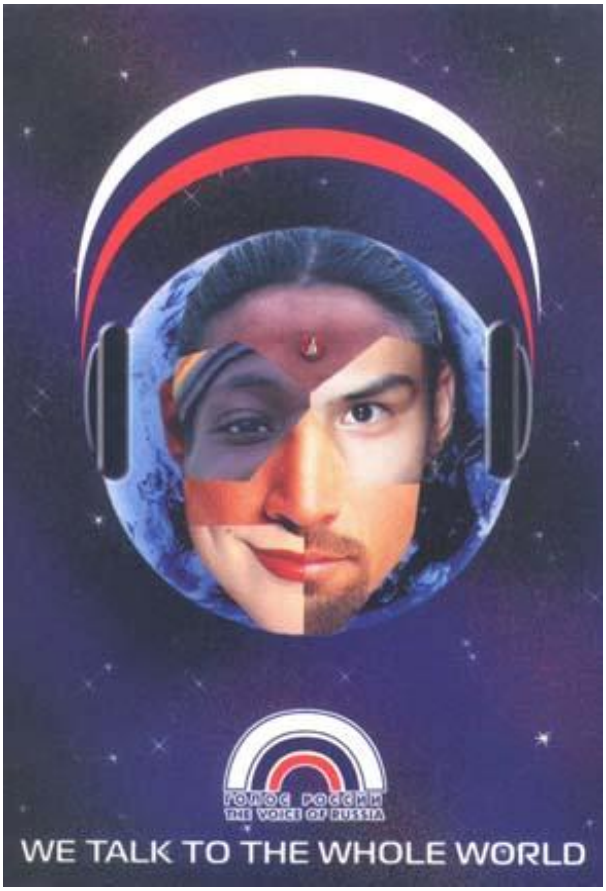


Figura 36: As diferentes faces da Rússia
Fonte: acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 16/04/02, 00:35 UTC, 9965 kHz).

Muito embora a composição do rosto humano em seis partes tende indicar a representação da audiência da Rádio Voz da Rússia em seis continentes. Entretanto prevalece a leitura de um país idealizado desde a formação das repúblicas socialistas a partir da diversidade étnicas, que contribuíram para a visibilidade da URSS no controle comunista. Isso fica mais claro com a elucidação desses elementos símbolos da identidade nacional, pontuados pelo inconsciente da corrida espacial, as cores da bandeira e a proposta de comunicação da emissora.

Com a queda do comunismo as informações de atualidades no Leste Europeu passam a dar mais visibilidade à imagem turística dos países, visando atrair visitantes de outras partes do mundo. Nas transmissões em espanhol da Rádio Praga, Rádio Eslováquia, Rádio Romênia, Rádio Bulgária, vão ao ar o roteiro dos principais pontos de visitações. Essas emissoras funcionam como um guia turístico que adentram no contexto histórico, sociocultural e ecológico para retratar as belezas, diversidade e atrativos que cada país tem a oferecer.

O desenho do mundo nas informações de atualidades volta-se à África. A partir do Egito a Rádio Cairo transmite em português e espanhol para a América Latina. O Serviço em Português para o Brasil surgiu em 1955[82], visando estreitar as relações econômicas e culturais, divulgar o turismo e analisar os fatos de repercussão no Oriente Médio. Em tempo presente o Egito surge na nova conjuntura mundial como um país cosmopolita, industrializado e turístico. Em sua programação a Rádio Cairo propõe novas imagens do universo egípcio, situando o país num contexto que vai além das perspectivas convencionais que conhecemos.

Na esfera oriental a radiodifusão asiática pontua informações de atualidades situando os seus países na conjuntura turística, política, científica e econômica. Como algumas nações foram marcadas pelos conflitos externos e internos, as informações atuais tendem apresentar a imagem de uma sociedade pacifista e fortalecida economicamente.

A Rádio Internacional da China, Rádio Japão, KBS World Rádio (Coreia do Sul) e Rádio Taiwan Internacional (RTI) – principais referências na OC – também retratam o cotidiano e as transformações da sociedade em sintonia com as tradições culturais de um período remoto.

Segundo Eliade (1996), os ritmos temporais deslocam o homem para uma dimensão diferente do tempo histórico. No mundo oriental as relações entre o presente e passado se constituem numa forma de conceber a vida e lidar com as experiências simbólicas. Principalmente em países asiáticos as decorações, produções artísticas e de artefatos atendem

[82] RADIO CAIRO. **Programa Brasileiro.** Disponível em: <http://www.ertu.org/br/index.html>. Acesso em: 20 de maio 2011.

não apenas a funcionalidade prática; mas também resgatam os símbolos atemporais. Tal como se observa na estampa de um QSL da RTI (cf. anexo QSL 16), onde se reporta a essa compreensão e adensa na visualização de registros alegóricos na arte tradicional em cerâmica da Dinastia Ching.

A imagem fez parte de reportagens sobre a cultura taiwanesa, que foram estampadas numa série de doze QSLs produzidos pela RTI. São temas do imaginário coletivo utilizados pelo rádio para conceber o cotidiano. Joly (1996) adensa na interpretação das imagens como signos míticos que aparecem nos grafismos desde a época primitiva. Nas produções artísticas da modernidade asiática essas mesmas percepções são retomadas. Os objetos adquirem um novo significado a partir da inserção de desenhos alegóricos e temas mitológicos. Resgatam os ritmos temporais das civilizações passadas para atender as percepções arquetípicas do homem contemporâneo.

O contato com o cotidiano de outros povos através do rádio, segundo diz um ouvinte, ajuda compreender as complexidades humanas. Para ele, a imagem do mundo não é tão igual como se imaginava. Cada povo tem sua forma de vida, educação e lidar com a realidade:

> *A gente conhece bem o nosso país. Às vezes a gente imagina que todos são quase iguais ou parecidos, mas a realidade é clara: cada país tem seu modo de viver, de se relacionar, se respeitar. O exemplo mais atual é o do povo japonês, que apesar de toda tragédia [terremoto seguido de tsunami], não fizeram saques às lojas e nem causaram tumultos públicos (Ouvinte H).*

A sintonia global permite aos seus ouvintes conviver com as diferenças culturais e criar vínculos de amizades. A recente tragédia sísmica no Japão se transformou numa ação coletiva que comoveu a audiência brasileira. A partir da programação em português da Rádio Japão foi possível acessar essas imagens e compreender não apenas a gravidade do problema, mas manifestar votos de solidariedade à colônia brasileira e toda a população japonesa[83].

Sintonizar uma emissora internacional é como estar antenado com o próprio país em sua amplitude humana, pois o rádio passa a ser um legítimo mediador das angústias e necessidades do outro. Embora a mensagem radiofônica seja unidirecional, as relações de empatia se estabelecem a partir do reconhecimento do eu, e, por conseguinte, de se reconhecer na imagem do outro. Na opinião de Vieira (2004, p. 8)[84]:

---

[83] ROMAIS, Célio. Rádio Japão na cobertura do terremoto e tsunami. **As Ondas Curtas do Rádio.** Disponível em: <http://blog.romais.jor.br/page/2/>. Acesso em: 13 de mar. 2011.
[84] Op. Cit.

> [...] essa percepção do mundo tinha me levado a diversas posturas frente a ele. O despertar de um desejo de conhecê-lo 'mais de perto' era agora mais evidente. Ao mesmo tempo um conhecimento de mim mesmo, enquanto ser humano, começava a aflorar; isso se fazia através do respeito e conhecimento da cultura, da opinião, dos hábitos e pensamento do *outro*, acessível pelo rádio de ondas curtas. [...] o rádio de faixas mundiais era uma lição cultural, de respeito e conhecimento do outro que me ajudava a compreender a mim mesmo; posicionar-me dentro do mundo em que vivia. O som que emanava daquele rádio ali em cima da minha estante ajudava a formar um ser não perfeito (!), mas com preconceitos menos atenuados.

Essas palavras ajudam a conceber a comunicação radiofônica como um fenômeno cultural em sua complexidade. Para Bordenave (1997) a comunicação não se constitui num amontoado de signos que são montados como um quebra-cabeça, mas se estabelece numa relação funcional da necessidade humana e relacionamento com o outro. Thompson (1998) acrescenta a essa funcionalidade as condições históricas e socioculturais nas quais os sujeitos então inseridos. Através da apropriação das mensagens da mídia os sujeitos desenvolvem um sentido não só para eles mesmos, mas também para os outros.

A sintonia internacional faz parte de um processo que vai além da formação pessoal, pois estimula o ouvinte a tomar uma postura em relação ao mundo. Isso significa em se reconhecer através do outro, construir sua história e se portar como um cidadão do mundo.

McLuhan (1964) relata a história de um africano que embora não tivesse o domínio da língua inglesa acompanhava diariamente o noticiário radiofônico da BBC. De fato, a voz possui uma potencialidade simbólica muito própria e se constitui num elo que aproxima o ser humano das suas heranças primitivas. Ouvir as narrativas radiofonizadas é encontrar-se com o ser humano em potencial que existe em todos nós. Não importa a sua origem ou as suas práticas culturais, é possível ver nele as imagens que nos aproximam daquilo que somos ou que queremos ser.

9.1.2 O jornalismo de opinião pública

O emprego do termo "opinião", de uma forma geral, sempre remete às compreensões acerca da opinião pública ou de ter um ponto de vista sobre um determinado assunto. No seu campo normativo o conceito de opinião sempre recai para um conjunto de circunstâncias e complexidades, que não se esgota em simples interpretações. Diante disso é possível situá-la dentro dos parâmetros que são cabíveis no percurso desta discussão.

Segundo Freitas[85] o uso da opinião pública vem sendo deslocado ao longo da história, sobretudo, com o advento da imprensa e mais recentemente dos *mass media.* A autora ainda cita as palavras de Monique Augras em suas ideias sobre o assunto que perpassam pela compreensão de: "[...] um fenômeno social. Existe apenas em relação a um grupo, é um dos modos de expressão desse grupo e difunde-se utilizando as redes de comunicação do grupo".

Nessa circunstância, a opinião pública se constitui na própria cultura e se vale desse campo operacional simbólico para se autoafirmar como um valor a ser difundido e apreciado na esfera social. Desde o surgimento das primeiras estações radiofônicas, em suas irradiações para o exterior, o uso da opinião pública tem sido uma referência na formação de mentalidades. No contexto das guerras o rádio tinha a função de informar e formar:

> [...] O cidadão deveria odiar o inimigo, amar o seu país, e empenhar-se ao máximo no esforço da guerra. Não se podia esperar que as pessoas agissem dessa forma espontaneamente. Os veículos de comunicação de massa, disponíveis na época, tornavam-se instrumentos primordiais para persuadir o povo a agir dessa maneira. (DE FLEUR, 1976, p. 156).

Portanto, a opinião pública em sua amplitude sempre está atrelada à política e ao exercício do poder: a arte de gestar o bem público; guiar ou influenciar pela ação de um líder, "partido político" ou da "opinião pública", legitimado pelos eleitores; conquistar através de meios que possibilitem obter os efeitos desejados; "[...] a orientação ou a atitude de um governo em relação a certos assuntos e problemas de interesse público" (WIKIPÉDIA)[86].

A funcionalidade da opinião, sobretudo, no contexto das guerras sempre prevaleceu na sua finalidade política restrita a um grupo dominante. Por isso, o acesso também à diversidade de opiniões provenientes dos países neutros – não-alinhados às superpotências mundiais – serviu de contraponto para construir uma consciência da cultura de paz e de um mundo mais humano. Muito embora, a radiodifusão para o exterior tenha sido movida, inicialmente, pelo interesse nos *casus belli*, o pensamento dialético ganhou eco nas Ondas Curtas e aproximou as informações de opiniões ao interesse da humanidade.

No embate dessas discussões, emissoras como a Rádio Nederland, Rádio Suíça Internacional, Rádio Suécia Internacional, BBC de Londres, entres outras, tornaram-se pontuais para a construção de uma consciência a partir da divulgação dos pontos de vistas

---

[85] FREITAS, Gomes Sdinéia. **Formação e desenvolvimento da opinião pública.** Disponível em: <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/opiniaopublica/0017.htm>. Acesso em: 16 de maio 2011.

[86] WIKIPÉDIA. **Política**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica>. Acesso em: 20 de maio 2011.

antagônicos aos conflitos mundiais. Nesse momento também surgiram novas emissoras humanitárias e religiosas na faixa de OC, ampliando essas discussões.

Isso favoreceu a diversidades de ideias e manifestações culturais, tal como observa um participante desta pesquisa:

> *Pontos de vistas de outros governos, músicas exóticas só ouvidas ali, folclore desses países, a democracia vista por esses países e seus governantes (Ouvinte C).*

Não obstante ao seu caráter ideológico, esse conjunto de informações produzidas em vários contextos auxilia os receptores em suas relações de sentido. De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional (1990, p. 9590) na amplitude radiofônica para o exterior: "O público de todos os países tem desse modo uma incomparável oportunidade de **confrontar informações e opiniões**, de se pôr em dia com o modo de vida de outros povos, de ouvir os mais variados estilos de música" (grifos meus).

A partir dos esforços da Guerra Fria pela propaganda ideológica, vários pensadores acreditavam que os *mass media* poderiam provocar um efeito negativo no comportamento humano. Esse argumento foi superado ao se constatar que as informações da mídia sempre se desdobram em novas percepções aos serem apreciadas criticamente pelos seus receptores.

Naquela época o rádio era o meio de massa por excelência. Ao se por em contato com as opiniões de várias partes do mundo essa diversidade de informações permitiu não apenas estar inteirado sobre os acontecimentos, mas também estimular a vida mental:

> *Sentia-me bem informado. É como se acessasse a internet atualmente. Uma fonte de notícias (Ouvinte B).*

> *Sinto-me como se estivesse por lá... Uma imersão no país cuja rádio estou escutando (Ouvinte G).*

Não resta dúvida, que na sociedade moderna as informações ganharam um novo impulso na esfera da comunicação midiatizada. Isso é importante para que se possa esboçar um mundo microscópico a partir das fontes secundárias. Entretanto, nas OC o ouvinte tem acesso aos fatos nas emissões oficiais de um determinado país e até se transporta mentalmente para esses lugares. A recorrência a esses contextos simbólicos se traduz numa melhor compreensão sobre o país e até construir uma nova imagem a respeito dele:

> *Decisões políticas, diversidades culturais, costumes, economia, pontos turísticos dentre outros, nos traz a melhor forma de avaliar um povo ou país, de conhecê-lo, de saber a respeito de seus relacionamentos (Ouvinte H).*

Independente do que se busca na radiodifusão, observa-se um constante interesse cultural e pela produção de sentido a partir dos aspectos simbólicos mediado pela psique. Estão presentes na concepção do imaginário **"ao se transportar mentalmente"** aos países irradiados; no apreço pela **"diversidade cultural"**; **"musicalidade exótica"**, **"manifestações tradicionais"** e também pelo **"encanto"** que o rádio suscita na mobilidade do instantâneo. Essas compreensões ficam latentes nas leituras dos depoimentos.

Em tudo isso prevalece um curso mental que auxilia os ouvintes a dar sentido ao mundo que os envolve. Compartilha-se com Durand (2004) a concepção de que toda a ação humana consciente decorre das interações da psique. O imaginário é concebido pelo teórico nessa perspectiva em sua função: "[...] construtiva e poética (*poiesis*: 'criação')" (DURAND, 2004, p. 37). Dessa forma, nenhuma ação coletiva ou individual prevalece sem antes se pensada, mensurada e construída a partir da mente.

As implicações acerca da imagem como um "duplo" projetou o homem não apenas na materialização dos seus feitos, mas concedeu a ele a condição de desenvolver habilidades mentais que resultaram em sua representação simbólica (MORIN, 1979). Essas referências valem também para as opiniões que concebemos acerca de nós mesmo e do universo, a partir dos instrumentos de mediação. Para Durand (2004, p. 41): "Todo pensamento humano é uma re-presentação, isto é, passa por articulações simbólicas. [...] Por conseqüência, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana".

A necessidade de conhecer o mundo a partir da sintonia radiofônica aproxima o humano de sua natureza simbólica. Isto é caracterizado pela função do rádio na representação do homem, dos seus pensamentos e das suas faculdades biológicas. Enfim, por se transformar num instrumento mágico, capaz de trazer o mundo diretamente ao ouvinte e ao mesmo tempo aproximá-lo desse mundo sensível à esfera auditiva:

> *Um sentimento mágico. A sensação de receber notícias diretamente da fonte é indescritível (Ouvinte I).*

Interessante notar como o rádio torna-se muito próprio para estabelecer um diálogo entre homem/mundo. Esses depoimentos não apenas exara a aproximação dos sujeitos num conjunto de informações conectadas ao universo, mas evidencia as inferências humanas no contexto das suas motivações e necessidades.

> *Sentia-me (e ainda sinto quando ouço) satisfeito por ter a oportunidade de desfrutar de fonte alternativa de informação, saber de fato o que é ser uma emissora pública (BBC por exemplo) que não tinha problema algum em apresentar pontos de vista diferentes do governo do país ao qual* pertencia (Ouvinte M).

A abertura política na sintonia internacional abre perspectiva para percorrer espaços distantes e também as experiências que se aproximam dos receptores, tal como se percebe neste depoimento acima.

No limiar desses desdobramentos a identificação da opinião pública na sintonia internacional torna-se complexa. Concebida como fenômeno político e sociocultural, que se desenvolve a partir dos grupos sociais, é possível situá-la no contexto das relações de poder: a "política governamental" e as formas como se deseja que a imagem de um país seja visto fora de sua área de abrangência; as "políticas públicas ou humanitárias" e as "políticas que se perpassam pela esfera da religiosidade".

9.1.2.1 Políticas governamentais

Sobre o olhar do governo (partidário) os serviços internacionais começam a ser pensados na sua fase inaugural. Eles demarcam o percurso histórico da radiodifusão para o exterior, sendo testemunha e co-participante da historiografia mundial. A partir do rádio os governantes podiam falar diretamente com seus correligionários e reunir condições necessárias aos esforços da guerra.

Durante o nazismo o rádio teve sua fase mais ofensiva e psicológica; porém a Guerra Fria trouxe um caráter mais ameno de um conflito ideológico que se propagava sutilmente nas Ondas Curtas. Silva Neto (2005) faz alusão às emissões internacionais nesse período como "as ondas proibidas", pois o sinal se propagava de forma invisível via éter – não respeitando fronteiras territoriais e políticas, tampouco as barricadas militares. Ainda que o governo coibisse a inserção da propaganda gráfica e ideológica no interior do país, não conseguia ter o mesmo controle na radiodifusão, que trafegava sem ser notada pela camada da ionosfera.

Desde a II Guerra Mundial até início da Guerra Fria o uso de aparelhos de rádio era proibido em vários países. Possuir um rádio de OC era uma condição privilegiada de se ter acesso ao mundo. De acordo com Vieira (2003) nesse período foi comum a utilização de *jamming* – uma interferência proposital gerada pelo país receptor, visando interferir e neutralizar a sintonia radiofônica estrangeira. Os países comunistas do passado e atualmente as nações em regimes totalitários se utilizam desse artifício.

Muito embora não seja comprovado o uso do *Jamming* pelo Brasil, Grossmann (2007) cita a proibição do uso de aparelhos radiofônicos. O governo passou a se preocupar com os imigrantes japoneses e alemães, pelo temor de um possível golpe de Estado. Grossmann (2007) ainda menciona o uso do rádio no Brasil como instrumento de espionagem política. Cita a prisão do intelectual Hans Curt Werner Mayer-Clason, acusado de transmitir informações pelo rádio ao governo alemão durante o nazismo.

As investidas mais pontuais ocorrem no curso da Ditadura Militar através de medidas estratégicas em prol da soberania política, incluindo a sintonia de rádios internacionais como um problema de segurança nacional (CAPARELLI, 1980). Nos anos 70 a BBC recebeu queixas das autoridades brasileiras sobre as notícias divulgadas pela emissora inglesa acerca da violação dos direitos humanos no Brasil (SERVIÇO BRASILEIRO DA BBC, 1998).

O noticiário da BBC, e de outras emissoras estrangeiras, tornou-se oportuno para divulgar fatos obscurecidos pelo governo e manter a população brasileira informada a respeito dos seus próprios problemas, conforme também menciona um ouvinte:

> *O rádio internacional se tornou muito útil para mim, no período da revolução (de 1964), tornou-se uma maneira de saber notícias sobre o Brasil que eram censuradas no país (Ouvinte A).*

Caparelli (1980) cita que no período da Ditadura Militar a audiência de emissoras como a Deutsche Welle, Voz da América, Rádio Havana Cuba, Rádio Central de Moscou, entre outras, exerceram um papel fundamental para inserir a população brasileira no contexto da informação. Essa captura radiofônica, sobretudo de países comunistas, tornou-se preocupante para as autoridades brasileira, que temiam o impacto dessas informações nas ações coletivas da sociedade.

A ideologia política estava visível na sintonia e nas composições visuais de várias emissoras. No desenho de um QSL da Rádio Havana Cuba (figura 37) a visibilidade política torna-se um componente da imagem que deixa claro os objetivos da emissora na pontualidade da Revolução Cubana.

A simbologia presente nessa imagem está representada no logotipo da RHC. Ele é formado pelas cores da bandeira e pelo desenho de um arco em forma de ondas (ou um alvo) e um pássaro em voo livre. As possíveis leituras atribuídas a essa imagem reportam à história política de Cuba como território socialista desde a década de 60, mas perseguida pelo governo americano que busca nos embargos econômicos um alvo político a ser atingido.

Figura 37: Uma voz amiga que percorre o mundo
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 15/05/01, 22:12 UTC, 15340 kHz).

Sua iconografia se ancora na releitura do comunismo pela substituição da "pomba branca" por um pássaro de cor "vermelha", em alusão às mensagens de "paz" e "amizade". Nesse contexto a imagem que aparece no QSL pode ser traduzida pelo ideal de liberdade (pássaro voando) de um país que se propaga nas "ondas radiofônicas" via OC para emitir suas próprias opiniões para todo o planeta.

As intervenções do jornalismo de opinião superaram o controle de um mundo polarizado. Uma diversidade de emissões radiofônicas conectou os brasileiros ao mundo e a si mesmos, permitindo um fluxo de informações que serviram para estabelecer uma posição crítica face às correntes ideológicas, conforme se observa nas palavras do ouvinte:

> *Na época de Guerra Fria [as rádios internacionais] praticamente me fizeram compreender a filosofia socialista e capitalista. (Ouvinte B).*

Na opinião de Walter Benjamin os conflitos políticos e humanos se transformam em mecanismos simbólicos que tende afetar a vida humana e sua maneira de se relacionar com o mundo: "Ganhar ou perder uma guerra, na lógica da linguagem, é algo que penetra tão fundo na nossa existência que nos torna, para sempre, mais ricos ou mais pobre em quadros, imagens, invenções" (BENJAMIN, 1987, p. 65).

Diante das contradições da Guerra Fria, o rádio conseguiu despertar a sensibilidade humana na busca de informações, que se tornaram imprescindíveis para conhecer em profundidade as relações entre o homem e mundo. Na tensão de um jogo ideológico, marcada

pela hipótese de ganhar ou perder, era preciso driblar as regras estabelecidas e encontrar novas estratégias para a descoberta do jogo:

> *Considerava-me, nos anos 70 e 80 um ouvinte privilegiado, que furava o bloqueio da censura imposta pela Ditadura Militar. Os conteúdos contribuíam para uma visão mais ampla do mundo. (Ouvinte E).*

Destarte, a concepção do desenho do mundo implica no reconhecimento do próprio ser humano, nos efeitos das suas experiências internas e externas. Segundo Eliade (1996) foi a procura pelo desconhecido que impulsionou a Europa no período das navegações. Mesmo sob o lema mercantilista e colonizador, o imaginário norteou essas aventuras ao ponto de descortinar novos horizontes e encontrar perspectivas de sobrevivência.

A busca pelo paraíso terrestre reencontra o homem imaginário nas suas referências com as imagens do novo mundo. Esses arquétipos foram retomados no percurso da Guerra Fria e se fundiram nas imagens utópicas produzidas no confronto capitalismo x socialismo. No esforço de apresentar o melhor modelo de sociedade as correntes políticas adentram no fluxo de um mundo idealizado, que ganha notoriedade nas ondas radiofônicas.

Os efeitos do jornalismo de opinião nas esferas sonoras e visuais, partir do final da década de 80, tendem preparam os sujeitos para se apropriar de um mundo que passa a ser esboçado noutro desenho político. É uma década emblemática, pois marca o fim da Guerra Fria com a dissolução da URSS e sua transformação na Comunidade de Estados Independentes (CEI).

Todavia na Península Coreana e em outras nações a exemplo de Cuba, Coreia do Norte e países do Oriente Médio, ainda alimentam uma batalha simbólica, sobretudo, contra a expansão americana. Os EUA mantêm a liderança mundial, influenciando e intervindo na soberania de outras nações. Enquanto alguns países da Europa lutam entre si pela divisão de territórios, os americanos declaram guerra contra o terrorismo no Iraque, Afeganistão e Paquistão, tornando-se um interventor político nessas regiões.

Essa conjuntura após a Guerra Fria, marcada pela economia globalizada e pelo progresso eletroeletrônico, acabou enfraquecendo a radiodifusão internacional. Algumas emissoras assumem novas identidades; outras ampliam suas emissões ou são deslocadas para outras mídias – a exemplo da internet e as mídias móveis; porém uma maioria finaliza gradativamente suas transmissões na faixa de OC para o Brasil e também para o mundo.

A Voz da América e a Rádio Central de Moscou, nas suas emissões em língua portuguesa, voltam aos campos político-ideológicos. Desta vez, para noticiar o golpe de

Estado na antiga URSS e a repercussão daquele acontecimento na configuração do novo desenho mundial.

Nesse tempo marcado pela eclosão de vários acontecimentos as rádios internacionais veicularam amplamente o processo de transição política que o mundo experimentava. As estações do Leste Europeu cobriram esses eventos em suas emissões e deram vazão a uma série de informações e pontos de vistas, antes proibidos pelo regime comunista.

A Rádio Deutsche Welle, antiga "Voz da Alemanha", transmitiu várias reportagens para noticiar a caída do Muro de Berlim (1989) e o reencontro dos alemães ocidentais e orientais com seus entes queridos, separados desde a Guerra Fria. Por certo, a imagem que ficou mais latente naquele momento foi a reunificação da Alemanha. Num período mais recente a Deutsche Welle produziu um QSL que se remete a esse feito histórico (figura 38).

Trata-se de um registro fotográfico do "Portão de Brandemburgo" nas comemorações de dez anos da queda do Muro de Berlim. Um ambiente proibido que se agora se torna mais acessível e receptível. Isso também é possível perceber nas expressões das pessoas pelas reportagens que iam ao ar nas frequências da Rádio Deutsche Welle.

Figura 38: Portal de abertura política entre as Alemanhas
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 27/10/01, 20:05 UTC, 17595 kHz).

Entretanto, pela sua natureza, a imagem visual do Portão de Brandemburgo é de uma profundidade histórica e simbólica para aqueles que a contempla. Há nela um forte apelo aos

arquétipos coletivos, tal como menciona Jean Chevalier sobre o significado da porta no imaginário humano:

> A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É um convite à viagem rumo a um além... (CHEVALIER,1990, pp. 734-735)

E nesta perspectiva o QSL "Portão de Brandenburgo" produzido pela Deutsche Welle se constitui numa das imagens mais marcantes e belíssimas desse período histórico. Talvez até mais forte do que a simbologia da queda do Muro de Berlim. Uma porta aberta simboliza a receptividade e se perpetua no tempo como um lugar de passagem e transição. Representa a abertura política não apenas entre as Alemanhas, mas para esboçar a imagem de um novo mundo desgastado pelo jogo ideológico protagonizado entre comunismo x capitalismo.

A partir desses desfechos políticos e de muitos outros que vão eclodindo, algumas emissoras internacionais registram essas imagens visuais em suas estampas de QSLs. Com o advento de outras tecnologias as imagens dos QSLs também são substituídas pelas imagens instantâneas, seja através da internet, periódicos e outros impressos.

9.1.2.2 Políticas humanitárias e ambientais

Desde o fim da II Guerra Mundial, vários países, que não atuaram diretamente no conflito, passaram a investir na criação de estações de rádio para difusão internacional. Isso se deu por vários motivos. As experiências da guerra haviam deixado um saldo negativo e um alto preço a ser pago pela sociedade. Havia a urgência de conscientizar a população para construção de uma cultura da paz. Caso esse projeto não desse certo o mundo poderia entrar em colapso, inclusive com a iminente corrida nuclear.

Devido ao alto índice de analfabetismo e a dificuldade de alocar recursos para a construção de escolas, o rádio surge como ampliação cultural. Através das OC era possível alcançar o mundo e espaços onde outros meios de comunicação não atingiam. Como a radiodifusão domina a oralidade, então seu uso tornou-se crucial para atingir a população iletrada promovendo o direito à cultura, informação e cidadania. De acordo com João Ribas da Costa os *mass media* exercem um papel relevante na mobilidade das sociedades modernas. Para ele a falta de informação gera uma série de agravantes, entre eles: "[...] a ignorância

generalizada dos mais elementares conhecimentos necessários à uma vida sadia e condigna: a ignorância gera a doença e a doença gera a miséria [...]" (COSTA, 1962, p. 246).

A ênfase à política humanitária vem a calhar nas propostas da sintonia internacional. Com o apoio das instituições humanitárias como a ONU, UNESCO, Organização dos Estados Americanos (OEA), vários países se encarregaram dessa tarefa de educar pelas Ondas Curtas. Muito embora essa proposta esteja presente na maioria das emissoras, algumas se destacam no foco dessas discussões.

Na Rádio Exterior da Espanha (REE) – que recentemente criou uma transmissão em língua portuguesa – surge os programas "Mundo Solidário" e "Niños del Mundo", que focalizam as ações não governamentais e os projetos voltados às pessoas desfavorecidas. Outros seguimentos jornalísticos em português na RFI, Deutsche Welle, Rádio Vaticano, Rádio Nações Unidas, Voz da América etc., também assumem relevância em despertar a consciência político-social da audiência, sobretudo, nas intervenções sobre a saúde coletiva no continente africano.

Figura 39: Inclusão e cidadania na radiografia canadense
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 14/10/01, 23:40 UTC, 11865 kHz).

A figura 39 ilustra um QSL emitido pela Rádio Canadá Internacional alusivo ao "Ano Internacional das Pessoas Portadoras de Deficiências", comemorado em 1981. O desenho em degradé traduz a visibilidade dos cadeirantes a partir das políticas destinadas à inclusão social. Essas imagens humanitárias difundidas nas rádios estrangeiras contribuíram

para vencer os preconceitos em relação às pessoas portadoras de necessidades especiais e projetar o desenho do *mundus novus* que começa a ser esboçado após a Guerra Fria.

Dentre os projetos educativos desenvolvidos pelas rádios estrangeiras destacam-se as campanhas de saúde contra a Pólio na África, veiculada pela Voz da América e impressa nos calendários do Serviço Português. Também as intervenções sociais promovidas pela BBC e Rádio Nederland na África e América Latina. A emissora holandesa ainda participa na promoção de debates: "[...] sobre cidadania nos países da América Latina, além de seminários e capacitação sócio/profissional sobre assuntos de relevância local e mundial – tendo como lema os 'meios de comunicação para uma cultura de paz'" (SILVA NETO, 2005).

Nas questões relacionadas ao meio ambiente, a Rádio Nederland promoveu uma campanha pelo uso racional da água na América Latina, destacando o uso inadequado dos recursos hídricos e o interesse dos EUA pela Amazônia brasileira. Além dessas ações, as rádios internacionais têm potencializado as políticas ambientais também nos seus QSLs onde são retratados os aspectos da fauna e flora, das espécies endêmicas e ameaçadas de extinção.

Até o período de encerramento desta pesquisa, julho de 2011, a audiência da OC foi surpreendida com as notícias de redução de orçamentos e até o desativamento de importantes emissoras que atuam como coadjuvantes nas propostas humanitárias. A RDP Internacional – Rádio Portugal, Rádio Praga e Deutsche Welle, praticamente já estão fora do espectro das Ondas Curtas. Também em maio passado, a Rádio Nederland sofreu um corte de 70% no seu orçamento, o que comprometerá sensivelmente os seus projetos e a permanência da emissora na sintonia mundial.

A partir do programa "Cartas@RN", apresentado por Sérgio Acosta, autoridades políticas e ganhadores de Prêmios Nóbeis da paz e literatura, além dos ouvintes da América Latina, se manifestaram a favor da radiodifusão internacional. Ao falar sobre o futuro da Rádio Nederland, o Especialista Político da América Latina, José Zapeda[87] destacou a importância do rádio no desfecho da Guerra Fria e nas questões humanitárias. Para o momento atual pensava-se que o dinheiro que foi gasto em comunicação de massa para manter os enfrentamentos e os golpes militares poderia ser destinado para o bem-estar dos povos. Principalmente nas intervenções radiofônicas através das propostas humanitárias, culturais e de liberdade de expressão na América Latina e países em desenvolvimento.

Nesse sentido, o fim das emissões da Rádio Nederland e demais emissoras internacionais empobrece a imagem do mundo e os objetivos que se traçaram para o

[87] RADIO NEDERLAND WERELDOMROEP. Entrevista de José Zapeda a Sérgio Acosta. **Cartas@RN**. 28 de jun. 2011. Informação verbal.

desenvolvimento de uma cultura pautada nos valores humanitários e de profundo respeito entre homem e natureza.

9.1.2.3 Religiosidade

A religiosidade abarca este subeixo da opinião, sobretudo, por dois motivos: primeiro porque toda religião é regida por dogmas, logo pode-se interpretá-la como pontos de vistas que são impetrados por líderes religiosos que exercem a incumbência no ato de conduzir (governar) os fiéis; segundo porque toda religião possui uma característica cultural própria, sendo regida por um governo divino que está além das limitações humanas e que se preocupa em estabelecer sua liderança terrena.

Por natureza todo o humano é um ser espiritual. Isso demarca a história dos nossos antepassados e a sua relação com o duplo. São convincentes as teorias de Edgar Morin ao inferir que a desenvoltura do *Homo sapiens* não está apenas no seu caráter racional, mas, sobretudo, na sua aproximação com a espiritualidade (MORIN, 1979). Ao perceber as limitações da vida terrena, o ser humano passa a se preocupar com os seus registros e feitos, para que na sua ausência (morte) essas imagens pudessem testemunhar suas ideias e opiniões sobre o mundo. Na dimensão espiritual ainda há outra expectativa de continuidade, a vida eterna. Esse é o princípio básico da religiosidade e também das inferências humanas sobre o mundo como forma de materializar sua trajetória, enquanto ser biológico e sociocultural.

Rádio e religião são fenômenos que aglutinam sentidos culturais em comum. O rádio é concebido nas formas simbólicas e a religião também está inserida nesse contexto, na sintonia do invisível. As programações religiosas na OC acompanham a trajetória do rádio em seus desígnios de transmissões internacionais, sobretudo, por uma necessidade prática:

> Principalmente porque a OC tem um alcance mundial, conseguindo atingir pessoas em lugares longínquos afetados pela censura, ausência de outros meios e até por conta do domínio de religiões, que minimizam a propagação de outras crenças. Ao tempo em que, essas transmissões representam uma forma menos onerosa, viável e necessária para conduzir a humanidade à vida celeste, sem ter que passar por qualquer consentimento diplomático ou repressivo (SILVA NETO, 2005, p. 49).

A funcionalidade da OC torna-se um campo fértil para a densidade religiosa. No Ocidente a cultura europeia sempre restringiu nossas concepções sobre o sagrado, enquanto o Oriente se desenvolveu a partir de uma diversidade de crenças, costumes e práticas. É na radiodifusão global que esse mundo simbólico se entrelaça constantemente.

O cristianismo tem suas marcas plasmadas na historiografia e foi responsável por diversos acontecimentos de ordem política e sociocultural, que influíram profundamente na maneira como somos e concebemos o mundo. Apesar da ampla ramificação em outras vertentes messiânicas, suas limitações nos fazem interpretar o outro com estranheza. Eliade (1996) fala que a religião institucional se constitui num marcador que particulariza as relações de sentido entre o eu e o outro. Isso reduz a compreensão do ser humano na sua totalidade, bem como as interpretações acerca do sagrado.

A imagem de um QSL da Rádio Afeganistão (figura 40) comprova essas relações de estranheza mensuradas na esfera da religiosidade. O Afeganistão foi formado pela cultura budista (Império Celta) e islâmica (Império Persa). Durante o regime Taliban, em 2001, várias imagens da religião budista foram completamente destruídas por essa milícia. Entre elas um Buda de pedra de 53 metros – conforme se observa no QSL – que havia sido tombado pela UNESCO como patrimônio mundial da humanidade (ALMANAQUE ABRIL, 2011).

Figura 40: Religiosidade budista no mundo islâmico.
Fonte: QSL ilustrando um calendário de agosto de 2006 do Rhein-Main-Radio-Clube (RMRC). Frankfurt - Alemanha.

Na esfera mundial a religião surge como uma extensão do poder. No âmbito da Guerra Fria o Catolicismo Romano se ampliou nas transmissões internacionais da Rádio

Vaticano[88], visando resgatar a imagem da igreja no resto do mundo e coibir o comunismo. Sendo assim a Rádio Vaticano teve uma importância na historiografia mundial, ao unir seus fiéis na vasta dispersão socialista e empreender uma força espiritual capaz de conter o regime.

Com a eleição do Papa João Paulo II a igreja católica passa por um processo de ampliação das políticas sociais e ganha visibilidade através da mídia. A Rádio Vaticano participa ativamente desse processo, se transformando numa extensão da igreja para a sociedade brasileira e mundial (cf. anexo QSL 13).

Na sua sintonia é possível acompanhar os problemas sociais, missionários e as celebrações eclesiásticas. Segundo um participante desta pesquisa, ele sintoniza a Rádio Vaticano para ouvir diretamente da Capela e de outros espaços:

> *[...] terço (rosário) em latim com o Papa João Paulo II (uma vez ao mês) e diariamente com outros apresentadores via sacra do Coliseu em Roma com João Paulo nas sextas-feiras santas (Ouvinte D).*

As transmissões da Rádio Vaticano dão autenticidade às mensagens do catolicismo, que passa a ser difundido originalmente na voz do próprio Papa. Essas mensagens sagradas perpassam pelo sentido cultural da sua audiência, fortalecendo a espiritualidade, fé e fraternidade. Além da Rádio Vaticano a sintonia ainda conta com as transmissões em espanhol da Rádio Católica Mundial – emissora americana que produz uma programação, também captada pela audiência brasileira.

Na sintonia evangélica até final dos anos 90 houve grande interesse na manutenção dos programas religiosos nas Ondas Curtas. Ainda no início do século XXI foi inaugurada nos EUA a Rádio Voz Cristã (*Christian Vision Corporation - CVC*), transmitindo 24 horas em português. Recentemente a programação em português foi desativada, mas a CVC continua em espanhol. Permanecem no seguimento evangélico a Rádio Mundial Adventista (AWR), HCJB Voz Global, Family Radio (WYFR) e Rádio Trans Mundial (RTM). A estrutura dessa programação varia entre estudos religiosos, reportagens sobre fé e comportamento, música, participação dos ouvintes, além de informações culturais.

Entre as emissoras de vertentes cristãs – evangélicas, católicas ou até seculares – existem um elo cultural que as aproximam. Em ocasiões como o Natal, a Páscoa e Semana Santa a programação volta-se para as canções sagradas, reportagens sobre as tradições e festas comemorativas dessas datas.

---

[88] A Rádio Vaticano foi fundada em 12/02/31 e o Programa Brasileiro surgiu em 12/03/58.
Cf. RIBEIRO, Haroldo Ricardo. **Rádio Vaticana.** In: Atividade DX. São Carlos – SP: DXCB. Ano 22, nº 229, out. de 2003, p. 19.

Figura 41: A comida que alimenta o corpo e espírito
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 13/04/95, 23:00 UTC, 11615 kHz).

No Equador e região dos Andes é preparada a *"Fanesca"*, uma espécie de sopa servida na Semana Santa. O cartão QSL da Rádio HCJB (figura 41) retrata em sua estampa esse alimento sagrado. A comida é preparada com 12 tipos de grãos, que representam os apóstolos de Jesus. Essas referências da cultura cristã também se apresentam nas demais tradições religiosas de outras partes do mundo. Geralmente, há um processo simbólico na composição desses pratos típicos nos hábitos alimentares e nos festejos que os precedem. Para Jung (2008), os alimentos como símbolos de sacralidade são extensões dos arquétipos. Eles servem não apenas para alimentar o corpo, mas também a alma e os espíritos.

Do mundo islâmico as emissões em espanhol da Rádio Damasco (Síria), Voz da República islâmica do Irã (VOIRI) e da Rádio Cairo são as mais ouvidas no Brasil. No Irã e boa parte do Oriente Médio a religião participa nas opiniões do Estado. Assim a VOIRI difunde mensagens do Alcorão, músicas religiosas e comentários políticos emitindo a visão islâmica sobre os problemas mundiais. A VOIRI também envia QSLs, revistas e cópias do Alcorão para os ouvintes. As imagens das autoridades islâmicas são visualizadas nos símbolos iconográficos da emissora, visando estabelecer uma empatia entre o islã e seus governantes.

Depois do atentado terrorista em Nova York e da intervenção militar dos EUA no Oriente Médio, a imagem da religião islâmica sofreu um desgaste no mundo ocidental. Sendo associada ao fundamentalismo que se repercute nas ações sociais e no processo antidemocrático de alguns países. Por conseguinte, as mensagens da VOIRI e das emissoras

acima citadas contribuem para mudar essa concepção, na formulação de novas imagens que nos faz perceber o mundo árabe e os países em desenvolvimento com outro olhar.

Sobre as percepções das imagens do islã, um ouvinte que participou desta pesquisa também faz referência ao QSL da Rádio Afeganistão (figura 40). Diz que a imagem ficou marcada na sua trajetória de radioescuta a partir do contato com a emissora e por retratar:

> *[...] um desenho de um Buda de 53 metros. Ocorre que a estátua (que era patrimônio cultural da humanidade) foi dinamitada em 2001 pelo governo Talibã (Ouvinte E).*

A linguagem radiofônica é muito própria na geração de imagens mentais captadas no ato da escuta. Entretanto, o cartão QSL ainda preserva a característica de eternizar um registro visual e estabelecer uma relação de sentido para quem conhece seus códigos culturais. A fusão entre a imagem mental/visual se apresenta na percepção do ouvinte sempre que ele recorre ao QSL. E assim, esses ritmos temporais, entre o passado e presente, eternizam as experiências de escuta da emissora afegã, o imaginário captado sobre o país, sua história, religiosidade e os fatos ocorridos.

É nessa perspectiva que Burke (2004) recomenda o uso de imagens como fontes históricas, pois preservam um recorte de tempo e captam maior quantidade de dados que não são vistos a olho nu. Na ausência do fenômeno registrado é possível estudá-lo com profundidade. No exemplo desse registro do Buda de pedra, e em muitos outros, a imagem passa a consistir na única prova da existência de um determinado um objeto ou fenômeno.

Entre o Leste Europeu e hemisfério oriental o campo religioso é denso até porque houve trocas culturais nessas regiões durante a passagem dos povos primitivos. Nos países que compõem esses espaços a noção do sagrado sempre acompanha a sociedade, seja nos seus costumes tradicionais ou até mesmo nas práticas sociais, que são retomadas no cotidiano. Essas manifestações estão por toda a parte: na arquitetura, nos modos de vida, mitos, nas crenças e nas suas diferentes formas de relação com o sentido da praticidade.

Na Europa a Rádio Bulgária, Rádio Romênia, Rádio Praga, Rádio Eslováquia, etc. No Oriente a Rádio Internacional da China, Rádio Taiwan Internacional, Rádio Japão são as principais emissoras que se destacam na difusão da referência metafísica. A história dos países onde essas emissoras estão localizadas possui identificação com a cultura arcaica, que são repassados às novas gerações.

As festas populares, músicas e os motivos tradicionais são retratados nas imagens da programação e dos cartões QSLs. Essas manifestações se aproximam da religiosidade, devido

os seus vínculos com o sagrado. Retomam o imaginário coletivo na concepção dos símbolos arquetípicos e na extensão entre homem e natureza, como dimensões cósmicas.

Dessa forma, o rádio nos põe em sintonia com um mundo simbólico tão complexo do que se imagina. Nele é possível transitar por um vasto campo cultural, conhecer as crenças primitivas das civilizações orientais, as mensagens do islã e a missiva do evangelho de Cristo.

9.1.3 Entretenimento

A radiodifusão internacional sempre foi sondada pelo seu caráter verbal. É comum sua associação ao conceito das rádios em Amplitude Modulada (AM) pelo seu foco jornalístico, difusor de notícias. Isso é levado em conta quando não se atém às variações de suas pautas e à maneira como a programação se apresenta e incorpora nas práticas humanas. Em sua pesquisa de graduação, Silva Neto (2005) constatou que os ouvintes dessas emissoras possuem uma diversidade de motivações, que vão além do sentido convencional: o prazer de ouvir rádio, colecionar QSLs, participar das atividades da programação, trocar materiais, apreciar os diversos tipos de músicas por vários motivos.

Destarte, o rádio se transforma numa corrente de distensão da vida cotidiana, sua programação perpassa pela busca do prazer e da diversão, em consonância com as trocas culturais. Isto é, a estimulação da sensibilidade humana no aproveitamento do tempo livre para se distrair e apreciar os motivos culturais em suas esferas artísticas e esportivas de vários países pelo viés da ludicidade.

De acordo com Huizinga (2008) o lúdico está presente na vida humana sob a forma do jogo e dela participa visando a ampliação cultural. O jogo não consiste apenas no próprio ato de jogar, mas se estende às “necessidades imediatas da vida”. Embora o jogo também admita o comportamento de animais é nos humanos que ele assume uma função significante, portadora da intencionalidade cultural:

> Procuraremos considerar o jogo como o fazem os próprios jogadores, isto é, em sua significação primária. Se verificarmos que o jogo se baseia na manipulação de certas imagens, numa certa "imaginação" da realidade (ou seja, a transformação desta em imagens), nossa preocupação fundamental será, então, captar o valor e o significado dessas imagens e dessa "imaginação". Observaremos a ação destas no próprio jogo, procurando assim compreendê-lo como fator cultural da vida (HUIZINGA, 2008, p. 7).

As manifestações lúdicas são constituídas de regras e sugere uma competição, o

ganhar ou perder. Acrescenta-se à competição na esfera do rádio à sua forma simbólica, capaz de superar obstáculos reais e imaginários. Entre eles, sintonizar um país distante e penetrar no seu contexto simbólico através das regras preconizadas pela recepção de OC; a conquista do cartão QSL de uma emissora exótica ou que logo deixará de existir – representa um troféu para o ouvinte; os vínculos da programação musical aos enredos épicos e poéticos que se apresentam nas canções tradicionais; ou até mesmo torcer por um determinado evento artístico ou esportivo:

> *Para cada momento, para cada emissora ou para cada locutor, existe uma forma diferente de imaginar e entender. Por exemplo, quando a CRI (China) comentava a respeito dos jogos paraolímpicos, imaginava como estava sendo organizado, a vibração do público, as cores, as instalações esportivas, o sorriso dos chineses... (Ouvinte H).*

Sob as âncoras do lúdico o entretenimento gera a imaginação e expectativa. Nesse tipo de audiência é comum estar antenado com a programação para saber o desfecho do que está sendo apresentado. A linguagem do rádio transmite essa sensação de continuidade do jogo. E se traduz numa relação de sentido entre as necessidades do homem, em estreita sintonia com as expectativas dos sujeitos que estão fora desse campo de abrangência.

É esse o sentido do entretenimento como subeixo da cultura radiofonizada. Passa a ser concebido pelo próprio ato do ouvir rádio e se particulariza pelo conteúdo difundido no âmbito da sua programação, nos assuntos que direciona a escuta para o foco do divertimento. Na sintonia global o lúdico atende a esses propósitos de fuga do habitual. Nela está presente a amplitude musical, os noticiários esportivos, as reportagens turísticas e recreativas. São esses os pressupostos radiofônicos e radiográficos geradores de símbolos, que permitem o jogo da audiência, bem como a concepção de diferentes imagens sobre o mundo.

9.1.3.1 Esportes e diversão

O uso da cultura esportiva na sintonia internacional reporta a época da Guerra Fria, cuja competição ia do divertimento para o campo político. Ainda hoje o esporte tem sido uma das atrações culturais das emissoras estrangeiras. Visando dar ênfase ao jogo, seja no desempenho dos atletas, na associação à saúde física, mental e espiritual, assim como na identidade do país representada pelas vitórias alcançadas.

Os resultados dos jogos representam a imagem do país e do mundo, se ampliam nas relações de sentido conforme se observa no depoimento do ouvinte já mencionado

anteriormente. Marcam essas competições os eventos mundiais como a Copa e os Jogos Olímpicos, entre outros, que se ampliam pelo envolvimento de muitos países e suas diversidades culturais. Na sintonia radiofônica, também é possível dar visibilidade tanto aos campeonatos de futebol em várias partes do mundo como conhecer as modalidades esportivas, que não são desenvolvidas no Brasil devido às suas condições culturais e geopolíticas.

A RDP Internacional e Rádio Exterior da Espanha estão em constante expectativa com os campeonatos do futebol europeu. Já as emissoras asiáticas, da América do Norte, América Latina e boa parte da Europa, também compartilham os resultados do desporte, além de cobrir eventos típicos da região.

Os campeonatos de inverno são atrações culturais que as emissoras estrangeiras, como a KBS World Radio, dão visibilidade na suas imagens sonoras e visuais (cf. anexo QSL 9). São eventos que fascinam a audiência brasileira por vários motivos: são pouco divulgados pela mídia nacional e por ser uma modalidade pouco conhecida no Brasil e países tropicais.

Não obstante ao advento da mídia televisual, as transmissões de rádios ainda hoje possuem uma participação importante nesse seguimento jornalístico e do entretenimento. É possível afirmar que o rádio dá entusiasmo ao desfecho esportivo e gera mais imagens do que a televisão. No rádio os movimentos em campo e dos corpos se plasmam à oralidade através das narrativas verbais. São vozes e imagens que se fundem na tradução de um evento emblemático, emotivo, que o rádio se encarrega de decifrar e traduzir para os ouvintes:

> Nesta noite, a pira olímpica dos Jogos Olímpicos de Beijing será apagada. Nesta noite, o testemunho das Olimpíadas será entregue a Londres, Grã-Bretanha. Os Jogos Olímpicos de Beijing foram tanto um grande encontro entre as Olimpíadas com a remota história e a civilização chinesa, quanto um abraço entre a cultura de todos os países e a cultura chinesa, assim como um diálogo entre a civilização ocidental e a oriental. O tempo das provas dos Jogos Olímpicos de Beijing durante os 16 dias é curto, mas a amizade desses 16 dias é longa. Somos familiares, de qualquer país ou região[89].

Na sua transmissão radiofônica a CRI adensa a apresentação da imagem da China através do desfecho desse evento esportivo. São ações do jogo que se manifestam, seja no jogo da repetição de palavras ou pela relação de sentido entre emissor e receptor. As Olimpíadas de Pequim se traduziu num encantamento que envolveu o mundo: hemisfério oriental e ocidental, passado e presente. É a partir desses vínculos que a mensagem da CRI se fortalece como laços de afetividade e empatia com a sua audiência. Pois os jogos remota a

[89] CRIPOR. **Programa especial sobre a cerimônia de encerramento das Olimpíadas de Beijing.** Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/101/2008/08/23/1s94366_2.htm>. Acesso em: 25 de maio de 2011.

natureza humana a um tempo simbólico, sobrecarregado de arquétipos: "As sociedades antigas e não-letradas encaravam naturalmente os jogos como modelos vivos e dramáticos do universo ou do drama cósmico exterior" (MCLUHAN, 1964, p. 266).

Desde a escolha da China para sediar esse evento a CRI desenhou uma cobertura esportiva denominada de "Beijing 2008", que depois se ampliou no seguimento jornalístico "No mundo dos esportes", que vai ao ar às quartas-feiras. Ainda lançou uma série de imagens postais alusivas à estrutura olímpica para serem presenteados aos ouvintes de outros países, visando a divulgação dos investimentos esportivos na China.

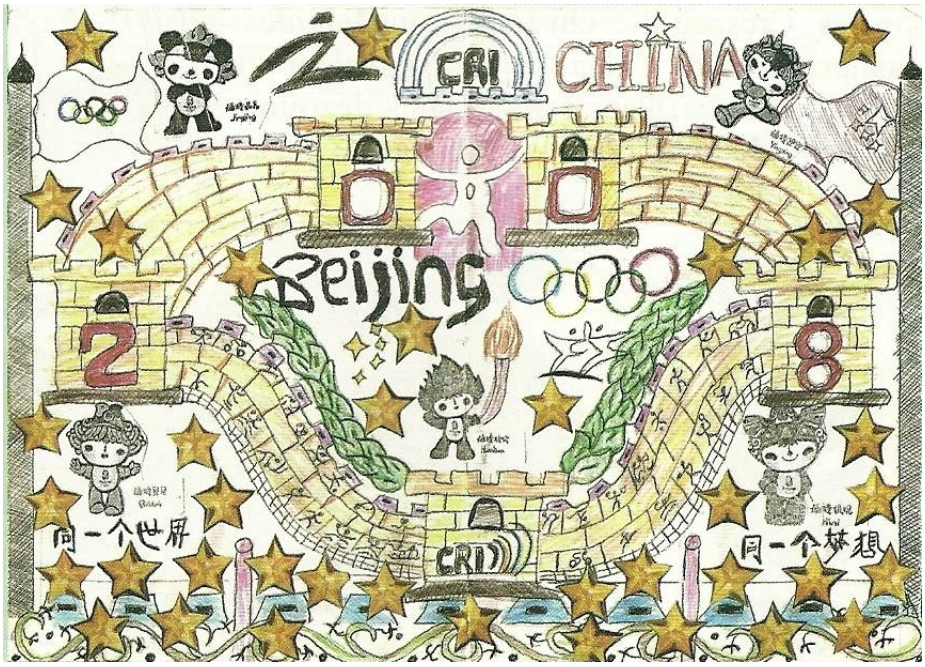


Figura 42: O desenho dos Jogos Olímpicos captado nas ondas do rádio
Fonte: FANZINE DA CRI. **Ouvinte brasileiro faz pintura alusiva aos Jogos Olímpicos de Beijing 2008.** Pequim - China, edição 12, n. 4, 2008, p. 12.

A arte visual realizada pelo ouvinte brasileiro Eduardo da Silva (figura 42), foi premiada com uma viagem à China através de um concurso idealizado pela CRI. O desenho é alusivo as Olimpíadas de Beijing 2008. Aparecem os mascotes representando os continentes, a imagem da Grande Muralha com o número 2008 nos portais, em cada tijolo os ícones das modalidades esportivas, além de uma simbologia que faz alusão às Olimpíadas, à cultura chinesa e à Rádio Internacional da China.

São essas as imagens da China captadas no imaginário do ouvinte e materializada através dessa arte. É uma referência do jogo e prazer, pois caracteriza o envolvimento da audiência para desenvolver uma determinada habilidade, então premiada pela rádio chinesa.

Na proposta radiográfica, as imagens sobre os esportes estampam vários QSLs. Durante a Guerra Fria, a Rádio Berlim e emissoras de países comunistas iniciaram esse acervo. Há pouco tempo a KBS World Radio tem se destacado nesse requisito pela experiência em sediar os Jogos Asiáticos, uma Olimpíada e a Copa do Mundo.

A Voz da Rússia, Rádio Canadá Internacional e a CRI também se especializam nesse seguimento. Acrescenta-se a essas imagens os esportes livres, a exemplo do automobilismo e esportes radicais, como também aparece nas imagens da Rádio Praga e Rádio Japão. Então a propaganda sobre lazer e locais recreativos, desponta mais como um atrativo turístico, pois são divulgados na radiodifusão e nos QSLs com essa finalidade.

9.1.3.2 Interatividade, música e festa

As imagens do rádio geram um campo simbólico determinante da interação entre emissor-receptor. É admissível que as primeiras experiências da radiodifusão tendem a se qualificar como "prática significante". Grisa (2003, p. 36), teoriza que nessa conjuntura:

> [...] as mensagens começam a ser percebidas não mais de forma isolada, mas inseridas em conjuntos textuais. [...] os meios convertem-se em espaços de negociação e os receptores torna-se parte ativa ou porque produzem sentido ou porque já estão inscritos no discurso do emissor, ao mesmo tempo em que as mensagens são pensadas como parte de um texto maior: a cultura dos meios.

De fato, a natureza da linguagem radiofônica é unidirecional. Scheimberg (1997) acentua que esse paradigma pode ser rompido pela intenção do emissor, seja em limitar ou ampliar o campo interativo. Mesmo sendo oriundas de outros espaços, as rádios internacionais sempre manifestaram interesse de incluir a audiência em suas emissões. Sendo assim, os programas dedicados à leitura das mensagens e confirmação dos informes de sintonia em QSLs atendem essa aproximação da audiência, em inserir a voz e opiniões desses sujeitos nos microfones das emissoras.

A partir dos depoimentos dos ouvintes, a pesquisa aponta uma programação característica desse tipo de transmissão. Reportando tanto aos programas atuais como aqueles que foram extintos em decorrência do recente desativamento de algumas emissoras. Na interação dexista aparece o *"Rádio enlace"* e *"O mundo das comunicações"* (RNW), *"Cantinho DX"* (DW), *"Altas ondas"* (CVC), *"Editor DX"* (Rádio Suécia), *"Rincón Diexista"* (RRI), *"Amigos de la Onda Corta"* (REE), *"DX HCJB"* (HCJB); nos espaços

dedicados às mensagens tem-se o *"Caixa postal"*, *"Canadá Direto"* (RCI), *"En contacto"* (RHC), *"Encontro com a CRI"* (CRI), *"Ponto de encontro"* (RNW) e (Rádio Japão).

Entretanto, a funcionalidade da OC é ampla nesse seguimento. Ainda há uma diversidade de programas e emissoras, que embora não sejam mencionadas pelos depoentes se constituem em espaços de interação com os ouvintes. Essas relações ampliam a geração de sentido, colocando a audiência em condição de manifestar suas próprias imagens, que se concebeu a partir do rádio e do seu contato com o mundo exterior:

> Sem dúvida um dos momentos mais construtivos e educativos da radiodifusão estrangeira, no qual o ouvinte se revela, cria hipóteses, faz inferências manifesta seus pensamentos e se eleva ao mesmo *status* do emissor – atingindo o ápice da sua autoamputação. A gratificação se manifesta quando ao ligar o receptor, ele percebe que aquelas palavras mencionadas nas ondas do rádio possuem um significado especial, que foi construído pela sua própria autoria (SILVA NETO, 2005, p. 59).

Essa dinâmica está circunscrita dentro de um conjunto de características da diversão e do jogo. Há uma série de fatores que perpassam por essas ideias: o jogo de palavras nos textos a serem enviados à emissoras via e-mail, carta ou até pelo telefone; o registros da programação que se transformam num "informe de recepção" a ser premiado com o QSL; a participação nos concursos promovidos pelas emissoras; a solicitação da música preferida... Tudo isso denota a diversão, ansiedade, premiação, o reconhecimento, prazer de ouvir rádio.

Primeiramente é importante ouvir as opiniões sobre a importância dos cartões QSLs e o sentido cultural nessa prática radiográfica tão particular entre os radioescutas e dexistas:

> *São troféus. Nas OC ou DX em MW, nem sempre é garantido que possamos ouvir a emissora novamente (Ouvinte E).*
>
> *[...] "troféus", o ponto de contato com o "outro lado do dial" (Ouvinte I).*

Esses depoimentos confirmam a resposta radiográfica como uma premiação, a partir de uma experiência que se caracteriza como um recorde alcançado. Também pode assumir uma forma de interação e reconhecimento.

> *O QSL para mim corresponde a um muito obrigado, escrito pela emissora e dedicado ao seu ouvinte. É uma forma de valorizar aquela pessoa desconhecida que dedicou alguns minutos de sua vida para dar atenção ao conteúdo [programação]. É criar valor e respeito, é agradecer (Ouvinte H).*

Caracterizado sob esses pontos de vistas o cartão QSL passa a ser visualizado pela sua reciprocidade entre emissor/receptor. Ele representa a experiência de uma sintonia que, possivelmente, devido às condições técnicas e políticas, poderá ser a única. Nesse caso o ouvinte torna-se testemunha de um fenômeno que o diferencia dos demais aficionados, sendo conferindo a ele um *status* e a premiação por essa façanha.

Todavia não é só o ouvinte que ganha como isso, graças às informações técnicas é possível mensurar a audiência e aperfeiçoar as transmissões. Nenhuma emissora transmite apenas por transmitir, mas na expectativa de que alguém está ouvindo suas mensagens. São ocorrências do jogo, das estratégias de captura e do reconhecimento pela contribuição técnica.

Uma experiência marcada pelas relações de sentido pessoal do ouvinte:

> *Sempre teve uma grande importância e guardo todos com muito carinho, pois cada um tem sua história [...] (Ouvinte A).*

De acordo com Joly (1996) toda imagem é uma representação: "Se essas representações são compreendidas por outras pessoas além das que a fabricam, é porque existe entre elas um mínimo de convenção cultural [...]". No exemplo dos cartões QSLs essas imagens se caracterizam não apenas pela comunicação visual que apresentam, mas por penetrar na história dos sujeitos que as colecionam e participar das suas lembranças, emoções e afetividades:

> *Tenho um carinho muito especial por todos os que eu consegui das diversas emissoras que sintonizei alguns por ter sido um ouvinte fiel – as famosas séries. Pelo menos uma vez por ano eu abro a caixa onde estão guardados e deixo a nostalgia me invadir ao lembrar como alguns deles foram conseguidos, a alegria quando chegaram, e por saber que alguém do outro lado do mundo ficou agradecido por eu ter lhes informado como a sua transmissão chegava onde eu morava (Ouvinte M).*

São imagens sobrecarregadas de símbolos que vão desde o aspecto estético, às histórias de vida, das nações e emissoras sintonizadas. Recorrer a esses objetos significa voltar no tempo ao passado para vivenciar as imagens veiculadas pelo rádio e se embrenhar numa experiência imaginária. Desde o ambiente em que a programação foi captada, as estratégias que se utilizou para tal finalidade e as expectativas que se criou até a chegada do QSL. São recordações que se guarda com carinho e mesmo na ausência da possibilidade real da audição é possível recorrer a elas em seu sentido simbólico.

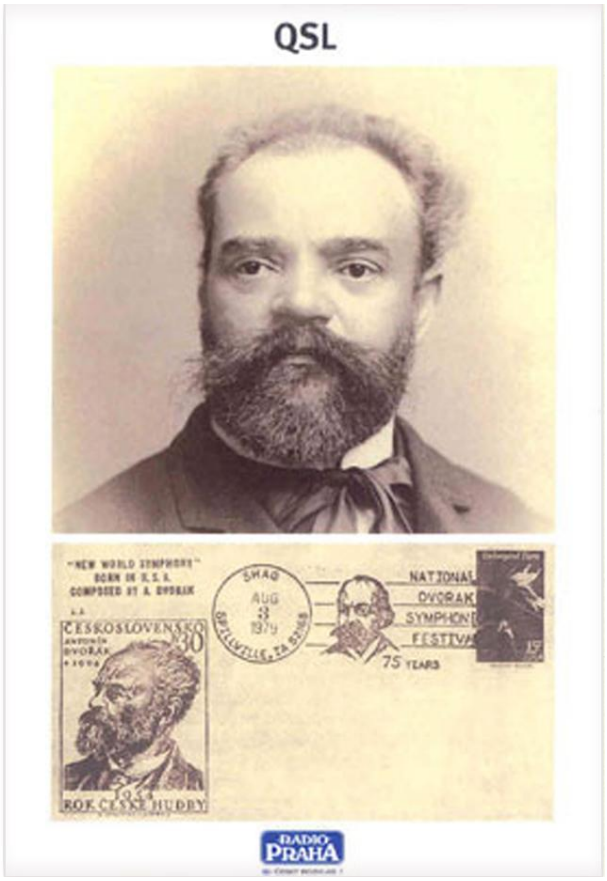


Figura 43: A iconografia polifônica da Rádio Praga
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a recepção de 07/01/04, 21:30 UTC, 9435 kHz).

A manifestação do lúdico nas imagens sonoras perpassa também por um contexto musical que vai desde os *hits paredes*, canções eruditas, populares e tradicionais. É um ponto forte do entretenimento, que também agrega novas visões do mundo. Nos programas de cartas é comum o atendimento de pedidos musicais, tal como observa um depoente:

> *Ainda hoje me lembro do locutor Sérgio Fernandes apresentando o programa Caixa Postal, pela Rádio Suíça Internacional, e fazendo a chamada para um pedido musical dos ouvintes, que era uma música do conjunto The Police (Ouvinte J).*

Mais uma vez volta-se a Eliade (1996) para conceber a musicalidade como propulsora de imagens em potenciais. A música demarca um contexto histórico e se envolve na intimidade pessoal ao ponto de servir de âncoras às etapas da vida. Ao se ouvir uma canção é possível se transportar ao passado, rememorar vivências ou acontecimentos que surgiram a partir daquela experiência sonora. Nessa esfera polifônica uma diversidade de ritmos temporais e canções embalam a audiência. Esses testemunhos vão desde as músicas

propriamente e à sonoridade dos "sinais de intervalos", conforme foram mencionados anteriormente e agora voltam a ser retomados pelos ouvintes.

A Rádio Praga elegeu 2002 como o "Ano nacional da música". Também produziu reportagens e uma série de doze QSLs comemorativos com as imagens de artistas tchecos. A participação do músico erudito Antonin Divorak é retratada na figura 43. Divorak também está representado na composição do sinal de intervalo da Rádio Praga, ao som da fanfarra da 9ª sinfonia *"From the new world"*.

Os sinais sonoros sintetizam a identidade de uma emissora ou dos países de emissão. Em suas composições os elementos culturais estabelecem essa correlação e se transformam numa imagem sonora que facilita a identificação radiofônica no dial. Segundo um ouvinte:

> *[...] no passado, os sinais de identificação ou de intervalo eram marcantes, tal como a bandinha da WYFR ou mesmo a frase "This is the Voice of America" (Ouvinte A).*

Independente do acompanhamento das frases, os sinais de intervalos falam por si mesmo. Nas transmissões religiosas eles são formados a partir dos cânticos clássicos e representam os arautos anunciadores do evangelho, tal como o som da bandinha precedido pela locução: "Esta é a Family Rádio, WYFR, o som da nova vida". Já nas emissões da Rádio Vaticano sua identificação:

> *[...] é uma música de mais de 1.000 anos e ainda é usado pela igreja católica. Recorda-me o fato que a linguagem musical vence o tempo (Ouvinte F).*

A escolha desses sons na identificação das emissoras religiosas não é por acaso. A música é uma sensibilidade arcaica que ultrapassa os limites de tempo e espaço, transportando as pessoas para fora da vida cotidiana e profana. Detentora de estímulos mentais ela transita no campo da alegria e do prazer, deixando as pessoas mais emotivas para conceber as mensagens da sacralidade.

Nas citações dos ouvintes os indicadores culturais se constituem nos sinais de intervalos da Rádio Austrália, Rádio Japão, CRI, etc. O caráter político também é um fator recorrente nesse campo sonoro. Estão presentes no hino nacional dos EUA – abertura das emissões da VOA, antecedido pela chamada "*This is the Voice of America [...]"* e também na associação do som de emissões estrangeiras à identidade política do respectivo país:

> *A identificação da Radiodifusión Argentina al Exterior que é feita em várias línguas. Ao ouvir essa identificação recordo o discurso de Cristina Kirchner ao assumir a presidência da Argentina. Retrata a imagem de uma mulher que assumiu a responsabilidade de um país (Ouvinte H).*

Não resta dúvida que estes sons de intervalos são símbolos propulsores de imagens. E não se trata de uma imagem linear, ela é constantemente atualizada e reconstruída pela sensibilidade mental da audiência. No entanto, carrega em si um forte vinculo com o passado, das lembranças de um tempo perdido, ou então proibido, onde esse som poderia ancorar as contradições de um mundo silenciado politicamente pela mídia televisiva:

> *Ainda é muito forte na minha mente, por ter sido a primeira emissora que eu sintonizei, o sinal de identificação da Rádio Central de Moscou. Saber que eu estava ouvindo uma emissora da União Soviética me emocionava. Lembro que eu dividia meu quarto com um primo e quando começa o sinal de identificação ele falava: lá vem você ouvir essa rádio de novo, isso é perigoso... Ele gostava muito de televisão e logo acreditava em tudo que via nela (Ouvinte M).*

Durand (2004) também faz referências semelhantes sobre esse conflito ideológico gerado pelas imagens. Na Idade Média, sobretudo, com a queda do catolicismo houve forte resistência à aceitação das imagens visuais, em sua associação à idolatria. Já no século passado as imagens passam a girar sob o campo tecnológico dos *mass media*. Então, tinha-se em mente que essas imagens poderiam ser manipuladas e até evitadas para não causar conflitos sociais. É essa a ideia do controle das informações durante a Guerra Fria, totalmente inútil devido a potencial abrangência da radiodifusão global na faixa de Ondas Curtas.

Sendo assim o contato com o exterior torna-se oportuno não só para a difusão de saberes intocados, mas para a concepção do desenho do mundo. Ao mover o dial flui um tráfego de imagens de um mundo exótico, fecundo em mistérios a serem desvendados. Essas características sígnicas do rádio podem se assemelhar também às percepções produzidas pela linguagem poética citada por Bachelard (1990), em sua capacidade de bem-estar mental: "Enfim, a viagem aos mundos longínquos da imaginação só conduz bem um psiquismo dinâmico se assumir o aspecto de uma viagem ao país do infinito. No reino da imaginação, a toda imanência se junta uma transcendência" (BACHELARD, 1990, pp. 5-6).

A partir do invisível as cores, sensações, os cheiros, sabores, movimentos dos corpos, a contemplação se transcendem à sintonia. O ouvinte é transportado de dentro do seu lar e experimenta novas realidades de um novo mundo a ser (re)desenhado, (re)apropriado:

> *Os sons das rádios islâmicas são exaltantes e trazem recordações de épocas em que tínhamos poucas informações desses países, sua cultura exótica. O mesmo se refere às rádios da Ásia e África (Ouvinte G).*

A imagem para a concepção de um tempo mítico se apresenta, eventualmente, na Rádio Japão no programa "Imagens Sonoras". A proposta é difundir a musicalidade e as histórias de um período remoto japonês. Aos sons de instrumentos tradicionais o ouvinte é transportado num tempo simbólico para rememorar os mitos e ritos que participam de um imaginário individual e coletivo. Na América Latina o programa "Equador, povo e cultura" da HCJB também menciona os símbolos arcaicos alicerçados nas tradições indígenas. Em comemoração aos 70 anos da HCJB foram emitidos doze QSLs que denotam o exotismo dessas festas tradicionais do Equador (figura 44).

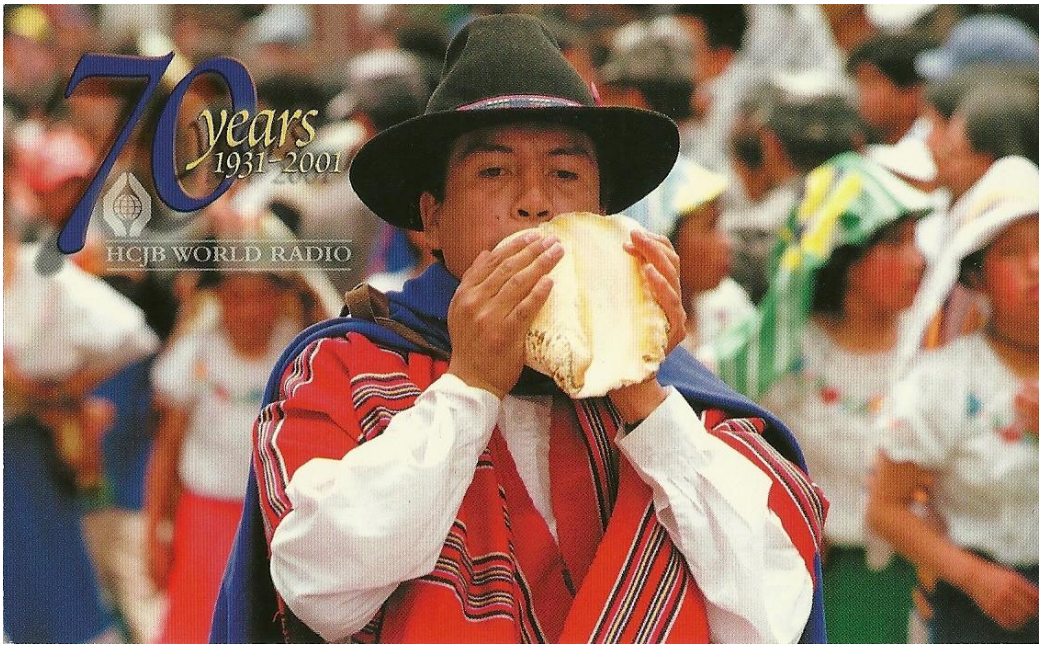


Figura 44: A musicalidade tradicional das festas equatorianas
Fonte: Acervo do pesquisador (QSL confirmando a sintonia de 24/03/01, 00:00 UTC, 11920 kHz).

Embalados nessa polifonia o rádio mundial permite transitar por um universo de fantasias e realidades. Perpassa nessa sintonia o interesse pelo desconhecido, as formas de vida, canções folclóricas, festas tradicionais. Essas manifestações culturais não só entretêm, mas também possibilita conhecer o humano em sua extensão cósmica e imaginária.

Em sua tese "Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia: São Salvador", Ferreira (2004) diz que a fé e festa são elementos que estabelecem um profundo sentido cultural na formulação do imaginário e na concepção do sagrado, em especial da população baiana. Isso se traduz na relação entre os festejos religiosos e como eles participam do cotidiano local e do

pensamento mítico da comunidade afro-brasileira. De acordo com o autor esse vínculo entre a festa e a sacralidade se apresenta na própria concepção religiosa. Conforme também se observa nas afirmações de sua avó durante as cerimônias das rodas de samba, quando dizia: "Se a comemoração é dedicada ao santo ele também quer festa!" (FERREIRA, 2004, p. 18).

Portanto, isso reforça a ideia de que o contexto das festas tradicionais está permeado pelo sagrado e pelas representações arquetípicas. Ao comentar sobre o papel simbólico da "representação" nas civilizações primitivas Huizinga (2008) diz que a representação sagrada é acima de tudo uma "representação mística" que assume uma característica de um universo imaginário. Essa representação ganha uma aura especial quando praticada sob: "[...] forma de festa, isto é, dentro de um espírito de alegria e liberdade" (HUIZINGA, 2008, p. 14).

Tendo o rádio como uma extensão humana essas representações festivas se ampliam na sintonia internacional. Nas Ondas Curtas é possível se deslocar para vários pontos do planeta para desfrutar de um mundo polifônico e multicultural. As concepções sagradas e profanas urdem a sintonia e as imagens dos QSLs.

Nessa proposta a cultura se apresenta nas especificidades do lúdico, no jogo da musicalidade e das músicas dançantes, tais como os cânticos das vozes líricas da Rádio Bulgária, a música ligeira da Rádio Romênia, a típica da cordilheira dos Andes na HCJB, a ópera de Pequim da Rádio Internacional da China, o ritmo árabe do Oriente Médio e uma infinidade musical em outras tantas emissoras internacionais. São canções específicas que festejam o cosmo e são destinadas a entreter e suscitar o sentido cultural da audiência.

10 O REDESENHO DA RADIODIFUSÃO INTERNACIONAL

Não resta dúvida que os serviços de rádios para o exterior surgiram a partir das guerras mundiais e, paradoxalmente, delas se valeram até mesmo para a promoção de uma cultura da paz. Isso ocorreu porque a linguagem radiofônica não é tão unidirecional como se pensava, a partir dela é possível estimular a vida mental da audiência e criar condições de interatividade. No entanto, é com o fim da Guerra Fria que a radiodifusão via OC começa a sofrer um desgaste que vai mudar completamente o seu desenho enquanto "meio técnico" ou "meio de comunicação de massa", como se queira dizer.

Até final dos anos 80, o Brasil captou grande fluxo de transmissões em língua portuguesa. Com o pós-guerra já não era tão necessário o uso do rádio para fins político, então a OC começa sua fase de enfraquecimento. Segundo o Almanaque Abril (2001), no final da década de 80, cerca de 67,6% da população rural passa a compor o cenário urbano brasileiro.

Desfrutando das comodidades culturais e tecnológicas da cidade, o ouvinte brasileiro, que antes se limitava à sintonia da OC, agora se transforma num *homo novus*, interessado por uma comunicação local e instantânea, que se impõe no contexto da sociedade moderna.

> Assim, não havia mais uma preocupação evidente de se investir nos *mass media* para coibir uma possível guerra nuclear, o entendimento entre as nações ou até mesmo bancar um sistema de comunicação tradicional, como a OC, no intuito de difundir informações aos indivíduos que, relativamente, já estavam usufruindo do processo de desenvolvimento tecnológico (SILVA NETO, 2005, p. 76).

A partir dos anos 90 a maioria das emissoras, a começar pela Rádio Berlim Internacional, desativou suas emissões para o Brasil. Desprovida dessa referência o ouvinte brasileiro passa a contar com a sintonia de emissões em português para a África ou em língua espanhola de emissoras interessadas em atingir o público latino-americano. Todavia, em alguns casos, a radiodifusão para o exterior já estava se preparando para enfrentar essa crise. Estações como a Rádio Nederland, BBC de Londres, Rádio Suíça Internacional, etc, migraram a língua portuguesa das OC para outras mídias.

Em princípio havia o interesse em produzir informações para serem veiculadas nas rádios locais. Gradativamente o rádio vai sendo substituído também pelos serviços via satélite, programas televisionados, pela internet e tecnologia móvel.

Entretanto, a maioria dos participantes desta pesquisa não acredita nesse progresso. Para esses ouvintes a Onda Curta não está, de fato, ultrapassada para ser substituída por essas mídias. Os depoimentos giram em torno de um embate de ideias que recai sobre os aspectos **políticos**, **econômicos**, **tecnológicos** e **culturais** que norteiam a estrutura funcional desse sistema de transmissão.

Primeiramente, o declínio da radiodifusão é visto como um desinteresse político dos países de emissão. E as experiências do rádio para fins políticos durante as guerras mundiais explicam nesses pontos de vistas. Naquela época a OC atendia um maior contingente de ouvintes. Hoje os países desenvolvidos estão mais interessados nas tendências tecnológicas devido ao seu impacto no desenvolvimento socioeconômico. Segundo um ouvinte, sendo assim a OC passa a ser uma tecnologia desinteressante para as grandes potências, porém:

> *[...] útil para países emergentes como a Rússia, Romênia, Portugal, Índia, China, etc. (Ouvinte J).*

Acrescentam-se também as nações pequenas e que possuem uma linha política divergente do interesse das grandes nações. Cuba, Coreia do Norte, Venezuela e Irã são exemplos de países com uso bem sucedido do rádio para difundir opiniões políticas, pois suas transmissões oficiais podem ser úteis para o confronto das informações que são veiculadas na mídia convencional. E esse é o ponto forte das Ondas Curtas.

De acordo com outros ouvintes as tecnologias emergentes contribuíram para o declínio das rádios internacionais. Antes o rádio exercia um papel importante para a difusão de informações, nossos pais e avós precisavam recorrer às OC para se interar sobre o que se passava pelo mundo afora. Hoje a Internet e a mídia móvel suprem a necessidade instantânea e disponibiliza uma densidade de informações, que tendem expandir o conhecimento humano.

De certa forma o advento da Internet criou muita expectativa na sociedade, porém há características das mídias tradicionais que não poderão ser superadas com facilidade. É nessa particularidade que o rádio de OC ainda sobrevive:

> *Pela praticidade de você poder está se dedicando a outra tarefa (e isso vale para o Rádio de uma forma geral), e para nós aqui no Amazonas internet é um exercício de paciência, pois é a mais lenta e a mais cara do Brasil, e tão cedo isso não vai mudar. (Ouvinte M).*

Apesar de o Brasil ser considerado como um país que mais amplia o número de usuários da Internet (ALMANAQUE ABRIL, 2011), ainda faltam políticas públicas para o desenvolvimento desse setor. Obviamente, isso prova que o vasto território nacional ainda não está preparado para suprir essa demanda tecnológica. Não obstante a tal deficiência, o custo desse serviço ainda é inacessível às camadas menos favorecidas. Esses entraves se constituem num forte indicador da permanência do rádio na sociedade brasileira, incluindo as emissões para o exterior, conforme pontua este ouvinte:

> *Está ultrapassada para quem tem acesso a essas novas tecnologias. Para os que não têm, as Ondas Curtas ainda são essenciais e serão por muito tempo (ouvinte F).*

Sendo assim os custos de financiamento dos meios de comunicação de massa também se torna um ponto saliente nessa discussão. Nota-se que a tecnologia da Internet abre novas perspectivas nesse seguimento, pois sua manutenção é financiada pela publicidade e, por sua vez, esse custo é repassado diretamente aos usuários quando adquirem os produtos anunciados ou necessitam de serviços de informática. Nas transmissões via OC é preciso um

alto investimento do emissor sem levar em consideração que o receptor não é um potencial pagante desses serviços. Por conseguinte, conforme pontua um ouvinte, as Ondas Curtas:

> *[...] são baratas para quem ouve e caras para quem transmite, se compararmos com os custos de transmissão na internet (Ouvinte E).*

Grossmann (2007) cita que em alguns países o Estado cobra uma taxa anual no ato da aquisição de aparelhos de rádio e televisão. Esse tributo é revertido no funcionamento dos *mass media*. Por esse motivo a sociedade local não vê vantagem na manutenção de uma proposta radiofônica para outros países. Muito menos o governo que institui corte no orçamento, obrigando a redução de custos e até o encerramento da radiodifusão internacional.

Diante deste conjunto de ideias, levantadas pelos depoentes, é possível notar que a funcionalidade das OC está mais ligada às questões financeiras e aos interesses políticos e culturais do que, propriamente, à inviabilidade dessa tecnologia. Isso é perceptível também pelo incremento de transmissões radiofônicas de cunho governamentais, sobretudo, nas áreas de abrangência das nações envolvidas em conflitos políticos. Esse argumento pode ser constatado num exemplo recente, pontuado por um ouvinte:

> *Em períodos de crise política, como no Egito, a BBC reativou suas emissões (Ouvinte I).*

Com o fim da Guerra Fria, os conflitos políticos tornaram-se descentralizados da hegemonia mundial. Sendo assim, o redesenho da radiodifusão para o exterior torna-se mais pontual. As imagens do mundo passam a ter um novo foco de interesse que ganha força nos programas religiosos, na divulgação dos modos de vida, geopolítica, músicas, artes, turismo, entretenimento e atualidades. É possível afirmar que essas emissões assumiram um caráter mais lúdico e centrado na difusão cultural.

Quem apostava na extinção da OC se espantou a encontrar novas emissoras como a CVC (espanhol), Rádio Canadá Internacional e Rádio Exterior da Espanha inaugurando emissões em português e a CRI ampliando sua programação. Contudo, a instabilidade ainda é evidente, sobretudo, quando, neste ano, a RDPI, Deutsche Welle, Rádio Praga e a Rádio Nederland anunciaram o fim das transmissões nas Ondas Curtas.

Ao restringir sua abrangência tecnológica as OC deixaram de ser uma mídia de massa e se transformaram numa comunicação elitizada. Isso se deu porque houve uma redução significativa na audiência, por outro lado formou-se um grupo seleto de pessoas que

possui um nível cultural diferenciado e encontra na radiodifusão internacional as condições tecnológicas e as informações que desejam. Sobre isso um ouvinte conclui:

> *Gosto das Ondas Curtas porque posso ter acesso a elas praticamente de qualquer lugar. Tendo um rádio na mão, estando em casa, no trabalho, no estudo, no sítio, na fazenda, no mais longínquo rincão do país onde moro, tenho condições de estar bem informado e aprender muitas coisas (Ouvinte H).*

Também se acrescenta o caráter lúdico que o rádio apresenta e seu imediatismo no acesso à diversidade de imagens sobre o mundo:

> *Porque é divertido sintonizar emissões de países a milhares de quilômetros de distância, o imediatismo de ligar o rádio e ouvir informações internacionais ao invés de ligar um computador, esperara carregar o sistema, acessar o browser, entrar em uma página de notícias, procedimentos que demandam bastante tempo (Ouvinte L).*

Há características que são próprias do rádio e o particulariza em relação às outras mídias. Por isso continua exercendo seu papel de companheiro de aventuras, descobertas e conhecimentos. São as experiências do jogo e lúdico, que se traduz na fala de um depoente:

> *O desafio em encontrar as emissoras num mar de ruídos, saído do lugar comum. A paixão pela sintonia de transmissões em OC. Acredito que a OC complementa a mídia web (Ouvinte I).*

Concorda-se com De Fleur (1976) quando ele diz que nos dias atuais os meios que estão além do nosso alcance se tornarão tão pouco utilizados quanto os suportes tradicionais. Por isso o ouvinte é oportuno quando menciona que a OC complementa a Web. Não é à toa que ao longo dos tempos as novas tecnologias da informação têm procurado se adaptar às características do rádio para atrair mais seguidores. Sem dúvida, o fluxo simbólico da radiodifusão consegue preencher as necessidades humanas e estimular a vida mental.

Uma Conferência Mundial de Comunicação, realizada na Suíça em 2003, criou a expectativa da inserção das OC no *Digital Radio Mondiale* (DRM). A plataforma de transmissão do DRM conta com a adesão de um consórcio formado por várias emissoras internacionais e promete aproximar a qualidade da OC ao áudio do *Compact Disc* (CD). Além da qualidade técnica e acesso aos recursos de banco de dados, essa tecnologia permitirá ao ouvinte acessar imagens secundárias através do receptor: programação musical, roteiros etc.

Archangelo (2010) menciona em seu *paper* de uma disciplina do Mestrado em Comunicação Social que já existem vários sistemas de transmissões digitais funcionando em

alguns países. Ele comenta que a Associação Brasileira de Rádio e TV (ABERT), em parceria com a Empresa Brasileira de Radiodifusão (RADIOBRÁS) e Universidade de Brasília (UNB), estão realizando pesquisas para definir o melhor modelo de transmissão digital a ser implantado do Brasil. Contudo ainda não há um consenso efetivo.

Os serviços globais na faixa de OC evidenciaram que a informação sem fronteira pode acarretar alguns impasses, que tende preocupar os países onde os meios de comunicação são controlados. Archangelo (2010) ainda cita a influência política e religiosa nesse contexto. A demanda de informações no rádio digital tende expor as próprias mazelas sociais do país, além do contato da população brasileira com pontos de vistas de várias partes do mundo. Certamente esse fluxo de informações pode trazer implicações a quem detém o poder, sobretudo, pelo crescente interesse por uma radiodifusão regional, controlada.

Enquanto não se decide pela digitalização da OC, as experiências em DRM introduzem o rádio num novo campo das imagens. Em 2010 um consórcio de comunicação social apresentou o *Diveemo* (Dr-TV). Consiste numa nova possibilidade de TV digital pela faixa da radiodifusão, que pode afetar definitivamente a exclusividade sonora do rádio.

Segundo Archangelo (2011) o Dr-TV ainda está em fase de reconhecimento e aprovação oficial para ser produzido em escala.

> O objetivo não é concorrer com a TV analógica ou digital, mas sim disponibilizar vídeos como um serviço adicional da própria emissora de rádio, agregando valor e diversidade de conteúdo aos ouvintes, um suplemento tecnológico que amplia a experiência de comunicação antes exclusivamente sonora (ARCHANGELO, 2011, p. 1).

Efetivamente esse advento tecnológico amplia as perspectivas sobre a radiodifusão. Ao mesmo tempo comprova que a tecnologia da OC não está de fato ultrapassada – apenas precisa ser aperfeiçoada para atender às novas necessidades. Embora tenha sido desenvolvida no início do século passado a OC se tornou uma proposta popular, capaz de ultrapassar as barreiras geopolíticas e cobrir grandes extensões do planeta. Mesmo quando se discute o fim da radiodifusão para o exterior, a OC passa a ser retomada para incorporar novos elementos e tornar-se mais atrativa para um seguimento de consumidores.

Certamente a nova proposta sonoro/visual do rádio a partir do *Diveemo* (Dr-TV) poderá trazer alguns problemas para a audiência, mas por outro lado vai permitir a veiculação de imagens sem fronteiras, fora da extensão nacional. Na esfera simbólica, conforme nos diz um ouvinte: *"[...] as ondas curtas perderão o seu caráter lúdico"* (Ouvinte J).

Destarte, a sensibilidade do imaginário não seria mais necessária na reconstrução da informação. Tudo estaria pronto e o prazer de ouvir rádio perderia o seu sentido simbólico.

Sobre a nova linguagem visual do rádio as opiniões dos participantes da pesquisa também são diversas, mas não temerosas. Até porque o rádio já passou por desafios dessa natureza desde o advento da televisão, mas nunca perdeu seu *status* na sociedade. Nessa perspectiva, procurou-se saber se a difusão de imagens visuais através do rádio poderia melhorar a compreensão dos ouvintes a respeito da cultura e realidade mundial.

No bojo dessas discussões observa-se que a maioria dos ouvintes é receptiva ao uso da tecnologia visual, mas ainda não consegue mensurar seu impacto nas funções sociais e na personalidade característica do rádio. Certamente será uma mudança gradativa, com a formação de novos hábitos que em longo prazo poderia empreender uma avaliação pontual. Diante disso os ouvintes se manifestam:

> *Acredito que sim e nem me preocupo em avaliar se isso seria danoso ao rádio, pois lembro-me que ao surgir a televisão se apregoava que ela iria sepultar o rádio, tanto que não ocorreu (Ouvinte A).*
>
> *Se isso ocorrer haverá um avanço, mas o rádio perderá sua característica principal de ser usado sem ter que olhar para ele. Só com essa tecnologia funcionando poderemos avaliar se será boa ou não (Ouvinte C).*

Por outro lado há quem veja nas imagens visuais do rádio a possibilidade de complemento sonoro. Em se tratando de serviços internacionais, para alguns ouvintes aumentaria o fluxo de imagens e, por conseguinte, também de percepções sobre as mensagens sintonizadas:

> *Vai melhorar, pois a informação, sendo completada com imagens, será melhor compreendida (Ouvinte F).*
>
> *Sim... Vamos imergir mais tecnologias e também teremos mais percepção do que a emissora quer passar para os ouvintes (Ouvinte G).*

Noutra opinião, a mídia televisiva aparece como alternativa cultural para conceber a realidade brasileira. Entretanto, o ouvinte menciona que ainda existe uma lacuna a ser preenchida com a cultura do outro. Uma cultura que pode ser mais bem visualizada e compreendida a partir das imagens geradas no contexto sonoro/visual das Ondas Curtas:

> *Sim e certamente só tem a acrescentar, já que em TV aberta recebemos conteúdo do território nacional, por isso receber imagens das emissoras de ondas curtas ampliaria nosso conhecimento sobre esses países (Ouvinte L).*

O que há de comum nos pontos de vistas acima é a função da "linguagem visual como complemento sonoro" na mídia radiofônica. Isso contradiz o que muitos pensadores já teorizavam acerca do rádio. Bachelard (1985) dizia que a radiodifusão não precisa apenas de um "engenheiro da antena", mas, sobretudo, de um "engenheiro psíquico". A necessidade desse profissional teria a função de dinamizar o potencial simbólico da linguagem radiofônica em comunicar culturas e estimular o imaginário humano. Sem dúvida o rádio conseguiu adentrar ao mundo moderno graças a essas características.

Quando se retoma a história do mundo é possível perceber que o projeto radiofônico foi muito além da veiculação das mensagens ideológicas. Ele volta-se para o ser humano e consegue comunicar suas heranças arquetípicas, as expectativas de vida, a angústia dos conflitos, o direito de sonhar com um mundo mais pacífico. E nesse sentido acaba interferindo nos esforços da guerra, em despertar consciências para um projeto solidário

Sendo assim a ausência de imagens não comprometeu as propostas de comunicação social da radiodifusão. Pelo contrário, elas tornaram-se muito próprias em dar sentido a criatividade. Não foi por um acaso que o dramaturgo Bertolt Brecht abandonou o cinema e escolheu a linguagem radiofônica para atingir as massas populares na Alemanha comunista (FREDERICO, 2007). Para Brecht, *apud* Scheimberg (1997) o rádio potencializa uma sensibilidade que se torna perceptível pelos estímulos mentais a partir da invisibilidade.

Então, ainda que o rádio seja inserido na modernidade como portador de imagens visuais, efetivamente também é preciso pensar nas intervenções humanas. Por certo o ouvinte mais criativo não será um agente passivo nesse processo e vai buscar no rádio aquilo que atende as suas necessidades:

> *[...] ainda creio que o rádio é o rádio da mesma forma que o conhecemos hoje. Para mim, o som que sai desse aparelho é o bastante para nos trazer todo o conhecimento e notícias. Imagem é de responsabilidade da TV (Ouvinte H).*

A inserção de imagens no espectro radiofônico também aponta uma questão muito própria, tal como se observa a partir da amplitude publicitária na mídia televisiva. Atualmente a economia torna-se cada vez mais globalizada e os meios de comunicação sempre acompanham essa tendência. Para abarcar um público cada vez maior torna-se necessário modificar as propostas culturais e torná-las mais acessíveis comercialmente.

Entretanto, essa cultura midiatizada pouco contribui na formação crítica dos seus receptores. Afinal, qualquer produto que se lança no mercado tem um preço a ser pago pela sociedade, às vezes, até a própria degeneração cultural dos sujeitos:

> *Depende da qualidade da programação. Veja-se, por exemplo, a péssima qualidade da TV aberta no Brasil ainda que elas usem um canal público. Outro exemplo: quando eu cheguei à Amazônia em 1990, TV na zona rural nas comunidades (vilas) era um equipamento comunitário. Hoje praticamente todo mundo tem a sua e isso não contribuiu em nada para a educação das pessoas, ou até mesmo para uma melhoria da qualidade de vida.* ***Serviu para mudar hábitos, trazer mais violência e para o rádio perder ouvintes*** *(ouvinte M). Grifos nossos.*

A massificação tecnológica relembra as concepções de McLuhan (1964) sobre as características do meio "quente" e do "frio" e sua funcionalidade no comportamento social. Enquanto o primeiro se concentra na estimulação de apenas um órgão do sentido, o segundo perpassa por uma percepção mais ampla. Sendo assim, o advento de novas mídias e sua aquisição pelos sujeitos não pode ser interpretado apenas pelo viés da comodidade e pelo volume de informações que produzem. Mas pela análise dessas tecnologias enquanto introdutoras e interlocutoras de novos hábitos e percepções.

Então, cabe discutir qual o sentido que as imagens visuais difundidas a partir do rádio vão estabelecer na percepção cultural e formação dos seus receptores. Do ponto de vista funcional, McLuhan (1964) já admitia que o rádio é um "meio quente", enquanto a linguagem televisual consiste num "meio frio". Em outras palavras, isso significa que a difusão de imagens visuais situa a percepção humana numa relação muito ampla e ao mesmo tempo passiva diante uma "mensagem pronta" e que não requer uma estimulação mental imediata.

Na proposta radiofônica as vozes e os sons se concentram na esfera auditiva e ao fazer isso consegue estabelecer uma relação mais profunda com a psique. O ato de ouvir torna-se um importante componente da imagem ao estimular a imaginação, criar projetos de vida e retomar as referências arquetípicas que são próprias de todos os seres humanos.

Ao chegar ao século XXI o mundo pode experimentar uma revolução tecnológica que permitiu uma maior ploriferação de imagens, mas sem considerar o que elas representam na concepção do bem-estar mental e espiritual dos seus receptores. É nessa perspectiva que a radiodifusão para o exterior na faixa das OC torna-se enfraquecida diante da competitividade tecnologia e da nova demanda imagética que a sociedade impõe.

Esse pensamento está circunscrito num campo gerador de interesse político e cultural, que se estende dentro de uma complexidade envolvendo emissores, receptores, financiadores desse tipo de serviço e também os produtores de aparelhos e suportes tecnológicos. Muito embora a radiodifusão internacional sempre se distanciasse dos interesses comerciais, parece que é esse mesmo mercado que dita não apenas o futuro da OC, mas o formato das imagens do mundo que devem ser visualizadas pela audiência brasileira.

11 CONCLUSÃO

A vida humana é construída pelas informações e trocas de saberes que se repercutem na forma de viver em sociedade. Nessa perspectiva os meios técnicos de comunicação de massa participam ativamente desse processo. Presentes em todos os ambientes eles nos transportam no tempo e espaço ampliando as percepções culturais e influindo na nossa forma de ser e conceber o mundo.

Entretanto, houve uma época em que o rádio era a única via de acesso às informações instantâneas. Dotadas de uma capacidade de ultrapassar as barreiras geopolíticas, as Ondas Curtas projetou o rádio nos serviços internacionais de vários países durante as guerras mundiais. Sendo assim, torna-se impossível dissociar esse fluxo da comunicação do seu caráter ideológico. Esse pensamento torna-se visível no percurso da Guerra Fria com a formação de dois blocos liderados pelas superpotências e nações alinhadas, bem como as emissões provenientes de países neutros em suas intenções da humanização mundial.

Plasmado nesse contexto, o rádio tornam-se valioso para empreender a representação do mundo e estabelecer sua significação através das percepções mentais e visuais. A partir do rádio foi possível ter acesso a diversidades de opiniões que se tornam imprescindíveis não apenas para conceber o outro, mas o próprio homem. Essa liberdade de pensamento resultou nas ações políticas deliberadas de alguns países receptores em controlar a propagação radiofônica visando restringir as experiências externas.

As imagens radiográficas dos anos 70 e 80 retratam um mundo idealizado no contexto político, mas sem perder de vista o pertencimento cultural. Muito embora essas convenções culturais sejam transformadas em suportes de propagandas, por outro lado tendem preservar sua natureza arcaica. Na radiografia capitalista o dinheiro, moeda simbólica, reproduz as faces das sociedades modernas; enquanto o comunismo volta-se à idealização de um Estado popular, encontrando refúgio na imponência militar, nas culturas tradicionais e operárias.

Esse embate de ideias fortalece o homem imaginário, pois essas imagens do mundo não são concebidas apenas pelo crivo racional, mas, sobretudo, do inconsciente coletivo. A busca por um novo modelo político se assemelha à procura por um “paraíso perdido”, o país de referência em bem-estar sociocultural e igualdade de direitos e deveres.

Na busca desse mundo idealizado é possível perceber um fluxo de imagens que vão muito além dos esforços políticos e militares. E através do rádio elas se ampliam no resgate do espírito humano, a partir de suas necessidades e do imaginário.

Isso é pontuado pelos ouvintes quando relatam suas experiências radiofônicas como um ambiente privilegiado de criação de sentido com o mundo e até em se transportar mentalmente para o contexto dos países irradiados. Também é retomado nas experiências de vida que se vinculam aos sons dos sinais de intervalos, na apreciação da musicalidade tradicional, nas culturas exóticas e inter-relações entre o homem e a natureza.

Na contemporaneidade as imagens do mundo na radiodifusão encontram eco nas propostas culturais especificamente na difusão dos patrimônios da humanidade, turismo, economia, atualidades e entretenimento. Todavia essas imagens não perderam sua identidade coletiva. Muitas delas se ancoram nas tradições culturais, na religiosidade ou revelam o ser humano na sua sensibilidade imaginária, artística e criativa. Os QSLs esculpem alguns exemplos conclusivos, revelando que na configuração de uma imagem gráfica há um sujeito que mesmo de forma inconsciente consegue transpor para o papel os desígnios culturais que retratam a sociedade onde se vive e o imaginário coletivo.

No escopo das linguagens visuais ancorar o QSL às pautas da programação tornou-se a grande sacada das rádios internacionais. A partir da comunicação oral as imagens ritualizam a escuta do ouvinte desde o momento em que ouve os programas, anota as informações, entra em contato com a emissora e recebe dela a confirmação gráfica da sintonia. Destarte, o QSL torna-se uma imagem lúdica, pois participa de um jogo simbólico idealizado mentalmente e depois materializado visivelmente como comunicação e recompensa. Sendo assim essa semiótica das imagens radiofônicas também adquire um sentido na sensibilidade humana. Tende auxiliar a percepção do ouvinte entre o que se ouve nos programas (e imagina) e o que se vê (materializa), através do contato visual com os materiais radiográficos.

Por outro lado os desenhos dos QSLs estão circunscritos numa perspectiva de representação visual do seu duplo. A sua proposta vai muito além do registro gráfico de uma linguagem sonora. Ele é uma imagem imortal. Quando se recorre ao QSL torna-se possível comprovar a audiência, contar a história dos ouvintes e até imortalizar emissoras e países que já não mais existem no cenário radiofônico e geopolítico.

Atualmente o rádio acompanha os desfechos tecnológicos e a conjuntura mundial, mas ainda são poucos os países que se encarregam de emitir sua cultura e pontos de vistas à audiência brasileira. Entretanto se por um lado isso favoreceu o declínio das OC, por outro criou um público seleto que se apropria da radiodifusão internacional para conceber as imagens do mundo e estabelecer relações de sentido com suas atividades cotidianas.

Enquanto paira a expectativa da digitalização das OC o rádio passa por um processo de adaptação às novas mídias, inclusive tende a ser ameaçado pelo processo digital. Num

futuro bem próximo a radiodifusão pode apresentar não apenas sua identidade sonora, mas também visual. Isso, certamente, trará implicações sensitivas para o rádio e sua audiência.

No decorrer desta dissertação, procurou-se demonstrar os aspectos simbólicos da radiodifusão internacional via Ondas Curtas e seus desdobramentos em imagens mentais/ visuais para a concepção do desenho do mundo dos ouvintes brasileiros. Chega-se a conclusão afirmando que foi possível atender essa demanda e atingir os objetivos dentro da metodologia proposta. Contudo, o desenvolvimento deste trabalho evidenciou a enorme carência de pesquisas e bibliografias sobre a radiodifusão internacional, inclusive, apontando para a necessidade de complementação do campo de pesquisa.

Sendo assim, este trabalho exerce uma grande importância para o pesquisador e a comunidade acadêmica. Principalmente pelo seu caráter inédito e pela manifestação do campo sonoro do rádio como ambiente privilegiado das relações de sentido, minimizando as tensões racionalistas do mundo moderno.

Nota-se que grande parte dos ouvintes brasileiros que estabeleceu experiências culturais a partir da sintonia estrangeira, sobretudo no contexto da Guerra Fria, está em idade avançada. Futuramente não teremos as experiências desses sujeitos. Ao mesmo tempo muitas emissoras internacionais estão deixando as OC, migrando para as outras mídias. Portanto torna-se imprescindível que esse campo de pesquisa seja retomado também por outros pesquisadores, visando resgatar as experiências dos dexistas e radioescutas no campo da radiodifusão internacional.

12 REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. Edição n. 37. São Paulo: Editora Abril, 2011.

ALMANAQUE ABRIL. **Urbanização:** Êxodo Rural. São Paulo: Abril, 2001.

ALMANAQUE ABRIL. **O fim da URSS:** adeus, Kremlin**.** Disponível em: <http://historia.abril.com.br/politica/fim-urss-adeus-kremlin-435616.shtml>. Acesso em 12 de abr. 2011.

ALMANAQUE FOLHA. **Mundo:** cronologia. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo60.htm> Acesso em: 22 de abr. 2011.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. Criatividade e seus fluxos seminais. **Jornal Fuxico.** Feira de Santana - BA: UEFS. Ano VII, n. 14, jan. 2009.

ARCHANGELO, Flávio Aurélio Braggion. **A digitalização da Radiodifusão.** Disponível em: <comtec.pro.br/wp-content/uploads/2010/05/archangelo_digi_caderno.pdf>. Acesso em: maio 2010, 17:30:15.

ARCHANGELO, Flávio Aurélio Braggion. **TV digital em OM, OC, OC-QSP.** Disponível em: <flavio.archangelo@gmail.com>. Acesso em: 24 jan. 2011. Documento do Word.

ATIVIDADE DX. **Rádio Romania International.** São Carlos – SP: DXCB. Ano 22, n. 234, mar. 2004.

AZEVEDO, Adalberto Marques de. O que é QSL. **Atividade DX.** DXCB: São Carlos São Paulo. Ano 22, n. 241, out. 2004.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar.** Trad. José Américo M. Pessanha *et alii*. São Paulo: DIFEL, 1985.

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os Sonhos.** Ensaios sobre a imaginação em movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasileense. 1987.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Flórida – Estados Unidos da América: CPAD, 1995.

BAITELLO Jr., Norval. Comunicação, mídia e cultura. **Revista São Paulo em Perspectiva**. Vol. 12, n. 4, out-dez 1998. São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/index.php?men=rev&cod=2098 >. Acesso em: 10 de abr. 2011.

BORDENAVE, Juan E. Díaz**. Além dos meios e mensagens.** Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1995.

BORDENAVE, Juan E. Díaz**. O que é comunicação.** São Paulo: Brasiliense, 1997.

BRANT, Joseph Errol. **Segredos da guerra psicológica:** reminiscências da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Difusora cultural, 1967.

BRASSAÏ. **Proust e a fotografia.** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular:** história e imagem. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CAMPOS, Sarmento. O código SINPO. **Atividade DX**. São Carlos – SP: DXCB. Ano 25, n. 252, jan. 2007.

CAMPOS, Sarmento. Breve histórico do rádio de Ondas Curtas. **Radioescuta DX.** Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/Radio_Central_de_Moscou.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

CAMPOS, Sarmento. As origens da Rádio Difusão internacional. **Radioescuta DX.** Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/Guerra_Fria.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

CAMPOS, Sarmento. Radio Central de Moscou: ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. **Radioescuta DX.** Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/Radio_Central_de_Moscou.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa sem Massa.** São Paulo: Editora Cortez, 1980.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos.** Trad. Vera da Costa e Silva. 3ª Ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

COLÉGIO WEB. **Guerras das Coreias.** Disponível em: <http://www.colegioweb.com.br/historia/guerra-das-coreias.html>. Acesso em: 24 de abr. 2011.

COSTA, João Ribas da. **Recursos Audiovisuais na Educação.** Brasília: Editora Ponte, 1962.

CRIPOR. **Programa especial sobre a cerimônia de encerramento das Olimpíadas de Beijing**. Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/101/2008/08/23/1s94366_2.htm>. Acesso em: 25 de maio 2011.

DE FLEUR, Melvin L. **Teoria da Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

DELEUZE, Gilles. **A imagem – tempo.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

DEUTSCHLAND. **10 anos após a queda do muro.** Bonh: Alemanha. n. 5, outubro-novembro, 1989.

DEUTSCHE WELLE. **O esporte.** Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,974908,00.html>. Acesso em: 21 de abr. 2011.

DURAND, Gilbert. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DXARCHIVE. **North Korea – Radio Pyongyang.** Disponível em: <http://dxarchive.com/sw_international_broadcasters_nth_korea_pyongyang.html>. Acesso em: 8 de maio 2011. Imagem de QSL.

DXWAYS. Disponível em: <http://dxways-br.blogspot.com/2010_09_01_archive.html>. Acesso em: 10 de jun. 2011.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

EDUCATERRA. **A guerra do Vietnã.** Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/guerra_vietna2.htm>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos:** ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Editora Cortez, 1996.

ELIADE, Mircea. **El chamanismo y las técnicas arcaicas del extasis.** México: Fondo de Cultura Económica, 1976.

EXAME. **Guerras e tumulto político marcam história do Vietnã.** Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0819/noticias/span-guerras-e-tumulto-politico-marcam-historia-do-vietna-span-m0051764>. Acesso em: 24 de abr. 2011.

FANZINE DA CRI. **Ouvinte brasileiro faz pintura alusiva aos Jogos Olímpicos de Beijing 2008.** Pequim – China, edição 12, n. 4, 2008. Imagem gráfica.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Arché.** Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Desenho. Mini Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA, Edson Dias. Desenho, fotografia e cultura na era da informática. **Anais do VII International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design.** Curitiba: 2007.

FERREIRA, Edson Dias. **Desenho e Antropologia:** influências da cultura na produção autoral. **Anais do Graphica** – Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho. Recife - PE, 2005.

FERREIRA, Edson Dias. **Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia:** São Salvador. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Antropologia. Pontifica Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** São Paulo: Cortez, 1992.

FREDERICO, Celso. Brecht e a "Teoria do rádio". **Revista Estudos Avançados.** N. 60, maio-agosto 2007. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/revista/autores/autoresf.html>. Acesso em: 10 de jun. 2011.

FREEWAY. **Bulgarian Architecture.** Disponível em: <http://www.freeway.org/issue25/Articles/Bulgaria/Architekture.htm>. Acesso em: 23 de abr. de 2011.

FREITAS, Gomes Sdinéia. **Formação e desenvolvimento da opinião pública.** Disponível em: <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/opiniaopublica/0017.htm>. Acesso em: 16 de maio 2011.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo.** 2ª Ed., Santa Maria: Editora de Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

GRISA, Jairo Angelo. **História de ouvinte:** a audiência popular no rádio. Itajaí: Univale, 2003.

GROSSMANN, Eliana. **O Serviço Brasileiro da Deutsche Welle.** 2007. 242 f. Dissertação para conclusão do Mestrado em Comunicação Social. Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardian. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HAMPATÉ BÂ, A. **A tradição viva.** In: Ki-zerbo J. História Geral da África. São Paulo: Ática, 1982.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens:** o jogo como elemento da cultura. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

JAROSINSKI. **A saga dos polacos.** Disponível em: <http://www.ui.jor.br/brasoes2.htm>. Acesso em: 02 de maio de 2011.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Tradução de Marina Appenzeller. Campinas - SP: Papirus, 1996.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** Trad. Maria Lúcia Pinho. 2ª Ed., Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Tradução: Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000.

KC0BRO. **Amateu Radio Station.** Disponível em: <http://kc0bro.yolasite.com/resources/qsl%209.jpg>. Acesso em: 14 de maio 2011. Imagem de QSL.

KRISHNAMURTI. **Educação e significado da vida.** São Paulo: Cultrix, 1955.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como extensões do Homem.** 4ª Ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MCLINK. **Galleria delle QSL della ex Radio Mosca – Rússia.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MJ0350/libera/mosca/mosca.htm>. Acesso em: 10 de jan. 2011. Imagem de QSL.

MCLINK. **Galleria delle QSL della ex Radio Berlino International.** Disponível em: <http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/berlino/berlin.htm>. Acesso em: 13 de jan. 2011. Imagem de QSL.

MCLINK. **Galleria delle QSL della ex Radio Praga.** Disponível em: <http://www.mclink.it/personal/MI2273/libera/praga/praga.htm>. Acesso em: 10 de nov. 2010. Imagem de QSL.

MCLINK. **Galleria delle QSL di Radio Romania International.** Disponível em: <http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/romania/roman.htm>. Acesso em: 11 de fev. 2011. Imagem de QSL.

MCLINK. **Galleria delle QSL di Radio Tirana.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MJ0350/libera/tirana/tiran.htm>. Acesso em: 10 de mar. 2011. 2 imagens de QSLs.

MCLINK. **Galleria delle QSL di Radio Budapest.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MI2273/libera/budapest/budap.htm>. Acesso em: 10 de mar. 2010. Imagem de QSL.

MCLINK. **Galleria delle QSL della ex Radio Polônia.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MI2273/libera/polonia/polon.htm>. Acesso em: 5 de maio 2011. 2 imagens de QSLs.

MCLINK. **QSL del radioascolto in italiano.** Disponível em: <http://web.mclink.it/MJ0350/libera/corea/corea.htm>. Acesso em 10 de maio 2011. Imagem de QSL.

MCLINK. **Galleria delle QSL della ex RDP - Radio Portugal International.** Disponível em: <http:/web.mclink.it/MJ0350/libera/portogallo/porto.htm>. Acesso em 10 de jul. 2010. Imagem de QSL.

MONTEIRO, Emerson. As emissoras internacionais. **Chapada do Araripe.** Disponível em: <http://www.crato.org/chapadadoararipe/2011/02/23/as-emissoras-internacionais-por-emerson-monteiro/>. Acesso em: 15 de mar. 2011.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem.** Trad. Fernando de Castro Ferro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no Rádio:** a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento:** Um processo sócio-histórico. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

OLIVEIRA, Jader. Jader de Oliveira lembra "Estação de Londres". **Atividade DX.** São Carlos – São Paulo: DXCB. Ano 26, n. 261, set. de 2008.

OYAMA. Taís. O país mais fechado (e estranho) do mundo. **Veja.** Edição 2127, 26 de ago. de 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/260809/pais-mais-fechado-estranho-mundo-p-104.shtml>. Acesso em: 03 de maio 2011.

PANOFSKY**,** Erwin**. Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PATERSON, Adrian. Como chegamos ao código SINPO. Coluna DX Marcelo Toniolo. **Navegue nas Ondas Curtas do Rádio.** Disponível em: <http://www.sarmento.eng.br/MarceloToniolo09.htm >. Acesso em: 20 de jun. 2011.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **A cultura da Albânia.** Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/albania/cultura-da-albania.php> Acesso em: 22 de abr. 2011.

PY2GEA. **Ondas Curtas.** Disponível em: <http://www.py2gea.com.br/diversos/curiosidadegea/ontas_curtas.html>. Acesso em 10 de maio 2011.

RADIO CAIRO. **Programa Brasileiro.** Disponível em: <http://www.ertu.org/br/index.html>. Acesso em: 20 de maio 2011.

RADIO EXTERIOR DE ESPAÑA. **Dxismo.** REE. Disponível em <http//: www.rtve.es/rne/ree/dxismo.htm>. Acesso em 11 de nov. 2003.

RADIO HAVANA CUBA. **Programa Mundo de la Filatelia:** chamada dos 50 anos da RHC. Havana – Cuba, 11 de set. de 2010. Programação radiofônica gravada.

RADIO INTERNACIONAL DA CHINA. **Zodíaco chinês.** Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/801/2011/01/17/1s130967.htm>. Acesso em: 20 de maio 2011.

RADIO NEDERLAND WERELDOMROEP. **Curso casi todo en Diexismo.** RNW: Hilversum – Holanda, 2001.

RADIO NEDERLAND WERELDOMROEP. Entrevista de José Zapeda a Sérgio Acosta. **Cartas@RN**. 28 de jun. 2011. Informação verbal.

RADIOWEST. **Radio Tribute.** Disponível em: <http://www.radiowest.ca/ekko/nopics.html>. Acesso em 10 de maio 2011. 3 imagens de selos postais.

RIBEIRO, Haroldo Ricardo. Rádio Vaticana. **Atividade DX.** São Carlos – SP: DXCB. Ano 22, n. 229, out. 2003.

RHEIN-MAIN-RADIO-CLUBE. **QSL Karte der BBC London (1953).** RMRC: Frankfurt - Alemanha. Calendário de parede, jan. 2006. Imagem de QSL.

RHEIN-MAIN-RADIO-CLUBE. **QSL Karte der Radio Beijing (1974).** RMRC: Frankfurt - Alemanha. Calendário de parede, out. 2006. Imagem de QSL.

RHEIN-MAIN-RADIO-CLUBE. **QSL Karte von Radio Afghanistan (1973).** RMRC: Frankfurt - Alemanha. Calendário de parede, ago. 2006. Imagem de QSL.

RHEIN-MAIN-RADIO-CLUBE. **QSL Karte von Radio Nederland (1957).** RMRC: Frankfurt - Alemanha. Calendário de parede, dez. 2006. Imagem de QSL.

RODRIGUES, Wilson. Minhas atualizações tecnológicas dentro do hobby. **Atividade DX.** Coluna Matutando. São Carlos – SP: DXCB. Ano 22, n. 238, jul. 2004.

ROMAIS, Célio. RDP deixa as ondas curtas. **Blog As Ondas Curtas do Rádio.** Disponível em: <http://blog.romais.jor.br/ >. Acesso em: 03 de jun. 2011.

ROMAIS, Célio. Rádio Japão na cobertura do terremoto e tsunami. **Blog As Ondas Curtas do Rádio.** Disponível em: <http://blog.romais.jor.br/page/2/>. Acesso em: 13 de mar. 2011.

RUSSO, Denis. O Papa e a história. **Revista Superinteressante.** Edição 211, mar. 2005. Disponível em: <http://super.abril.com.br/religiao/papa-historia-445556.shtml>. Acesso em: 02 de mai. 2011.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem:** Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2001.

SANTO, Ruy Cézar do Espírito. **Pedagogia da transgressão:** um caminho para o autoconhecimento. Campinas/SP: Papirus, 1996.

SANTOS, Rafael Gil Portella Lima dos. **O soft Power soviético:** a Rádio Moscou na Guerra Fria. 2010. 50 f. Monografia de conclusão do curso de Relações Internacionais. Faculdade de Relações Internacionais, Rio de Janeiro, 2010.

SCHEIMBERG, Marta. **A tecnologia da educação:** entre as histórias e as utopias. In: LITWIN, Edite (Org.). Tecnologia Educacional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SERVIÇO BRASILEIRO DA BBC. **O Rádio no Brasil.** História do Serviço Brasileiro da BBC. Londres – Inglaterra: British Broadcasting Corporation, 1998. 5º CD da série.

SILVA NETO, Antonio Argolo. **Pedagogia das Ondas Curtas:** a influência das Rádios Internacionais na educação dos ouvintes brasileiros. 2005. 157 f. Monografia de conclusão da graduação. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié/BA, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear em rede. Petrópolis: Vozes: 2002.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida:** por um conceito de cultura no Brasil. Rio de janeiro: DP&A, 2005.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. Wagner de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

VAZ, Alexandre Fernandez. Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Revista Esporte e Sociedade**. Universidade Estadual de Santa Catarina. Ano 3, n. 7, nov.2007/Fev.2008. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/html/es102.html>. Acesso em: 10 de mar. 2011.

VEJA. **Como a voz da mamãe.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/181109/como-a-voz-de-mamae-p-109.shtml>. Acesso em 10 de set. 2010.

VEJA. **Conheça o país:** Rússia. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/conheca_pais/russia/cronologia.html>. Acesso em: 20 de mar. 2011.

VEJA. **Hotel nas estrelas.** Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/090501/p_104.html>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

VIEIRA, Marcelo Xavier. **A proposta do rádio na região Norte do Brasil.** Paraná: UEM, 2003. In: Artigo de um projeto de pesquisa desenvolvido com o apoio do CNPq e Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2003.

VIEIRA, Marcelo Xavier. **Quando o mundo se torna muito pequeno.** Atividade DX. Coluna Rádio Contato. São Carlos – SP: DXCB, ano 22, n. 233, fev. 2004.

VOA TINANG. **Flickr.** Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/colindx/5422041313/in/photostream>. Acesso em 23 de mar. 2011. Imagem de QSL.

WIKIPÉDIA. **Guerra Fria.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria>. Acesso em: 13 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **História da Checoslováquia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Checoslov%C3%A1quia>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **Battle for Czech Radio.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_for_Czech_Radio>. Acesso em 10 de maio 2011.

WIKIPÉDIA. ***Roménia.*** Disponível em***:*** <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rom%C3%A9nia>. Acesso em: 10 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **História da Albânia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Alb%C3%A2nia> Acesso em: 22 de abr. de 2011.

WIKIPÉDIA. **Bandeira da Albânia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Alb%C3%A2nia> Acesso em: 22 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **Bulgária.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bulg%C3%A1ria> Acesso em: 22 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **A história da Polônia.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Pol%C3%B3nia>. Acesso em: 02 de maio 2011.

WIKIPÉDIA. **Polish Radio External Service.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Polish_Radio_External_Service>. Acesso em: 02 de maio 2011.

WIKIPÉDIA. **LOT Polish Airlines.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/LOT_Polish_Airlines>. Acesso em: 02 de maio 2011.

WIKIPÉDIA. **Bandeira dos Estados Unidos.** Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_dos_Estados_Unidos>. Acesso em: 16 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **Rádio França Internacional.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Fran%C3%A7a_Internacional>. Acesso em: 16 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **Revolução Chinesa.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Chinesa> Acesso em: 22 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **Media of Vietnan.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Media_of_Vietnam>. Acesso em: 24 de abr. 2011.

WIKIPÉDIA. **Coreia do Norte.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Coreia_do_Norte>. Acesso em: 03 de maio 2011.

WIKIPÉDIA. **Radio Taiwán Internacional**. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/wiki/Radio_Taiw%C3%A1n_Internacional>. Acesso em: 09 de maio 2011.

WIKIPÉDIA. **Radio RSA.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Radio_RSA>. Acesso em: 09 de maio de 2011.

WIKIPÉDIA. **Política.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADtica>. Acesso em: 20 de maio 2011.

WWDXC. **QSL Gallery.** Disponível em: <http://www.wwdxc.de/qsls/asia/page-0072.htm>. Acesso em: 14 de maio 2011. Imagem de QSL.

XIFRA-HERAS, Jorge. **Teorias e conceitos:** a informação cotidiana. Disponível em: <http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/teoriaseconceitos/0014.htm>. Acesso em: 22 de maio 2011.

APÊNDICE

INSTRUMENTOS DA PESQUISA

SÍNTESE DO PROJETO DE PESQUISA

1 Tema: Rádio e Imaginário.

2 Título: Radiodifusão Internacional: o Desenho do mundo na sintonia das Ondas Curtas.

3 Objetivo Geral: Investigar as linguagens sonoro-visuais da radiodifusão internacional e suas relações de sentido na concepção do imaginário e das imagens do mundo pela audiência brasileira.

3.1 Objetivos Específicos

I - Identificar a finalidade das transmissões radiofônicas de outros países para o Brasil;

II - Investigar os desenhos e imagens que essas rádios possibilitam através da dimensão sonora e visual;

III - Analisar as percepções dos ouvintes acerca da sintonia estrangeira e como eles se apropriam das suas linguagens para conceber as imagens mentais e do mundo;

4 Problema: Qual é a contribuição das rádios internacionais na formação mental e cultural da audiência brasileira?

5 Hipótese: Os serviços de rádios internacionais são extensões humanas sintonizadas com o mundo e os sujeitos que o caracteriza, por isso tendem conceber um mundo simbólico, pontuado por imagens coletivas, que estabelecem uma relação de sentido com a audiência brasileira.

6 Procedimentos Metodológicos

6.1 Tipo de pesquisa

- Análise semiótica peirciana, pontuando as relações de sentido cultural nas imagens mentais e visuais concebidas pelos ouvintes brasileiros.

- Análise iconográfica, fundamentada em Panofsky, visando desvendar as mensagens e o significado das imagens visuais dos cartões QSLs.

8.2 Técnicas

1 - Aplicação de um questionário, enviado pelo correio postal e e-mail para os ouvintes;
2 - Sintonia, gravação e análise da programação internacional em português e espanhol para o Brasil e continente Americano;
3 - Identificação e análise dos cartões QSLs na plataforma da Internet e no acervo pessoal do pesquisador;

8.3 Universo: Ouvintes (radioescutas e dexistas) associados do DX Clube do Brasil da Lista Yahoo de Radioescuta.

8.4 Amostra: Um total de 12 ouvintes que recebeu o questionário pelo correio e pela Internet e, espontaneamente, devolveu as respostas ao endereço postal e eletrônico do pesquisador.

Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade
Pesquisador: Antonio Argolo Silva Neto - E-mail: dxargolo@yahoo.com.br
Site do projeto: www.radiografiadx.blogspot.com.br

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Faixa etária: ( ) inferior a 18 anos. ( ) entre 18-28 anos. ( ) entre 29- 36 anos. ( ) mais de 36 anos
Onde reside:( ) zona urbana ( ) zona rural - **Como você se reconhece:** Radioescuta ( ) Dexista ( )
Clube que participa: _____
Receptor (es) de rádio que utiliza: _____
_____

E-mail: _____ Telefone: _____ residência ( ) trabalho ( )
Endereço postal: _____
_____

INFORMAÇÕES GERAIS

1) Há quanto tempo você ouve as rádios internacionais?_____

2) Quais delas você mais gosta (ou gostava) de ouvir e por quê ? _____
_____
_____
_____

3) Cite um ou mais programas de rádios internacionais que você mais gosta (ou gostava) de sintonizar? _____
_____
_____

4) O que você sente(ia) quando escuta(va) uma rádio internacional, um locutor de preferência ou uma notícia em especial? O que imagina(va) sobre os países emissores, as informações e conteúdos por eles transmitidos através das Ondas Curtas?
_____
_____
_____

5) Quais os conhecimentos que você obteve a partir do momento em que começou a sintonizar as rádios internacionais?
_____
_____
_____
_____

6) Essas rádios, programas e locutores trouxeram alguma contribuição na sua compreensão do mundo?
_____
_____
_____
_____

7) Há alguma música ou sinal de identificação que marcou sua vida, a partir da sintonia das rádios internacionais? Sim ( ) Não ( ). Caso sua resposta seja afirmativa, quais são as canções e/ou sons que você ouve (ou ouvia) e quais as recordações que elas te proporcionam?

_____
_____
_____

8) Sobre os cartões QSLs, qual é a importância desses materiais para você?

_____
_____
_____

9) Além da confirmação da tua sintonia (verso do cartão), qual é a mensagem cultural que você percebe nas imagens de frente dos QSLs?

_____
_____
_____

10) As imagens (frente dos QSLs) te ajudaram a complementar as informações que você ouviu nos programas de rádio?

_____
_____
_____

11) Há algum cartão QSL de sua preferência que vai além do valor da confirmação estritamente DXista? Sim ( ) Não ( ). Caso afirmativo, comente sobre esse QSL e as possíveis mensagens que ele te proporciona.

_____
_____
_____

12) Considerando que vivemos numa era onde as novas tecnologias nos permitem acessar as informações de várias partes do mundo, no entanto por que você prefere sintonizar o rádio de Ondas Curtas ao invés de utilizar outras mídias?

_____
_____
_____

13) Você acha que a radiodifusão internacional via Ondas Curtas está ultrapassada face às novas tecnologias da informação?

_____
_____
_____

14) Existe uma tecnologia em teste que permite captar imagens de televisão através de um receptor de rádio de Ondas Curtas. Na sua opinião, isso vai melhorar sua compreensão a respeito da cultura e realidade dos outros países?

_____
_____
_____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado (a) Radioescuta,

Meu nome é Edson Dias Ferreira, sou Coordenador do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Juntamente com o Professor Antonio Argolo Silva Neto, estamos desenvolvendo a pesquisa **"Desenhando o mundo a partir das imagens e narrativas veiculadas na sintonia internacional das Ondas Curtas".** Esta pesquisa tem como finalidade levantar informações sobre a audiência das rádios internacionais entre os associados do DX Clube do Brasil e da Lista Yahoo de Radioescuta e posteriormente será publicada numa dissertação, que dará o título de Mestrado a Antonio Argolo Silva Neto.

Estamos pesquisando as rádios internacionais via Ondas Curtas, porque são meios de comunicação com ampla possibilidade para acessar notícias e culturas de países distantes. Diferente da televisão, onde se podem ver as imagens, no rádio a visão é estimulada através do imaginário, pela audição e depois mediante a visualização dos QSLs e outros materiais que são enviados pelo correio. Ouvindo o rádio o ouvinte "desenha na mente", ou seja, imagina como são as imagens dos radialistas, imagina como vivem as pessoas e como são as paisagens geográficas, a sociedade e culturas dos países sintonizados. Por isso, esta pesquisa trará grande contribuição ao revelar como isso acontece e qual a importância desses programas na construção da visão do mundo dos ouvintes brasileiros.

Nosso objetivo é analisar os "desenhos imaginários e visuais" que essas emissoras possibilitam (seja através da programação radiofônica, dos cartões QSLs e de outros materiais) e como os ouvintes se apropriam dessas mensagens para construir sua visão do mundo.

Estamos interessados pelos ouvintes que escutam as rádios internacionais e sempre interagem com elas, seja participando da sua programação, recebendo QSLs e outros materiais. Por isso, estamos convidando você para participar voluntariamente e de forma espontânea desta pesquisa e responder as perguntas do questionário. Solicitamos também o seu número de telefone e e-mail, caso seja necessário entrar em contato com você para obter mais informações a respeito desta pesquisa.

Esclarecemos que somente eu e o Prof. Antonio Argolo teremos acesso às suas informações. Você pode sofrer algum risco pois seus depoimentos expressam opiniões e por isso você possa ficar até com receio em responder ao questionário. Contudo, fique despreocupado (a) pois suas informações serão analisadas de forma anônima e sigilosa, para que você não seja identificado (a) e não sofra nenhum risco em decorrência desta pesquisa. Esta pesquisa não lhe trará custos e você poderá retirar sua participação, sem prejuízo, a qualquer momento que desejar. Ressaltamos que este projeto foi submetido às normas éticas em pesquisa envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado durante reunião do Conselho de Ética em Pesquisa da UEFS.
Deixamos claro que, caso tenha dúvida ou sinta-se prejudicado(a), poderá entrar em contato conosco através do telefone (75)3224-8373; E-mail: edson.orientacaomestrado@yahoo.com.br ou pelo correio: **Universidade Estadual de Feira de Santana, Br116, Km 03, Campus Universitário, PpgDCI, Prédio de Pós-Graduação em Educação, Letras e Artes, Sala 15, 1º Piso, Módulo II, Feira de Santana/BA - CEP: 44.031.160.** Suas informações ficarão arquivadas no acervo do pesquisador Antonio Argolo Silva Neto por um prazo de 5 (cinco) anos. Caso seja necessário utilizá-las para outra finalidade voltaremos a lhe pedir permissão.

Você está recebendo este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado em duas vias. Caso deseja participar desta pesquisa assine as duas vias do TCLE, sendo que uma ficará com você e a outra deverá ser devolvida juntamente com o questionário ao endereço do pesquisador para ser arquivada.

Feira de Santana/BA, 26 de novembro de 2010.

Pesquisador responsável _____

Pesquisador participante _____

Assinatura do entrevistado _____

ANEXOS A

CARTA DE APROVAÇÃO DA PESQUISA
PELO COMITÊ DE ÉTICA - UEFS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA / CEP-UEFS
Fone: (75) 3224-8124 Fax: (75) 3224-8019 E-mail: cep.uefs@yahoo.com.br

Feira de Santana, 02 de dezembro de 2010
Of. CEP-UEFS nº 294/2010

Senhor(a) Pesquisador(a): Profº Dr. Edson Dias Ferreira

Tenho muita satisfação em informar-lhe que o atendimento às pendências referentes ao seu Projeto de Pesquisa intitulado **"Desenhando o mundo a partir das imagens e narrativas veiculadas na sintonia internacional das Ondas Curtas"**, registrado neste CEP sob **Protocolo N.º 118/2010, CAAE 0117.0.059.000-10**, satisfaz às exigências da *Res. 196/96*. Assim, seu projeto foi **Aprovado**, podendo ser iniciada a coleta de dados com os Sujeitos da pesquisa conforme orienta o *Cap. IX.2, alínea a – Res. 196/96*.

Na oportunidade informo que qualquer modificação feita no projeto, após aprovação pelo CEP, deverá ser imediatamente comunicada ao Comitê, conforme orienta a *Res. 196/96, Cap. IX.2, alínea b*.

Relembro que conforme instrui a *Res. 196/96, Cap. IX.2, alínea c*, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída.

Em nome dos membros do CEP-UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano **(02/12/2011)** este CEP aguardará o recebimento do seu relatório.

Atenciosamente,

Maria Ângela Alves do Nascimento
Coordenadora do CEP-UEFS

ANEXOS B

IMAGENS RADIOGRÁFICAS
DA RADIODIFUSÃO INTERNACIONAL

Os arquétipos da paz

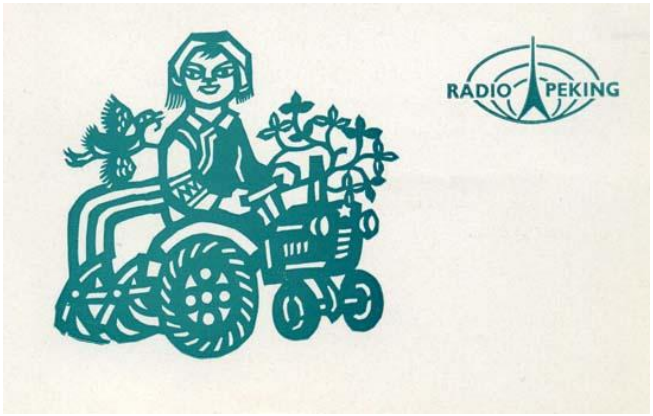
QSL 1: Rádio Polônia (1977)
Fonte: http://web.mclink.it/MI2273/libera/polonia/polon.htm

QSL 2: Rádio Pequim (1990) – a paz oriental
Fonte: http://web.mclink.it/MI2273/libera/pechino/pechino.htm

QSL 3: Rádio Berlim (1975) – Ano Int. das Mulheres
Fonte: http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/berlino/berlin.htm

As bases econômicas do eixo comunista

QSL 4: Rádio Berlim (1969) – 20 Anos da Rep. Democrática Alemã
Fonte: http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/berlino/berlin.htm



QSL 5: Rádio Pequim (1987) – arte em papel recortado
Fonte: http://web.mclink.it/MI2273/libera/pechino/pechino.htm

QSL 6: Rádio Polônia (1978)
Fonte: http://web.mclink.it/MI2273/libera/polonia/polon.htm

O campo esportivo

QSL 7: Rádio Praga (2008) – atleta Emil Zátopek
Fonte: acervo do pesquisador

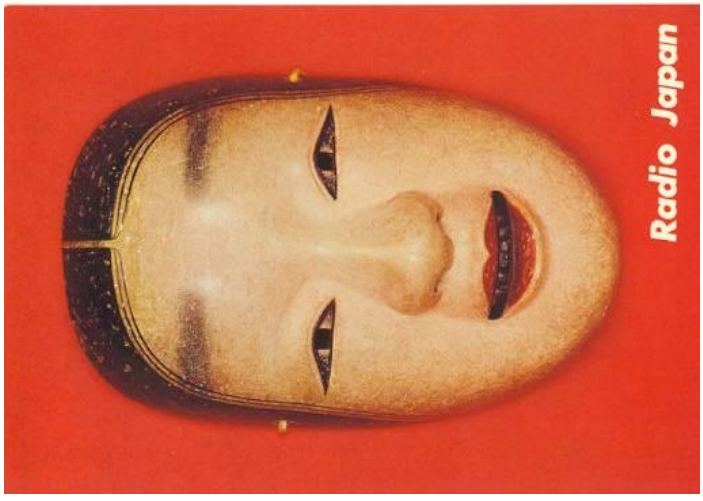
QSL 8: Rádio Berlim (1964) – canoagem, Jrgen Eschert
Fonte: http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/berlino/berlin.htm

QSL 9: KBS World Radio (2008) – estrela de patinação Kin Yuna
Fonte: acervo do pesquisador

Culturas tradicionais

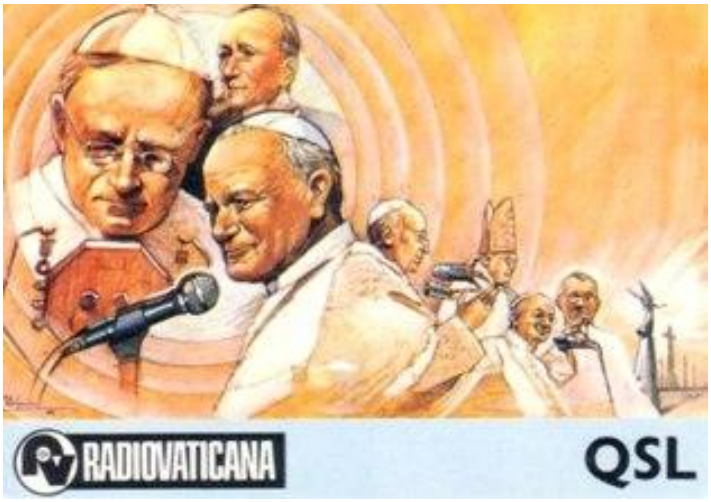
QSL 10: Rádio Bulgária – mito da chegada da primavera
Fonte: http://www.mclink.it/

QSL 11: Rádio Romênia (1993) – vestimenta típica de Suceava
Fonte: http://www.mclink.it/personal/MJ0350/libera/romania/roman.htm



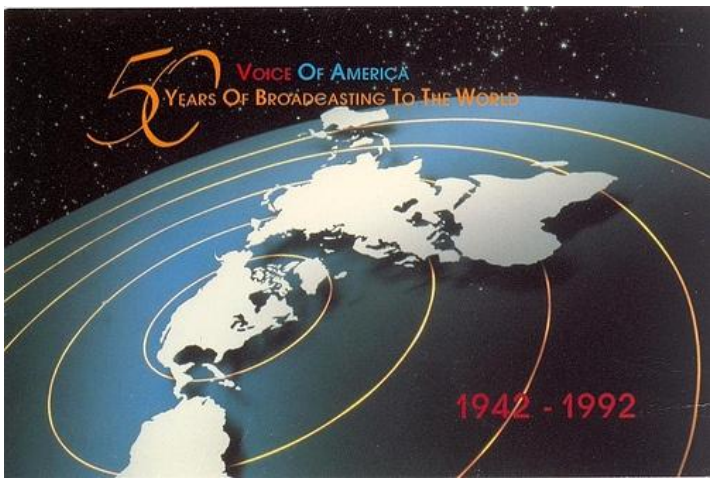
QSL 12: Rádio Japão (1979) – máscara feminina
Fonte: http://www.mclink.it/

Política



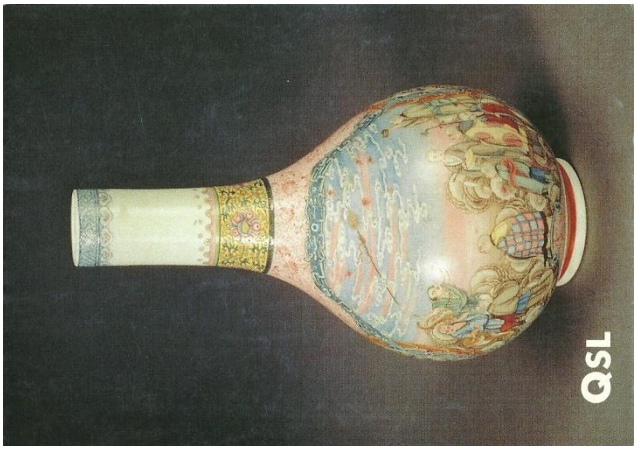
QSL 13: Rádio Vaticano (2008)
Fonte: acervo do pesquisador

QSL 14: KBS World Radio (2001) – encontro dos presidentes coreanos
Fonte: acervo do pesquisador

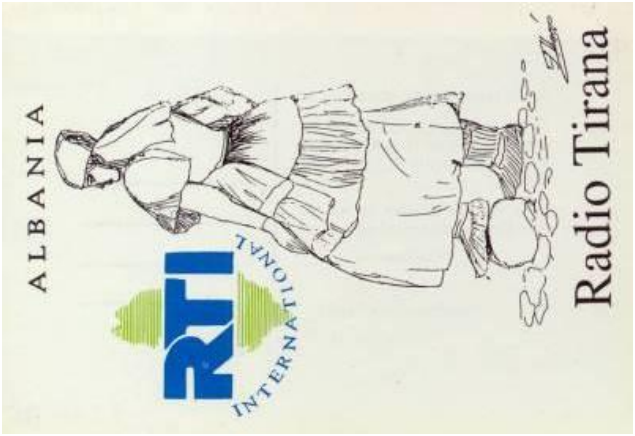


QSL 15: 50 anos das transmissões internacionais da VOA
Fonte: acervo do pesquisador

Artes e modos de vida



QSL 16: Rádio Taiwan Int. (2002) – arte alegórica em cerâmica, Dinastia Ching
Fonte: acervo do pesquisador

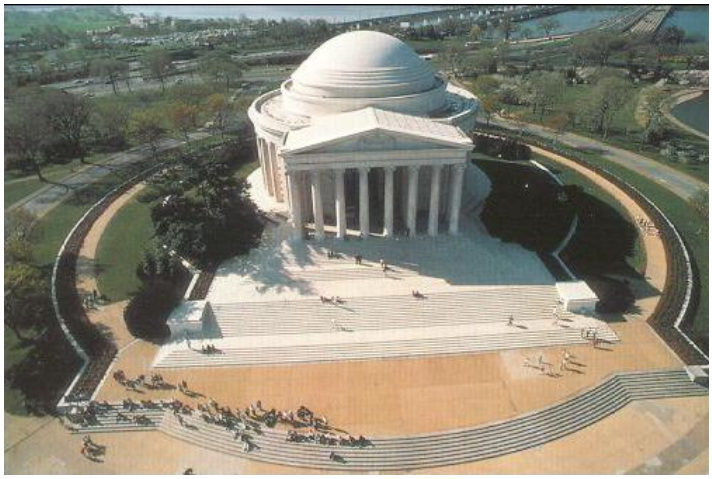


QSL 17: Rádio Tirana (2000) – costumes tradicionais
Fonte: http://web.mclink.it/MJ0350/libera/tirana/tiran.htm

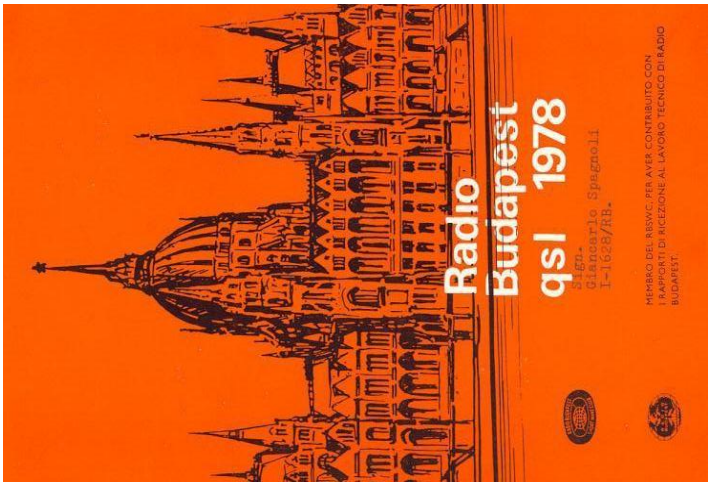
QSL 18: Rádio Portugal (1981) – artesãs portuguesas
Fonte: http:/web.mclink.it/MJ0350/libera/portogallo/porto.htm

Desenhos urbanos alusivos ao poder

QSL 19: Rádio Moscou (1975) – Palácio do Kremlin
Fonte: http://web.mclink.it/MJ0350/libera/mosca/mosca.htm

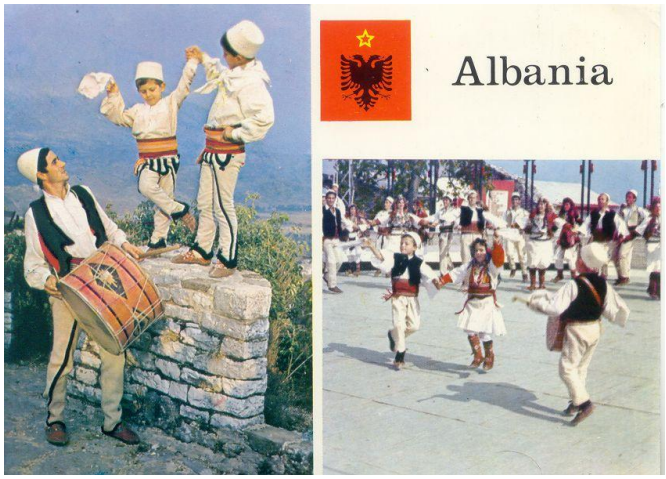


QSL 20: Rádio Voz da América (2007) – Casa Branca
Fonte: acervo do pesquisador



QSL 21: Rádio Budapeste – Parlamento húngaro
Fonte: http://web.mclink.it/MI2273/libera/budapest/budap.htm

Musicalidade e danças



QSL 22: Rádio Tirana (1970) – tradições da região de Kruja
Fonte: http://web.mclink.it/MJ0350/libera/tirana/tiran.htm

QSL 23: Rádio Bucareste – Instrumentos tradicionais
Fonte: acervo do pesquisador

QSL 24: Rádio HCJB Global (1999) – instrumento típico do Equador
Fonte: acervo do pesquisador